

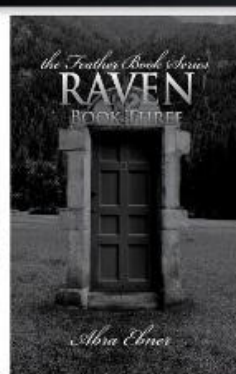
the Feather Book Series
FEATHER
BOOK ONE

Abra Ebner



FEATHER BOOK SERIES

*Tudo o que ela quer é sorrir,
Tudo o que ele quer é ela ...*





O Corvo

Prefácio

Um Novo Dia

Medo

Edgar

Um Presente

A Campina

Espião

Visitas

Verdade

Alma Gêmea

Fuga

Lar

Sam

Eu

Memórias

Dia de Neve

Mathew

O Começo

Esperando

Liberdade

Aqui Gatinha Gatinha

Pena

Meia Vida

O Corvo

Edgar Allan Poe – 1845

Em uma noite sombria, enquanto eu divagava frágil e cansado, sobre uma muito estranha e curiosa edição de um volume, enquanto eu pendia a cabeça quase dormindo, de repente ouvi uma batida, como de alguém batendo gentilmente, batendo na porta do meu quarto.

–É uma visita... – eu murmurei –... batendo à porta do meu quarto, só isso, nada mais.

Ah... Eu me lembro bem que era um frio mês de dezembro, e que cada uma das lamparinas moribundas, desenhava seus fantasmas no chão. Desejei ardentemente pelo amanhã, em vão, procurei furtar dos meus livros um fim para a tristeza – tristeza pela perda de Lenore – pela rara e radiante donzela a qual os anjos chamaram de Lenore – Inominável aqui para sempre.

E a sedosa dor incerta, roçando por cada cortina púrpura, me ameaçava, enchendo-me de terrores fantásticos, nunca antes sentidos. Então agora, para acalmar as batidas do meu coração, levantei-me repetindo:



– É só uma visita pedindo abrigo em meu quarto. Algum visitante tardio pedindo abrigo em meu quarto é só isso, e nada mais.

Logo minha alma se fortaleceu; não mais hesitando:

– Senhor – disse eu – Ou senhora, do fundo do coração imploro seu perdão, mas eu já estava a dormir! E tão gentilmente vieste batendo levemente, batendo à porta do meu quarto, que por pouco não consigo ouvir – então abri de vez a porta, apenas escuridão, e nada mais.

Olhando profundamente para a escuridão, fiquei parado por um tempo temendo, duvidando, sonhando sonhos que nenhum mortal jamais ousou antes sonhar. Mas o silêncio era inquebrável, e a escuridão não dava nenhum sinal, onde a única palavra lá dita era o sussurro:

– Lenore!– Isso eu sussurrava, e um eco murmurava de volta a palavra – *Lenore!*

Somente isso, nada mais.

Virando-me de volta para o quarto, minha alma queimando dentro de mim, imediatamente ouvi outra batida, um tanto quanto mais forte que a anterior.

– Certamente... – eu disse –... certamente é alguma coisa à minha janela, deixe-me ver então, o que há, e explorar esse mistério , deixar meu coração se acalmar por um momento e esse enigma desvendar. É apenas o vento e nada mais!



Ao abrir espantei o medo, quando, com fortes batidas de asas, voou para dentro um imponente corvo dos puros dias de outrora. Nem uma leve reverência fez; nem um minuto parou ou hesitou; mas, com jeito de lorde ou dama, empoleirou-se sobre a porta do meu quarto, pousou sobre um busto de Minerva bem sobre a porta do meu quarto. Pousou, sentou, e nada mais.

Então essa ave negra iludiu meu humor para o sorriso, pelo grave e austero decoro que sua face vestia.

– Por mais que sua crista seja baixa e aparada – disse eu. – Você certamente não é covarde. Assustador e antigo corvo caminhante dos portos da noite, diga-me qual o seu nome nos portos das noites infernais?

– Nunca mais – disse o corvo.

Muito me admirei desse pássaro desajeitado falar fluente, mesmo que sua resposta tivesse pouco significado. Pouca relevância trazia, pois não podemos negar que nenhum outro ser humano, jamais foi abençoado com a visão de um pássaro sobre a porta do seu quarto, ave ou besta, sobre o busto esculpido sobre a porta de seu quarto, cujo nome fosse “Nunca mais”.

Mas o corvo, sentado solitário sobre o busto plácido, falou apenas aquela única palavra como se sua alma, naquela palavra, houvesse colocado. Nada mais ele disse, nem uma pena moveu, até que eu fracamente murmurasse:



– Outros amigos voaram antes. Pela manhã ele vai me deixar, como minhas esperanças voaram antes.

– Nunca mais – então a ave disse.

Surpreso pela quietude quebrada com resposta tão perfeitamente dita, disse:

– Sem dúvida, o que ele fala é apenas decorado, pego de algum mestre a quem um terrível desastre sucedeu, e se seguiram rapidamente até suas músicas pesadas e vazias, até o canto fúnebre de suas esperanças melancolicamente pesadas e vítreas de *“Nunca, nunca mais”*.

Mas o corvo ainda iludia toda a minha triste alma ao sorriso, então empurrei uma poltrona acolchoada para frente da ave e do busto sobre a porta; e por cima do acento de veludo, eu me dirigi para encarar, face a face, pensando no que essa agourenta ave de outrora, no que essa austera, deselegante, assustadora, sombria e agourenta ave de outrora, queria dizer grasnando: *“Nunca mais”*.

Isso eu me pus a perguntar, mas nenhuma sílaba expressando, para a ave a qual os flamejantes olhos queimam o interior do meu peito. Isso e mais eu me sentei adivinhando, com a minha cabeça a descansar reclinada sobre o forro de veludo do travesseiro que a lamparina contemplava terrivelmente satisfeita, mas, qual forro de veludo roxo que a lamparina contemplava terrivelmente satisfeita, ela apertaria, ah, nunca mais!

Então, ao pensamento, o ar ficou mais denso, perfumado por um incenso invisível, espalhado por um Serafim o qual os passos tilintavam no chão acolchoado.



– Infeliz – eu gritei – Teu Deus te enviou. Por esses anjos ele te enviou, descansa. Descansa e seda-te, dês tuas memórias de Lenore! Traga! Oh... traga esse doce sedativo, e esqueça a perdida Lenore!

– Nunca mais – disse o corvo.

– Profeta! – disse eu – Criatura do mal! – Ainda assim profeta, se ave ou demônio! O qual o tentador enviou, ou o qual tempestade lançou aqui, desolado, e ainda assim destemido, nessa terra deserta, encantado, nessa caça pelo terror assombrado, diga-me a verdade, eu imploro. Existe... Existe alívio em Gileade? Diga-me! Diga-me, Eu imploro!

– Nunca Mais. – Disse o corvo

– Profeta! – Disse eu – Criatura do mal! Ainda assim profeta, se ave ou demônio! Pelos céus que se curvam sobre nós – Por aquele Deus que nós adoramos – Diga a essa alma com tristeza acrescida, se, no distante Éden, está presa uma santa donzela a quem os anjos chamam de Lenore. Está presa uma rara e radiante donzela, a quem os anjos chamam de Lenore?

– Nunca mais – disse o corvo.

– Seja essa palavra nosso sinal de rompimento, ave ou inimigo! – Eu gritei, levantando – Volte para a tempestade e noite dos portos infernais! Deixe minha solidão intacta! Sai do busto sobre a porta! Tire seu bico do meu coração, e suma da minha porta!



– Nunca mais – disse o corvo.

E o corvo, sem se mexer, parado, estando sentado sobre o pálido busto de Minerva bem em cima da porta do meu quarto; e seus olhos tendo toda a aparência de um demônio que sonha, e a lamparina sobre ele flamejando lança suas sombras sobre o chão; e minha alma saindo daquela sombra que descansa flutuando sobre o chão deve se levantar – nunca mais!



Prefácio

Há muito tempo atrás, os deuses criaram um ser melhor que qualquer outra existência. Essa criatura, a mais alta forma da vida humana, estava mais próxima de Deus do que até mesmo os anjos, e sua beleza mais apelativa que qualquer criação terrena.

Os deuses, vendo uma criação de tamanha beleza, começaram a ter ciúmes.

A criatura não precisava de amor, não desejava nenhum poder, e não tinha fome de nenhuma espécie, nem mental nem espiritual, sua criação impecável era angelicamente perfeita, e ao mesmo tempo errada, pois nada podia ser mais perfeito que os próprios deuses.

À medida que a criatura florescia sem ser incomodada, os deuses se tornaram obscuros e vingativos, em seu ódio, eles refletiram, e o plano que construíram era terrível, desumano, e sombrio. Sentindo-se em perigo iminente, decidiram dividir a alma pela eternidade. Em um rápido movimento eles dividiram a criatura, criando dois corações que compartilhavam a mesma alma.

Uma parte era a criadora, a vida e energia da terra, e a mãe do homem. A outra parte era o poder e a proteção, um guerreiro dos mundos. Assim, criaram o masculino e o feminino.



Enquanto os Deuses criavam esquemas em sua ambição eterna, eles decidiram fazer de sua criação um jogo. Nada mais que piões para seu divertimento, como punição, eles espalharam as criaturas entre os humanos da terra, sua outra parte separada deles dolorosamente e eternamente acorrentados à fome e desejo.

A parte feminina era a guardiã de suas vidas e sua alma compartilhada, em si, ela protegia esse delicado poder, nunca abusando de sua energia e sempre dando à terra e à natureza, mas, apesar do que possuía, ela ficou sozinha e perdida no amor. Frágil, triste e sozinha.

A parte masculina, a parte poderosa, foi deixada sem vida, drenada de energia que apenas sua alma poderia lhe dar. Nessa vida masculina na terra, ele buscava por sua força, a parte feminina, e, guardiã de sua alma. Sua sede letal por aquela alma era tão forte que os levava à loucura, ódio, e desespero.

Quando encontravam sua alma gêmea, a parte masculina estava faminta e viciada, matando a outra metade em sua ganância, e acabando por destruir a si mesmo. Mas, apesar de seu amor vicioso, muitos sobreviveram o suficiente para entender seu poder, e ao se encontrarem, eles abriam o segredo de suas vidas.

Juntas, as duas partes criavam um inteiro, uma força vital mais poderosa que qualquer coisa na terra. Mesmo que eternamente atormentados pelo ciúme e pela fome, eles estavam melhores juntos que separados, o supremo teste de amor eterno.



UM NOVO DIA

— Estella, tome isso.

Heidi colocou um grosso envelope na minha frente, infelizmente com os olhos cheios de lágrimas e sua mão trêmula. Olhei para o envelope com cuidado.

— Oh não! — Eu balancei minha cabeça, meu rosto contorcido tristemente.

— Heidi não, eu não posso.

Eu fechei meus olhos fortemente, incapazes de aceitar o presente.

— Estella, Por favor. — Ela fez uma pausa, a voz embargada.

— Eu só quero te ver feliz. Estou velha e cansada, minha vida está acabando e você está apenas começando. — Andou em minha direção com um olhar severo em seu rosto, o envelope ainda teimosamente resistindo à sua frente. Seus olhos percorreram o meu freneticamente e eu podia ver que ela me amou como ela própria.

Eu agarrei o pacote de papel manilha pequeno, delicadamente, entre meus dedos trêmulos. O conteúdo para além do que eu jamais poderia merecer, mas as necessidades nos olhos de Heidi eram profundas, e eu encontrei-me incapaz de dizer não.



– Obrigada! – Eu olhei para o chão, com a tristeza familiar picando em meu coração.

Heidi inclinou-se e abraçou-me, os braços pequenos espremendo o ar dos meus pulmões.

– Me desculpe, eu não poderia ter sido mais que uma mãe para você. – Ela sussurrou, sua respiração quente passava por toda a minha orelha.

Ela estava chorando, e eu sentia as lágrimas se infiltrando no ombro da minha blusa.

– Heidi, você é a coisa mais próxima de uma mãe que eu já conheci, não pense menos.

Eu coloquei meu braço em volta dos ombros frágeis enquanto ela tremia tristemente em meu peito, a culpa em mim aumentou enquanto eu forçava de volta o meu desejo de ficar, para salvá-la de sua vida solitária.

Ela se afastou, um forte olhar, de repente, atravessou seu rosto manchado de lágrima.

– Você vai me fazer orgulhosa – seus olhos estavam de repente corajosos – E encontrará sua felicidade.



Ela acariciou meus dois ombros com uma surpreendente força enquanto as longas unhas escavavam minha pele com uma picada de dor.

— Eu prometo, vou voltar em breve. — Eu tentei sorrir enquanto eu abaixava para pegar minha ultima bolsa, mas nada aconteceu.

Heidi me seguiu até o carro em seu roupão e chinelos, eu joguei a última bolsa no banco detrás do Datsun¹ verde velho e enferrujado. Finalmente fui capaz de pagar o carro após o meu trabalho de verão no mercado da avenida principal. Eu fiz tudo que podia para juntar o suficiente, para fazer a minha fuga da cidade.

Heidi tinha os olhos secos e eu olhei para ela nostalgicamente enquanto eu subia no carro. Os velhos assentos de vinil chiaram contra a minha pele suada e eu estremeci ao seu calor escaldante. Eu fechei a porta, batendo com força, tanto quanto eu pude reunir antes de colocar minhas mãos na roda de plástico que aparentava ser de madeira. Ela acenou baixinho enquanto eu persuadia o veículo para a vida e o forcei em sentido inverso.

— Eu vou visitá-la em breve! — Eu gritei pela janela enquanto dirigia para longe — A faculdade não é muito longe!

Heidi deu um passo triste e cansado para frente enquanto fazia uma tentativa final de adeus. Eu sentirei a falta dela como uma mãe adotiva, mas esta era minha vez de fazer algo com minha triste vida. A educação que ela me deu foi tudo que eu poderia ter

¹ **Datsun** foi uma marca de automóveis criada em [1931](#) pela [Nissan](#) e utilizada até [1983](#).



esperado, mas algo dentro de mim estava me dirigindo para longe, empurrando-me para outro lugar.

Enquanto eu dirigia pelas ruas lotadas, as sombras projetadas pelos arranha-céus de Seattle sempre me deixava um pouco decepcionada. A pequena casa onde tinha sido colocada quando eu tinha dez anos, olhou tristemente para mim, enquanto desaparecia entre os complexos de apartamentos da zona oeste no meu retrovisor.

Eu tomei uma profunda respiração, exalando forte com um coração trabalhado. Eu tinha decidido que a cidade não era para mim. Depois de anos de aprovação e rejeição, eu não poderia ficar mais no frio e úmido cimento, e no sujo ar. Por que a cidade tinha me decepcionado, eu não tinha certeza, mas quando a depressão se aprofundou em mim ao passar dos anos, tornou-se uma espécie de câncer. Havia morte por aqui, e todos tomaram sua felicidade como garantida. Eu teria dado qualquer coisa para sentir um sorriso, para reunir uma risada feliz.

Fechei as janelas, encerrando este mundo enquanto eu rumava para o norte em direção à Cascades^{2*}. Enquanto as colinas de Seattle passavam rapidamente por cada vez menos casas lotadas, eu senti uma espécie de libertação. O aperto que eu mantinha no volante liberou lentamente e logo eu estava casualmente conduzindo com uma mão. Minha vida solitária nunca concedeu-me a experiência que estava à minha frente, a chance de estar com a natureza, o quanto meu coração tinha almejado.

² Cascades – Grande cadeia de montanhas do oeste da América do Norte, estendendo-se desde o sul da Colúmbia Britânica através de Washington e Oregon.



O folheto da faculdade tinha prometido uma experiência tranqüila e isolada, justamente o que eu estava esperando e o que meu escuro coração necessitava.

Faculdade sempre foi um objetivo para mim, e apesar da minha formatura do ensino médio, com um grau de bacharel que eu tinha ganhado fazendo cursos à noite, ainda não satisfiz a minha necessidade insaciável de aprender.

Quando o sol finalmente se liberou nos calmos vales do norte de Puget Sound, a densidade da floresta começou a se infiltrar cada vez mais perto da estrada e eu sentia uma atração estranha das plantas que estavam lá, cada uma curvando-se em direção ao concreto, como se existisse um muro entre eles e o outro lado da vida, assim como em minha mente. Invejei sua liberdade, sua simples felicidade e capacidade de adaptação.

Eu, por outro lado, nunca pertenci, e apesar de o quão duro eu tentasse, sempre me destacava. O mundo irremediavelmente me entristecia, como se em algum lugar na minha vida passada, ele havia me decepcionado, minha alma agora escurecida pela minha perversa existência

Enfiei a mão na mala, recuperei o meu frasco de medicação e joguei um comprimido na minha boca, o que eu habitualmente fazia todos os dias nos últimos 12 anos. Cada pensamento nebuloso ainda era sufocado pelo poder do Prozac³. Permiti-me um segundo para fechar meus olhos, enquanto eu mais uma vez abria a janela, libertando o laço enquanto o vento soprava em meus angelicais cabelos brancos.

³ Fluoxetina (Prozac) é usada para tratar depressão, desordem obsessiva compulsiva, bulimia nervosa e desordem do pânico.



Quando o sol tocou a minha pele pálida, parecia morno e relaxante como um banho de luz celestial. Abrindo os olhos, senti-me desanimada, porque, nem por um momento como este, eu não podia dar um sorriso.

Mesmo quando era um bebê eu nunca tinha sorrido, nunca deixei sair até mesmo um murmuro encantado. Sorrir era algo que eu fazia porque eu tinha que me encaixar. Eu aprendi o que era engraçado para os meus pares e praticava por horas na frente do espelho, os meus músculos faciais alongavam tão dolorosamente de um jeito que vinha tão naturalmente a todos os outros. Lágrimas nunca vieram também, embora eu soubesse que o que eu tinha era tristeza, eu nunca realmente senti isso. Era como se alguém tivesse arrancado minha alma para fora, deixando-me impotente e vazia.

Pensei em todos os meus pais adotivos e quantas vezes cada um tentou criar uma vida feliz para mim, como incansavelmente cada um, inevitavelmente, falava enquanto eles me rejeitavam educadamente de volta para os assistentes sociais. Depois de um tempo, eu desisti e me mudei com Heidi e seus outros filhos adotivos para o que eu planejei ser para sempre.

Eu era como um fruto venenoso, linda por fora, mas danificada e doente interiormente.

Eu exaleei profundamente quando eu finalmente cheguei à cidade de Sedro-Woolly⁴, aonde eu virei na estrada vinte, indo diretamente para o leste no North Cascades. A pequena cidade de Sedro-Woolly estava muito ao norte, perto do Canadá e das ilhas de

⁴Sedro-Woolley é uma cidade em Skagit County, Washington, Estados Unidos.



San Juan e apenas o suficiente longe de Seattle para deixar tudo para trás. A cidade era a porta de entrada para o meu futuro, e uma nova vida.

Enquanto eu me dirigia para o deserto, as árvores que se erguiam na estrada pareciam dar boas vindas a minha presença pelo jeito que os galhos balançavam na brisa. O ar parecia mágico, e eu vi o brilho dos insetos que voavam entre os espessos raios de luz como fadas nas árvores. Com minhas janelas abertas, o clamor suave de água casualmente sussurrava em meu ouvido enquanto eu passava primavera após primavera, cascatas desciam entre as rochas de granito e para os reservatórios da estrada.

As montanhas lentamente se fechavam, em torno de mim, lançando uma sombra sobre a estrada, mas não as mesmas sombras deprimentes com as quais eu tinha crescido em torno da cidade. Estas sombras revelaram um outro conjunto de mundo para além das ruas sujas e tristeza, revelaram o mundo da vida sentimental. Pela primeira vez, eu senti um tremor suave de calor na minha carbonizada alma e de repente eu ofeguei, o sentimento rasgava a respiração dos meus pulmões.

Virando com cautela, as árvores partiram drasticamente e o sol derramava dentro do carro.

O rio que tinha seguido a estrada abria-se para um grande lago que estava contido para trás por uma pequena barragem. A água brilhava mais limpa do que eu jamais vi em Puget Sound e o reflexo fez meus olhos arderem.



De repente o ar era fresco e úmido, por causa das águas glaciais e eu respirei fundo, permitindo-lhe curar meus pulmões poluídos.

Eu olhei em descrença, pensando como eu deixei este mundo inteiro se esconder de mim por tanto tempo. Enquanto seguia para o lago, eu ficava olhando em direção as suas águas, achando que isso iria desaparecer tão subitamente como tinha surgido. Pisquei fortemente algumas vezes, minha mente me perguntando se isso era apenas um sonho trançado, provocando uma memória configurada para me causar ainda mais dor.

Lentamente, a estrada se inclinava para a direita e eu cruzei o lago em uma gentil ponte. Eu senti uma onda de frio, algo entrar no meu corpo como se a água estivesse pulsando por mim, tornando-se uma parte do meu sangue e enchendo cada veia. Deixei a sensação controlar meus pensamentos, e eu imaginei uma onda lavar através da minha mente marcada, esfriando cada corte ou coceira. De repente, quando eu pensei que não poderia ter visto qualquer coisa mais linda, o lago se alargava mais e uma barragem ainda maior apareceu diante de mim, grande em seu surpreendente poder. Olhei a construção complexa e espantou-me acreditar que como nós, sendo de uma raça humana, poderíamos criar algo tão poderoso. Eu podia ver agora a faculdade, situada na encosta do outro lado da barragem, eu estava quase lá, quase livre.

Quando virei na estrada principal para o complexo, diminui a velocidade assim que meu carro rolou sobre os blocos de paralelepípedos. A vibração era suave, calmante enquanto o calçamento estremecia debaixo do meu peso. A faculdade tinha utilizado esta



barragem como passagem para ela, e uma parte de mim, sentiu como se fosse uma ponte para o meu castelo de conto de fadas.

À minha esquerda estava a queda do lago que eu observava enquanto dirigia ao longo do meu caminho e, à medida que eu olhava para a beira, minha cabeça sentia a emocionante vertigem quando meus olhos se focavam nas rochas abaixo. À minha direita, a água transbordava contra a parede, girando em sua tentativa de fuga, a água espumosa, agitada e ansiosa. O lago em si era um cristal azul leitoso e afiados picos rochosos o rodeavam enquanto alcançava o céu ainda mais azul. A coloração original era inegável e eu o reconheci por se Diablo Lake⁵, onde a faculdade se estabelecia ao longo da borda das águas.

Ao me aproximar do outro lado da ponte, eu notei uma graciosa queda de cachoeira de um pico distante e para dentro do lago em seu equilibrado final. Sua força bruta me humilhou enquanto eu o assistia em silêncio, névoa no ar ao seu redor, o arco-íris piscando suavemente em seu rastro. Como o vento selvagem batia para mim toda a água, eu notei uma espécie de beleza selvagem que parecia tão normal para mim.

Eu fechei meus olhos e segurei minha respiração quando vi a rajada de vento agradar as pequenas ondas do lago em sua abordagem vindo em direção a mim. Quando finalmente alcançou a janela do meu carro, estava molhado e frio enquanto se envolvia em meus

⁵Diablo Lake é um reservatório nas montanhas de North Cascades, norte do estado de Washington, EUA. Criado por Diablo Dam, o lago está localizado entre Ross e Lago Gorge, no Rio de Skagit a uma altitude de 1.201 pés (366 m) acima do nível do mar. Diablo Lago faz parte do Projeto Hidrelétrico do Rio Skagit .



longos cabelos, suavemente acenando-o para dançar. Meu corpo tremia de frio e ao toque meus braços imediatamente entraram em erupção com arrepios.

Quando cheguei ao outro lado da ponte eu soltei minha respiração, sentindo o meu corpo sensível de repente, e quando meu carro rolou para a movimentação do cascalho, a água já não fluía por mim com uma força de energia maior do que eu podia controlar. Eu rodeei Diablo Lake apenas algumas centenas de metros mais a leste, a estrada se tornou ainda mais áspera enquanto meus pneus desesperadamente lutavam para encontrar a sua aderência. Enquanto eu dirigia com cautela até o morro em direção à frente do pequeno aglomerado de edifícios, minha mente curiosa começou a roncar.

Um doador anônimo criou a universidade Cascades alguns anos atrás. Seu objetivo era fornecer um Mestrado em Estudos Ambientais, através da experiência e prática. Havia também aulas de primário, mas principalmente era um lugar para sujar as mãos e experimentar o mundo real, no seu verdadeiro sentido.

Quando eu soube sobre a faculdade, eu me lembrava que foi a primeira vez que eu realmente senti meu coração bater. Algo sobre a sua concepção, localização e descrição me fez sentir mais em casa do que em qualquer lugar que eu já estive. Eu precisava estar perto da terra, perto do lugar onde a vida começou. Nunca fui o tipo de amante da natureza, mas a minha escolha de vir aqui foi puramente egoísta. Desde que eu conseguia me lembrar, eu possuía um estranho talento para o crescimento das plantas, um polegar verde, se você quiser. Mas o meu talento não envolvia simplesmente o uso direto de



fertilizantes, e certificando-se de não faltar água. Meus talentos pareciam envolver algo muito mais mágico, e algo indescritível, eu estava aqui para descobrir.

Virei meu carro com um suspiro pesado enquanto eu parava em frente ao principal centro de aprendizagem, o grande *'Bem vindo'* pairava sobre mim. Eu senti a cintilação bater novamente no meu coração e novamente rasgando a respiração de meus pulmões. Passando por pequenos edifícios modernos, comecei a me perguntar se isto ainda era apenas um sonho, apenas uma invenção deixada pela minha mente fortemente sedada.

Um homem alto e magro ruivo, de repente, percebeu a minha chegada e correu em direção ao meu carro estacionado, com um sorriso pintado no rosto. Ele não poderia ser muito mais velho que eu, mas, de repente, parecia agir anos mais jovem. Ele descia o morro, as pernas se tornando perigosamente um emaranhado quando ele tropeçou um pouco, recuperando a compostura, antes de continuar um pouco sem jeito até mim. Ele estava vestindo uma camisa xadrez verde de manga curta e seu par de calças caipiras e botas Columbia.

Ele respirava mais forte quando colocou as duas mãos na janela e se ajoelhou ao meu nível dos olhos, trancando o seu olhar no meu.

— Nova? — Ele perguntou alegremente.

Eu olhei para ele nervosamente e o medo de repente agarrou o meu estômago.

— Sim. — Eu consegui dizer.

Seus olhos eram de um azul claro como o meu, mas cheio de vida e felicidade.



– Ótimo! – Ele fez uma pausa, colocou a mão bruscamente para mim através da minha janela – Eu sou Scott.

Eu olhei inexpressivamente para a mão por um momento, permitindo que o meu choque se substituísse em compreensão. Agarrando-a suavemente, eu lhe dei uma agitação leve. Scott a arrancou de volta tão rápido quanto ele a empurrou para frente, sem se abalar com a minha personalidade relutante.

– Bem, com certeza é muito bom conhecer você, gostaria de alguma ajuda com suas coisas?

Ele abriu a porta do carro e eu me encolhi quando a porta estremeceu alto.

– Hm... – Eu estava processando a informação tão rápido quanto podia – Claro. Isso seria ótimo. – Eu saí do banco – Obrigada! – Eu acrescentei, sorrindo tão dolorosamente bem, quanto eu poderia.

Ele ficou lá com as mãos nos quadris, olhando como um cão pronto para que lhe lançassem um osso.

– Então, qual é seu nome?

Assim, quando eu estava fora do seu caminho, ele pulou para frente, se lançando no meu banco traseiro, e carregando, com os seus braços magros, as minhas três malas pequenas, o resultado de toda a minha vida.



– Eu, uh... – Eu gaguejei um pouco – Meu nome é Estella. – Finalmente consegui reunir meus pensamentos quando o tempo parou ao meu redor.

Meus remédios sempre me faziam pensar devagar, como se eu estivesse lutando com uma névoa de informação que sempre nublava os meus reflexos.

– Certo Estella – ele pegou uma folha do bolso, manobrando os braços cheios e lutando para trazê-lo para o seu rosto – Parece que você tem sua própria cabine.

Seus olhos se arregalaram de empolgação como se a cabine fosse sua. Eu balancei a cabeça em concordância, tinha trabalhado alguns turnos extra no balcão de peixe do mercado para tornar isso possível. Eu não ia para cama em um dormitório coletivo novamente, não era como se eu tivesse ido para uma boa a maior parte da minha vida.

– Bem, então – ele sorriu para mim docemente – Siga-me.

– Obrigada – eu peguei minha mochila do banco do passageiro e me apressei para acompanhá-lo.

– Então, Estella,...

– Oh, você pode me chamar de Elle. – Eu rapidamente o corrigi.

Ele olhou para trás, para mim, o seguindo.

– Ok, então Elle, que a traz aqui?

Eu olhei para ele, estranhamente, o que mais eu estaria fazendo aqui?



– Para o mestrado – eu disse calmamente.

– Ah, é mesmo! – Ele olhou para mim novamente, desta vez analisando o meu rosto mais de perto.

– Você não é um pouco jovem para um mestrado?

Dei de ombros, olhando meus pés nervosamente enquanto eles lutavam para permanecer no ritmo.

– Eu consegui o meu diploma quando eu era jovem.

– Sério? – Ele parecia chocado.

– Bem... – Eu me senti envergonhada e meu rosto começou a esquentar – É só que, veio de forma natural.

Fiz uma pausa, respirando com dificuldade quando passamos por debaixo de um grande pinheiro que deixava uma grossa camada de agulhas no chão.

– Não foi muito difícil para mim. Eu tinha um monte de tempo em minhas mãos.

Seus olhos sorriram para mim.

– Então eu estou impressionado. Eu estou nesse programa também, mas eu não sou tão jovem como você, eu tenho 21. Fiquei muito bem no ritmo das coisas através do colegial. – Ele me observava com curiosidade – Eu suponho que nós teremos as mesmas classes. Não há muitas pessoas aqui.



Eu balancei a cabeça, pensando sobre o fato de que era como eu queria, tranqüila e isolada. À medida que dobrava o caminho, eu finalmente avistei uma pequena cabana na beira da colina.

— Então, isso será seu.

Aproximamo-nos rapidamente, subindo para a varanda enquanto nossas botas ecoavam alto. Ele jogou uma mala para abrir a porta e notei que não havia tranca.

— Eu só irei deixar suas malas aqui no canto. Isso está bom?

Eu balancei a cabeça outra vez.

— Sim, obrigada Scott.

Ele enfiou a mão na minha frente novamente, ainda com a mesma faísca energética em se rosto:

— Bem, prazer em conhecê-la Elle. — Ele ainda não parecia perturbado pelo meu comportamento retraído. — Eu acho que vou vê-la amanhã, na sala de aula?

Eu apertei sua mão levemente e tentei dar-lhe outro sorriso, embora, eu nunca fui capaz de obter êxito em toda a noção de felicidade.

— Sim, eu acho que eu vou. Obrigada mais uma vez.

Eu fechei a porta atrás dele enquanto ele descia o morro um pouco sem jeito. Enquanto eu olhava ao redor da pequena cabana fiquei satisfeita ao ver que havia muito mais do que eu tinha imaginado. Eu tinha o meu próprio banheiro, chuveiro pequeno, e



uma pequena kitchenette com uma pequena geladeira. Minha cama era um tamanho maior, quer dizer, maior do que eu já tive e, eu comecei a me sentir um pouco mimada.

Cheguei à minha mala e peguei o envelope grosso que Heidi tinha me dado, então, o deslizei na fenda onde a geladeira encontrava o armário, achando que deveria guardá-lo para uma emergência. Eu circulei o interior do perímetro da cabana devagar, inspecionando cada centímetro quadrado de meu investimento e abrindo as cortinas enquanto eu caminhava de modo a deixar a luz entrar. Por fim, sentei-me na minha cama e puxei uma das minhas malas em minha direção. De dentro para fora, peguei uma pequena pilha de diários moleskin⁶ e as coloquei na prateleira em cima da minha cama. Eu tinha começado a documentar minha vida no dia que eu fui capaz de escrever, isso me permitiu ser capaz de tirá-lo, manter minha alma aberta para a felicidade entrar, mas nunca o fiz.

Profundamente na mala, eu achei a quadrada carta da minha mãe verdadeira. Era a única coisa que eu tinha dela. O bonito roteiro brincando com as minhas emoções e, todo dia eu lia isso em antecipação:

Estella,

Você é linda, e custa-me ir embora, mas algum dia você vai encontrar a beleza que você procura, vivendo dentro da sua obscura alma. Você está segura agora.

⁶ Moleskin é uma marca, <http://www.moleskineus.com/>



As poéticas palavras me intrigavam e entristeciam. Eu tinha procurado por ela quando eu era mais jovem, mas não encontrei nada sobre ela ou aonde tinha ido, ou mesmo se estava viva ou morta, e minha alma permaneceu negra. Colocando-o sobre a mesa lateral de madeira, olhei de volta para minha mochila, onde eu alcancei e gentilmente puxei uma esfarrapada caixa marrom de suas profundezas. Abri-a devagar, recuperei um pequeno pote contendo uma pequena planta roxa que estava dormindo dentro. Eu assentei o Trevo Roxo suavemente sobre o parapeito e o toquei, borboletas deixavam ternamente quando ele reagiu à luz e estendeu as suas pétalas para o sol como um guarda-chuva aberto. Eu havia decidido levar apenas um tubo comigo do meu vasto jardim, em Seattle, apenas uma criança para iniciar uma nova vida.

Depois de desempacotar as poucas roupas que tinha, e deixar algumas na bolsa por preguiça, eu finalmente me deitei suavemente na cama, deixando meu cabelo platinado brincar a minha volta. Depois de um momento de silêncio, eu me levantei de volta, até onde eu alcançava a minha bolsa e peguei meu livro, então, me recostei novamente no travesseiro e comecei a ler na escuridão da noite que se arrastava pela cabana.

Logo, somente a pequena luz da única lâmpada brilhava pelo quarto solitário, os contrastes agudos estranhos contra as paredes do lugar desconhecido.

As horas passaram mais rápido do que eu esperava quando finalmente olhei além da página para as janelas. A escuridão era infinita e meu coração começou disparar. Eu tirei a cabeça do travesseiro e me sentei, jogando as pernas no chão onde eu fiquei em pé. Quando me aproximei da vidraça fria eu estava chocada em ver somente umas poucas



luzes fracas tremeluzir do complexo que me cercava. Eu nunca tinha visto ou sentido nada assim na minha vida, escuridão e silêncio, tudo de uma vez. Eu corri rapidamente para a minha lâmpada e a desliguei, permitindo que as luzes de fora se exaltassem.

Eu me arrastei para a porta onde eu puxei a alavanca vagorosamente, entrando suavemente no pequeno convés, sem querer perturbar o torpor da natureza. Eu fechei meus olhos apertados quando eu inclinei a cabeça para o céu, permitindo-me o suspense do que certamente eu encontraria ali. Quando eu os abri, eu arfei assim que vi que minúsculos diamantes se espalhavam pelo céu, brilhavam mais forte do que já tinha visto e, em números mais amplos que podia imaginar.

Eu tinha lido a respeito das estrelas, visto imagens e estudado sua importância, mas nunca teria esperado a expansão que me recebia agora. As luzes da cidade de Seattle e a quase constante capa espessa de nuvens faziam a observação das estrelas inexistente.

Meu corpo de repente parecia tonto quando a força de sua grandeza fez meu coração disparar. Uma brisa leve inesperadamente chicoteou minha cabana, torcendo meu cabelo gentilmente ao redor dos meus ombros, parecendo à respiração de Deus. Eu podia sentir o cheiro de pinhos e a salvia fez cócegas no meu nariz e um sentimento que nunca sentira se arrastou pelos meus membros.

Por um momento eu não pude evitar senão sentir que podia finalmente sorrir, mas o vento retrocedeu e minha alma sombria permaneceu vazia. Quando as estrelas piscavam



ainda mais fortes, eu percebi que estava chegando perto. Havia algo aqui que precisava ver algo que eu devia fazer, mas o que era, por enquanto, continuaria a me escapar.



MEDO

O sol fluía através das persianas quando acordei para a quietude que reinava. Enquanto alcançava a mesinha ao lado da cama para pegar meu medicamento, senti que meu sono sem descanso, me deixou tonta e anuviada. Coloquei uma mão na cabeça que começou a doer profundamente e me senti enjoada de repente. Eu não havia esperado aquele silêncio profundo, já que estava tão acostumada com o barulho constante da cidade. Eu sabia que acabaria me acostumando e aprendendo a amar a calma, mas seria difícil até que eu me acostumassem.

Eu forcei meu corpo sonolento a se sentar e deixei meu olhar correr pela cabana, notando que nada havia mudado desde a noite anterior. Eu joguei uma pílula em minha boca mecanicamente e a forcei garganta abaixo, sem água mesmo. Esfregando meus olhos, senti que o nevoeiro em minha cabeça começava a desaparecer e eu finalmente consegui me jogar para fora dos cobertores e colocar meus pés gentilmente no chão onde eu tentei ficar de pé sem oscilar.

Cambaleando até o banheiro, peguei uma pilha de roupas amassadas e depois de fechar a porta, joguei um pouco de água no rosto. Do lado de fora da janelinha, o barulho que os passarinhos faziam era ensurdecidamente doce e eu fiquei na ponta dos pés para dar uma espiada através do vidro empoeirado. Colina abaixo eu avistei a cafeteria e meu



estômago roncou ao pensar em comida. Eu não havia jantado graças a meu estúpido encanto com o céu estrelado e eu sabia que era melhor ao menos tentar pegar um pedaço de torrada.

Enquanto eu vestia meu jeans, lutando para minhas pernas cansadas entrarem em cada lado, ouvi uma súbita batida na porta da frente da cabana. Pulei de medo, meu corpo se enrijecendo de choque. Eu olhei ao redor cuidadosamente, esperando que tivesse sido apenas minha imaginação. De repente, outra batida, desta vez ainda mais alta e insistente. Vesti minha camisa de qualquer jeito, prendendo a gola nas minhas orelhas e puxei pra baixo freneticamente enquanto tropeçava para fora do banheiro, quase me arrastando até a porta.

Agarrei-me à maçaneta para me equilibrar enquanto abria a porta, o súbito clarão de luz me cegando. Lutei para focar os olhos, protegendo-os com uma das mãos enquanto meu olhar finalmente pousava no meu visitante. Eu não estava surpresa de ver Scott desajeitadamente de pé a minha frente, sorrindo do mesmo modo que havia sorrido ontem.

— Bem, olá Elle. — ele parou e olhou para minha roupa amassada — Eu não te acordei, acordei?

Eu ainda estava meio aturdida do súbito excesso de luz então eu apenas balancei a cabeça desafiadoramente. Meus lábios franziram e concordaram.

O sorriso de Scott falhou um pouco.



– Eu estava indo comer alguma coisa antes da aula – ele apontou o prédio onde ficava a cafeteria. – Pensei que já que você é novata, gostaria de ter um guia. – Ele deu de ombros desajeitadamente.

Eu engoli em seco, ainda muito cansada para tentar um sorriso vazio.

– Claro — Eu disse quietamente, me amaldiçoando por minha falta de autoconfiança – Estou morrendo de fome. – Eu estava em choque. As pessoas normalmente me evitavam, mas não Scott.

Acabei de tirar o resto do meu longo cabelo de dentro da camisa e peguei minha mochila. Dando uma última checada na cabana, fechei a porta atrás de mim. Peguei minhas botas que estavam na varanda e sentei para colocá-las enquanto Scott esperava de pé no caminho, gentilmente assoviando para si mesmo e olhando para os galhos de uma enorme árvore. Eu não conseguia entendê-lo. Ele era tão desligado, tão pouco interessado em minha estranha existência.

Finalmente levantei, alisando minha camisa contra meu jeans e recolhendo meus pensamentos. Respirando fundo, eu juntei toda a coragem que tinha e sai da varanda até onde Scott estava.

– Ok – Eu parei a alguns centímetros dele e ele me olhou – Estou pronta.

Scott sorriu novamente.



— Perfeito. — Ele me indicou o caminho — Você vai adorar a comida daqui, prometo. — Ele tentou piscar para mim, mas acabou parecendo algum tipo de tique nervoso.

Nós descemos a colina e eu prestei atenção na paisagem. Havia cinco prédios à minha vista e eu reparei em cada um cuidadosamente, ansiando encontrar meu lugar ali. As estruturas pareciam modernas e limpas, construídas de uma maneira que dificilmente acumularia sujeira. As grossas vigas pareciam bem mais fortes do que seria necessário e as janelas eram grossas. Eu sabia que o inverno aqui era longo e difícil, e, que a quantidade de neve era tão grande que a maioria das árvores ainda estava dolorosamente curvada, embora já estivéssemos no final do verão.

Scott reparou no meu olhar curioso e resolveu explicar:

— Aquilo ali é o laboratório de pássaros e vida selvagem — Ele apontou até a extrema esquerda ao pé da colina — Vai ser nossa segunda aula de hoje.

— Pássaros? — Eu perguntei intrigada.

— Sim. — Ele confirmou — Eles são uma parte integral do ecossistema daqui. — Ele me olhou com um jeito convincente. — E ali embaixo — Ele apontou para a direita — é a estufa de plantas.

Meus olhos brilharam com interesse.

— Isso é mais meu estilo.



Scott me olhou com um olhar de contentamento espalhado no rosto.

– E logo ali naquele grupo de construções ficam o laboratório astrológico, o laboratório de água e a estação aquícola.

Eu balancei a cabeça afirmativamente. Embora eu ficasse nervosa com estranhos, eu me sentia grata por ter a companhia de Scott, mesmo me sentindo meio desconfortável por ele ser tão falante. Eu nunca havia tido amigos, ou mesmo tentado fazer amigos para começo de conversa. Eu possuía uma alma muito deprimente e a maioria das pessoas confundia meu silêncio com arrogância. Sempre pensei que eu fosse ao menos razoavelmente atraente com meus olhos de um azul cristalino e pele macia e branca como porcelana, mas aparência não é tudo e as pessoas ainda me olhavam como se eu fosse um monstro.

O cascalho sob nossos pés estalou quando chegamos à cafeteria. A entrada da frente era ladeada por árvores e as paredes eram, em sua maioria, de vidro, permitindo à iluminação natural que preenchesse o espaço. Minha pele leitosa brilhava em contraste com a maioria dos estudantes e visitantes que preenchiam o corredor. Eles haviam obviamente gasto a maior parte das suas vidas vivendo ao ar livre, enquanto eu, sempre havia vivido à sombra da cidade, prisioneira de minha própria mente.

Nós caminhamos até o balcão e eu peguei um prato. Havia vários tipos de amoras frescas e pães integrais e o que eu deduzi serem tigelas e mais tigelas de granola. A visão me fez encolher. Eu odiava granola mais do que qualquer coisa. Optando por um bolinho



de farelo de trigo, eu o peguei da cesta e o coloquei no meu prato. Eu observei de olhos arregalados enquanto Scott colocava em seu prato uma pequena pilha de amoras e ovos mexidos com queijo tofu.

– Eu simplesmente não consigo enjoar disso. – Scott empilhou perigosamente mais uma enorme colher de ovos, no já gigantesco amontoado de comida, e finalmente pegou seus talheres.

Eu o segui até uma mesa distante no canto, onde o sol esquentou minhas costas quando sentei.

– Então, o que trouxe você para cá? – Eu perguntei olhando-o curiosa e fazendo o meu melhor para tentar ser sociável.

Scott me olhou por cima dos óculos com a boca cheia de mirtilo e os dentes grotescamente manchados de roxo.

– Minha mãe é pesquisadora ambiental. – Ele deu uma pausa para limpar o suco que havia escorrido até seu queixo quando ele começou a falar – Ela está nas florestas do Alasca atualmente, mas vai voltar em uns seis meses. Ela sempre foi minha fonte de inspiração.

Eu fiz que sim com a cabeça, meu apetite ligeiramente menor.

– Isso é legal. – Senti meu interior afundar ao pensamento de ter uma mãe.

Scott engoliu um bocado de ovos.



— E qual é sua história? Você parece ter a mente meio pesada — Ele me olhou com curiosidade.

Eu pensei por um momento, tentando encontrar as palavras certas para que ele não se virasse e saísse correndo.

— Bem... — Eu joguei um cristal de açúcar para fora da mesa com um peteleco — Eu sou órfã. — Eu observei seu rosto, mas ele não expressou nenhuma reação. — E eu sempre tive esse lance com plantas, com a natureza. — Resumi.

Ele apenas me olhou com uma ligeira expressão de confusão no olhar.

— E que lance é esse? Tipo um caso amoroso? — ele sorriu para mim convencidamente.

Eu fingi um sorriso e rolei os olhos, achando a versão dele de sarcasmo um tanto quanto sádica.

— Não, não desse jeito. — Eu dobrei meu guardanapo nervosamente — É meio como uma coisa maternal. As plantas... — Eu pausei, tentando ver como poderia explicar isso sem soar como uma completa maluca — Elas me amam. Elas reagem a mim, mesmo que eu não dê a menor bola para elas. Não importa o que, elas continuam florescendo quando eu cuido delas. — Eu segurei minha respiração depois de dizer isso. Este sempre havia sido meu estranho talento, definitivamente não era o tipo de coisa que uma garota normal poderia fazer.

Ele me olhou e eu pude ver que ele não havia realmente entendido.



– Mãe natureza então, é? – ele deu uma risadinha.

Eu rolei os olhos e soltei o ar que estava retendo nos pulmões com alívio.

– Então você é tipo uma “abraça árvores” – Ele me olhou factualmente – Nós temos dois tipos aqui: os ativistas de animais e os abraça árvores – Ele mastigou enquanto me apontava com o garfo – E você é uma abraça árvores.

Eu abaixei o olhar, me sentindo meio magoada e um bocado chateada. Eu não era nenhuma hippie. Nunca havia reciclado obsessivamente ou começado a comer granola com iogurte. Eu sabia que eu possuía uma paixão diferente, não um modo de me encaixar.

Scott notou minha expressão dolorida.

– Oh, me desculpe – Ele parecia preocupado – Eu não tive intenção de ofender você – Disse, rindo nervosamente.

Eu olhei para ele.

– Ah não, Scott, não se preocupe você não ofendeu – Me senti mal por ele, ele estava realmente tentando – Eu não sinto muita coisa na verdade, bem, não muita coisa além de dor física, então não se sinta mal.

Outra vez ele me deu o mesmo olhar confuso e denso, e, eu pude ver que ele e eu iríamos ser bons amigos. Ele parecia não me compreender, e isso era bom.



– Tudo bem então – Um sorriso alegre estava novamente em seu rosto sardento, seus óculos melados de suco de mirtilo onde ele havia pegado neles para ajustá-los em seu fino nariz.

Ele terminou o prato dele todo enquanto eu guardei o bolinho na mochila para mais tarde, sentindo uma grave perda de apetite depois da conversa deprimente, e também, pelo fato de tê-lo visto comer. Scott pegou meu prato quando se levantou e o colocou em um depósito próximo enquanto saímos do prédio.

– Então, parece que estamos de ida para estação aquícola – Ele me olhou com olhos brilhantes de excitação – Essa é minha aula favorita.

Era um dia ensolarado, o clima de verão se tornando outono, mas ainda bastante quente. Eu o segui colina abaixo até o lago de um azul cristal enquanto ele saltitava à minha frente. O prédio era antigo e manchado de água como um velho ancoradouro, e era do tamanho completo da doca, mais ou menos uns 2 metros e meio de distância. Uma vez lá dentro, notei que a forma refletia a função. Na frente havia um longo tanque segmentado que se estendia até metade da sala, cada segmento com uma dúzia de peixes, divididos por idade e tamanho relativo.

Scott correu como uma criança para a borda do tanque e olhou para sua profundidade

– Ei Elle, vem ver.



Eu me aproximei do tanque cautelosamente, peixes nunca haviam sido meus favoritos. Sempre que eu entrava em um lago ou no mar eles mordiscavam meus pés como se eu fosse um pedaço de pão gigante flutuando por ali.

Eu dei uma olhada na água turquesa, os peixes, verde pérola, se contorcendo de um lado ao outro no espaço confinado.

– Ei, olha! – Scott apontou para um peixe que circulava ansiosamente a minha frente. – Ele gosta de você.

Eu suspirei, olhando para baixo até onde o peixe tentava com todas as forças chegar mais perto de mim de qualquer maneira possível. Eu me senti triste por ele, uma cobaia, preso em uma caixa de vidro pelo resto da vida. Nervosamente eu levantei uma mão trêmula, pairando-a sobre a água, observando meu reflexo fracionado. Eu observei o peixe nadar até a sombra, seguindo o abrigo que eu havia criado para ele enquanto o reflexo de minha mão girava na superfície da água.

Scott observou maravilhado e eu notei sua expressão de surpresa pelo canto do olho. Rapidamente eu coloquei minha mão de volta no bolso, sentindo minha pele pálida corar dramaticamente.

– Como você fez isso? – Scott veio para o meu lado, observando que o peixe ansioso agora nadava tranquilamente, ainda tão próximo de mim quanto possível – Era como se ele estivesse seguindo você.

Eu dei de ombros.



– Era o que eu estava dizendo a você. Eles me amam – Eu estava me sentindo meio maluca e esperei pela reação dele de me chamar de esquisitona e dizer que nunca mais iria falar comigo novamente.

– Bem – Ele me sorriu estupidamente – Então eu acho que amam mesmo – Ele deu de ombros.

Eu o olhei em total descrença. Como Scott havia conseguido chegar tão longe, já havia me deixado maravilhada. Com sua atitude densa e personalidade distraída ele nunca iria sobreviver na cidade: Seria comido vivo. Finalmente a sala se encheu de estudantes, cada um me olhando com curiosidade e desaprovação, e eu quietamente me encolhi de volta. Alguns minutos depois uma professora de aparência desmazelada e cabelos cacheados entrou na sala e começou a falar abruptamente, sua voz ceceando horivelmente.

– Os peixes são nossos amigos – Ela lecionou apaixonadamente e eu comecei a sentir que aquela seria uma longa hora.

Eu observei Scott enquanto ele assistia à aula com toda a atenção, alerta em seu amor pela vida marinha. Logo meus olhos começaram a pairar pelos outros estudantes. Havia pessoas de todas as idades, cada um mais simples que o outro. Eu senti como se houvesse uma seta gigante apontando diretamente para mim, a única coisa que não pertencia a este local, mas oras, eu nunca havia pertencido a lugar algum mesmo. Meu



cabelo loiro era de um contraste gritante com os castanhos reinantes e, uma hora, eu notei a professora me olhando com uma cara que beirava a fascinação.

No final da aula Scott virou-se para mim excitado:

– Isso foi incrível – Ele arfou, jogando a mochila no ombro. A felicidade fluía dele como sangue de uma ferida aberta e eu desejei saber como seria se sentir assim.

Eu o olhei, patética, não querendo arruinar o momento dele.

– Ah sim, foi mesmo – Minha voz era profundamente sarcástica e eu esperei que ele não notasse minha atitude pouco convincente. Felizmente, ele não notou.

– Bem, Elle, hora dos pássaros agora – Ele me cutucou sarcasticamente – Nós iremos chegar às plantas em breve, não se preocupe – Ele piscou para mim e me agarrou pelo braço me guiando para fora da porta e de volta ao caminho de cascalho.

Nós caminhamos em silêncio até o laboratório de pássaros e vida selvagem enquanto eu começava a pensar que ninguém iria levar a sério minha presença ali. Scott não estava absorvendo o fato de que minhas estranhas habilidades não eram apenas com plantas. Era com tudo na natureza. Eu apenas tinha uma tendência maior para com as plantas, porque a extraordinária ligação que eu tinha com elas era segura. Com animais você nunca sabe o que vai acontecer e buldogues eram os piores, não que eles quisessem me machucar, mas a baba era nojenta.

Scott abriu a pesada porta do laboratório e nos entramos na severa sala branca. Estudantes estavam socializando casualmente enquanto eles iam de mesa em mesa. Eu



seguí Scott até uma mesa de laboratório no fundo da sala e nós sentamos nas banquetas altas. Eu observei seu rosto animado cuidadosamente enquanto ele se sentava numa posição perfeita e me perguntei por que ele não teria mais amigos.

Dando uma olhada ao redor, notei que todas as janelas tinham telas e supus que seria para evitar que os pássaros fugissem por ali. À extrema esquerda havia um largo cercado parecido com um grande aquário que se estendia da porta da frente até o teto, e lá dentro, eu vi um esquilo se movimentando lentamente entre os galhos de seu confinado habitat. Havia seis mesas de laboratório, todas grandes o suficiente para dois ou quatro estudantes. A sala parecia esterilizada, como um consultório médico, mas eu gostei.

Embora a maior parte do espaço fosse renovadoramente clara, eu ainda não havia feito nada que melhorasse meu humor. Os estudantes haviam começado a sentar organizadamente em seus lugares quando a porta da sala abriu abrupta e brutalmente, a maçaneta batendo contra a parede antes de voltar lentamente.

Eu olhei em volta desconfiada, toda a sala em completo silêncio e os estudantes congelados como estátuas em suas banquetas. Eu olhei para Scott em busca de uma explicação enquanto medo e confusão começavam a tomar minha mente.

Ele me olhou nervosamente enquanto cruzava as mãos polidamente a frente dele.

— O professor Edgar é bastante rigoroso — Ele assobiou entre dentes — Você deve permanecer tão quieta quanto for possível e o mais alerta que puder ou... — Ele parou de falar quando passos ecoaram pela sala.



Meus olhos se abriram em terror quando a porta se fechou deixando aparecer uma alta figura com um enorme falcão posicionado em seu forte braço. O professor era chocantemente jovem, não parecendo ter muito mais do que vinte anos e, seu rosto e olhos, eram como gelo por trás de seus óculos escuros e largo jaleco. De repente minha mente se enevoou e eu senti um fluxo de ansiedade apertar meu peito. Meu coração acelerou como se eu estivesse correndo perigo de vida e eu tive de me forçar a permanecer calma, focando em seu rosto ao invés disso.

A pele jovem dele era radiante e sem máculas. Ele possuía um queixo proeminente e grossas sobrancelhas que caíam bem em seu rosto. Os óculos que ele usava escondiam seus olhos fazendo com que fosse difícil dizer para onde exatamente ele estava olhando. Seus cabelos, negros como breu, faziam um belo contraste com sua pele pálida e pela primeira vez eu não me senti tão fora do comum assim.

Meu coração continuava batendo forte e o aperto em meu peito começou a beliscar dolorosamente. Eu comecei a me encolher incontrolavelmente e, de repente, minha cabeça pareceu se partir em agonia. Alguma coisa estava me atacando, alguém estava retirando a vida do meu âmago e eu me debatia tentando permanecer calma.

Scott notou que eu tremia e me olhou tenso, provavelmente esperando que eu não chamasse atenção. Eu olhei para ele preocupadamente enquanto eu lutava para sorver algum ar, mas meus pulmões doíam a cada respiração, o esforço fazendo minhas bochechas corarem como se um súbito jorro de sangue houvesse subido para minha cabeça.



– Classe – O professor ribombou. Ele ainda não havia me visto e eu rezava para que continuasse sem ver – O falcão vermelho é um feroz predador.

Eu notei o esquilo no viveiro pular do galho e se esconder numa casinha no canto mais longe enquanto o suor se acumulava em minha testa.

O professor então congelou, olhando a classe com seus olhos negros que haviam subitamente ganho um brilho novo, quase sinistro. Seus lábios estavam contraídos de fúria e suas narinas infladas.

O falcão gentilmente sentou no braço dele, indiferente à súbita perturbação mental daquele que o carregava. Eu via os estudantes contorcerem-se desconfortavelmente em seus lugares à medida que seus olhos pousavam em cada um deles.

Subitamente seus olhos encontraram os meus e todo meu corpo ficou inesperadamente fraco, meus membros pinicando como se alguém estivesse forçando areia para dentro de minhas veias. Coloquei minhas mãos na mesa para evitar cair, e senti o mundo a meu redor se dissipar lentamente enquanto eu o sentia me puxando para mais perto.

Os olhos dele queimavam mais negros agora, hipnotizando-me de terror. Não importava o quanto eu tentasse, eu não conseguia tirar meus olhos daquele rosto perfeito, o olhar dele se tornando tão difícil de agüentar que comecei a suar em profusão. Senti como se uma eternidade houvesse passado enquanto nos olhávamos, minha mente em um turbilhão sombrio.



As sobrancelhas dele dobraram-se ainda mais, as linhas de seu rosto cortando severamente a face pálida e angelical. Quando ele finalmente desviou o olhar, eu engasguei em busca de ar e o mundo ao meu redor voltou. Eu massageei meu pescoço e o senti dolorido como se alguém houvesse tentado me esganar.

– Ele – Scott sussurrou para mim freneticamente – Você está bem? – A garganta dele soou seca e a voz dele estava rouca.

– Sim – Eu respirei pesadamente, buscando me recompor e convocando uma coragem que eu não conhecia.

O professor ziguezagueou até sua mesa evitando olhar para a turma a fim de esconder sua expressão vacilante. Entretanto notei pela sua linguagem corporal que ele, assim como eu, estava tendo dificuldade em se recompor. Eu observei intensamente enquanto ele apoiava um de seus braços fortes contra a mesa de mogno, o falcão ainda sentado confiante, sem mudar sua postura perante a classe. Lentamente o professor se voltou e o aperto em meu peito se abrandou enquanto eu percebia que seus olhos estavam subitamente serenos.

– Classe – Ele recomeçou, tirando uma fina linha de suor da sobrancelha – Este falcão foi ferido – Ele moveu uma mão em direção à ave.

Eu lutava para entender o que havia acabado de acontecer. Porque havíamos reagido com tanta intensidade um ao outro?



– Nossa lição de hoje – Ele continuou – Será sobre a preservação e saúde desta criatura.

Ele começou a andar e meu coração acelerou. Enquanto ele chegava perto, eu percebi que seu tipo era muito sofisticado para a sua idade. Ele tinha um nariz empinado e se movia com absoluta perfeição.

– A asa dele está quebrada – Ele continuou, diretamente em minha direção, seus olhos negros ainda sem mostrar exatamente para onde ele estava olhando.

Na medida em que ele se aproximava de nossa bancada eu sentia minha respiração se tornando rasa e a agressividade nos olhos deles brilhou, tornando minha pele branca mais pálida ainda.

– E o seu nome é? – Ele finalmente parou em frente a mim.

Espremi com força as palmas das mãos contra a mesa enquanto tentava me manter calma, segurando minha respiração em completo choque. Os olhos dele buscavam fazer com que os meus buscassem os dele e mesmo por trás dos óculos escuros aqueles olhos pareciam brilhar.

Eu gaguejei nervosamente...

– El... – Minha voz estava rouca e baixa – Estella.



Eu vi os olhos dele reagirem a meu nome assim que eu o disse, brilhando com o que parecia ser uma luz azul. Ele ficou quieto por um momento e eu notei os estudantes ao meu redor me observando com olhares de pena.

— Estella — Ele repetiu. Um sorriso cruzou seu rosto e sua voz era doce como mel quando falou meu nome.

Uma estranha parte de mim ainda sentia aquele estranho magnetismo que me empurrava na direção dele, seu perfume quase floral preenchendo o espaço ao meu redor e fazendo cócegas no meu nariz.

— Será que você poderia fazer a gentileza de ajudar este falcão? — Os olhos dele se tornaram de um cinza tranquilo enquanto ele me olhava, a cabeça levemente inclinada em contemplação.

Eu lhe olhei mortificada, pois, se eu tocasse naquele pássaro, as pessoas iriam perceber que havia algo de estranho comigo. Eu sabia que minhas habilidades de cura não eram normais e eram bastante óbvias em situações como essa. O falcão se mexeu no braço dele, seu olhar penetrante me fitando longamente.

— Eu, hã... — Eu tentei sair de minha mente e fazer com que meus pensamentos atravessassem a grossa barreira de nuvens que os encobriam — O que eu devo fazer? — lágrimas se acumulavam nos meus olhos, mas não desciam. Eu senti os pelos das minhas costas se arrepiando quando a tensão reinante na sala me atingiu.



O falcão inclinou sua cabeça orgulhosa para mim curiosamente, imitando seu portador quando suas garras apertaram a manga da camisa escura do professor. De repente os olhos da ave foram de mim para o professor, que também olhou para o pássaro, como se eles estivessem tendo uma breve conversa telepaticamente.

Abruptamente os dois voltaram suas cabeças para mim e meu peito voltou a doer novamente. Eu senti a mim mesma me empurrando para trás na banqueta a fim de resistir à atração que emanava dele. O falcão pulou do braço dele até a mesa e a classe inteira engasgou em suspense. Eu tentei acalmar minha respiração, sabendo que o pássaro não me machucaria, mas meu coração ainda batia forte no meu peito e eu não conseguia fazer nada mais do que absorver o sentimento, um sentimento raro para mim.

O falcão deslizou suavemente até mim, sua pose nunca falhando apesar da asa quebrada e da dor que com certeza ele sentia. Eu senti o desconforto da ave em meu peito e me encolhi. Enquanto ele se aproximava eu quase podia sentir os pensamentos dele preenchendo minha alma sombria com uma fina bruma.

– Pegue as asas – O professor ribombou enquanto me olhava, o peso e força deste olhar surpreendendo-me em minha nublada compreensão – Sinta o osso para poder dividir com a sala – Ele falou entredentes, um estranho sorriso cruzando sua face jovem e macia.

Eu olhei para longe dele dolorosamente, meus olhos agora fixos no olhar âmbar do falcão. Pouco a pouco eu me soltei da mesa e levantei uma mão trêmula lentamente em



direção a asa quebrada. O falcão me observava confiante, nunca retrocedendo ante o avanço do meu toque. Seus olhos ambarinos brilhavam como moedas enquanto ele olhava em meus pensamentos encontrando calma lá.

Cuidadosamente eu baixei minha mão até sua asa poderosa, acariciando gentilmente a ponta da junção até suas penas. O pássaro abriu um pouco o bico, respirando fundo enquanto relaxava completamente as asas. Os estudantes em frente estavam ansiosos por ver melhor. Gentilmente eu peguei a asa do pássaro trazendo minha outra mão até seu peito e sentindo os ossos, finalmente encontrando a saliência na parte de baixo do seu bíceps. Fechando meus olhos, a culpa queimando, eu senti o osso se remodelando sob meu toque em uma cura rápida. Meu estômago girou horivelmente, meus nervos esmagando minha confiança como uma pedra gigantesca. Esse incidente absurdo iria com certeza garantir minha passagem de volta para casa.

Eu olhei para o professor timidamente, rezando para que ele não percebesse. Ele balançou a cabeça positivamente, seu olhar faminto em minhas mãos enquanto eu continuava a massagear o falcão delicadamente. Então o falcão estalou a língua e arrepiou as penas enquanto pulava para longe de mim, reposicionando a asa contra seu corpo macio como se nunca houvesse sido ferido.

Levantei meu olhar para o professor e agora seu rosto era uma máscara solene. Ele ficou ali por um instante enquanto o falcão retornava a se empoleirar no seu braço, suas penas alegremente arrepiadas, os olhos brilhando animadamente.



Do mesmo modo marcante como havia vindo, o professor girou nos calcanhares e marchou de volta por entre as mesas.

– Por hoje é tudo – Ele falou com sua voz forte enquanto saía pela mesma porta que havia entrado, sem mais nenhuma palavra ou explicação.

Minha respiração retornou e senti meus pulmões se encherem de ar novamente e a névoa que tomava minha mente esvaecer. Estava tudo confuso, o modo como ele havia me olhado, o modo como o falcão parecia saber algo sobre mim. Scott colocou uma mão nas minhas costas para me aparar quando eu me senti desmaiando, meus olhos girando para dentro da minha cabeça quando a sala se tornou subitamente escura.



EDGAR

Quando eu acordei, percebi que estava em um novo edifício. O teto era alinhado com vigas e o ar estava fresco e turvo.

– Oh, ai está você Senhorita – um leve sotaque britânico me influenciou a despertar – Você ficará bem. Temo que deva ter sido somente um pouco de ataque de ansiedade.

O dono da voz pressionou uma toalha úmida na minha cabeça.

– O que aconteceu? Onde eu estou? – Eu gaguejei ansiosamente, minha memória do falcão e do professor flutuando em minha cabeça como um sonho.

– Oh, não se preocupe, querida – ela ronronou – isto acontece mais do que eu gostaria nas aulas de Edgar. Ela riu alegremente.

Eu olhei para ela assim que minha visão clareou meu olhar, caindo em Scott quando ele sorriu e me deu um aceno um pouco estranho do banco no canto.

– O Scott bem ali lhe trouxe. Ele estava bem inquieto no começo, disse que você tivera a primeira experiência com Edgar. – Ela sorriu docemente para mim, as bochechas gordas apertando seus olhos em um alegre olhar de soslaio.



Eu me levantei, puxando a toalha da cabeça e correndo os dedos pelo meu longo cabelo liso.

– Oh... – Gaguejei – Sim.

– Você ficará bem então Senhorita? – Ela colocou uma mão em minhas costas, esfregando-a suavemente em um movimento circular. Eu olhei para ela de forma tranqüilizadora. – Obrigada, Senhorita... – Senhorita Dee. – Ela interrompeu educadamente. – Obrigada, Senhorita Dee. Eu ficarei bem.

Eu balancei minhas pernas para o chão, ficando em pé lentamente, sentindo-me ainda um pouco tonta, mas com vontade de ir embora. Scott apressou-se para o meu lado, agarrando um braço e me apoiando contra ele. Eu podia ver em seus olhos o jeito de seu olhar quando apoiei meu peso a seu lado, e, me encolhi ao pensamento de seduzi-lo por engano.

Eu sabia que havia uma razão para que ele estivesse me suportando, ele achava que eu era fofa. Lentamente nós saímos para o sol onde Scott virou para levar-me para minha cabana.

– Oh, espere – eu sacudi minha cabeça em desafio, meu peso morto parando-o no caminho – Scott nós deveríamos ir para a aula. – Eu olhei para ele, alarmada porque eu perderia meu primeiro dia.



Scott olhou pateticamente para mim — Você esteve fora por um tempo. As aulas já acabaram. — Ele olhou para mim estranhamente como se questionasse se eu estava realmente bem. — Eu só vou levá-la para o seu quarto, e talvez pegar alguma comida para você?

Suspirei furiosa por me permitir ficar tão vulnerável. Já era ruim o suficiente que eu era a mais nova em meu programa, agora eu parecia a mais fraca também. Na metade da subida, eu encolhi os ombros para estrategicamente afastar Scott levemente, deixando-o saber que não tinha que me segurar tão forte.

— Então... — Eu olhei para ele quando dei alguns próprios passos vacilantes sem usá-lo como muleta. — Qual é o negócio com o professor Edgar?

Scott riu quando olhou para mim — Ele é desagradável, isso é certo. — Suas sobrancelhas estavam erguidas e a voz cheia de desdém.

Eu pensei em como o olhar do professor parecera queimar dentro do meu peito, o quão rápido meu coração tinha acelerado embora eu não estivesse em grave perigo. Era estranho que, embora meu corpo reagisse como se estivesse, minha mente não estava tão assustada quando eu teria pensado. Era como se ele tivesse me intoxicado para sentir-me um pouco segura, como um predador faz com sua presa.

— Ele está por aqui por um tempo, eu suponho — ele continuou — mas é difícil dizer por quanto tempo, eu não acho que as pessoas realmente já o notaram, ele é meio que...



– Jovem? – Cortei minha voz soando um pouco sarcástica.

– Bem, sim, ele é bem jovem. – Scott deu de ombros, considerando o problema e tornando-se mais perplexo. – Mas como eu estava dizendo, características muito estranhas.

– Ele não pode ter muito mais que vinte anos. – Eu ainda não conseguia esquecer seu rosto lindamente jovial. – Quero dizer, eu acho, eu tenho apenas dezoito, talvez ele tenha se tornado professor aos dezoito também? – Eu arrisquei.

– Bem, ai é que está. Ele esteve aqui por mais tempo que isso em qualquer cálculo... – Ele fez uma pausa quando chegamos ao grande gramado do lado de fora da cabana. – Eu não tentaria descobrir muito sobre ele. Você viu o que acontece. – Ele olhou para mim com ar conhecedor.

Eu concordei seriamente, os olhos do professor ainda flutuando na minha memória. – Então como era – ele derrubou seu olhar para o caminho – quero dizer, o que aconteceu? Foi tão estranho.

Ele olhou para mim com os olhos arregalados, o corpo tremendo de suspense. – Todo mundo está meio que curioso.

Eu enruguei o nariz enquanto eu pensava:

– Bem... – Tentei pescar na memória, mas quanto mais eu tentava me lembrar, mais eu parecia esquecer – Eu acho que não tenho certeza. – Eu queria manter isso tudo em segredo, pelo menos até que pudesse entender isso eu mesma. – Eu suponho que foi



um ataque de ansiedade – eu parei para inventar uma desculpa mais acreditável – quero dizer, não é como se eu fosse à pessoa mais valente do bando, não me surpreende que eu tenha desmaiado.

Scott olhou para mim com um olhar perplexo, aparentemente caindo na minha teoria. Ele deu de ombros. – Bem – ele me bateu de leve estranhamente no ombro – você vai se deitar, e, eu vou pegar alguma comida para você.

Eu concordei e ele pegou seu caminho, descendo a colina e me virei lentamente fazendo o caminho para a varanda, tirando minhas botas e as deixando lá fora. Entrando na minha cabine, eu notei que nada tinha mudado o fato de que não houvesse cadeados nas portas, isso meio que me irritou. Fui para minha cama e instintivamente me aconcheguei embaixo das cobertas, puxando-as até o queixo e me escondendo para longe do mundo.

Meus olhos estavam pesados e o latejar em minha cabeça era insuportável. Fechei os olhos para a dor e antes que eu percebesse, minha mente estava negra, e eu estava sonhando. A escuridão de repente apagando a luz, como se alguém tivesse virado o interruptor no quarto da minha mente.

A mesma sala de aula vaga apareceu diante de mim, enquanto a fumaça girava me rodeado. Olhei em volta cautelosamente, mas não havia alunos e eu estava sozinha, minha testa profundamente suada enquanto eu ficava lá sem vida.



Os contadores brancos estavam diante de mim e eu percebi uma sensação de calma envolvendo meu vazio coração. De repente, algo no breu chamou minha atenção, meus olhos se revezavam entre os contadores. Eu pulei, lentamente, abaixando o olhar ao nível do chão, enquanto minha frequência cardíaca permaneceu a mesma.

Minha mente curiosa me chamou para fora do meu estado parado enquanto eu estava agachada no chão, me movendo defensivamente. Assim, eu fiz meu caminho entre as linhas, verificando cuidadosamente cada corredor, o meu ritmo cardíaco acelerou, finalmente, me dizendo que eu estava ficando mais perto do que quer que estivesse lá. Enquanto eu dobrava a esquina em direção à frente, um estridente – *Caw!* – me pegou desprevenida e o meu olhar direcionou para a tabela no lado direito da sala, o meu corpo caiu duro no chão e meus olhos arregalaram de terror.

Ali, pairando em cima do balcão, estava um grande corvo preto, seus olhos brilhando como uma opala azul da meia-noite e profundamente multifacetada com a luz. Ele me encarou por um longo tempo, seu corpo elegante como uma pedra. Meu peito ardia dolorosamente enquanto eu engasgava em agonia. De repente, o grande corvo preto espalhou suas asas ameaçadoramente e soltou outro estridente – *Caw!* – enquanto ele se jogava da tabela e em linha reta, em direção ao meu rosto. Eu rapidamente protegi meus olhos, tentando gritar quando a dor em meu peito sufocou a voz da minha garganta.

Acordei gritando enquanto Scott corria à porta, deixando cair um prato de comida no chão e correndo para o meu lado.



– Elle? – Ele estava respirando freneticamente, as mãos agitando meus ombros e me chamando para me acalmar. – Elle, você está bem? – Seus olhos estavam arregalados, quando eu finalmente olhei para eles.

Eu respirava com dificuldade; minha testa revestida com meu suor e minha garganta seca dolorida.

– Elle, está ok, você está bem, eu acho que você estava sonhando. – Ele me encarou por um momento, enquanto minha respiração se acalmava, meus cobertores violentamente emaranhados em torno de mim.

– Desculpa – eu tremia nervosamente – foi apenas um pesadelo. Os olhos do corvo ainda queimavam na minha lembrança, brilhando com poder.

– Acho que você bateu sua cabeça muito forte quando você caiu daquele banquinho. Ele rapidamente se ajoelhou no chão, cuidadosamente pegando o prato, salvando o que podia e trazendo-o para mim. – Aqui – ele o colocou no meu colo – desculpe por isso.

Sentei-me contra a borda e sorri agradecida, olhando para o seu sorriso patético quando ele me olhou com cuidadosa diligência.

– Você quer que eu fique com você? – Ele perguntou. Sua voz estava cheia de esperança e eu vi o entusiasmo em seus olhos.

Culpa de repente tomou conta de mim, eu não gostava dele assim, nem um pouco. Se fosse algo, seria pena, por ele querer ser meu amigo e tão deprimente deveria ser para ele.



– Não – eu mastigava um pedaço de frango com gratidão – Eu vou ficar bem.
Você não tem que cuidar de mim.

– Você tem certeza? – Eu podia ver que ele ficou desapontado – Eu não me importaria.

Eu pensei sobre sua mãe e o quanto ele provavelmente sentia falta de cuidar dela.

Forcei outro sorriso vazio – Sim, eu tenho certeza, e eu vou ficar bem. – Eu não estava com medo do meu sonho, apenas perplexa e intrigada.

– Ok, bem, eu acho que eu deveria ir, temos rock club esta noite. Eu convidaria você, mas, considerando a sua condição, eu acho que é melhor você descansar. Vou lhe encher mais tarde.

Ele parecia satisfeito com a tarefa e eu balancei a cabeça em cumprimento. Ele se levantou e caminhou através da porta aberta, fechando-a atrás de si com tristeza.

Enquanto eu pegava o jantar um tanto arruinado, eu pensei sobre o corvo. Não fazia sentido para ele me atacar. Os animais nunca me atacaram mesmo nem os mais perigosos. Algo sobre isso era assustador, mas também familiar. O rosto do professor ainda estava em minhas lembranças, bem como, a aparência séria e os olhos bonitos que tinham me encantado profundamente. Ele estava tão sombrio e tão completamente misterioso, e sua juventude óbvia era intrigante. Não fazia sentido ele ser tão jovem. Além



de sua aparência sobrenatural, também havia algo sobre ele que me puxava para em sua direção, chamando meu coração e um sentimento que eu não conhecia.

Eu coloquei o prato sobre a mesa da cabeceira, quando eu levantei e andei até a janela, estava anoitecendo e as estrelas logo voltariam. Olhei para o laboratório de pássaros curiosamente, mas para minha decepção, tudo estava escuro. Lentamente, levantei o punho à minha porta, torcendo-o cuidadosamente enquanto eu o abria para o mundo. Saí na varanda, os meus nervos abalados enquanto eu olhava em volta nervosamente antes de finalmente me acalmar na borda. Eu suspirei, olhando para o céu azul marinho e escolhendo as poucas estrelas primeiramente e contei-as sem pensar.

Meu olhar caiu sobre o laboratório escuro como um ímã. Amanhã, eu voltaria para aquela sala e uma parte de mim estava animada. Eu franzi minha testa em frustração com a mistura de emoções nadando em minha mente, o medo, a calma, e a confusão. Eu coloquei minha mão em meu peito enquanto tentava sentir a minha alma, mas ainda assim, não havia nada. O desenrolar dos acontecimentos do dia foram bastante dramáticos, o gavião, eu lembrei, de quão felizmente ele olhou para mim.

Fiquei confusa sobre o que Edgar tinha pensado sobre o fenômeno, obviamente, ele saberia que algo estava estranho, ele era o professor depois de tudo. Ele havia deixado a sala tão abruptamente como se a tarefa que ele tinha praticamente me obrigado a fazer, tinha enraivecido ele. O ar de violência do Professor Edgar parecia penetrar na alma de cada aluno, exceto em mim. Meus sentimentos eram muito mais do que apenas isso. Eu



atribuí a razão da minha súbita sensação de calma por ser um produto da minha óbvia falta de uma alma humana, algo que eu realmente almejava.

Talvez a minha capacidade de não ter nada a perder irritou o professor. Eu não tinha nada para sentir a não ser tristeza, mas ele não poderia me machucar mais do que isso.

A Noite, finalmente, chegou e voltei para a cabine para me deitar. Uma onda composta por medo passou por mim enquanto eu me perguntava se o corvo voltaria a visitar os meus sonhos. Uma parte de mim desejava, ansiava por saber o que ele faria. Foi apenas um sonho, afinal de contas, e apesar de ter sido terrível, eu estava curiosa para me aproximar e olhar mais profundo em seus lindos olhos e afiadas penas elegante.



UM PRESENTE

Pela manhã, despertei com o ensurdecedor som que pardais e pintarroxos⁷ faziam nas árvores lá fora. Eu olhei para meu relógio, e percebi que hoje teria mais tempo do que ontem para me preparar antes que Scott viesse inevitavelmente bater à minha porta. Joguei minha cabeça de volta no travesseiro, chateada. Meus sonhos haviam permanecido desapontadamente brancos a noite toda e, para meu arrependimento, o corvo não havia voltado.

Engatinhei para fora da cama e agarrei o mesmo jeans que havia usado ontem, agora ligeiramente encardido e cheirando a brim molhado e peixe. Procurando fundo na bolsa eu peguei também uma camiseta térmica azul marinho que, felizmente, estava limpa e fresca. Eu temia o momento em que eu teria que lavar as roupas.

Caminhando para o banheiro eu fechei a porta atrás de mim, trancando-a por mero hábito. Peguei um pouco de sabonete do aparador e lavei meu rosto rapidamente, embora minha pele já parecesse limpa e saudável. Enquanto escovava meu cabelo, pensei sobre a

⁷ Pequeno pássaro da família do tentilhão. O pintarroxo comum vive na Europa e no norte da Ásia. Via de regra, é castanho, com listras escuras no dorso. A frente e o peito do macho adquirem coloração vermelha durante a estação de acasalamento. Os pintarroxos são pássaros de gaiola muito apreciados, por causa de seu canto mavioso e sua alegre disposição de ânimo.



psique maravilhosamente forte do professor. Ele era como um deus grego, mas sem as salas de musculação e triatlons. Ele era muito diferente dos garotos que eu havia visto no colégio e eu não podia fazer mais do que reconhecer o fato de que ele era incrivelmente atraente.

Olhando no espelho eu me perdi nos meus olhos azuis claro. Eu esqueci o professor e em vez disso comecei a me perguntar por que não havia nada ali, por trás de algo tão bonito e límpido. Eu já tinha visto a vida nos olhos de Scott, a profundidade lúcida da felicidade e do sentimento. Meus olhos eram completamente despojados de qualquer faísca, substituída pela emoção forjada e pelo vazio. Finalmente desviei o meu olhar para longe, sobrancelhas unidas em desgosto.

Voltei para o espaço principal e me aproximei da janela, a luz do sol penetrando o quarto como lâminas afiadas. A flor roxa no peitoral tinha começado a se multiplicar, dois novos ramos surgiram da terra úmida e começaram a abrir suas pétalas suavemente em direção a luz da manhã. Toquei uma pétala, que de imediato se abriu para mim. Eu suspirei com a sua amorosa beleza, grata que pelo menos ela parecesse contente com sua vida simples.

Quando olhei para cima da planta e para fora da janela, eu vi Scott avançando até a colina em direção a minha cabine. Revirando os olhos, abri a porta e balancei a cabeça em reconhecimento, imaginando que eu o encontraria no meio do caminho. Ajoelhei-me para calçar as minhas botas, mas de repente saltei para trás em choque. Casualmente, perto da sola, persuadida pela brisa suave, repousava uma única pena negra. Cautelosamente, fui



em frente, agarrando a pena com uma mão trêmula e trazendo-a até meu rosto. Minha respiração se lançou sobre ela na medida em que eu examinei a sua aparência estranha.

— O que é isso? — Scott bufou enquanto ele se aproximava de mim.

Olhei atentamente para os folículos separados da pena perfeita, inabalada por sua interrupção. — É uma pena — eu disse vagamente, minha mente vagando com o reconhecimento. Eu torci na minha mão, observando o brilho opalescente evidente que possuía.

Scott agarrou-a bruscamente de minha mão e eu fiquei de boca aberta de espanto.

—Uma pena de gralha — replicou grosseiramente.

Eu lentamente me ajoelhei e agarrei minhas botas, meus olhos ainda bem abertos, enquanto fazia menção de me calçar. — Eu acho que é uma pena de corvo, na verdade — eu o corriji cheia de culpa.

Scott me deu um olhar confuso — Gralha, corvo. Qual é a diferença?

Revirei os olhos tristemente, saindo do meu transe, e como eu não estava disposta a corrigir suas declarações imbecis, apenas disse: — Claro talvez você tenha razão — eu respondi.

Scott empurrou a pena de volta para mim e eu corri para dentro para colocá-la no criado-mudo ao lado da cama. Sua beleza era de tirar o fôlego, e o jeito que caiu na mesa



fez parecer como se não tivesse peso algum. Ouvi Scott assobiar impaciente lá fora e rapidamente peguei a carta de minha mãe tocando-a gentilmente. — Eu te amo, mãe — sussurrei suavemente antes de colocá-la novamente ao lado da pena.

Rapidamente peguei minha bolsa e sai correndo pela porta enquanto Scott batia o pé, e estava com as mãos nos bolsos.

— Desculpa — eu respirei quando cheguei ao seu lado — Eu sei que estamos atrasados.

Seu sorriso inocente sugeriu que ele não havia se importado, mas eu sabia que ele estava apenas sendo um “passivo-agressivo”.

Nós caminhamos lentamente descendo o morro em silêncio enquanto eu considerava o aparecimento da pena e como ele poderia estar ligado ao pesadelo de ontem. Tudo parecia surreal à luz do novo dia e quando nos aproximamos da lanchonete, eu estava ansiosa para chegar ao laboratório de aves. Havia tanto que eu precisava aprender.

Hoje, Scott encheu seu prato com o que pareciam ser pardos brownies integrais e molho tofu. Olhar para a sua porção imensa fez meu estômago coalhar de nojo e eu lutei contra a súbita vontade de vomitar. Eu novamente optei por um muffin de farelo de trigo, pensando que seria mais fácil no meu estômago. Enquanto sentávamos à mesma mesa, eu assisti Scott enfiar colherada após colherada da substancia com aparência de vômito em sua boca enquanto eu me forcei a comer apesar das náuseas que ele estava me dando.



— Então... — Scott olhou para mim quando ele finalmente começou a ficar cheio —
Você acha que vai sobreviver a todas as suas aulas hoje?

Dei de ombros — Eu espero que sim. — Levei um momento para engolir o meu
último pedaço de bolo. — Depende do que o Professor Edgar me pedir para fazer hoje,
suponho eu.

Scott soltou uma risada ameaçadora — Você vai descobrir que o pior já passou, ele
nunca pega a mesma pessoa duas vezes.

Olhei para ele curiosamente — É normal que as pessoas reajam da maneira que eu
fiz? E para ele, a reagir da maneira que ele fez? — eu estava pesquisando para ver se havia
sido eu especificamente ou se eu estava simplesmente imaginando que havia alguma
ligação.

Scott resmungou um pouco, erguendo as sobrancelhas: — Eu não sei. Aquilo com
certeza foi estranho, mas vendo como ele é sempre estranho, eu não me preocuparia
realmente com isso. — Ele me acenou com a mão que me disse para esquecer o assunto,
mas eu não podia.

Eu estava ansiosa para ir para a classe incubadora, ansiosa para ver seus olhos de
novo. Levamos nossos pratos para as cubas de limpeza e deixamos a lanchonete um pouco
mais cedo, ainda em passo rápido do rush anterior. Chegamos ao centro de incubação e,
novamente, a sala estava vazia. Scott correu para os tanques e olhou em suas profundezas.



Eu fiquei um pouco para trás, temendo que, se houvesse uma repetição do passado, eventualmente Scott notaria que alguma coisa sobre mim era realmente estranha.

—Olha! — Scott apontou para o meu tanque — Este tanque tem um peixe que é muito maior que os outros. — Sua voz era estridente e irritante.

Revirei os olhos, sabendo que era o peixe que eu tinha ajudado ontem. Ele havia crescido durante a noite como eu suspeitava que ele fizesse.

— Ele deve ter saltado de um dos tanques adjacentes — disse ele francamente. A teoria de Scott era profundamente falha, considerando-se que os dois tanques adjacentes estavam cheios de peixes pequenos.

Eu balancei a cabeça. — Hmm... Deve ser.

Ele olhou para mim com orgulho.

Eu teria pelo menos esperado que ele percebesse que ainda havia uma dúzia de peixes em cada tanque. Assim, a não ser que dois peixes tivesse milagrosamente pulado de um tanque ao outro simultaneamente, nada em sua declaração soava verdadeiro. Desviei o olhar dele, esperando que ele não visse através de mim.

Finalmente o resto da turma começou a aparecer e eu mais uma vez me afundei no fundo da sala, ainda mais longe dos tanques, se isso era mesmo possível. A professora mostrou os frascos contendo diferentes raças de ovos fertilizados de peixes. De longe, pareciam pouco menos do que os pequenos pontos. Eu não aprecio necessariamente a idéia de ovos de peixes, algo tão pegajosa, tão nojento.



Olhei para fora das janelas altas e estreitas do centro de incubação em direção ao pico glacial em todo o lago. Visto que eu passei a maior parte da minha vida em Seattle, eu ainda não tinha realmente visto neve, pelo menos, não da maneira que seria de esperar. A bagunça lamacenta da cidade era mais uma inconveniência molhada do que uma bela ocorrência. Eu sempre quis saber, sem os sons do trânsito, se a neve faz um som. Meus olhos escaneavam as nuvens nebulosas na medida em que elas lentamente circulavam o pico mais alto. Por um tempo, a tranquilidade da cena me envolveu.

Fechei os olhos, imaginando estar em cima desse pico, imaginando a forma como me sentiria se fosse uma nuvem, passando os braços ao redor da montanha com verdadeiro sentimento de amor. Quando eu abri meus olhos poucos minutos depois, caí de volta à minha triste realidade. Meu coração não tinha se sentido da mesma maneira que minha mente e, eu olhei para a classe em derrota.

Os alunos foram passando agora os frascos pela sala e os observei fazendo seu caminho em direção a mim. Enfiei as mãos nos bolsos da minha calça jeans em um impulso quando Scott empurrou um frasco na minha cara. Eu franzi os lábios na minha melhor imitação de nojo e balancei a cabeça em rejeição. Scott deu de ombros e passou o frasco adiante, já que eu não ia tocar o ovo. Morto ou vivo, o resultado seria terrivelmente difícil de explicar com uma mentira, ou, tentativa de ocultação.

Após os frascos serem devolvidos para frente, a professora despejou cada um em um tanque separado que havia na sua mesa. Meu palpite, já que eu não tinha escutado, era de que daquele modo nós pudéssemos assistir ao processo de nascimento ao longo da



semana. Respirei profundamente antes de expirar lentamente, percebendo que eu tinha escapado por pouco.

A classe foi dispensada e a sala irrompeu em um zumbido baixo de conversa tranqüila. Um grupo de alunos se reuniu no canto onde estavam, obviamente falando de minha pessoa, em tom de voz silencioso, enquanto seus olhos pulavam de mim para Scott. Eu imediatamente comecei a me sentir desconfortável e rapidamente fiz um movimento para sair.

Scott não tomou conhecimento deles enquanto fazíamos nosso caminho até a porta, mas meus olhos estavam cautelosamente fixos em suas frias expressões.

Um bufo de repente rasgou na garganta de Scott e eu quebrei violentamente o olhar:

— Bem, hora de ver o Professor Danação agora. — Ele me olhou com sarcasmo e eu lhe dei um soco no braço.

Enquanto caminhávamos para o laboratório pelo caminho de cascalho, deixei o rangido acalmar as batidas do meu coração. Eu não poderia dizer se eu estava com medo, ou apenas ansiosa. Quando Scott abriu a porta para o laboratório, meus olhos caíram sobre a cena familiar do meu sonho, ainda mais realista e muito menos embaçada.

Sentamos nas mesmas banquetas da fila de trás e me acomodei nervosamente, olhando para o branco leitoso do balcão de fórmica e deixando meu cabelo cair em cortinas brancas ao redor do meu rosto. Senti os olhos de Scott em mim e eu sabia que ele



estava preocupado. Ele acariciou minhas costas desajeitadamente e eu fechei meus olhos desejando que ele me deixasse sozinha.

Cada aluno sussurrava asperamente quando passava por mim. Eu olhava para cada um, sabendo que meu rosto poderia ser tão ameaçador quanto o do professor havia sido. Minha pálida face era fácil de manipular. Tinha de ser se eu esperava me encaixar e sorrir de vez em quando.

A porta da frente rangeu novamente aberta e a sala se preencheu do mesmo silêncio frio da pedra. O professor entrou na sala com uma pequena coruja empoleirada silenciosamente em seu ombro, mas desta vez, meu peito não doeu. Eu o observei com cautela, enquanto ele andava com confiança para frente da sala.

Os olhos cinzentos por trás de suas lentes coloridas não eram da mesma intensidade de antes e havia algo diferente nele, mais reservado. Seu rosto de porcelana e cabelos escuros estavam perfeitamente arrumados e eu me perguntava como alguém podia parecer tão bem quando exposto a tão pouco no isolamento das montanhas.

— Muito bem, classe. — Ele explodiu, verificando cada estudante, mas desta vez, evitando o meu olhar. — Esta é uma Coruja Manchada do Norte — continuou ele, erguendo o pequeno pássaro no ar para que todos vissem.

Não havia nenhum sinal da intensidade maligna de ontem, mas eu ainda podia sentir a atração gravitacional que me empurrava em direção a ele. Era como se um pequeno anel houvesse sido anexado ao meu peito e uma linha me enrolasse em um



pequeno clique de cada vez. Eu sentei na beira da minha cadeira, meus olhos fixos nos dele, curiosamente instando-o a olhar para mim.

– Ele é da família Strigidae e classificada como vulnerável sob o nosso estado de conservação. – A coruja virou a cabeça graciosamente, como se esta não estivesse colada ao corpo, seus olhos de um amarelo intermitente brilhavam calmos, como um gato à noite.

– Porque ela vive principalmente em florestas antigas, temos de aprender a cuidar dela respeitosamente – ele passeava em passos largos na frente da sala.

Eu estava frustrada por sua súbita mudança de humor comigo, ele estava me ignorando e eu odiei isso. Eu me contorcia no meu banquinho ofensivamente, fazendo qualquer coisa para ganhar o seu interesse novamente.

Scott sussurrou pelo canto da boca: – Elle, você está ok?

Concordei vigorosamente enquanto ele continuava em sua posição de estátua ao meu lado, olhando-me sem jeito.

O tempo passava, enquanto ele sabatinava sobre a coruja e eu finalmente desisti. Minha excitação inicial sobre o professor e a condição do falcão havia infelizmente desaparecido. Se ele soubesse alguma coisa, ele não iria revelá-la para a classe, mas ainda assim, senti seus olhos fascinados em mim. Enquanto os minutos passavam, pude sentir a tensão da linha em meu peito crescer a um nível quase irresistível.

–E isso é tudo – ele finalmente ribombou.



Eu saí do estado atordoado que estava olhando-o enquanto ele se inclinava para a classe, quebrando o seu poder sobre mim. Era como se alguém tivesse tirado uma tesoura e cortado a linha, um alívio repentino como se liberando uma catapulta no meu peito.

Ele elegantemente saiu da sala com uma rapidez que me espantou. Eu permaneci sentada por um momento com minha mente trabalhando em meio à névoa que ainda não tinha se dissipado, apesar de sua mudança de atitude. Scott levantou-se da banqueta enquanto olhava para mim, obviamente, pronto para me pegar caso eu desmaiasse novamente.

—Tudo bem aí, Elle? — Ele gaguejou nervoso.

A pontada de preocupação em sua voz me irritou. Porque Edgar não havia se aproximado de mim novamente? Por que ele não havia me questionado sobre o que tinha acontecido no dia anterior? Eu soltei o punho sobre a mesa com toda a raiva que eu tinha e agarrei a minha bolsa ferozmente, passando feito um furacão por Scott e empurrando as portas.

Scott seguiu-me timidamente como um cão de estimação.

Eu tomei uma respiração profunda — Qual é o problema desse cara! — Eu gritei alto.

Scott olhou-me timidamente e, por um momento, de repente, senti culpa por atacá-lo. Seus olhos estavam arregalados e os lábios tremiam quando ele deu de ombros, encontrando-se sem palavras.



—Scott, desculpe — eu baixei minha guarda e voltei-me para ele, dando-lhe um tapinha amigável no braço. — Eu não queria descontar em você, é só... — Eu pensei rapidamente no que usar como desculpa — É só que ele sequer pediu desculpas a mim pelo que ele fez.

Um olhar de alívio atravessou seu rosto. — É — ele fez uma pausa como se seu comportamento estivesse voltando ao seu natural, inábil e balbuciante. —Ele é apenas um cara estranho.

Eu simulei uma risada, imaginando que isso iria ajudar a colocar todo o incidente para trás. Começamos a caminhar outra vez enquanto nos dirigíamos para as estufas ao que eu esperava ser a minha classe favorita. Eu precisava de algo para me acalmar e reagrupar os meus pensamentos.

As estufas ficavam atrás da lanchonete, indo por um longo corredor ao ar livre criado pelo espaço entre os edificios adjacentes. Quando entramos na trilha que passava por um grande campo, o mato alto inclinou para mim como se eu fosse um ímã e eles fossem feitos de metal. Scott olhou ao redor, desconfiado, mas a inflexão da grama era tão suave que era difícil para ele acreditar no que ele estava vendo.

— Então, como foi essa aula ontem? — Eu perguntei levemente, fazendo um movimento estratégico para distraí-lo.

O olhar dele se afastou um pouco das gramíneas. — Ótima. Nós ah... — Ele ainda estava olhando ao redor inquietamente, incapaz de desviar o olhar. — Bem, eu quero dizer,



depois que eu levei você para a enfermaria, nós plantamos sementes de girassol e aprendemos sobre plantas comestíveis.

Minhas sobrancelhas se ergueram, tentando criar mais drama. — Plantas comestíveis, hein?

— Sim — sua voz parecia distante e distraída.

Limpei a garganta de repente, quebrando a sua atenção. O olhar atordoado começou a deixar seu rosto e ele me olhou nos olhos.

— Bem, então, se algum dia sairmos em uma caminhada ou ficarmos perdido, nós saberemos o que podemos e o que não podemos comer — ele continuou.

Finalmente pude ver que ele havia parado de prestar atenção na grama e eu mentalmente me parabenizei por confundi-lo com sucesso. O vento soprava livremente pelo meu cabelo, enrolando-o ao meu redor como ele amava fazer.

— Bem, isso é sempre uma ferramenta útil, não é? Saber o que não vai nos envenenar — arrisquei.

Ele assentiu gravemente, de repente hipnotizado por meus olhos ao sol. À medida que finalmente chegamos à porta da estufa, sua mente tinha sido completamente perdida. Eu pensei comigo mesma por um breve momento que, se ele pensava que as gramíneas eram estranhas, esperasse até ver o que iria acontecer lá dentro. Eu só esperava que tivessem corredores largos o suficiente para que eu pudesse distanciar-me das plantas o suficientemente longe para não criar quaisquer grandes ondas.



Scott agarrou a maçaneta e abriu as portas. Para meu alívio, meus desejos haviam sido atendidos, pois amplos corredores espaçosos foram estabelecidos em todo o comprimento da sala. Todo o ambiente era banhado por uma aconchegante cor verde que vinha do vidro e o ar úmido da estufa foi acolhedor contra a minha pele clara.

Qualquer ambiente onde plantas pudessem prosperar sempre me fizeram sentir muito mais confortável, e, em breve, com minha tensão relaxada, também relaxaria a força que eu tinha sobre as plantas.

—Então, aqui estamos... — Sua voz foi sumindo. Ele me olhou com espanto quando me aproximei de um longo banco de lírios plantados.

Cada lírio virou lentamente suas pétalas para mim, tão lentamente que quase não foi perceptível. Foi como se eu fosse o sol e eu vi Scott sufocar-se completamente.

—Como você fez... — Ele gaguejou nervoso.

Eu virei minha cabeça para encará-lo. — Como eu o quê? — Eu questionei, percebendo com tristeza como sempre era fácil convencer as pessoas de que tinham acabado de imaginar coisas. Era da natureza humana o fato de que ninguém queria pensar que estava louco.

— Não se preocupe — ele olhou para baixo, balançando a cabeça em descrença, internamente lutando com o que ele tinha, ou melhor, não tinha visto.

Quando o resto da turma encheu a sala, os lírios não eram nada em comparação com o espaço lotado e senti uma enorme sensação de alívio. Entre todos os estudantes,



seria fácil manter o meu segredo. Eu me mantive perfeitamente quieta, a respiração o mais leve possível.

O resto do dia Scott olhou-me com confusão. Eventualmente, eu era capaz de enganar sua mente tão profundamente que ele nem sabia onde o céu estava. Depois da nossa última aula, ele caminhou comigo até minha cabine, mas sua nova atitude silenciosa era deliciosamente preocupante.

— Então — seu rosto estava confuso — Você quer ir para o jantar ou algo assim? — ele tinha um olhar no rosto que sugeria que ele não tinha certeza sequer se ele estava realmente com fome.

Eu dei-lhe um olhar azedo. Eu queria desesperadamente voltar correndo para o meu quarto para examinar a pena de corvo mais de perto, então eu rapidamente pensei em uma desculpa.

— Não... — Eu pressionei minhas mãos nos bolsos arbitrariamente — Eu ainda estou cansada de tudo isso, acho que vou apenas deitar.

Scott tinha o olhar travado no chão:

— Ah... — Eu poderia dizer que ele ainda estava perplexo — É, tudo bem então. — paramos no caminho e ele olhou para mim: — Bem, acho que eu venho te pegar amanhã? — Ele sorriu friamente.



—Sim — fingi outro sorriso, sentindo que eu tinha arruinado ele o suficiente por hoje. — Só venha me pegar amanhã. — Essa coisa de amizade estava ficando mais fácil a cada segundo. Eu não sabia que era tão fácil manipular alguém.

Ele lentamente se virou para o refeitório, como um cachorro atordado.

—Tchau — acenei, mas eu percebi que não estava fazendo nenhum bem com aquilo. Assim, eu suspirei e me virei para a cabine, apressando o passo em súbita excitação.



A CAMPINA

Corri pela porta batendo-a forte atrás de mim, enquanto o vento resultante, fez com que a pena esvoaçasse levemente sobre o criado mudo. Olhei para ela com vontade, correndo pelo quarto, jogando minha mochila no chão como se fosse uma trouxa de roupa suja. Sentando na beirada do colchão, me abaixei para acender a lâmpada, da qual, a luminosidade fez com que a pena brilhasse. Vagarosamente peguei-a pelo talo, deixando que seu brilho prendesse meus olhos.

Enquanto girava a pena sob a lâmpada, sua escuridão absoluta me deixou maravilhada. Eu jamais havia visto uma coisa tão radiante, tão misteriosa.

– Ai! – Gemi – olhando surpresa para meu dedo, cortado pela ponta do talo.

Examinei a ponta suja de sangue, observando que era afiada como uma navalha. Gentilmente, segurei-a como a uma caneta e passei sobre a ponta da mesa fazendo com que uma lasca de madeira saltasse em minha direção. Aquilo não era apenas afiado, mas extremamente forte e eu perdi a respiração em descrença. Não era uma simples pena, era uma armadura.

Pisquei, olhando mais um pouco, passando os dedos gentilmente pelas laterais, cuidadosamente evitando as pontas. Quando tentava dobrar a penugem para o centro



como um fino tufo, ela instantaneamente pulava de volta em uma pena perfeita. Olhei mais de perto, observando as curvas e percebendo que estava completamente inalterada, como se nunca houvesse sido tocada. Não importava quanta pressão eu aplicasse, não conseguia destruí-la ou desvendar seus segredos.

Deitei-me na cama, perguntando-me se aquela pena teria mesmo vindo do corvo em meu sonho, a enormemente ameaçadora e poderosa ave que imaginei. Uma onda de ansiedade subiu pelo meu corpo e eu pousei levemente a pena de volta fechando meus olhos e balançando a cabeça em negativa. Eu estava inquieta, minha mente girando mais rápido que nunca.

Pulando da cama, puxei um casaco da bolsa que estava ainda fechada no chão. Enfiando meus braços rapidamente pelas mangas, andei de volta para fora. Era tarde da noite e eu queria alguma coisa para me distrair, me exercitar. Olhando ao redor, notei que havia um caminho que avançava para mais alto na colina e dentro da mata. Puxei um passo forte, tomando cada passo com ansiedade, com um propósito que eu não conhecia.

Quando adentrei a mata, passei por uma cabaninha com um banco de madeira e, decidi descansar um momento depois da marcha íngreme de subida da colina. Sentei-me olhando ansiosamente para os lados, incapaz de esconder de mim mesma, o fato de que sentia que alguém estava me observando. Balancei a cabeça, novamente culpando minha medicação.



A umidade característica da floresta estava fresca e agradável enquanto o sol se esgueirava pelos galhos criando colunas de luz enevoadas, que aterrissavam no solo da floresta coberto de samambaias. Depois de um momento de descanso sob a cobertura das árvores, recomecei a caminhada entre as árvores.

Meu olhar estava fixado no céu e na cobertura dos galhos sobre mim no momento em que caminhava passando por cachos de frutas e musgo. A quietude das árvores fazia com que as vozes em minha cabeça soassem mais fortes contra minhas têmporas. Fechei meus olhos tentando fazer com que se calassem, implorando que me dessem um pouco de paz. Tentei me concentrar no ritmo da caminhada enquanto a grama sob meus pés cedia levemente, fazendo com que fosse difícil manter o passo, enquanto eu me esforçava pelo que pareciam horas.

À frente, as árvores foram ficando mais finas. Pisquei por causa da luminosidade e, enquanto me aproximava, a floresta se abriu em uma grande campina virgem. Cuidadosamente pisei no campo aberto, a luz do sol se derramando sobre mim. Tirei minhas mãos dos bolsos, abrindo caminho entre a grama alta. Em meu rastro, a grama desabrochava com o meu toque, deixando uma trilha de pequenas flores brancas e um cheiro que fazia meu nariz coçar.

Vagarosamente caminhei até o centro do campo, onde encontrei um espaço com grama que parecia bom para descansar. Repousando meu corpo cansado no chão, a terra foi se ajustando confortavelmente, as raízes criando uma armação sob meu peso. Olhando para o céu azul, borrifado com pequenos tufo de nuvem, fechei meus olhos reprimindo



uma voz de cada vez. O vento quente soprou sobre mim e eu pude sentir como minhas habilidades peculiares afetaram prazerosamente as plantas ao meu redor.

Abri meus olhos vagorosamente vendo que um círculo perfeito de flores selvagens agora cercava o espaço onde eu descansava. O sol ficou mais forte e eu tirei a jaqueta, permitindo que sua luz beijasse minha face e atingisse minha alma sombria. Insetos começaram a voar em volta da doce fragrância das flores e alguns pousaram graciosamente em minha pele clara. Antes que eu percebesse, nada menos que cinco joaninhas estavam andando em mim, suas asas vermelhas ficando mais coloridas enquanto bebiam do meu coquetel de vida e energia.

A certa distância, eu ouvi o cantar de uma ave enquanto as vozes em minha cabeça finalmente desapareciam. Uma calma estranha desceu sobre mim e tudo o que conseguia sentir era minha respiração superficial e o vento soprando sobre a grama. Concentrei-me nos sons súbitos, achando-os estranhamente familiares apesar do fato de que, em minha memória, esse tipo de paz nunca existiu. Minhas mãos estavam abertas ao lado do meu corpo, a grama se entrelaçando neles como anéis.

Enquanto estava deitada lá, os sons da floresta cessaram inesperadamente, criando uma quietude que, de repente, tornou-se dolorosamente entorpecente. Por um momento fiquei sem ação, enquanto minha respiração se acelerava e o aperto em meu coração retornava. Pisquei meus olhos freneticamente, sentindo como se estivesse embaixo d'água e, repentinamente, alguma coisa me fez sentar reta como uma flecha.



O som da minha respiração entrava em meus ouvidos como ecos e eu olhei para os lados, na defensiva. Meus olhos instantaneamente pararam em um objeto negro cravado bem à minha frente. Lá, na beirada do círculo de flores, estava um grande e negro corvo. O horror atravessou meu coração violentamente enquanto eu olhava paralisada, calculando meu próximo movimento. Ofegando dolorosamente, fechei meu olhar no dele como um imã.

Mentalmente, ele parecia estar me perguntando coisas, excruciantemente rasgando minha cabeça, ele revirava meus pensamentos procurando por respostas. Os olhos e penas do corvo não eram como em meu sonho, eles eram mais obscuros e opacos. Alguma coisa naquela ave parecia muito mais sinistra enquanto ela estava ali completamente parada, a cabeça virada para o lado com a boca aberta, respirando pesadamente pelo bico.

A ansiedade tomou conta do meu corpo enquanto eu tentava dissipar a névoa em minha mente. De repente, ele saltou de modo abrupto para mais perto do meu escudo de flores e soltou um agudo – “*Caw!*” – como se estivesse irritado por eu ter tentado interromper sua invasão à minha mente. Eu pulei, sentindo a adrenalina pulsando dolorosamente por meu peito apertado. De trás de mim veio outro agudo – “*Caw!*” – e eu virei meu pescoço para trás enquanto o corvo à minha frente libertava seu olhar, lançando-o ao céu. Eu estava aterrorizada enquanto outro corvo descia em minha direção, garras à mostra e olhos cintilando um profundo cinza azulado, igual ao meu pesadelo.

Rapidamente, tentei mover meus membros, vacilando até conseguir ficar de pé e começar a correr. O grande corvo desceu sobre minha cabeça e eu me abaixei sentido o



vento de suas asas em meus cabelos, antes dele mergulhar violentamente na direção do outro corvo. Caí de lado em choque, tombando dolorosamente sobre meu braço enquanto a grama manchava meu Jeans.

Fazendo força para levantar, olhei para onde os dois corvos estavam agora lutando, gritos mortais vindo de ambos. O corvo que aparentemente havia me salvado brilhava como uma pérola negra ao sol e, eu ofeguei ao ver a fúria cintilando em seus olhos. Enquanto ele ferozmente atacava seu oponente, meu peito apertou dolorosamente e eu desviei meu olhar, a agonia me curvando para o chão, onde eu tombei tentando recuperar minha respiração sufocada na tentativa de fugir.

De repente, tudo ao meu redor começou a morrer à medida que todo o campo ao meu redor se tornava névoa e escuridão. Arrastei-me pelo chão segurando meu peito enquanto meus membros ficavam rígidos e eu não conseguia mais ver através da espessa névoa da minha mente. À distância, os gritos afiados dos corvos cessaram repentinamente e, por um momento, o silêncio no campo retornou.

Ouvi passos se aproximando lentamente enquanto eu me sentava paralisada no chão. De repente, braços fortes me arrancaram da terra, gentilmente me posicionando em seu terno abraço. Alguma coisa em meu peito tentou emergir da dor, mas eu não conseguia discernir o sentimento. Esforcei-me para ver quem havia me segurado, mas tudo o que conseguia enxergar eram nuvens negras passando por meus olhos. Gemi com dor, sentindo que estávamos agora correndo rapidamente, o som de galhos se quebrando e folhas se movendo passando por nós.



Então, eu reconheci o som familiar do pisar em um caminho de pedras, mais cedo do que eu esperava, e, percebi que estávamos de volta ao colégio. O som dos passos era mais vagaroso agora, mais calmo que antes. As nuvens em minha mente começaram a se dissipar lentamente, à medida que ouvia uma porta se abrindo e sentia meu corpo sendo colocado delicadamente em uma cama. Quando o abraço ao meu redor se desfez, ouvi um ruído estranho enquanto um vento leve soprou pelo meu rosto e eu me esforcei mais ainda para ver o que fez aquele barulho. Forçando meus olhos a trabalharem, não consegui ver nada além de uma silhueta negra que eu não conseguia reconhecer, enquanto uma voz familiar se fez ouvir de outro cômodo.

– Oh, senhorita! – Vi a sombra da enfermeira correndo em minha direção.

– O que aconteceu?

Gemi dolorosamente, sentindo o ardor em meu braço aumentar, à medida que um líquido grosso escorria dele como mel. Os movimentos começaram a voltar enquanto minha mente conseguia funcionar novamente através da estranha névoa negra.

– Senhorita, quem a trouxe aqui? – Pude sentir sua mão gentil segurar meu braço.

Tentei levantar-me, mas seu toque firme me forçou de volta à cama. Memórias gritavam por minha cabeça, enquanto eu colocava os eventos em ordem, antes que minha mente os jogasse fora. Os corvos, eu pensei, e aqueles olhos. Não havia resposta para dar a ela, nenhuma dica de quem havia me salvado.



— Então, apenas descanse. — Ela disse, percebendo que eu não estava em condições de responder. Então, colocou uma toalha molhada em minha testa, começando a cantarolar.

Senti-me exausta e, à medida que minha visão retornava, percebi que estava escuro do lado de fora. Esforcei-me para colocar os eventos em ordem, o corvo opaco e o brilhante. Por que o outro corvo tentou ler meus pensamentos? Ele tentou arrancar alguma coisa de mim, alguma coisa que eu nem sabia que tinha. Procurei em meu peito por respostas, olhando nos quartos escuros secretamente trancados em minha alma.

Estremeci quando a enfermeira me espetou com uma agulha e a pontada deu lugar ao alívio entorpecente. Ouvi enquanto ela continuava a cantarolar, a canção me acalentando, encorajando meu corpo a relaxar. Ouvi a leve resistência da minha pele enquanto ela suturava uma ferida larga em minha sobrancelha.

— Prontinho — eu a ouvi cortando a linha.

Virei minha cabeça, abrindo os olhos para vê-la. Ela tinha um sorriso repentino quando percebeu que eu estava acordada. A única lâmpada na sala refletia em meu braço melado de sangue enquanto ela apertava um pedaço de tecido em minha ferida. Ela pegou uma gaze e enrolou firmemente em meu braço, a pressão aliviou um pouco a dor profunda.

Ela deu um tapinha em meu ombro gentilmente enquanto puxava um cobertor sobre mim.



— Durma — ela sussurrou carinhosamente em meu ouvido.

Fechei meus olhos enquanto a enfermeira apagava a luz e eu a ouvi caminhar levemente para fora da sala, fechando a porta com cuidado atrás de si.

Deitada ali, quase dormindo, eu pensei em minha mãe. Ela mentiu para mim dizendo que estaria a salvo, mentiu que eu encontraria minha alma. Havia alguma coisa que ela sabia alguma coisa que eu desejava saber sobre ela. Apertei bem meus olhos à medida que o mesmo profundo e depressivo torpor preenchia meu coração, e eu tentei, com mais vontade que nunca, chorar.



Espião

Eu acordei com a sensação aguda de dor enquanto abria meus olhos, vendo a enfermeira envolvendo meu braço.

Ela estava cantarolando de novo, mas desta vez o ardor era grande demais para isso me acalmar.

— Bem, agora... — Ela viu que eu estava alerta —... Você é capaz de se lembrar de como isso aconteceu?

Olhei para meus pontos expostos, o meu braço machucado, um roxo profundo que estava duro contra o resto da minha pele leitosa. O corte tinha cerca de seis centímetros de comprimento e, pelo jeito, muito profundo.

Eu trabalhei para formar as palavras: — Meu... — Fiz uma pausa, limpando a garganta. — Eu caí.

Ela piscou para mim com curiosidade.

— Eu caí na floresta, enquanto eu estava caminhando. — Tentei a minha melhor tolice, minha voz cheia de persuasão.

Ela sorriu para mim.



– Todos nós fazemos isso, pelo que parece. – Ela deixou escapar um pequeno suspiro quando olhou para mim com pena, os redondos olhos despretensiosos.

Seu sotaque e seu tom não tinham feito seu 'parecer' como uma aventura tipo bosque. Ela apertou uma nova bandagem em volta do meu braço, enquanto uma sombra cruzou sobre o quarto. Eu olhei para a porta enquanto Scott entrava, com um sorriso idiota estampado em seu rosto. Meu coração se afundou enquanto uma estranha parte de mim esperava ver o meu professor.

– Eu acho que realmente tenho que manter meus olhos em você. – Ele brincou, colocando as mãos nervosamente apertadas em sua cintura.

A enfermeira viu sua reação nervosa e carinhosa para comigo e sorriu alegremente.

Olhei para ele fixamente, com raiva de que ela presumisse que ele era meu namorado:

– Sim, acho que sim.

– Você está pronta para ir à aula? – Ele perguntou ansiosamente.

Eu de repente senti uma estranha onda de excitação enchendo meus membros ao pensamento de ver meu professor novamente.

– Sim. – Eu olhei para a enfermeira pedindo permissão. – Eu me sinto bem.

Ela me deu um olhar severo.



— Tem certeza senhorita? — Ela então olhou para Scott enquanto um outro sorriso cruzava seu rosto.

Rolando meus olhos, eu concordei, enquanto meu braço pinicava dolorosamente sob o meu peso. Ela me ajudou a levantar ao mesmo tempo em que eu trabalhava duro para sufocar um estremecimento. Scott me entregou a minha mochila e eu a agarrei com meu braço bom, lançando sobre meu cotovelo.

— Há um muffins lá para você também, pois você perdeu o café da manhã. — O olhar tímido em seu rosto me fez ter vontade de vomitar, isso, e eu realmente estava cansada de muffins.

Olhei para ele meio sem jeito.

— Ah... — Eu andei em direção à porta com as pernas fracas. — Obrigada. — Eu dei uma profunda respiração enquanto saíamos, desejando que o meu corpo trabalhasse normal.

Caminhamos lentamente para a incubadora, onde percebi que estávamos muito atrasados. Quando entramos, todo mundo olhava para o meu braço com os olhares horrorizados de curiosidade. A última coisa que eu precisava era de mais atenção, mais razões para que comesçassem os rumores. O professor ficou em silêncio enquanto caminhávamos para o fundo da classe e permaneceu assim.

— Fico feliz de você conseguir fazer isso. — Ela sorriu para mim e eu sinceramente achei que ela deveria ter ouvido que eu estava ferida.



Ela continuou a pregar enquanto Scott se virava para mim: – Então o que você fez dessa vez? – Sua voz estava cheia de humor.

Eu mantive meus olhos para frente, escondendo minhas mentiras. – Eu caí quando estava em uma caminhada.

Ele soltou um suspiro silencioso. – Então quem trouxe você? – O olhar dele tornou-se duvidoso.

Fiquei parada, a respiração parou por um instante, lutando para me lembrar enquanto eu procurava duramente reconhecer quem era meu salvador.

– Eu não tenho certeza. – Eu franzi minha testa irritada.

– Estranho. – Eu podia sentir seu olhar ardente através de mim e percebi que ele estava começando a entender.

Eu olhei para ele, um falso sorriso indiferente no meu rosto. – Eu tenho certeza que ele era apenas um andarilho como qualquer outro.

Ele balançou a cabeça em cumprimento, aceitando a explicação: – Sim, provavelmente você está certa. Pena que eles não ficam por aqui. – Ele encolheu os ombros.

– Sim. – Eu pensei sobre a obscura figura enquanto ele se afastava, eu não quero acreditar que o corvo tinha me levado ladeira abaixo. Minha mente escondeu os fatos, e não estava disposta a reconhecer isso. O professor tinha estado lá, e em caso afirmativo,



por que ele me salvou, se o mal em seus olhos pareceu sugerir o contrário. Eu estava ansiosa para chegar a sua classe, motivada para descobrir a verdade.

O professor apontou para o depósito de ovos de peixes, nos reunimos em torno, dois dos ovos tinham se chocado e estavam amontoados nas rochas, no fundo, enquanto os outros ovos, ainda estavam parados. Scott parecia encantado, sua inocência facilmente impressionável.

O professor nos incentivou para irmos aos tanques, onde eu estava bem atrás.

– Então, você acha que o Professor Edgar está escondendo alguma coisa? – Eu perguntei curiosa para ver o que Scott acharia ao mesmo tempo em que eu me inclinava em sua direção.

– Eu não tenho certeza. – Ele assobiou. Havia uma hostilidade estranha de repente enlaçando sua voz. Eu percebi que ele provavelmente estava irritado porque estava pensando que minha obsessão em relação ao professor queria dizer que eu gostava dele, mas que isso era um absurdo.

Eu me inclinei para trás, achando que ele não estava com disposição para o bate-papo. Finalmente, o professor nós dispensou e eu agarrei apressadamente Scott e o arrastei para fora antes que ele pudesse fazer ao professor um milhão de perguntas idiotas e assim nos atrasasse.

– Ai! Gosh! – Ele me olhou confuso, com o rosto ainda um pouco irritado.

– Oh, só se apresse. – Eu assobiei ansiosamente.



Um sorriso maroto surgiu em seu rosto, misturado com um sutil toque de decepção.

— Você gosta do Professor Edgar não é?

Eu bufei alto.

— Yeah, certo. — Dei-lhe um profundo olhar ameaçador, imaginando meus olhos azuis brilhando para ele com raiva. — Ele é simplesmente... — Fiz uma pausa, tentando pensar na palavra certa. —... "interessante".

Scott revirou os olhos para mim enquanto eu o arrastava pelo braço no caminho.

— Claro. O que seja. — Eu vi um brilho ferido nos seus olhos, mas ele obrigou-se a escondê-lo. Eu me senti um pouco culpada, mas ao mesmo tempo, eu já tinha muito com que me preocupar.

— Eu só não sei Elle. — Ele fez uma pausa, a preocupação em sua voz me irritava, ele parecia perigoso de alguma forma, apenas estranho.

Nós saímos do laboratório e eu o joguei no seu banquinho.

— Basta vê-lo, para que me diga o que você acha que ele tem em mente. — Eu respondi.

Ele piscou para mim, balançando a cabeça em obediência. Nós saímos cedo, isso eu sabia, mas eu estava ansiosa. O resto da turma começou a aparecer assim como os meus nervos enlouqueciam, e meu braço pulsando de dor na pressa do sangue passar por



minhas veias. Eu mantive meus olhos fixos na porta por onde entramos, pensando que a qualquer momento ele podia aparecer por ela. Todos tinham chegado, cada um continuava a me olhar com interesse e desgosto. Eu nunca tinha tido tantas pessoas olhando para mim assim tão odiosamente. Na cidade, havia sempre alguém que parecia uma aberração mais que eu. Aqui fora, porém, era difícil estar longe das coisas que os fazia curiosos, eu estava começando a me preocupar que vir para cá foi uma idéia ruim, afinal das contas.

Enquanto eu observava atentamente a porta, eu finalmente a vi abrir e o professor entrou na sala.

Meu coração parou quando olhei a óbvia adição de alguns arranhões em seu pescoço e mãos. Ele usava um jaleco gola alta em sua tentativa de esconder as feridas, mas como eu suspeitava, eu sabia exatamente de onde vieram e, de repente, tudo fez sentido. Ele era a pessoa que me levava a partir do campo e estava de alguma forma envolvida com a luta entre os corvos. Ele examinou a classe, o seu olhar por trás dos óculos, calmo, e de um familiar cinza aço.

Meus olhos estavam arregalados quando seu olhar de repente pousou em mim. Por uma fração de segundos, ele permitiu que demorasse então duas noções atinaram em minha cabeça. O vislumbre inicial que ele me deu foi o de preocupação, mas então algo sobre ele me pediu para ficar calma. Eu respirei profundamente, desviando meu olhar lentamente, libertando-o, enquanto, olhando de canto, eu pegava Scott me observando. Vagarosamente, levei minhas mãos até meu rosto e enfiei o cabelo atrás das orelhas



enquanto o olhar do professor batia em meu braço. Ele rapidamente se ajoelhou para trazer uma grande caixa de madeira para a mesa na frente dele.

— Hoje, vamos discutir o impacto ambiental que os seres humanos exercem sobre o país e como isso está fazendo com que as espécies não-nativas de rebanhos mudem de região e como estes fatos alteram o nosso ecossistema. — Suas sobrancelhas se juntaram enquanto ele abria a caixa diante dele. Sua compreensão delicada, uma vez que tocou na madeira.

Algo sobre o que havia na caixa fez o meu coração disparar e eu trabalhei para reprimi-las, dizendo-me para ser forte.

Edgar puxou duas luvas grandes, sua jovem face, fria como pedra, devido a sua concentração na caixa.

Lentamente, ele alcançou algo, suas mãos mexendo com o conteúdo. Eu engasguei alto quando ele puxou a massa sem vida e lançou uma rápida olhada para mim por cima dos óculos, os olhos calmos e brilhantes. Eu tapei minha boca com a mão, silenciando a minha interrupção da aula, enquanto alguns alunos me deram olhares bravos.

Havia em suas mãos o corpo imóvel e despedaçado de um corvo colorido. Os olhos da criatura estavam mortos e brancos, não era mais sinistro em seu olhar insondável.



Alguns alunos da classe se contorceram quando ele o colocou sobre a mesa totalmente branca, manchas de sangue em grossas pinceladas carmesim através da Fórmica⁸.

– Este é um Corvo⁹. – Ele sobejou seu olhar para mim estranhamente protetor.

Scott me cutucou e eu olhei para ele com olhos penetrantes.

– Ou uma Gralha¹⁰. – Ele se aventurou a brincar com um sorriso no rosto.

Eu lhe dirigi um olhar malvado quando virei para trás.

O professor parecia ter ouvido exatamente o que Scott havia dito enquanto seu severo olhar caia sobre ele.

– Não deve ser confundido com uma gralha, apesar de serem do mesmo gênero, o grupo the Corvus. – Ele acrescentou espertamente. As costas de Scott ficaram rígidas, com tal comentário, medo, assustando sua tímida mente.

Uma menina, parecendo entediada, que olhava para frente, levantou a mão hesitante e eu a olhei com desdém.

Professor Edgar olhou em sua direção, acenando com a cabeça e permitindo-lhe falar.

⁸ Fórmica: plástico duro usado para cobrir mesas e áreas de trabalho em cozinhas.

⁹ **RAVEN**: são os **corvos**, é o nome comum dado a vários membros de maior porte do gênero Corvus, mas na Europa e América do Norte o Corvo comum normalmente é implícito.

¹⁰ **CROW**: são as **gralhas**, são grandes aves passeriformes que formam o gênero Corvus na família Corvidae. Variando em tamanho, desde as gralhas relativamente pequenas a pombos (euro-asiática e Daours). Nos Estados Unidos e Canadá, a palavra "corvo" é usado para se referir ao corvo americano. O gênero corvo representa um terço das espécies da família Corvidae.



— Mas isso não é um não-nativo. — Ela fez uma pausa, um tremor óbvio em sua voz. — Corvos do norte são comuns em Washington e Canadá.

Edgar deu-lhe um olhar especulativo: — Isso é verdade, mas a menos que você esteja bem treinada como eu, você vai perceber que na verdade esse é um grande Corvo Inglês.

A garota se inclinou para frente, olhando mais perto e, rapidamente acenou, dispensando seu equívoco. Vi quando ela olhou ao redor da sala, o rosto corado.

— Então... — Ele fez uma pausa e pensou antes de abordar toda a turma. — Como esse pássaro conseguiu atravessar o Atlântico e todo o país para acabar aqui? — Sua voz era pensativa.

A classe olhou para ele com perplexidade e ele me encarou com um olhar de novo conhecimento. Algo dentro de mim sabia pelo menos o porquê, mas estava indisposta a contar sobre a minha mente. Esta ave era mais do que apenas um simples corvo Inglês.

— Pode-se pensar que isso seja impossível. — Ele vociferou. — Mas é incrível o que pode acontecer na natureza quando encontra a sua vida ameaçada. — Fez uma pausa, os olhos brilhando — Ou com fome.

Estremeci ao seu comentário pensando em quão ameaçador o corvo tinha sido quando atacou violentamente a minha mente. Havia algo que ele queria de mim, mas felizmente para minha pessoa, ele obviamente não entendia.



O professor apontou para a classe vir dar uma olhada com cuidado e todos se reuniram ao redor. Eu timidamente saí da minha cadeira, mantendo o professor na minha visão periférica, enquanto eu cautelosamente me aproximava da carcaça morta. Scott olhou para o pássaro com perplexo espanto quando o professor saiu para os flancos exteriores da multidão, rodeando o seu caminho em direção a mim. Eu o vi, meus lábios se separaram enquanto eu respirava calmamente pela boca, com medo de cheirar substâncias do pássaro agora apodrecendo.

No momento em que ele se aproximou, meu coração começou a acelerar. Seu paletó de repente passou pela minha panturrilha no mesmo instante em que eu vagamente o vi passar, minhas narinas, finalmente, desistindo. A brisa que seguiu de imediato, despertou a minha memória. Era o mesmo cheiro doce que eu tinha lembrado ontem à noite no mato, algo parecido com mel e lilás. Minhas idéias foram confirmadas naquele momento, e, meu olhar, se atirou para ele acusadoramente enquanto ele parecia consciente do que acontecia a sua volta, reconhecendo imediatamente a minha confirmação.

Assustada, eu discretamente corri de volta para a segurança de meu assento, costas rígidas com um surpreendente medo, enquanto a classe também se dissipava às suas estações. Edgar segurou novamente a sua atenção enquanto tirava as luvas de suas perfeitas mãos, descartando-as no lixo.



— Então. — Ele fez uma pausa, quando alguns retardatários se apressavam para chegar aos seus lugares. — A ocupação de vocês será a investigação da área, desenvolver uma teoria sobre o que o fez vir aqui, e me escrever um trabalho.

A classe gemeu em oposição, e ele disparou em cada um deles um olhar ameaçador, os olhos mudando de um sereno azul-cinza para um preto profundo aterrorizante.

— Vocês estão dispensados para começar seus trabalhos. — ele vociferou desafiadoramente, com os olhos caindo para mim. — Estella. — Disse fortemente o meu nome e meu coração parou, fiquei paralisada de terror. — Um momento, por favor? — Todos os olhos se atiraram em direção a mim, alguns injustamente, mas outros com grave compaixão.

Scott olhou para mim, uma aparência triste em seu rosto.

— Boa sorte Elle. — Ele chiou nervoso. — Te alcanço mais tarde, podemos trabalhar juntos nisso.

Eu balancei a cabeça, percebendo que eu tinha, provavelmente, a melhor teoria de todos, mas é claro, quem iria acreditar em mim, quanto mais resistir ao impulso de me levar para a ala psiquiátrica, mais uma vez. Quando eu tinha tentado explicar a minha capacidade para alguém pela primeira vez, isso foi exatamente o que haviam feito. Uma ala psiquiátrica não é lugar para uma menina de doze anos, não é lugar para qualquer um.



Eu estava nervosa e caminhei em direção a ele quando a última pessoa saiu da sala. Eu estava remexendo as mãos, ansiosa, nervosa pelo o que ele tinha a dizer. Seus olhos tinham retornado a mesma calma cinza quando me aproximei. Ele se sentou encostado em sua mesa, uma mão sustentando o seu corpo para cima como uma estátua. De repente, eu estava instintivamente ciente de como ele era bonito e passei a mão pelo meu cabelo enquanto me aproximava preocupada pelo fato de eu estar pálida em comparação a ele.

Ele estava vestindo uma simples camisa branca debaixo do seu jaleco preto que parecia se encaixar ao seu corpo perfeitamente. Seu jeans era casual e bem cortado, obviamente, muito mais caro que o departamento de jeans que eu comprava. Ele era como um modelo de um anúncio Abercrombie¹¹, impossivelmente proporcional e tonificado.

Ele me olhou por um momento e eu podia ver os pensamentos se formando em sua cabeça. Fiquei sem jeito a alguns passos de distância, forçando-me a, teimosamente, olhar em seus olhos elétricos ainda em uma distância segura. Ele lentamente olhou para baixo em seu colo, retirando os óculos coloridos e dobrando-os em suas mãos.

— Estella. — Sua voz sussurrou suavemente, os olhos ainda olhando para baixo. Sua mudança de compostura a partir do primeiro dia até agora era astronômica.

— Professor? — Minha voz soava fraca.

¹¹ A Abercrombie começou como uma pequena loja e fábrica no dia 4 de junho de 1892 na baixa Manhattan da cidade de Nova Iorque, fundada por David Abercrombie. Sua paixão por esportes ao ar livre inspirou o surgimento da marca. Sua clientela inicial era composta por caçadores e exploradores. <http://ficdn.fashionindie.com/wp-content/uploads/2010/10/abercrombie.jpg>



— Por favor, me chame de Edgar. — Ele respirou, seu tom de voz como se fosse manteiga.

Ele desviou os olhos lentamente de volta para mim e precisei toda minha força para resistir à tentação de voltar atrás, enquanto seus olhos pérolas brilhavam estranhamente para mim. Ele respirava de forma constante, a respiração dele caindo em todo o meu rosto em fracas ondas aromáticas.

— Foi você. — Eu respirei. — Você me trouxe de volta para cá do prado. — Meus olhos estavam arregalados. — Como você fez isso? — Minha memória em flashback de quando ele me pegou, como se eu fosse uma criança. — Você estava tão... forte. — Minha voz começou a engasgar na minha garganta. — Por que você fez. Como...

De repente, ele me interrompeu: — Você está... — Ele fez uma pausa, digitalizando meu rosto com um olhar de saudade. — Você está imaginando coisas Estella. Eu apenas a encontrei quando eu estava caminhando, indefesa em um campo.

O Olhei confusa e todo o pensamento cessou.

Ele se aproximou de mim, levantando-se da mesa com facilidade, com o lindo rosto agora perto do meu.

— E, além disso, não foi nada te trazer para a casa. Você é leve e fácil de carregar. — Ele sussurrou o sorriso em seu rosto aumentando.

Olhei para ele assustada, sacudindo a cabeça.



— Não, eu... — Fiz uma pausa, lutando novamente para acalmar as vozes na minha mente. Ainda não parecia certo. Eu estava sentindo falta de algo, alguma coisa grande.

— Então o que você acha que aconteceu? — Ele perguntou seu rosto se contorcendo, curiosamente, com interesse. — Você obviamente sabe de algo. Eu posso ver que você está perplexa. — Ele examinou meus olhos, vendo cada movimento como uma águia observando a sua presa.

Eu balancei a cabeça, negando a acusação enquanto minha testa enrugava com o profundo mal-entendido. Eu não estava prestes a divulgar meus pensamentos a ele, eu não confiava nele.

Ele bufou bruscamente, o rosto jovem assumindo uma aparência humorada com um sorriso torto enrolado em seu rosto.

— Eu sei que você possui certos... — Sua voz sumiu quando ele estreitou os olhos ante ao pensamento. —... Talentos. — Ele me observou enquanto eu pensava sobre suas palavras. — Você não acha que eu não percebi o que você fez ao meu falcão? Você o curou.

Abri a boca para protestar, mas nenhum som saiu. Eu tentei pensar em uma mentira, mas nada convincente veio à mente.

Ele fechou os olhos brilhantes e se afastou de mim, respirando fundo como se saboreando o ar em volta de mim. Quando ele os abriu, uma sensação extraordinária



derramou sobre mim. Era como se eu fosse o perfume da vida, e eu era, mas como ele poderia saber?

– Não tenha medo, porém, o que você fez não é nenhuma surpresa para mim. Foi mais uma declaração positiva de quem você é. – Ele olhou para mim maliciosamente. Eu senti uma atração familiar por ele quando ele exalou profundamente.

– O que você quer dizer? – Eu perguntei. Senti-me subitamente atordoada quando sua respiração me causou arrepios. Isso tudo era tão inacreditável, tão abrupto.

– Isto não faz sentido. Eu nem conheço você, mas você age como se você me conhecesse. – A maneira como ele estava se inclinando para mim era um pouco desconfortável. Ele estava claramente dando em cima de mim, mas eu ainda estava muito confusa sobre como eu me sentia em relação a ele. Quer dizer, eu achava que ele era extremamente bonito, mas ao mesmo tempo assustador.

Ele sorriu obliquamente e eu não podia desviar o olhar do seu rosto incrível.

– Você gostaria de me conhecer?

O encarei por um momento antes de assentir, curiosamente, não estava certa se eu realmente queria ou não.

Ele riu maliciosamente.

– Bem, então. – Ele respirou. – Você irá.



Irritação pulsou pelas minhas veias, mas a sinceridade na voz dele era incrível e eu senti meus joelhos enfraquecerem debaixo de mim. Nunca me senti dessa maneira por qualquer um, havia um impulso, que não conseguia explicar, por ele, um interesse que eu nunca senti.

— Mas o Corvo... — Eu olhei para a carcaça morta. —... O outro, o que ficou vivo, o que aconteceu com ele? — Meu corpo estava quente e fraco. Minhas suposições, com base nos arranhões em sua garganta, eram de que ele tinha sido atacado também, e viu o que aconteceu.

Ele sorriu os olhos brilhando. Mas, eu esperava que ele me desse alguma resposta. De repente, ele riu, percebendo minha contigüidade de sentimentos em relação a ele.

— Você não precisa ter medo de mim, eu não vou te machucar. — Ele fez uma pausa. — Eu sei que desde que você me encontrou, eu tenho agido um pouco estranho. É só que eu nunca esperava ver você de novo e é um pouco chocante.

Meu rosto estava distorcido. — Me ver de novo? Professor, eu acho que você me confundiu com outra pessoa. — Isto tudo era tão estranho. — Me desculpe, é só... — Eu lhe dei um sorriso falso, sem saber exatamente o que dizer. Não havia outra explicação, ele devia estar confuso.

Ele bufou abruptamente. — Você não precisa fazer isso.

Olhei para ele com um olhar azedo. — Fazer o quê? — Eu fustiguei na defensiva enquanto tirava o sorriso do meu rosto. A minha confiança estava se construindo.



—Fingir um sorriso. Embora seja bonito. — Seus olhos brilharam. — Muito convincente também.

Corei. Como ele sabia que eu estava fingindo? Certamente 18 anos de prática tinha produzido um ato convincente. Eu olhei pra ele ansiosamente, minha respiração frenética.

— Como você sabe que eu estou fingindo? — Eu gaguejei.

Ele riu pesadamente. — Porque você não é feliz. Nem perto disso. Você é muito vazia.

Meus olhos procuraram os dele ansiosamente. — Como...

Ele me interrompeu abruptamente. — Como eu disse você me conheceu antes, você tem que confiar em mim. — Seu sorriso nunca cessou e seus olhos estavam adoravelmente radiantes. — Como posso dizer isso para você entender? — Sua sobrancelha se levantou ao pensamento. — Vamos apenas dizer que você me conheceu em outra vida.

— Eu... — Eu estava confusa e coloquei minha mão em meu peito, sentindo o vazio que ele de alguma forma sabia que estava lá. Ele me conheceu em outra vida? Isso era ilógico.

Ele olhou para o meu pulso com a cicatriz novamente, algo em seu rosto demonstrava uma fascinação triste. Desviando o olhar, ele se mexeu para tirar o casaco. Enquanto ele puxava seu casaco dos bíceps eu encarava seus braços, maravilhada. Sua pele era radiante como pérola e de repente algo se encaixou. Meus olhos perfuraram os dele em um reconhecimento repentino, ele era o outro corvo.



Seu olhar se demorou no meu, saboreando o jeito que eu estava babando por ele. Sem pensar eu estiquei meu braço para tentar tocar a sua pele quando ele inesperadamente se afastou.

— Estella, não! — Seus olhos se saturaram em um negro profundo e eu me afastei horrorizada. — Não faça isso. — Ele brandou.

Eu o olhei com os olhos bem abertos. Seu rosto de repente estava zangado e horrorizado enquanto meu coração disparava com um medo impulsivo. Como os seus olhos haviam mudado tão de repente?

—Você não pode me tocar. — Ele suspirou. — Eu gostaria de explicar o porquê, mas não ainda. — Ele olhou para o meu rosto, de repente nervoso consigo mesmo por ter perdido o controle. Ele apertou sua mandíbula. — Eu tenho que estar preparado para algo assim. — Seus olhos começaram a clarear enquanto ele respirava pesadamente.

—Desculpe, eu... — Gaguejei, e cruzei meus braços no estômago. —... eu não consegui evitar.

Ele suspirou, sorrindo. — Não se desculpe, não é culpa sua. Eu deveria esperar que você fosse fazer isso. É só que eu preciso aprender a controlar melhor minha mente. Se eu tocar você, por mais estranho que isso soe meu toque realmente poderia te machucar. — Eu vi seu olhar voltar ao cinza enquanto ele olhava o meu braço, agora tentando mudar de assunto.



— Você está bem? Você está sangrando profusamente. — Eu olhei para ele, minha cabeça transbordando de perguntas.

— Sim, estou bem. É só um corte. — Ele concordou.

Meus olhos se fixaram nele maravilhada.

— De qualquer forma eu me curo rápido. — Finalmente, eu olhei em direção à mesa onde estava deitado o pássaro morto, sem conseguir lidar com a sua estranha beleza. — Sim, eu imaginei isso. — Sua voz estava ficando mais calma enquanto os seus olhos seguiam o meu olhar e um olhar sério cruzou o seu rosto.

Eu encarei a carcaça por um longo tempo antes de falar. — O que é isso? — Eu perguntei de alguma forma, enojada pela forma, pelas pequenas gotas de sangue seco na mesa branca e imaginei se ele sabia mais do que ele estava revelando para mim.

Ele suspirou. — É um tipo de espião. — Sua voz era vaga. —Mas você não precisa ter medo mais, não acontecerá de novo. Eu vou me certificar disso.

Eu olhei para ele, finalmente juntando coragem para dizer o que a minha mente estava curiosa para saber.

— Foi você, não foi? — Meu tom era acusatório e meus olhos estreitos. — Você era o corvo, aquele que estava brilhando no sol e que matou este aqui. Você pode... — Minha mente estava pulsando com a idéia, era inconcebível, mas de repente tão lógico. —... Você pode se transformar naquela coisa, não pode? — Eu não dei a ele a opção de negar já que as minhas perguntas saíram como afirmações.



Ele abaixou o olhar para o seu colo, sorrindo para si mesmo, desdobrou seus óculos coloridos em suas mãos e os colocou de volta casualmente em seus olhos. Ele mudou de assunto novamente.

— Você provavelmente deveria ir. Você vai se atrasar para a sua próxima aula.

Eu o olhei irritada, não querendo ir embora. — É isso não é, eu estou certa.

Seus olhos se estreitaram atrás das lentes.

— Eu adoraria falar mais, mas... — Ele expirou profundamente. — Eu acho que já falamos o bastante. — Ele se inclinou na minha direção, seus olhos de repente muito obscuros.

Eu me afastei dele abruptamente enquanto minhas mãos se fechavam em punho com raiva.

— Você está cheirando maravilhosamente bem, se não se importa que eu diga. — Ele sorriu.

Eu juntei minhas sobrancelhas, brava.

Ele se levantou e foi em direção à porta. — Eu vejo você depois Estella. — Sua voz ecoou pelos seus ombros. — E tente não deixar as pessoas perceberem o que você está fazendo com as plantas.

Eu fingi outro sorriso por força do hábito enquanto as suas palavras mandavam uma onda de choque por dentro de mim, como ele sabia sobre as plantas?



Edgar riu enquanto ele olhava para mim mais uma vez. Eu havia esquecido que sorrir não adiantava com ele e meus olhos piscaram enquanto a sua risada acionava alguma coisa na minha mente, uma imagem que eu lembrei enquanto ele saía graciosamente da sala.

Ele finalmente fechou a porta atrás dele enquanto meu olhar caía novamente para o corvo negro em cima da mesa branca. Eu rapidamente andei em direção a porta, mantendo meus olhos nela cautelosamente como se de repente fosse voltar à vida. Meus membros estavam formigando com urgência e minha respiração estava quente e rápida. Enquanto eu corria pelas portas do laboratório, o sol inesperadamente me cegou enquanto eu descuidadosamente olhava para o sol. Eu me apressei para remontar o amontoado de informações que tinha acabado de ser entregue a mim, quando, Scott veio correndo do prédio do outro lado do corredor, arfando freneticamente.

— Você está bem? — Ele parecia excessivamente preocupado.

— Sim... — Eu pausei enquanto ele pegava o meu braço. — Sim, eu estou bem, ele só... — Eu pensei em outra mentira, ele só queria me contar sobre o falcão. —... Ele está se curando bem agora. — Eu estava em um torpor.

Ele acenou ansiosamente. — Ah bom, porque mais um minuto e eu iria invadir o lugar e me certificar se você não estava morta no chão. — Ele sorriu divertidamente para si mesmo.



Nós andamos para a estufa em silêncio. Eu estava muito perdida em meus pensamentos para fingir interesse na vida simples de Scott. Eu coloquei minha mão no peito enquanto andávamos pelo campo, e Scott ainda observava o gramado cuidadosamente.

Edgar sabia que era eu, mas como, e como ele me conhecia? Havia tantas questões que eu precisava de respostas também, eu queria saber por quê.

Na aula, minha mente estava inútil. Apesar da semente de girassol que eu havia plantado um pouco mais tarde que todos os outros e já era um botão de trinta centímetros, eu não me importei.

Quando o professor me questionou, eu dei de ombros, como se eu mesma estivesse impressionada com a estranha ocorrência.

Eu estava frustrada que Edgar havia decidido de repente se importar comigo. Foi ele quem havia me salvado no campo, mas como então? Como ele era também o corvo, e por que ele matou o corvo que estava me ameaçando? Estes fatos eram todos difíceis de acreditar, e seu rosto, sua atração absoluta era incrível.

Depois das aulas eu fugi de Scott na lanchonete e voltei para o laboratório de Edgar mas já estava fechado. Minhas esperanças de encontrar respostas hoje rapidamente se esvaíram. Apesar do meu medo mental de estar perto dele, eu não podia resistir. Eu nunca estive atraída pelos caras de onde eu morava, nunca tentei nenhum tipo de relacionamento imaginando que eventualmente eles veriam minha natureza bizarra. Mas Edgar, ele era



diferente, algo sobre ele era tão atraente, tão profundamente cativante, e, além disso, ele já sabia que eu era estranha.

Eu andei de volta para a minha cabana desapontada, e assim, eu me deitei. Eu tirei para fora o meu novo diário e rapidamente desenhei o campo através da minha memória esfumada. Eu desenhei o pássaro morto enquanto tentava lembrar dos acontecimentos. Havia três coisas que eu tinha listado sobre a cena.

O primeiro era que o corvo espião não entraria no campo de vida que havia crescido ao redor de mim. Era como se as flores estivessem me protegendo.

Segundo, eu havia caído e ficado dolorosamente paralisada, a grama ao redor havia realmente morrido.

Pareceu realmente estranho, especialmente já que isso nunca havia acontecido. E terceiro, o fato era que o Edgar me salvou, Edgar era de alguma forma o corvo blindado.

Eu ponderei as provas e não consegui encontrar nada para garantir sua ocorrência. Frustração me inundou enquanto eu jogava o diário do outro lado do quarto, batendo na parede com um grande estrondo. Eu joguei minha cabeça no travesseiro com raiva, tão depressiva que eu ainda não sentia nada.

A escuridão da noite entrou despercebida enquanto eu pegava no sono. Lá, minha mente esfumada estava novamente no campo, mas para o meu terror, tudo estava sem vida. Toda a grama e os girassóis haviam murchado e as árvores não eram nada mais do



que varas queimadas lanceando do chão. Eu estava aterrorizada, todo mundo parecia estar morrendo, e eu me senti sem esperanças para salvá-lo.

Enquanto eu olhava para a beirada da clareira, eu vi Edgar parado lá. Seus olhos eram um ébano negro e não havia sorriso em seu rosto. Eu o chamei freneticamente, mas ele não se moveu. Ele ficou lá parado e sombrio em sua beleza raivosa, aparentemente em transe.

Quando eu olhei para mim mesma, de repente engasguei. Meu corpo não era nada mais do que uma fumaça transparente. Eu era um fantasma, sem alma e invisível e quando o vento aumentou, eu, de repente, havia me desintegrado.



VISITAS

Eu acordei de repente, na escuridão do meu quarto, encontrando-o totalmente imerso em trevas e silêncio. Eu escutei atentamente em busca de algum sinal do que houvesse me acordado, qualquer tipo de rumor, mas não havia nada. Meus olhos dardejavam pelo quarto e tentei respirar o mais silenciosamente possível, enquanto permanecia imóvel.

Já havia um pouco de suor escorrendo na minha testa. Meus pesadelos eram ferozes como se alguma porta para o meu pavor e medo houvesse sido apoiada forçosamente aberta. Senti meu corpo, aliviada que eu ainda estava aqui. De repente, houve um barulho estranho e meus olhos rapidamente saltaram para o canto onde eu escutei uma vibração de asas. Meu coração começou a correr enquanto eu olhava através da escuridão em direção a localização do som, esperando que algo se movesse.

—Edgar? — Eu sussurrei freneticamente, meu coração batendo com força contra meu peito.

Meus olhos ficaram travados no canto quando as sombras começaram a se mover. Eu rapidamente reagi alcançando a lâmpada, minhas mãos tremendo com o interruptor, incapaz de persuadi-lo a trabalhar.



— Estella, sou eu.

Eu imediatamente congelei ao reconhecer a voz de Edgar.

Ele riu de si mesmo misericordiosamente. — Está tudo bem — ele sussurrou em um tom calmo — Eu não queria acordar você, mas aparentemente eu não sou tão gracioso como eu esperava.

A sombra de seu corpo caminhou até mim e sentou-se cautelosamente enquanto ele empoleirou-se na borda da minha cama. Ele teve o cuidado de manter certa distância e, notei como seus olhos encontraram a pouca luz existente na sala, brilhando lindamente como um gato. Eu soltei a cordinha do abajur e me virei para ele, meus movimentos lentos e medidos. Eu podia sentir seu perfume convidativo se espalhando por toda a cama e eu respirei fundo antes de reagir.

—Você me assustou — eu assobieei irritada, enquanto finalmente exalava o ar que estava prendendo.

— Desculpe — ele pediu desculpas novamente, um tom zombeteiro em sua voz. — Eu só precisava vir te ver.

Chocada com o comentário anterior, eu cerrei o cenho sentindo-me violada.

—Você estava me olhando? — Eu perguntei furiosa.

Ele riu:



— Não, eu acabei de chegar aqui. — Ele se moveu um pouco e acelerou meu ritmo cardíaco — Embora, não seja uma má idéia. — Tive um vislumbre do brilho de seus dentes enquanto ele sorriu.

Eu ainda estava tentando entender por que ele estava aqui.

—Tudo bem — fiz uma pausa — Então por que você precisa me ver? — Eu questionei defensivamente.

Ele suspirou. — Eu tenho que sair por alguns dias, só até domingo.

Ouvi atentamente, me perguntando o que isso tinha a ver comigo.

Eu só precisava checar se você estava bem antes de eu sair, ter a certeza que você estava ok. — Sua voz estava cheia de sinceridade.

— Estou bem — cuspi ríspidamente.

Eu não precisava dele para me proteger. Apesar da minha atração por ele, algo em mim ainda não confiava nele, especialmente agora que ele tinha invadido o meu quarto.

Ele riu novamente, sua voz cheia de sarcasmo:

— Sim, parece que está.

Eu cruzei meus braços defensivamente, meus olhos finalmente ajustando-se o suficiente para fazer um esboço do seu corpo na escuridão. Uma parte de mim estava estranhamente desapontada pelo fato de que ele estaria fora, mas eu não ia admitir isso para ele.



— Apenas... — Ele suspirou de novo, gravemente —... Apenas não vá à mata novamente, não até eu voltar. — Seus olhos brilharam para longe de mim e eu pude vê-lo olhando para as janelas — Há coisas lá fora em que você não pode confiar. — Ele se moveu um pouco — Se eu não tivesse que sair, eu não iria, mas é importante.

Eu balancei a cabeça em aceitação.

Ele se levantou e caminhou em direção à porta. —Prometa-me ok? Fique aqui, rodeada de pessoas.

Eu respirei fundo antes de responder, minha cabeça cheia de perguntas que eu pensei naquele dia: — Prometo.

Ele exalou uma sensação de alívio que atravessou seus olhos e o rosto. — Você precisa de alguma coisa? Você sabe, antes que eu vá? — Ele ficou totalmente imóvel com a mão na maçaneta da porta.

Seu pedido era estranho e ele começou a me fazer divagar quando pensamento surgiu na minha cabeça. Um brilho astuto preencheu meus olhos e meus lábios se curvaram em um falso sorriso vingativo. Ele me olhou tolamente, sabia que eu estava agindo.

—O que é? — Ele tinha um sorriso perspicaz no rosto agora.

Sentei-me com entusiasmo: — Eu só queria perguntar uma coisa. — Ele balançou a cabeça enquanto eu formulava as palavras certas — Eu só preciso saber. O que exatamente você quer saber sobre mim? — Eu soltei, corando ao fazer essa pergunta estranha.



Ele caminhou de volta para mim lentamente. — O que eu sei? — Houve uma risada na parte detrás de sua garganta e seu olhar caiu sobre o criado-mudo, onde ele pegou delicadamente a carta emoldurada. Seus dentes eram como diamantes na escuridão.

Observei-o atentamente quando ele a virou e a trouxe para seu rosto, tocando-a levemente com a mão. Eu estava tentando ler a estranha expressão que surgiu em seu rosto, mas à luz horrível, era difícil saber.

— Estella — ele olhou atentamente as palavras da nota: — Você é incrivelmente única. Eu acho que você nem sequer pode perceber quanto. — Ele colocou o quadro delicadamente de volta na mesa, trazendo o seu olhar de volta para mim. — Até que você percebe...

Inclinei-me atentamente, pendurada em cada uma de suas palavras.

Ele deteve-se abruptamente.

— Você vai ver Elle, eu prometo. Quando eu tiver mais tempo, vou explicar tudo isso. — Ele me olhou com adoração. — Apenas não é o momento certo agora. — O jeito que ele disse meu nome era como se ele tivesse dito um milhão de vezes.

Frustração encheu minha mente e eu deixei cair minha atuação falsa. — Bem — Eu queria pedir que ele me dissesse mais, mas eu achei a sua teimosia impossível de ser vencida.

— Bem, então me diga outra coisa — eu disse desesperadamente, tentando mantê-lo ali um pouco mais.



Minha mente instantaneamente se lembrou da pena e como ela tinha sido como uma minúscula armadura cortando o meu dedo como uma navalha. Mas eu não conseguia formular um jeito de trazer a questão à tona, pelo menos não ainda, então rapidamente pensei em outra coisa na minha tentativa infantil de ouvi-lo falar um pouco mais.

Ouvi sua respiração ritmada e forte enquanto ele esperava pacientemente.

– O que mais você deseja saber? – Ele levantou as sobrancelhas com curiosidade.

Olhei para o meu colo, tocando minhas unhas timidamente.

– Bem, isso pode ser meio infantil, mas... – Eu fiz uma pausa, olhando para cima, para como o seu corpo pairava sobre mim – Ninguém parece saber quantos anos você tem, eu só quero saber por que você parece tão jovem. – Eu segurei minha respiração sabendo que era uma pergunta boba, mas que tinha me deixado perplexa o dia todo.

Uma risada ruidosa encheu a cabine. – De todas as coisas que você poderia ter me perguntado – ele riu um pouco mais – Você escolheu me perguntar isso? – Seus olhos brilharam: – Você sabe que poderia ter me perguntado qualquer coisa, eu estou com disposição para ser verdadeiro.

Eu amaldiçoei a mim mesma por não fazer a primeira pergunta enquanto ele olhava no fundo dos meus olhos. Comecei a duvidar de mim mesma – Sim. – Eu disse timidamente.

Ele percebeu o meu ego danificado quando inclinou a cabeça para baixo em minha direção, seu rosto a apenas alguns centímetros do meu, sua respiração tocando meu rosto.



— Para eles — seus olhos brilhavam como opalas — Eu sou muito antigo, ainda que pareça ser enganosamente jovem. — Ele viu o choque cruzar minha face: — Mas para você Estella, nós temos a mesma idade.

Eu lhe dei um olhar confuso quando ele se levantou, colocando a mão no bolso do casaco e retirando uma pena brilhante. Eu ainda estava me amaldiçoando quando ele a entregou para mim. Agora era o momento perfeito para perguntar. Eu olhei para ele com censura enquanto ele arrancava cautelosamente a mão da luva, examinando-a atentamente enquanto evitava sua borda afiada.

De repente, ele se virou rapidamente e caminhou em direção à porta.

— Basta ficar em segurança Estella e tente voltar a dormir.

Ele abriu a porta e virou a cabeça para olhar para fora e de repente disparou a correr. Enquanto eu o observava, completamente atônita, houve uma súbita comoção e os passos viraram uma vibração quando a porta bateu atrás dele.

Estremeci com o barulho, tentando persuadir minha respiração a eventualmente diminuir para suaves ondas em meu peito. Eu olhei para a porta por um instante. Tentava processar sua invasão abrupta enquanto eu olhava para onde a carta emoldurada de minha mãe repousava no escuro.

Ligando a luz tudo estava do mesmo jeito que sempre tinha sido. As bordas amassadas ainda eram irregulares como se tivesse uma centena de anos. A súbita dose de



adrenalina diminuía e meus nervos perceberam que eu estava sentada, quieta, relendo as palavras fatídicas mais uma vez e mais uma, sem parar.

Eu tentava encontrar atentamente o que o havia feito olhar para as palavras daquela maneira, ele tinha algo que eu tinha perdido escondido dentro delas.

Em apenas poucos dias, minha vida tinha mudado drasticamente, tornando-se muito mais do que eu havia esperado. Imaginei que estar aqui fora seria desafio suficiente para mim, mesmo sem precisar encontrar um outro mundo cheio de mistério e um estranho tipo de namorado que era meio humano e meio completamente não. Eu coloquei o quadro de volta na mesa e puxei o cobertor até os olhos e, desligando a luz permiti que minha visão se ajustasse.

O silêncio foi crescendo em mim, embora não fosse muito quieto. Havia um som distante de grilos e eles me reconfortaram. Eu tinha aprendido que, enquanto eles estivessem cantando, nada de ruim iria acontecer.

Lentamente, o sono rastejou de volta para mim e eu já não podia forçar meus olhos a permanecerem abertos. Caí em meus sonhos onde eu mais uma vez voltava para a clareira, mas desta vez, para meu alívio, ela estava em plena flor. O clima era mais quente que o outono de agora, mais parecido com temperaturas de meados do verão. Enquanto meus olhos passeavam no sonho nebuloso, tudo parecia seguro e minha cabeça estava calma.



Quando eu espreitei para baixo até o meu corpo fiquei chocada com a sensação de calor no meu peito.

Quando meu olhar se desviou para cima, Edgar apareceu no campo. Notei-o instantaneamente, e não apenas com os olhos, mas com meu coração. Sorri verdadeiramente com um sentimento que eu nunca tinha conhecido preenchendo minha alma, a intrusão fazendo faltar o ar enquanto eu lutava para reconhecer a sensação. Quando ele se aproximou, eu levei uma mão até meu rosto, sentindo uma lágrima rolar sobre a minha pele macia ao perceber que estava feliz. Ele estava perto de mim agora, e senti o calor em meu peito mais forte que qualquer coisa que eu já houvesse sentido.

De repente, tudo se dissipou quando a luz da manhã penetrou a cabine, crescendo rapidamente e brilhando, me acenando para acordar. Abri os olhos e a tristeza me sufocou como uma pesada onda. Para meu infortúnio, a felicidade que eu sentia havia sido apenas um sonho. Sentei-me, mais cansada do que havia me sentido desde que eu tinha chegado à faculdade e eu esfreguei os olhos ferozmente.

A luz do dia finalmente tinha chegado e eu exalei agudamente, lamentando que o sono tivesse se dissipado, mas aliviada ao descobrir que era sábado. Eu estava ansiosa para finalmente ter tempo para me preparar. Joguei minhas pernas para o lado e gradualmente fiquei de pé me dirigindo a cozinha onde alguns pacotes de amostra de café repousavam ao lado da pequena cafeteira. Abri a torneira enquanto a água era laboriosamente bombeada para fora do cano para o porta copo.



Quando eu liguei a máquina, o glorioso cheiro do café encheu o pequeno espaço enquanto eu ia ao banheiro. Liguei a água para tomar o primeiro banho que eu tinha em dias, embora eu realmente não precisasse. Eu estava sempre limpa, sempre perfeita, e isso me irritava. Entrei na água morna respirando pesadamente enquanto criava coragem para submergir a cabeça sob a água refrescante.

Hoje, como todos os dias, minha alma estava tão vazia como sempre havia estado. Eu pensei em meu sonho, tentando reviver o sentimento de felicidade que eu tinha imaginado. Enquanto eu lutava para reunir-lo para fora de mim fiquei frustrada e com raiva. Chutei a parede dura, enfurecida com minha vida. Respirando pesadamente, forcei minha raiva desnecessária a diminuir e coloquei a minha cabeça sob a água outra vez, aceitando o meu destino.

Quando a fúria ardente me deixou, a melancolia tomou seu lugar quando percebi que Edgar tinha ido embora. O formigamento familiar que eu sentia perto dele estava fraco, seja lá onde ele estivesse era longe demais para eu senti-lo. Desliguei a água, incapaz de lidar com a temperatura por muito mais tempo. Peguei uma toalha e voltei para o quarto na ponta dos pés, tentando não espalhar água no chão. Não havia nada pior do que calçar meias limpas e, em seguida, pisar em uma poça do chuveiro. Eu vasculhei minha bolsa atrás de um jeans e uma camisa limpa, finalmente encontrei meu ultimo par.

Vesti-me rapidamente e voltei para a cozinha. Pegando o único copo do armário vazio, eu pulei ao som súbito de batidas na minha porta. Coloquei a mão no meu coração



e fechei os olhos, desejando que não fosse Scott, mas sabendo que não teria tanta sorte. Abri a porta contrariada, balançando-a aberta com um olhar de desprezo na minha cara.

—Ei! — Ele cantou.

Revirei os olhos de aborrecimento, tudo que eu queria era um pouco de paz.

— Oh, e aí, Scott. — Minha voz foi preenchida com uma decepção evidente.

—Você quer trabalhar um pouco hoje naquele jornal para o Professor Edgar? — minhas esperanças de que ele fosse embora, pelo menos até meio-dia, foram desaparecendo à medida que ele entrou em minha cabine, invadindo meu espaço.

— Uh... — Vi quando ele começou a pesquisar toda a sala como um cão animado — Claro.

—Nossa esse lugar é muito legal, você tem sorte.

Sua energia estava me deixando nervosa. Observei-o enquanto caminhava em direção à minha mesa de cabeceira, para chegar a minha carta emoldurada

—Ei! — Eu gritei, indo até ele e agarrando seus ombros, distraíndo-o girando em torno de seu corpo e estatelando-o na cama — Sente-se, ok?

Ele me olhou feliz enquanto eu caminhava de volta para a cozinha e peguei o meu café para tomar o primeiro gole que eu tanto desejava.

— Então o que você pensa sobre o corvo? — perguntou balançando um pouco na minha cama — Qual é sua teoria?



Pensei por um momento sobre o que poderia parecer lógico.

– Ele provavelmente chegou aqui em barco de linha cruzeiros ou algo assim. – Eu soltei descuidada. Ou, por mágica, que era o que eu estava começando a acreditar.

Scott balançou a cabeça, contemplando a minha teoria:

– Sim, isso é bom. – Ele olhou para o teto. – Minha teoria é que ele foi trazido aqui por contrabandistas. O que você acha? Soa bom o bastante para convencê-lo?

Dei-lhe um olhar confiante: – Ah sim, eu penso que sim.

Os olhos de Scott caíram de volta para seu colo: – Então – ele fez uma pausa – Eu estava pensando...

Encostei-me ao balcão, me encolhendo por dentro diante da questão previsível que estava por vir. Eu sabia que era apenas uma questão de tempo, especialmente depois de ver como a enfermeira tinha olhado para nós.

– Então, sabe, eu só estava me perguntando se você gostaria, talvez, você sabe, de ir dar uma caminhada? Jantar comigo esta noite? – A maneira como ele disse isso me deixou saber que não era um convite casual e eu apertei meus olhos com desdém. Como eu temia, ele estava procurando dar mais significado a nossa amizade. Olhei para ele timidamente enquanto ele mexia com as mãos, olhando nervosamente para seu colo.

Meu coração ficou apertado e eu me sentia extremamente culpada:



—Ah, uh... — Ele olhou para mim, e pela primeira vez, acho que ele finalmente entendeu. — Ah sim, eu sei, só pensei, você sabe. — Ele sorriu friamente.

— Me desculpe Scott — fiz uma pausa, incapaz de formular exatamente o que dizer: ele era meu amigo e eu gostava que fosse assim — É só que, eu era órfã e eu nunca tive amigos antes... — Eu parei, esperando que ele entendesse a dica e aceitasse que nós nunca namoraríamos.

—É o Professor Edgar? — Seu comentário foi ousado e acertado.

Ele havia me tomado de surpresa. Eu o olhei assustada e tenho certeza que minha cara dizia tudo.

Ele sorriu docemente: — Bem — um olhar satisfeito cruzou seu rosto — Então acho que tudo bem. — Parou e caminhou em minha direção. — Amigos são uma coisa boa. — seus pequenos olhos piscavam amorosamente e eu de repente senti que deveria me jogar de um penhasco por ser tão má.

Tomei um gole do meu café, grata que ele tivesse aceitado a nossa amizade.

—Eu odiaria que as coisas ficassem estranhas, sabe? — Eu estava implorando para ele.

Ele balançou a cabeça e me deu um sorriso bobo, que super compensava, ele dizendo que estava ok. — Bem, e que tal um café da manhã, não há nenhum perigo aí. — Ele perguntou levemente, seu humor mudando.



Eu lhe dei um sorriso vazio, colocando o meu café na bancada e agarrando a sua mão.

— Perfeito, vamos nessa.

Eu o puxei para fora da porta de brincadeira, ainda tentando me sentir menos vilanesca por não gostar dele. Enquanto caminhávamos para o café, eu pensei em Edgar e me perguntei onde ele estaria. O sentimento de separação era estranho, como se agora que, estávamos perto, nunca devêssemos ter nos separado. Simplesmente era tudo tão repentino, tão saindo do nada, como o amor à primeira vista ou qualquer coisa ridícula do tipo.

Scott seguia junto, como se nada tivesse acontecido. Eu esperava que desta vez ele finalmente houvesse compreendido e parasse de dar em cima de mim. Abrimos a porta da lanchonete e olhei ao redor em minha tentativa de talvez ajudá-lo a encontrar uma namorada, pensando que assim ele poderia realmente me dar espaço e também me perdoar por ser uma idiota de coração frio.

Eu não era muito casamenteira, bem, nem um pouco para falar a verdade, mas valia à pena tentar. Eu me sentia muito fraterna com ele, para não mencionar responsável. Nós pegamos nossa comida e tomamos a mesma mesa de sempre. Eu dei uma olhada ao redor com certa indiferença, meus olhos encontrando uma cara de desprezo depois da outra até que, finalmente...



— Então, Scott — eu me arrisquei, observando a garota solitária a minha direita a apenas algumas mesas de distancia. Eu não estava certa de onde isso ia dar, mas senti que seria a solução correta. — Que tal a garota que está ali, sentada sozinha? Ela com certeza é bonita, hein?

Ele ficou vermelho e eu sabia que o tinha pegado desprevenido. — É — ele enfiou comida em sua boca tentando se esquivar de falar mais.

— Oh, vamos lá, eu sei que você só me chamou para sair porque estava solitário. Olhei para ele enquanto ele mastigava desafiadoramente

Ele pareceu magoado, mas também pareceu pensar no que eu disse e olhou rapidamente em direção a menina. Ela era relativamente bonita para ser uma comedora de granola, com cabelo castanho e óculos, que emolduravam graciosamente o seu rosto.

—Vá lá agora, vai ser fácil convidá-la para comer com a gente — eu insistia com ele na brincadeira, manipulando sua mente maleável.

Ele a olhou timidamente: — Eu acho que eu poderia. — Um olhar de confiança brilhou em seus olhos ansiosos. Ele terminou de mascar e limpou a boca, olhando para mim esperando minha aprovação. Eu dei-lhe um olhar severo, empurrando-o ligeiramente. — Vai — eu sussurrei ansiosa.

Ele levantou-se e alisou sua vergonhosa camisa Boy Scout contra as calças cargo e ajustou os óculos. Ele se aproximou e ficou sem jeito diante dela. Eu vi com assombro quando eles começaram a conversar. Eu não consegui ouvir o que ele disse, mas de



repente ela sorriu e olhou-me graciosamente. Eu a vi levantar-se e eles caminharam de volta para mim. Eu fiquei sem palavras, espantada como eu havia descaradamente conseguido tal façanha social. Eles se aproximaram de mim com alegria e uma parte de mim desejava que eu pudesse estar feliz com este momento também.

— Essa é Sarah — Scott estava radiante: — Ela está muito grata pelo convite. Eu lhe dei o meu amável sorriso falso — Oi Sarah, você parecia tão sozinha.

Ela exalava a mesma super energia de Scott e, eu estava orgulhosa de tê-los colocado juntos, primeiro Mãe Terra e agora casamenteira perita.

— Oh, obrigada — ela sorriu. — Eu estava começando a achar que todo mundo aqui era frio e mau. — Sua felicidade era quase doentia e eu não pude deixar de invejá-la.

Scott mudou a bandeja de lugar para dar espaço para Sarah na mesa. Quando finalmente sentou-se, ambos mantiveram-se olhando nos olhos uns dos outros como crianças no Dia dos Namorados.

— Então, qual é seu nome? — Ela perguntou com os olhos cheios de juventude e inocência.

Eu olhei incrédula, maravilhada, porque agora tinha não apenas um, mas dois amigos acidentais.

— Estella — eu disse confiante, tornando a iniciativa de estender a minha mão para apertar a dela.



Ela pegou e balançou vigorosamente. Ela era horrivelmente perfeita.

— Esse é um belo nome, Estella. — Ela disse. — Minha mãe foi realmente sem criatividade. — Ela fez uma cara descontente.

Eu estremeci. Era mesmo o que eu precisava, um outro comentário sobre mãe para reativar meu tumulto interno — Obrigada.

Scott estava sorrindo para ela, quase à beira de ficar com a boca grosseiramente aberta. Eu dei-lhe um olhar severo e ele saiu do seu transe.

— Oh, uh! — Ele fez uma pausa, ela era como amor à primeira vista e eu era apenas um brilho no retrovisor. — Bem, eu com certeza acho que Sarah é um belo nome.

Seu sorriso besta não me impressionou, mas com certeza deixou Sarah em ondas de riso e corando.

Eu assisti quando eles começaram a falar energicamente e, de repente, me senti como uma vela e gostei. Fiquei tempo suficiente para ser educada, antes, estrategicamente de desculpar-me. O amor que estava florescendo era mais do que eu poderia agüentar e eu rapidamente me esgueirei para fora da sala.

Andei rapidamente de volta à minha cabine, animada com a solidão. Eu havia planejado um dia de leitura, lavanderia, e reflexão. Eu estava determinada a acumular tanta informação quanto eu pudesse antes de Edgar voltar. Eu precisava ir a fundo de modo que eu estivesse certa de onde eu estava me metendo e que não estava entrando em nada perigoso.



Mas tarde naquele dia, porém, me encontrei em meio a uma séria dúvida. Eu tinha prometido a Edgar que ficaria fora da floresta, mas o dia se arrastava mais lentamente do que eu gostaria e eu estava entediada. O que importava de qualquer forma se ele tinha ido embora. E, como ele disse, o corvo foi apenas uma espécie estranha de coincidência e ele estava morto de qualquer maneira. Eu vivi dezoito anos sem quaisquer problemas em locais certamente muito mais perigosos do que aqui.

Eu estava mordendo as unhas nervosamente, olhando pela janela da minha cabana em direção à floresta e pesando o meu lado rebelde. Eu não podia segurar mais, este era o meu sábado, meu dia de finalmente explorar esse lugar do meu próprio jeito. Meus nervos se contraíram nervosamente e havia uma voz dentro de mim que dizia “não”, mas eu a calei à força, empurrando-a de lado como roupa suja.

– Dane-se – eu disse em voz alta, pegando meu casaco e abri a minha porta de forma conclusiva segurando a maçaneta com força.

O ar hoje estava menos denso. No café da manhã eu havia notado uma clara mudança no clima, mas fiquei feliz por isso. Eu estava acostumada com a chuva constante de Seattle e às vezes até gostava, então hoje o clima um pouco mais frio foi bom. Inclinei-me para colocar minhas botas, notando também uma forte brisa constante que caía sobre meu rosto. Levantei-me com determinação, exalando forte enquanto eu entrava no caminho que dava para a floresta.



Passei pela cabana novamente, desta vez voltando-me para a direita, e decidi que o prado parecia demasiado familiar, para não mencionar um pouco assustador. Olhei pra trás, com cautela. Como antes, eu ainda sentia como se alguém estivesse aqui, mas quando o vento frio passou rápido por minhas costas, percebi que era apenas a sua presença no interior da floresta. Havia grandes montes de sálvia pontilhando o chão e seu perfume era celestial, emaranhando-se no meu rosto e pelo meu cabelo. As samambaias tremiam furiosamente com o vento, e seus cachos encaracolados curvavam-se até o chão suavemente.

Eu andei pelo caminho pelo que me pareceu ser alguns quilômetros. Até aí, nada havia saltado em mim e eu me adaptei a um ritmo confortável. O caminho parecia bem freqüentado e bem cuidado, o que era muito melhor que o caminho meio rústico do prado. O fato de esta trilha ser mais percorrida me deu uma sensação de segurança. Coisas ruins tinham menos probabilidade de acontecer aqui.

Minhas mãos estavam fortemente pressionadas em meus bolsos, o vento frio congelando-as apesar disso. Eu estava cantarolando para mim algo que Heidi esteve cantarolando para mim todas as noites desde o dia que ela me levou para dentro. As plantas absorviam a minha voz na medida em que elas se inclinavam felizes em minha direção, o capim ondulando como se fosse beijado pelo céu sem sol. Meus ossos tremiam enquanto o vento soprava através das sempre-vivas que cantarolavam de volta para mim em voz alta.



Eu comecei a cantarolar de novo, mas agora, houve um tremor perceptível a minha voz. O caminho começou a se contorcer em uma forte curva e, de repente, vi um pico de rochas acentuado em direção ao céu a poucos metros à frente. Olhando ao redor, eu era capaz de espionar através de uma abertura nas árvores, percebendo o brilho do lago logo abaixo. Tentei me posicionar de acordo com a represa na cabeceira do lago, mas era mais difícil do que eu pensei e olhei ao redor, perdida.

Desistindo, eu comecei a andar mais uma vez, o suave barulho da água de repente agudamente audível na distância. Acabei me machucando perto de uma grande árvore, pisando em uma poça de lama profunda que estava escondida sob um bosque de samambaias. Eu amaldiçoei a mim mesma enquanto espanava a sujeira, olhando com raiva para minhas botas. De repente, uma grande sombra mergulhou por cima, sombreando completamente o solo em torno de mim e me fez mover a cabeça para cima, vendo um grupo de ramos balançando residualmente em cima do local onde eu estava.

Minha respiração acelerou, rasgando pela minha garganta.

—Olá? — Eu perguntei, mas, como seria de esperar, ninguém respondeu.

Recriminando-me por ser tão assustadiça, rapidamente decidi que não era nada mais que o vento nas árvores. No entanto, por via das dúvidas, eu meio que comecei a correr pelo caminho, olhando para o dossel com cautela enquanto os ramos agitavam-se furiosamente em cima de mim. Eu sabia que provavelmente estava apenas sendo



paranóica, e também sabia que voltar não seria necessariamente uma má idéia, mas a minha curiosidade em saber de onde o barulho da água estava vindo era muito mais dominante.

Meu ritmo abrandou para uma caminhada quando minha respiração se acalmou, o barulho ainda mais alto agora, como se o motor de uma turbina de avião estivesse voando por cima. De repente, minha mente recordou de Edgar. Se ele descobrisse onde eu estava, ele estaria furioso com certeza. A maneira como ele tinha me avisado para ficar fora da mata havia sido inegavelmente severa, mas o que eu realmente tinha a perder? Enquanto o pensamento girava em minha mente, quase não notei que a trilha havia acabado e então me vi à beira de um penhasco muito grande, uma vista panorâmica sobre o lago e a geleira a minha frente.

Engoli em seco. A beleza era mais impressionante do que vista de baixo. Olhei à minha esquerda em total espanto. Lá, cerca de vinte metros de distância, um rio lançava-se furiosamente do penhasco e mergulhava descontroladamente para o lago abaixo. Enquanto eu estava ali, ensurdecida pela fúria da natureza sobre a encosta, fiquei instantaneamente intrigada pelo seu tamanho e pela vertigem, que começou a fazer cócegas no meu espírito. Eu podia sentir o pulsar crescendo no meu peito, a água, aparentemente sem peso algum, em queda livre como uma montanha russa.

Houve outra súbita rajada de vento e uma nuvem de névoa soprou no meu rosto. Estremeci do frio glacial dela contra a minha pele clara, afastando-me ligeiramente e protegendo o rosto.



Quando olhei por sobre meus ombros, de repente vi que havia algo ali, mas a água que tinha atingido o meu rosto havia turvado a minha visão. Era algo grande e cinzento, ligeiramente brilhante, como se iluminado pelo sol. Era da altura de um ser humano, mas possuía ombros muito largos, distorcidos de uma maneira estranha. Rapidamente, eu tentei afastar a névoa para longe, mas quando eu finalmente consegui enxergar, seja lá o que fosse tinha-se ido. Uma rajada forte caiu em meu rosto e eu pisei para trás, quase tão longe que por pouco eu teria caído no precipício. Rapidamente me equilibrei e pisquei com força.

Meu coração subitamente acelerou, batendo firmemente em meu peito. Trazendo a minha mão à minha boca, eu pensei furiosamente no que fazer. Era difícil negar que algo estava realmente me seguindo e minha teimosia finalmente vacilou. Eu imediatamente me arrependi de vir aqui. Eu deveria ter escutado Edgar. A adrenalina tomou conta de repente, pulsando pelo meu corpo e controlando minhas pernas enquanto eu corria de volta para a faculdade.

Minhas pernas estavam batendo no chão da floresta, lama espirrando por todo do meu jeans, minha mente de repente alerta quando ouvi algo sussurrar através dos galhos por trás e acima de mim. Dei uma olhada para cima e vi outra sombra sendo moldada em torno de mim, mas quando meus olhos, finalmente encontraram o local, o que ou quem quer que fosse, disparou para as alturas e apenas uma grande vibração de cinza era visível entre as manchas de céu aberto. Pus a mão no meu peito com medo, mas não houve



sensação de asfixia ou mente enevoada. Eu fechei meus olhos e corri mais rápido, o ardor tomando conta das minhas coxas e garganta.

Ouvi vozes logo mais a frente e forcei meus olhos a abrirem novamente, aliviada ao ver duas pessoas no caminho diante de mim. Enquanto eu corria na direção deles, eles de repente se viraram. Totalmente sem ar, fiquei surpresa ao ver Sarah e Scott me olhando horrorizados. Forcei meu corpo a desacelerar quando eu quase bati neles que me olhavam com olhos arregalados de espanto.

— Estella! — Sarah engasgou — Que está acontecendo?

Eu lutava para recuperar o fôlego quando Scott colocou uma mão nas minhas costas. Meu lado estava dolorosamente apertado e eu ficava olhando de volta para a floresta, mas não havia nada lá.

— Havia... — Eu estava respirando com muito esforço — Havia... Alguma coisa... Perseguindo... — Eu deixei minha voz sumir.

Scott e Sarah estavam olhando para mim horrorizados, os seus lábios franzidos em total descrença.

A cara de Scott era a mais horrorizada enquanto ele olhava profundamente em meus olhos. — Era um urso?

Isso era absurdo, como pode um urso voar por entre as árvores? Relembrei cuidadosamente o que eu havia visto antes de responder:



—Ah! — Eu ainda estava tentando recuperar o fôlego, ainda olhando para a floresta atrás de mim, desconfiada. — Ah, sim. — Eu respirava. Era mentira, mas se eu fosse comparar o nível de perigo, seria provavelmente o mesmo. Eu precisava tirá-los daqui, e rápido.

Os olhos de ambos abriram-se de medo e cada um passou um braço por baixo dos meus cotovelos. — Talvez devêssemos ir. — A voz de Sara estava tremendo.

Eles me ajudaram e logo estávamos andando apressadamente. Estremeci com a dor no meu lado, lutando para me lembrar do que eu testemunhei, mas eu não conseguia ligar as peças. Era diferente de qualquer coisa que eu já tinha visto antes: grande, silencioso e rápido.

Nós finalmente saímos da trilha e vi como o rosto de Sarah relaxou em um olhar de alívio.

— Graças a Deus. — Ela arfou enquanto seu rosto se curvava em um sorriso de agradecimento.

Eu não pude fazer mais do que também me sentir imensamente aliviada.

Scott olhou para mim rindo. — Lembre-me de não ser mais seu amigo, ok? — Ele estava brincando, mas uma parte de sua declaração fazia sentido — Você é um imã para problemas, Elle. Sem ofensa, mas eu nunca havia sentido tanto medo na minha vida até te conhecer.

— Você não tem idéia. — Eu sussurrei baixinho.



Eu nunca tinha passado por um medo como este também. Eu olhei para o rosto de Sarah, me sentindo horrível de que logo no dia em que me conheceu eu já havia conseguido parecer uma maluca e colocá-la em perigo. Gostaria de saber exatamente o que ela achava de mim.

Sarah e Scott estavam rindo agora e eu revirei os olhos. Eu me perguntava como seria ser como eles, pensando haver escapado por pouco de um urso quando na verdade, era outra coisa, talvez até algo muito pior.

Scott olhou para mim, sorrindo: – Bom o que devemos fazer agora?

– Monopoly¹²? – Sarah perguntou levemente.

Meu coração ainda estava correndo. O medo em meus ossos ainda não tinha ido embora e eu não me sentia livre da ameaça. Como eles poderiam estar pensando em estúpidos jogos de tabuleiro quando há coisas estranhas acontecendo nos bosques ao nosso redor? Eu queria desesperadamente que Edgar estivesse aqui agora, eu precisava de sua confiança e as suas respostas.

– Estella? Você está a fim de jogar? – Scott olhou para mim com curiosidade.

Meus olhos dispararam entre as duas faces alegres. –Uh... – Parei meu corpo ainda tremendo – Eu acho que vou me deitar.

Scott riu de repente: – Sim, isso é uma boa idéia, além do mais, você esta com cara de que vai desmaiar.

¹² No Brasil Monopólio ou Banco Imobiliário.



Sarah riu um pouco e me acenou com a cabeça.

— Sim, acho que você está certa, obrigada mesmo assim.

— Talvez da próxima vez? — Scott e Sarah se entreolharam com um brilho de alívio.

Eu sabia que eles não me queriam por perto de qualquer maneira.

— Sim, claro. — Eu respondi com voz trêmula.

Eles acenaram e se viraram começando a descer a colina. Eu soltei um último suspiro aterrorizado antes de correr para a minha cabine.

Bati a porta atrás de mim, amaldiçoando-a por não ter uma fechadura. Por via das dúvidas, corri para a cadeira que estava ao lado da janela, arrancando-a em direção à porta e encaixando-a sob a maçaneta. Por um momento, me senti ligeiramente segura, porém, quando se tratava de fantasmas ou fenômenos estranhos, eu tinha visto na TV que ainda poderiam tecnicamente atravessar paredes.

Finalmente sentei-me na minha cama, pensando que não havia maneira de controlar isso. Fosse o que fosse que estava lá fora parecia inofensivo, e de qualquer forma, não tinha atacado embora tivesse tido amplas possibilidades. Estremeci. Toda a minha vida eu pensei que eu era o único monstro, mas agora, parecia que eu era apenas um de muitos. Suspirando, o meu ritmo cardíaco finalmente começou a desacelerar enquanto eu reunia coragem para bravamente superar o acontecido. Peguei um livro do chão, esperando mergulhar minha cabeça em um transe de leitura.



Verdade

Senti-me maravilhosamente descansada na manhã seguinte. Havia dormido incrivelmente bem, considerando os eventos de ontem. Depois de deixar Sarah e Scott, as coisas ficaram bem mais fáceis. Li meu livro e o achei extremamente relaxante. Era estranho conseguir me concentrar na leitura. Eu estava tão acostumada com irmãos e irmãs adotivos e carros barulhentos, sempre tirando minha atenção de um capítulo interessante.

Quando finalmente consegui dormi, meus sonhos eram normais, nada parecidos com a noite passada. Não houve nenhuma visita estranhas e misteriosas de Edgar, nem nada do tipo, o que era um alívio bem vindo. O incidente na cachoeira começou a parecer que havia sido alucinação, como uma memória modificada.

Sentei-me, me sentindo bastante empolgada ao lembrar, que hoje, Edgar estaria de volta ao campus e eu estava louca para encontrá-lo e continuar com minhas perguntas.

Eu havia decidido, enquanto cochilava na noite passada, que manteria o incidente da floresta em segredo. Seria estúpido comprometer nossa relação, de alguma maneira interessante e instigante, mostrando a Edgar que não poderia confiar em mim. Tenho certeza que, no tempo certo, as resposta que eu quero vão aparecer por si mesmas.



Naturalmente, eu fui incapaz de tirar qualquer informação interessante dele ontem, como eu tinha planejado. A figura cinzenta na floresta roubou minha atenção de Edgar, trazendo uma nova montanha infinita de coisas sobre as quais pensar. Hoje, de qualquer maneira, eu tinha um plano. Ocorreu-me que aquela enfermeira é inglesa, não que o fato de ser inglesa dê a ela muito conhecimento sobre corvos, mas o corvo que esteve na campina era, inegavelmente, da mesma região étnica. Ela também parecia ser veterana aqui, e seu comentário sobre outros estudantes terem parado na enfermaria depois de maus encontros com Edgard me deixou curiosa.

Era uma coincidência perfeita ser o dia de tirar os pontos do meu braço. Dei uma espiada por baixo do curativo no dia seguinte ao incidente, só para ver que já estava praticamente curado, outra coisa estranha sobre minha existência. Desde que eu consigo me lembrar, eu me curo bem rápido. Quebrei meu braço na primeira série quando um menino chamado Andrew começou a me provocar e me empurrar depois da caixa de areia em que eu estava brincando se transformar em uma caixa de flores. Uma semana depois meu braço já estava curado. Naturalmente, os médicos me fizeram ficar com o gesso por mais três semanas, apesar das minhas reclamações. Eles estavam simplesmente confusos e, infelizmente, escreveram sobre mim no jornal de “mistérios médicos”.

Pulei da cama e fui para o banho, jogar uma água no rosto. Olhando pela pequena janela, notei que o dia estava fechado. A janela estava embaçada e eu podia sentir o frio enquanto gotas de chuva escorriam pelo vidro. O vento de ontem parecia ter trazido o mau tempo com ele.



Vesti-me rapidamente, já esperando a chegada de Scott, mas a manhã foi passando e eu fiquei surpresa por ele não ter parecido. Suspirei de alívio e também de tristeza ao perceber que ele e Sarah deviam ter esquecido do mundo enquanto jogavam Monopólio e que eu o tinha perdido como amigo e assistente constante. De qualquer maneira, agora, eu tinha bastante tempo livre para desbravar minha subitamente complexa vida.

Depois de gastar metade da manhã pensando, finalmente saí da cabine, movida pela fome e desejo ardente de conseguir informação. Fiz meu caminho até a cafeteria a passos largos, com pressa. A maioria dos alunos já tinha comido, então fui direto para o balcão e peguei duas maçãs, pensando em guardar uma para mais tarde.

Abocanhei a casca suculenta já passando pela porta, mastigando minha maçã em sincronia com os passos. Era estranho o caminho para a enfermaria me ser tão familiar, já que eu nunca fui lá completamente consciente.

Passando pela porta, a enfermeira Dee levantou os olhos alegremente.

— Olá, senhorita.

— Olá senhorita Dee. — Eu estava tentando ser o mais simpática possível para que ela me deixasse vasculhar seu cérebro.

— Já está completamente curada? — Ela me lançou um olhar perplexo e duvidoso.

Tentei adotar o mesmo tom animado de Scott.



– Acho que sim. – Tentei cantarolar alegre. Tudo o que ela tinha que fazer era pesquisar sobre mim na internet. Os extensivos relatórios médicos sobre mim diriam tudo.

– Nossa! – Ela fez uma pausa enquanto puxava sua cadeira de rodinhas em minha direção, pegando gentilmente meu braço e dando uma olhada sobe o curativo branco. – Está curado! – Ela estava surpresa e eu não fiquei nem um pouco chocada com isso.

Eu ri, esticando minhas habilidades de atuação ao limite.

Ela começou a desenrolar a atadura lentamente, cantarolando baixinho. Comecei a criar coragem, pensando no que dizer para quebrar o gelo.

– Senhorita Dee. – Comecei – A senhora lembra quando eu vim aqui da primeira vez, não lembra?

Ela deu uma risadinha. – Ah, querida, não acho que conseguiria esquecer.

Analisei a seriedade de sua resposta.

– Eu fui a primeira a chegar aqui tão mal?

Ela riu novamente. – Ah, querida, você não foi a primeira, mas, definitivamente, foi a pior.

Lembrei-me daquele dia. Havia alguma coisa diferente em como eu reagi. A respiração rápida e o sentimento apertado no peito não foram um ataque de ansiedade, eu sei disso, mas se eu fui a primeira a ficar tão mal, isso significava que os outros estudantes só tiveram um ataquezinho, os fracotes.



Balancei a cabeça, curiosa, tentando descobrir mais.

— Então, desde quando o professor está aqui?

Ela manteve o olhar preso no meu braço, fingido estar tirando a fita opaca que cobria os pontos pretos.

— Ah, desde que a faculdade abriu, há uns quatro anos atrás.

Fiquei um pouco chocada. — Nossa então, ele era um estudante? Ele devia ser bem novinho.

Ela parou um pouquinho enquanto pensava. — Não. — Puxou levemente a fita, mas a cicatriz já não doía. — Ele já era professor. — Ela riu um pouco consigo mesma. — Eu sempre lhe digo que ele nunca vai chegar a aparentar quarenta anos, ele adora quando digo isso, sempre o faz rir. — Ela riu adoravelmente.

— Hum. — Ponderei a informação, ela praticamente me disse que ele nunca envelheceu, mas isso era impossível. — Então a senhora o conhece bem? — Tentei ir mais fundo.

— Ah, sim, todos os funcionários se conhecem bem. Nós somos bem independentes e ele gosta de ficar sozinho no laboratório por bastante tempo, e vive no puxadinho que construiu. — Ela começou a cortar cada ponto cuidadosamente. — Ah, senhorita, você realmente se curou bem rápido. Eu não consigo entender como.



Ignorei seu comentário respeitosamente. — Então ele é sempre tão... — Fiz uma pausa. — Misterioso?

Ela olhou em meus olhos, uma expressão de familiaridade cruzando sua face.

— Oh! — Ela fez um esforço para compreender. — Ele é diferente, sim. Mas eu acho que todo mundo tem seus assuntos privados, eu tento não perguntar e ele não é do tipo que fala muito, de qualquer maneira. Então, mesmo que eu perguntasse, acho que ele não responderia.

Suas respostas eram vagas, mas não sugeriam que estivesse escondendo nada, parecia mais perturbada por não saber. Pareci do tipo fofoqueira, sempre querendo saber mais. Mudei o assunto de Edgar, agora mais curiosa em saber por que ele estava aqui no campo.

— Então. — Minha voz mudou para um tom de quem queria saber mais sobre a área, coisas que não estão necessariamente em jornais científicos ou mapas. — Tudo é tão bonito por aqui não é?

— Uhum. — Ela respondeu amavelmente. — Não é magnífico?

— É sim. — Ela fazia isso ser fácil. — Quase mágico. Pergunto-me por que não existem lendas escritas sobre essas montanhas. — Fiz uma pausa, esperando ansiosamente que ela mordesse minha isca. Minha respiração era controlada, passando vagarosamente por meus lábios.



Ela olhou para mim, uma expressão surpresa e excitada em seu rosto. — Ah, senhorita. — Falou — Mas existem milhões delas! — Ela sorriu e olhou de volta para meu braço.

— Sério? — Perguntei sarcasticamente, agindo como se não estivesse interessada. — Qual, por exemplo? Eu adoraria ouvir uma.

Ela sorriu alegremente. — Bem. — Cortou mais um ponto com destreza. — Minha favorita é a historia sobre os lagos.

Olhei para ela com curiosidade, agindo como a ouvinte perfeita.

— A lenda diz que os lagos daqui foram criados magicamente. — Ela me lançou um olhar dramático. — Por isso que o lago se chama Diablo Lake, ou Lago do Diabo.

Franzi o cenho demonstrando profundo interesse e concentração.

— Dizem que centenas de anos atrás houve uma luta, uma luta entre dois seres muito poderosos. Dizem que essas duas criaturas eram demônios, apesar de alguns se referirem a eles como anjos. — Ela puxou o último ponto e se esticou para pegar um creme cicatrizante, que eu nunca precisaria, no armário, minha pele estaria impecável em alguns dias.

Olhei para ela com interesse e ela sorriu feliz por seu poder sobre mim no momento.



– Alguns dizem que eles lutavam por ouro, outros dizem que por poder, e alguns mais céticos dizem que eles lutavam por almas.

Suas palavras ficaram suspensas em minha mente, mistificando minha imaginação. Toquei meu peito, achando uma coincidência muito estranha que este tenha sido deixado sem alma.

– Eles lutaram tão ferozmente que cada lugar onde um jogou o outro afundou, criando os altos picos e lagos profundo que conhecemos hoje, e, claro, a cor. – O jeito como ela disse aquilo mostrava que era a parte mais importante. – Dizem que a cor é a mesma daquilo que eles mais prezavam.

Olhei para ela fervorosamente, mas sua historia havia parado. Sentei-me, curiosa, a última frase rodando em minha mente.

– Então, o que é aquilo que eles mais prezavam? – Perguntei perplexa.

Ela se espremeu, soltando um gemidinho alegre. – Esse é o mistério. O que é uma lenda sem uma pergunta não respondida? – O desinteresse cobriu sua voz.

Mantive-me quieta, sem saber o que dizer.

Senhorita Dee me olhou de um jeito materno. – Oh, mas não perca o sono por isso querida, ninguém jamais conseguiu descobrir em centenas de anos. – Ela deu tapinhas em minha perna enquanto rolava em sua cadeira de volta para o balcão.



Puxei a manga de volta sobre a fina cicatriz e levantei-me. — Bem, obrigado Senhorita Dee, pela historia maravilhosa.

— O prazer é meu, senhorita. — Suas bochechas gorduchas se transformando em um sorriso glorioso. — Volte sempre!

Sorri uma última e agonizante vez antes de bater a porta atrás de mim, exalando um suspiro dolorido de alívio enquanto minha boca voltava a sua posição melancólica. Eu não esperava ter conseguido tanta informação tão rapidamente e me esforcei para guardá-las para futuras análises.

Senti-me, de repente, magneticamente atraída para o laboratório. Havia uma coisa lá, uma coisa espetando minha curiosidade. Olhei para o prédio por um bom tempo antes através do caminho, contemplando o que iria fazer. Finalmente, movi-me para frente olhando para a maçaneta com cuidado. Cheguei às portas principais e as empurrei levemente, mas estavam trancadas.

Apenas um pouco desencorajada, dei a volta no prédio, determinada a encontrar uma entrada. Em sua maior parte, o laboratório era retangular, mas o pequeno resquício de arquitetura sugeria que seu escritório estaria atrás daquelas paredes.

Corri até a primeira janela, decepcionada com as persianas que bloqueavam minha visão. Empurrei o trinco e o encontrei apenas encostado, mas não consegui abrir. Rapidamente, virei em um canto procurando pela próxima janela. Minha mente ficou



obscura enquanto eu perdia toda minha compostura. Quando encontrei, corri para ela confiante, mas, mais uma vez, não consegui abrir.

Encostei-me na parede, lentamente me agachando até o chão, desanimada. Minha respiração era rápida e superficial, adrenalina corria em minhas veias. Esforcei-me para me levantar e me recompor. O que eu estava fazendo?

De repente, virei minha cabeça em direção à floresta ao ouvir um riso grave ecoando das árvores. Meu coração não se acelerou como eu pensei aconteceria, apenas continuou batendo no mesmo ritmo pesado de sempre. Uma figura alta saiu do meio das árvores e eu me levantei rapidamente, repentinamente me sentindo muito embaraçada.

— Você achou que ia fazer tudo tão fácil? — Edgar riu maliciosamente com a luz do dia se derramando sobre sua face.

Comecei a ficar terrivelmente vermelha.

— Não fique com vergonha, Elle. — Ele caminhou em minha direção a passos confiantes. — Eu não consigo entender essa sua fome, esse seu desespero para saber quem eu sou. Temo que eu ainda não a tenha deixado saber muito sobre mim, mas prometo que, quando chegar à hora, você saberá.

Olhei para ele, morrendo de medo de que estivesse com raiva de mim por ter tentando invadir o laboratório, mas ele estava estranhamente compreensivo.



– Você acha que eu deveria estar com raiva, não é? Mas não estou. – Olhei para ele chocada. Ele estava lendo minhas expressões fácil demais. – Como eu disse... – Seus olhos estavam brilhando. –... Eu entendo.

Ele se aproximou, colocando seu rosto próximo ao meu, sua respiração chegando a minhas bochechas gentilmente.

– Não vai dizer olá? – Um sorriso cruzou sua face.

Meus olhos refletiram aversão enquanto eu me esquivava dele cuidadosamente, respeitando seu espaço.

– Não. – Falei rápido, andando para longe dele a passos firmes.

Ouvi-o caminhando rápido atrás de mim, chegando mais perto até estar na minha frente e me fazer parar abruptamente.

– Olha. – Sua voz era suave e eloqüente, me hipnotizando como se fosse algum gás. – Eu não estou aqui para te machucar, já te disse isso. – Sorriu levemente para mim. – Eu realmente sinto falta de sua atitude inflamada, para falar a verdade.

– O que você sabe sobre minha atitude inflamada? – Eu soltei asperamente enquanto passava por ele, mais uma vez sentido aversão por seu comentário oblíquo.

Ele riu. – Eu sei que você nunca fará o que eu pedir, certamente. – Sua voz vinha caminhando atrás de mim. – Como foi seu fim de semana? – Ele provocou fazendo meu coração parar, ele deve saber que eu entrei na floresta. Ele me alcançou novamente, me



fazendo parar. — Eu sempre esqueço que você realmente não me conhece, apenas... — Sua voz foi sumindo na última palavra.

Meu olhar o incinerou e eu notei alguma coisa que alguma coisa cedeu em seu olhar de mármore. Tremi levemente quando uma brisa soprou vindo do lago, trazendo a chuva atrás de si.

— Ouça. — Ele pediu. — Vamos começar tudo de novo. Vamos começar a nos conhecer. Ok?

Ficamos ali, parados, nossos corpos presos em algum tipo de jogo de olhares e eu continuei com meu silêncio irritante. A expressão em sua face era solene e eu senti a profundidade de seu olhar agarrar minha atenção.

— Por favor? — Seu olhar estava lindamente contorcido e eu me perguntei como eu conseguia fazer um homem aparentemente tão poderoso vacilar.

Suspirei, finalmente. — Tudo bem. — Minha voz era curta e emocionalmente fria, mas eu secretamente adorei a posição em que me encontrava.

Um sorriso cruzou sua face, deixando meu coração com um desejo doloroso.

— Então, qual o sentido disso tudo? — Soltei, cozinhando minha teimosia.

Ele encolheu os ombros. Passou para o meu lado enquanto comecei a caminhar vagarosamente.



Revirei os olhos e tentei novamente. — Então, quem é você? — Minha voz era cortante.

Ele olhou para mim com curiosamente. — Bem, eu não sou tão fácil. — Soltou, rindo. — Por que nós não começamos com nomes? Eu sou Edgar, Edgar Poe.

Olhei para ele, incrédula. — Ahhh, muito engraçado, você acha mesmo que eu vou acreditar nisso? O que, você é parente do famoso poeta do século dezanove?

Suas sobrancelhas se levantaram em desafio. — Não mesmo! Esse é o meu nome. — Ele encolheu os ombros. — Então, qual é o seu? — Sua face parecia dizer ‘cheque mate’.

Revirei os olhos para ele, sendo rebelde. — Não importa.

Ele soltou um rosnado sarcástico.

— Bem, de qualquer maneira, como você sabe, meu nome é Estella. — Fiz uma pausa, nervosa. Eu nunca tive realmente um sobrenome, apenas o primeiro. — Estella Smith. — Me encolhi pela falta de originalidade.

Ele riu. — Bem, Estella *Smith*, prazer em conhecê-la.

O jeito como falou o Smith sugeriu que ele sabia que eu estava inventando. Percebi que ele não se deu ao esforço de apertar minha mão. Percebi que aquilo de alguma maneira tinha a ver com o fato de ele não poder chegar muito perto, apesar de eu não entender como isso poderia me machucar.



Nós estávamos subindo vagarosamente pela colina em direção ao meu quarto e eu tinha medo de que ele se livrasse de mim assim que agente chegasse lá. Eu ainda queria descobrir mais.

— Então. — Fez uma pausa, e eu podia ver a expressão de travessura em seus olhos.
— Você está feliz em me conhecer?

Virei-me para ele cuidadosamente. — Que tipo de pergunta é essa? — Vi seu rosto afundar e repentinamente me senti mal por isso. Respirei profundamente, finalmente tentando ser mais civilizada. — Eu acho que isso depende do que você entende por ‘feliz’. Esse não é um sentimento com o qual eu tenha muita experiência.

Ele bufou. — Ahhh. — Enfiou as mãos nos bolsos. — Eu acho que você está certa, então você está... — Olhei para ele esperando que encontrasse a palavra certa. —... Pelo menos aliviada por eu estar aqui?

Ele havia encontrado a emoção certa, e eu sacudi a cabeça afirmativamente de modo tímido.

Ele me lançou um sorriso torto fazendo meu coração disparar.

— Bem, pelo menos isso é bom, não é? — Piscou para mim e eu olhei para as árvores atrás dele com cuidado, ainda me perguntando se ele sabia que eu tinha ido lá.

Chegamos ao meu quarto e, como eu esperava, seu passo foi diminuindo até parar.

Ele se virou para mim.



— Então, agora eu tenho uma pergunta para você. Não quero ser muito presunçoso. — Sorriu para mim.

Lancei-lhe um olhar de acusação.

— Eu não sou bem o tipo de falar em namoro, mas, você sabe. Acho que, se você quiser, por que não? — Ele perguntou, mas seus olhos demonstravam que já sabia minha resposta.

Engoli ruidosamente, considerando minhas opções. Oficializar isso me fazia sentir como se estivesse assinando um contrato, me amarrando a alguém com quem eu ainda não tinha certeza se estava completamente segura e que eu nem mesmo conhecia.

— Eu, hum...

Ele sorriu. De alguma maneira contente com minha reação assustada.

— Ah, então, tudo bem. — Sacudiu a cabeça rudemente.

Levantei meus olhos para encontrar os dele.

— Mas eu nem...

Ele me interrompeu. — É, mas eu sei a resposta, mesmo que você não saiba.

Olhei para ele, me recusando a lhe dar o gosto de ficar por cima.

Ele soltou um risinho. — Então, eu acho que é adeus por hoje, eu já disse o bastante.



Senti meu entusiasmo diminuir enquanto ele dizia essas palavras. Minha expressão se fechou, eu queria estar perto dele, eu queria... e daí? Um namorado não fazia mal algum, ou, pelo menos, não parecia fazer mal às outras garotas.

– Mas... – Ele continuou. – Eu volto mais tarde. – Ele piscou para mim novamente como o olho brilhante, tirando graciosamente os óculos do bolso e colocando em seu rosto delicado.

Olhei para ele incrédula enquanto eu teimosamente tentava lhe lançar um olhar frio.

– Ah, vamos lá. – Provocou. – O que é a vida sem os riscos, sem um pouco de aventura? Eu não vou te decepcionar.

Seu sorriso sarcástico deixou minhas pernas bambas. Ele se virou abruptamente, acenando rapidamente para mim enquanto descia pela colina, me deixando sem fala. Fiquei parada lá, petrificada por um momento, tentando entender o que acabara de acontecer. Aquilo significava que eu era sua namorada agora? Eu estava profundamente perturbada quando irrompi em meu quarto.

Joguei minha mochila na cama e a maçã extra que eu havia pegado rolou pelo chão. Peguei-a do chão ouvindo meu estômago roncando de fome. Ainda que eu tivesse acabado de comer uma maçã, meu corpo estava desejando ardentemente uma pizza, que eu tinha certeza que não existia por aqui.



Andando ansiosamente, finalmente desisti, percebendo que a cafeteria poderia me servir alguma coisa que pudesse me distrair, mesmo que não fosse comida. Qualquer coisa que me tirasse Edgar da mente e a maneira como me senti em sua presença. Rosnei para mim mesma, saindo novamente pela porta, batendo-a atrás de mim.

Abrindo as portas da cafeteria, de repente, ouvi um grito agudo de um dos cantos da sala. Bufeí comigo mesma olhando na direção do distúrbio. Vi Sarah pulando de animação e nada daquilo me surpreendia.

— Elle! — Ela falou fazendo todos da sala olharem para nós duas.

Olhei ao redor nervosa, abrindo meus dentes em uma tentativa desajeitada de parecer contente, minhas bochechas ficando vermelhas de vergonha. Corri para a mesa onde Scott e Sarah estavam sentados e mantive a cabeça abaixada na esperança de que as pessoas parassem de olhar.

— Olá, Elle. — Sarah cantarolou novamente chegando mais perto. Para minha surpresa, ela estava comendo uma fatia de uma grade pizza que estava na mesa. — Quer um pouco? — Ela perguntou, aparentemente notando a baba se acumulando em minha boca.

— Sim! — Sibilei. — Você leu minha mente! — lancei-lhe uma piscadela e ela pareceu surpreendentemente orgulhosa de si mesma.

— Então, Elle. — Scott se juntou à conversa. — Como foi o resto de sua tarde, mais alguma história de aventura mortal?



Lancei-lhe um olhar de repreensão.

– Não. – Minha boca estava cheia de uma coisa que parecia queijo tofu, mas, enquanto eu conseguisse fingir que era queijo de verdade, aquilo era a única coisa que importava.

Ele riu. – Eu estava só brincando. – Ele me deu um soquinho leve no ombro.

Eu engoli. – Ah, eu sei. – Disse sarcasticamente. – Tava só brincando também. Então, o que vocês fizeram?

Eles se olharam com ar de segredinho e eu deduzi que não precisaria dos detalhes.

– Bem. – Scott começou a enrubescer. – Ela ganhou de mim no Monopólio, e foi só. – O corte em sua voz sugeria mais alguma coisa e eu senti meu estômago embrulhar com náuseas ao pensamente deles dois engajados em algum tipo de intimidade.

– Eu não suporto Monopólio. – Eu estava tentando melhorar os ânimos, me arrependendo de haver perguntado. – É muito demorado e tem regras demais. – Falei, pegando mais uma fatia do que finalmente havia identificado como uma pizza completamente de trigo de tofu e pepperoni.

– É. – Percebi que Scott queria mudar de assunto. – Você vai contar a alguém do urso que viu?

Congelei. A verdade é que não havia nenhum urso, mas, tecnicamente, eu deveria reportar se visse um para que os outros trilheiros fossem avisados.



– Hum. – Mordi um grade pedaço de pizza, mastigando e sacudindo a cabeça que sim.

Ele sorriu. – Ah, que bom, pois se você não quisesse contar, eu faria por você.

– É, ou eu poderia avisar. – Sarah disse também.

Eles eram como gêmeos ou coisa do tipo.

Acenei em negativa.

– Ah, não, eu posso fazer isso. – A última coisa que eu precisava é que eles me entregassem e Edgar descobrisse que eu estive na floresta.

Ele riu. – É, de qualquer maneira, eu acho que o professor Edgar é quem cuida dessas coisas, você sabe, pode ser uma desculpa para convidá-lo para sair.

Enrubesci, cerrando minha boca irritada.

– Estou só brincando Elle, calma, parece que você tem medo. – Ele me cutucou e eu engasguei um pouco.

Sarah nos lançou um olhar de surpresa.

– Estella gosta do professor Edgar? – Torceu o nariz. – Bem, quantos anos ele tem?

Meu cenho se soltou, eu sabia a resposta para aquela pergunta.

– Ah, aparentemente ele tem dezoito ou dezenove, eu perguntei isso a ele.



Scott engasgou sem acreditar.

– Você perguntou mesmo a ele? – Seu rosto estava ficando vermelho de tanto rir.
– Elle, você realmente tem um desejo suicida. Estou supresso dele não ter te decapitado no ato.

Dessa vez eu dei uma cutucada em Scott.

– Ei! – Ele gargalhou. – Não precisa partir para a agressão.

Eles estavam soltando risadinhas agora e eu lhes lancei um olhar de pouco caso.

Sarah recuperou o fôlego.

– Como isso funciona? Ele está aqui há, o quê, cinco anos? – Ela começou a contar nos dedos.

Encolhi-me. – Bons genes eu acho. Ele deve ser um antigo descobridor da fonte da juventude. – Estava orgulhosa de ter conseguido criar uma piada, minha primeira em toda a história.

Os dois riram quando eu falei e, no fundo da minha alma, senti a mesma chama tentando ascender minha alegria.



Alma Gêmea

Mais tarde naquela noite me peguei andando de lá para cá ansiosamente em meu quarto silencioso. O suspense era irritante e desejei desesperadamente que, por um momento, eu não tivesse deixado Scott e Sarah tão cedo. Folheei raivosamente alguns livros, mas descobri que não estava ajudando. Ao anoitecer, finalmente desisti de ficar calma e saí para caminhar enquanto as estrelas começavam a surgir.

O tempo continuamente fresco sinalizava que o outono havia oficialmente caído sobre a escola e eu estava maravilhada com a rapidez com que as coisas haviam mudado durante o fim de semana. As montanhas estavam pontilhadas de (tons de) laranja onde a ocasional árvore frondosa emergia em meio às sempre-vivas, mas considerando os invernos rigorosos (cruéis), não haviam muitas árvores como aquela. Olhei com curiosidade para o lago, pensando na história que a enfermeira Dee me havia contado sobre sua cor e como fora criado.

Uma parte de mim ainda ansiava profundamente pela companhia de Edgar, mas outra parte não podia evitar sentir-se cautelosa com relação a ele. Eu precisava compreendê-lo e também descobrir o propósito de sua necessidade de ser tão indiscreto com relação a mim. Meus pensamentos roçavam implacavelmente minha mente com a



idéia de que ele era algum tipo de demônio mágico. Certamente ele não era nenhum anjo. Ele era obscuro demais para isso.

Um vento forte soprou, e notei um perfume familiar que congelou todos os meus pensamentos. Fechei os olhos, tentando abria os olhos. Pulei, levando a mão ao peito e com falta de ar ao ver Edgar surgir à minha frente, aparentemente surgido do nada.

– Olá. – Ele disse com voz tranqüila.

Olhei para ele com alarmada surpresa, engolindo algumas vezes, em busca de calma.

Ele riu novamente. – Desculpe, estou sempre aprontando com você.

Olhei para ele com reprovação.

– Talvez você devesse se mover lentamente (chegar de mansinho), como as pessoas normais fazem. Talvez fazer algum ruído, passos são um bom começo, ou assobiar.

Ele se adiantou e sentou-se perto de mim no pórtico, próximo o suficiente para conversar, mas ainda à distância de um braço.

– Mas aí eu seria como as pessoas normais. – Ele disse maliciosamente. – E pessoas normais são chatas.

Sua serena linguagem corporal era estranha. O jeito como ele se movia era fluente embora possuísse um poder que me fez sentir frágil em sua presença. Cruzei os braços e



olhei em direção ao céu escuro, milhares de estrelas agora brilhando acima de nós no ar frio.

Edgar suspirou.

— Lindas, não?

Ele respirou profundamente, fechando seus lindos e reflexivos olhos e fruindo o aroma da noite.

Assenti, olhando-o com atenção.

Ele baixou o olhar para mim. — Então, como estamos nos conhecendo... — Um sorriso torto cruzou sua face, ele estava gostando do joguinho que começara. — O que você acha de mim?

Olhei para ele ameaçadoramente — Honestamente, acho que você é perigoso. — Minha observação contundente foi dolorosa.

Ele riu. — Talvez. — Fez uma pausa. — Mas não para você. Como já lhe disse, jamais machucarei você.

A maneira como ele disse isso me enviou calafrios à espinha. Não importava o quanto eu tentasse acreditar que ele nunca me machucaria, não conseguia.

— O que... — fiz uma pausa para organizar meus pensamentos confusos — O que foi aquilo quando nos conhecemos, então? Por que me senti tão... — Lutei para encontrar as palavras certas.



– Fraca? – perguntou Edgar, com uma curiosidade entendida.

– É. – Comecei a brincar com a barra de minha camisa. – Eu me senti completamente enfraquecida (sugada, esvaziada), e a dor... – pus a mão no peito –... Parecia que eu estava sufocando.

Ele assentiu gravemente, nenhuma centelha de humor em seu rosto.

– É algo entre nós, uma coisa poderosa para a qual eu deveria estar preparado para controlar, mas não consegui.

Olhei profundamente para ele, desejando que ele me olhasse nos olhos.

– Você sabe o que é essa coisa poderosa que existe entre nós?

Ele voltou seus olhos em minha direção, a magnificência deles pulsando em meus ossos.

– Sim, eu sei. – Ele examinou meu rosto ansiosamente. – Mas não tenho certeza de que você esteja pronta para saber.

A frustração brilhou em meus olhos.

– Você fica dizendo isso, mas por que não? – Eu disse secamente. – Eu preciso saber o que sou. Não agüento mais.

Era em momentos como aquele que eu desejava poder chorar.



Edgar pareceu chocado com minha súbita depressão e lentamente deslizou para perto de mim, pude ouvir seus jeans roçando contra madeira do deque. Pelo canto do olho pude vê-lo olhando para mim e notei uma grande tristeza cruzar seu rosto. Lentamente ele alcançou meu braço e minha frequência cardíaca acelerou. Ele roçou gentilmente um dedo em minha mão e inesperadamente uma lágrima caiu de meu olho.

Engasguei, rapidamente levando minha mão trêmula ao rosto com espanto.

— O que...? — Minha garganta parecia fechada enquanto ele se afastava. Meus olhos encontraram os dele. — Como você fez isso?

Eu estava frenética quase ao ponto da histeria.

Ele sorriu levemente.

— É o que quero contar a você, mas não sei como.

Examinei seu rosto com atenção.

— Você sabe, não sabe? Como me fazer sentir.

Ele negou com a cabeça.

— Não, não sei. Pensei que você soubesse. Mas aparentemente não.

Ergui uma sobrancelha.

— Não entendo.

Estendi minha mão trêmula em sua direção e ele recuou.



– Elle, você não sabe o tipo de poder que tem sobre mim, você vai se matar se não tiver cuidado. – Ele olhou para mim com adoração.

Encarando-o atentamente, deixei cair minha mão.

– Mas você me tocou. – Disse eu infantilmente.

– Sim. – Ele olhou novamente para as estrelas. – Mas foi difícil. É preciso muito autocontrole para eu fazer isso.

Assenti em solene concordância.

– Você e eu somos opostos. Mais ou menos como uma pilha (bateria). Há o pólo positivo e o negativo, mas isso não significa que eles fiquem perfeitamente juntos.

Apeguei-me sedenta às suas palavras enquanto ele prosseguia.

– Nossa história vai muito além de tudo o que você sabe (conhece).

Ele olhou meu rosto em busca de uma reação.

– Quando eu disse que temos a mesma idade, quis dizer...

Ele se interrompeu, tendo cuidado com suas palavras como se tentasse não me chocar, mas eu não me importava mais, a vida não tinha valor se eu não pudesse sentir felicidade.

– Acontece que estamos aqui há muito tempo, se não fisicamente, pelo menos em espírito. Eu realmente gostaria que você pudesse se lembrar de tudo. – Vi o vazio em seus



olhos – Mas esse é um resultado que nós esperávamos e um risco que tínhamos que correr.

Eu não sabia o significado exato de sua explicação vaga ou o que ‘nós’ implicava, mas estava certa de que pela primeira vez não me sentia fora de lugar, alguma coisa nesse momento me fez sentir em casa.

– Então o que somos? – Perguntei abruptamente.

– Quando eu a vi em sua... – Um sorriso retornou à sua face. – Bem... – Vi sua imaginação crescer (trabalhar) enquanto seus olhos se tornavam mais brilhantes com a idéia. – Alguns costumavam nos chamar de bruxos – Ele fez uma pausa, examinando minha reação. – Mas o termo parece brega, então procuro não usá-lo. E há aqueles que nos chamam demônios, e outros, mais pertinentes a você, de anjos. Eu gosto mais do termo ‘rara’. Soa humano o suficiente para não parecer tão louco.

Meus pensamentos imediatamente voltaram à lenda.

– Diablo Lake. – Sussurrei e ele olhou para mim com uma centelha de interesse.

– Você se lembra disso? – Ele perguntou animadamente.

Olhei em seus olhos enquanto a adrenalina se despejava em minhas veias.

– O que você quer dizer com “se lembra disso”? A estória tem centenas de anos, é claro que eu não me lembro dela.

A animação sumiu de sua face.



— Eu apenas escutei a lenda, sobre como o lago foi criado. — Acrescentei suavemente.

Ele suspirou.

— Bem, está certo. — A decepção tomou conta dele. — Talvez seja bom que você não se lembre daquele dia, aquela foi a última vez que eu vi você.

Minha mente estava trabalhando freneticamente.

— O que você quer dizer... — Ele fez uma pausa, um olhar estranho cruzando seu rosto — Vida passada.

O modo como ele disse isso parecia incerto.

Eu podia ver que havia uma estranha conexão entre o que eu era naquela época e o que sou agora.

— O que eu era para você nessa vida passada? — Meus olhos buscaram os dele, mas novamente ele os desviou.

— Apenas... — Ele deu de ombros —... Um amigo, ou coisa parecida.

Vi um sorriso tímido cruzar seu rosto e subitamente entendi o porquê de ele agir daquela maneira comigo. Ele havia me amado.

Ele sorriu.



– Mas isso foi há muito tempo. – Ele estava mudando de assunto – Neste momento, você não sabe nada a meu respeito. Vamos fazer alguma coisa menos deprimente.

Levantou-se de repente, obrigando-me a segui-lo.

– Para onde estamos indo? – Cambaleei ao ficar de pé, pois a adrenalina inibia meus movimentos. Ele era alto, algo que eu não havia notado devido à minha fascinação com seu físico de modelo.

– Quero lhe mostrar alguma coisa do seu passado. – Ele soava sincero.

Ele me fez segui-lo enquanto descíamos a colina lentamente. Eu o observava, suas maneiras aprumadas e dominantes. Minha cabeça estava em completa desordem e era difícil organizar todas as coisas que ele me contara. Eu não podia acreditar que era uma bruxa. Ele estava certo, soava brega. Não era como se eu fosse verde e coberta de verrugas, e até onde eu sabia a água nunca me fizera derreter.

Caminhamos em silêncio em direção ao laboratório e ele começou a vasculhar seus bolsos à procura das chaves. Ele rapidamente destrancou a porta, convidando-me a entrar enquanto mantinha a porta aberta para mim. Entrei cautelosamente, esperando enquanto ele vinha logo atrás. Eu o segui pelas fileiras de mesas de trabalho vazias até chegarmos à misteriosa porta que levava ao seu escritório e ao que eu supus ser também seu apartamento. Ele puxou um segundo jogo de chaves de algum lugar próximo à sua lapela, destrancando a porta e conduzindo-me para dentro.



O escritório estava escuro, mas um estranho senso de ‘ocupação’ me dominou. Ao relancear o olhar pela sala fiquei chocada pelo tremular de meia dúzia de pequenas luzes cintilantes à minha frente. Ele caminhou à minha direita, escuridão adentro, e eu estava incerta sobre para onde ele se dirigia, mas compreendi que ele obviamente sabia mais que eu. De repente ouvi um áspero arranhar de um fósforo sendo riscado na parede e uma luz suave encheu o cômodo. Edgar delicadamente acendeu algumas velas e os seis intensos brilhos transformaram-se em três pares de olhos de aves.

O primeiro era o falcão da aula, alegremente pousado em uma prateleira em direção ao teto do escritório alto.

O seguinte era uma coruja que estava em um poleiro ao lado da distante janela, e o terceiro, era um falcão branco como a neve, um animal que eu não vira na aula até então.

O falcão branco pareceu ficar perturbado em minha presença, seu peso mudando de um pé para outro no topo de uma grande gaiola no canto. Edgar observou enquanto o falcão branco me encarava, um sorriso em seu rosto ao aproximar-se da ave e lhe dar uma gentil cutucada na cabeça, eriçando ligeiramente suas penas.

Olhando para o pequeno quarto, me esforcei para descobrir onde exatamente ele dormia. Não parecia que ele vivia ali e eu comecei a imaginar exatamente onde seria esse lugar. Havia uma grande escrivaninha de madeira no centro, seu design claramente europeu e que também parecia pesada. O perímetro exterior estava alinhado com vários poleiros e prateleiras, abarrotadas do chão ao teto com livros empoeirados.



Ele então se moveu em direção ao grande falcão marrom que eu vira anteriormente.

— Este é Henry. — Edgar olhou para mim atentamente. — Você já o encontrou antes, e sim, ele é grato por você estar aqui e por ter salvado sua asa.

Edgar foi em direção à coruja.

— E, é claro, aquele é Alexander, você já o viu antes também. — A coruja inclinou a cabeça para mim, seus olhos cintilando como uma moeda de prata lançada no ar.

Fiz menção de me mover, receava assustá-los.

Edgar caminhou em direção à terceira ave, o falcão branco.

— E esta é Isabelle. — Ele a olhou com um sorriso suave, o olhar dela jamais me abandonando. — Ela é nativa de climas mais quentes que este, mas sua dona era uma criatura calorosa, então elas se davam bem.

Ele olhou para mim com um sorriso dissimulado.

— Você a quer de volta agora?

Seu olhar era de divertimento por causa da expressão profundamente chocada que surgiu no meu rosto.

Olhei para Isabelle com espanto: *Eu a queria de volta?*

— Ela é minha? — Balbuciei nervosa por estar tão perto.



— Sim, Elle.

Sua voz era forte, me encorajando a levar suas palavras a sério.

O pequeno bico de Isabelle era cinza escuro desaparecendo em uma cabeça e corpo brancos como a neve. Ela piscava repetidamente para mim, ainda se balançando para frente e para trás em seu poleiro.

Edgar pôs a mão em suas penas leitosas. — Você não consegue ver o quanto ela está feliz em vê-la? Ela a espera há séculos.

Senti meu coração acelerar.

— Séculos? — Engasguei.

Ele deu uma cutucada em Isabelle e ela de repente abriu suas asas, livrando-se da gaiola e deslizando em minha direção. Algo dentro de mim fez com que eu instintivamente estendesse o braço e ela pousou nele suavemente.

— E eu também. — Murmurou ele, e eu não soube dizer se ele queria que eu o ouvisse ou não.

— Veja. — O rosto de Edgar estava deliciosamente animado e seus olhos marmóreos brilhavam belamente. — Ela a ama, não é certo que eu a mantenha longe de você, então ela é sua outra vez.



Meu queixo caiu. Eu nunca mantivera um animal de estimação, porque eles sempre mudavam drasticamente sob meus cuidados. Era difícil explicar porque meu novo gatinho atingira o tamanho adulto da noite para o dia.

– Sério? – Olhei para ele com olhos arregalados, mas de repente notei uma certa tristeza em seu rosto.

– O que foi? – Franzi a testa com preocupação.

Ele caminhou lentamente para mim.

– Eu apenas sinto falta de seu sorriso. – Ele desviou os olhos para o falcão, os fechando e concentrando-se internamente.

Olhei para ele atentamente, perplexa por seu ar de dor. Quando ele abriu os olhos novamente eles estavam de um sereno tom de cinza. Ele andou lentamente para perto de mim enquanto Isabelle movia-se para meu ombro. Apesar da enorme extensão de sua asa, ela tinha o tamanho perfeito, nem um grama a mais, se tanto.

Observei Edgar erguer a mão em direção a mim, deixando-a passar a poucos centímetros de meu rosto. Minha respiração se acelerou enquanto ele olhava para mim, focando seus olhos nos meus, que se mantiveram calmos.

Meu coração estava disparando de medo, receando o que eu ignorava, receando feri-lo, ou a mim.



Lentamente, em progresso cuidadoso ele trouxe sua mão para perto de meu rosto e eu fechei meus olhos com medo. Finalmente sua mão tocou minha face e um formigamento frio perfurou minha pele.

A sensação era inacreditável, enquanto eu a sentia espalhar-se a partir das veias em minha face por meu rosto inteiro até atingir minha coluna. De lá o formigamento filtrou-se calorosamente por meu corpo inteiro e alguma coisa começou a cintilar em minha alma.

Subitamente, o cintilar rompeu-se em uma bola de fogo e a respiração foi arrancada de meu corpo e meus olhos se abriram para encarar profundamente os de Edgar. Os olhos dele foram de um frio cinza para um azul brilhante e a sensação calorosa preencheu cada veia.

Senti meus lábios começarem a se curvar, a sensação de euforia fazendo minha cabeça girar. Minhas mãos se arquearam em êxtase, e instantaneamente eu me lembrei desse sentimento. Pela primeira vez, no que parecia uma vida inteira, eu estava sorrindo.

Ele lentamente me libertou e eu vi um sorriso satisfeito em seu rosto.

— Era disso que eu sentia falta. — Seu suspiro foi eloqüente. Seus olhos estavam de um azul profundo e fiquei curiosa sobre a causa da mudança mais que súbita. Notei que sua respiração estava repentinamente mais trabalhosa. Fosse o que fosse que lhe dava a capacidade de fazer aquilo, havia sido fisicamente pesado para ele.



Meu sorriso morreu lentamente à medida que a luz em minha alma novamente se desvanecia em um intenso nada.

O sorriso de Edgar também diminuiu ligeiramente.

– O que é Edgar? – Fiz uma pausa – O que faz isso acontecer comigo?

Ele suspirou.

– É difícil explicar. – Ele caminhou para sua mesa, onde pegou uma maçã que havia deixado ali. – Observe.

Ele segurou a maçã e eu assisti enquanto seus olhos reluziam a pura escuridão negra que eu reconheci em meu primeiro dia.

A maçã começou a se deteriorar rapidamente como se todos os seus fluidos estivessem evaporando. Eu estava horrorizada ao visualizar a maçã como sendo eu mesma, e minha adrenalina subiu quando percebi a gravidade letal do toque dele. Seus olhos subitamente brilharam a escuridão refletida de volta ao azul escuro que eram depois de me tocar.

– Aqui. – Ele estendeu a mão para mim.

Segurei timidamente a maçã enrugada. Tão repentinamente quanto havia murchado, ela começou a crescer e a curar-se. A pele se reconstituiu como se o tempo tivesse regredido, fazendo a maçã voltar à sua juventude mais madura. Meu toque



revitalizou a fruta em sua integridade sem esforço, chegando ao ponto de trazer—lhe uma certa luz, como se estivesse radiante.

— Você vê Elle. — Havia desespero em seu olhar. — Você dá vida às coisas, todas elas.

Ele fez uma pausa, deixando pender a cabeça, sentindo-se muito mal em sua existência.

— Eu apenas tiro a vida. Você é o pólo positivo da bateria, eu sou o negativo.

Olhei perplexa para a maçã, permitindo que a sinistra realidade dele penetrasse em minha mente.

— Então é por isso que você tem medo de me tocar, você está com medo de me matar.

Ele suspirou. — Sim.

Erguendo seu olhar para mim, ele tocou meu cabelo com gentileza.

— Mas eu posso controlar isso, especialmente com animais e natureza, até mesmo humanos. Com você é difícil porque a alma que eu mais anseio é a sua.

Um olhar perplexo cruzou meu rosto. — Mas eu não tenho alma.

De repente ele se animou um pouco. — Mas você tem. — Ele sorriu maliciosamente.



—Veja, há muito tempo, em sua vida passada, você a escondeu dentro de mim e só você sabe como pegá-la de volta, nem mesmo eu posso acessá-la sem sua ajuda. — Ele estava empolgado agora. — Esse sentimento que você acabou de experimentar, eu não o tenho há muito tempo também. É o que torna tão tentador e tão difícil de resistir.

Olhei para ele, confusa.

Sua expressão se tornou solene outra vez. — Mas o que eu temo é que você nunca se lembre do que fez para colocar sua alma lá. A única maneira de senti-la é por meio de meu toque venenoso.

Eu o encarei com extrema ansiedade. — Mas por que eu escondi minha alma em você? — Eu estava profundamente confusa.

— Para se salvar. — Ele estava se afastando de mim agora, dirigindo-se à parede de onde pegou a foto de um pássaro de uma prateleira, olhando para ela com moderado interesse.

Eu não estava certa de por que eu daria minha alma para a mesma criatura que poderia matá-la.

— Salvar-me de você? Mas isso não faz sentido, então por que eu a esconderia em você?

Ele se voltou para mim, seus olhos lentamente mudando para um pálido azul acinzentado.



– Não, para salvá-la de outra coisa.

Ele estava sendo vago e eu podia sentir a tristeza jorrando de sua garganta quando ele disse aquilo. Obviamente algo havia acontecido. Algo que causou a separação de minha mente e minha alma.

– Mas então... – Parei. Eu não tinha idéia do que dizer, nada mais fazia sentido.

– Elle. – Ele inspirou profundamente. – Eu não sou completo sem você, parece loucura, e provavelmente mais do que você esperava conseguir quando pôs seus lindos olhos em mim, mas temos vivido uma existência cruel e dolorosa.

Assenti obedientemente.

– Estamos unidos pelo destino, pela vida. Quando um de nós morre... – Seus olhos tremularam sobre mim –... É doloroso.

Toquei meu peito enquanto Isabelle permanecia quieta e contente em meu ombro.

– Não tenho certeza de que você quer ouvir a estória, Elle, mas acho que é hora de você saber.

Ele recolocou a foto na prateleira, voltando-se para mim e dando três passos adiante.

Assenti ansiosamente. – Eu quero saber.

Dei um passo à frente, não mais estranhando a intensidade que estava claramente entre nós. Eu acreditava nele, eu podia sentir aquilo.



Ele suspirou, organizando seus pensamentos.

– Quando você nasceu neste mundo, eu nasci também. – Ele pôs a mão no coração. – No princípio éramos um só ser. Éramos perfeitos, felizes, fortes, velozes e inteligentes. Mas logo os deuses ficaram furiosos e enciumados de nossa perfeição absoluta. Um dia, sua ira tornou-se tão grande que eles nos separaram, e todos os de nossa espécie foram eternamente condenados a viver uma vida de separação e tumulto.

Ele caminhava devagar agora.

– Uma metade tornou-se forte, veloz e intensa, os portadores da morte e guerra. A outra metade tornou-se inteligente, arguta e dotada de vida, e no fim das contas tornaram-se as mães, ou observadoras de nossas almas. Mas minha metade, a metade de morte, também foi abençoada com poder, e para alguns esse poder tornou-se uma obsessão e demos nosso dom como garantido. Foram essas metades negras que se tornaram ciumentas de sua companheira e proprietária, de seu pertence mais estimado, a alma, a luz azul do amor e da vida. É por isso que sou atraído para você, Elle. Não posso resistir a isso, mas posso evitar tomá-lo. Nesse aspecto, somos também almas gêmeas. – Ele sorriu com desdém à menção da palavra. – Literalmente.

Respirei devagar, meu corpo formigando com uma súbita liberação, todo o meu ódio, toda minha raiva dos últimos dias, era tudo justificado.

– Então basicamente – Minha voz era baixa e intensa. – Nós partilhamos a mesma alma, no amor? – Eu tentava de algum modo esclarecer a estória dele.



Ele olhou para mim com um brilho nos olhos. — Em essência, sim. Mas também na felicidade.

Ele caminhou para sua mesa e se sentou na grande cadeira de veludo azul, eu podia sentir sua exaustão agora.

— Séculos atrás nós havíamos aprendido a conviver uns com os outros, a ser felizes como muitos de nossa espécie também eram. Eu aprendi a resistir ao meu desejo de matá-la por ciúmes e roubar a alma para mim mesmo. Você vê... — Ele recostou-se na cadeira. — Eu necessito de energia para viver, energia natural. Agora mesmo, o melhor que posso fazer é reunir essa energia a partir das estrelas e da natureza. — Seu rosto subitamente se iluminou como se ele se recordasse de uma época mais feliz.

— Mas você, antes de... — Ele fez uma pausa —... Tudo o que eu precisava fazer era estar perto de você.

Olhei atentamente para ele, meu corpo suando profusamente enquanto a adrenalina pulsava em grandes concentrações em meu sangue, aquilo era o que eu mais sonhara em descobrir, e de repente tudo fazia sentido.

O corpo dele estava tenso.

— Você não faz idéia de quem é ou o que pode vir a ser. — Havia um fogo em seus olhos enquanto falava. — Com sua alma intacta, você será feliz novamente.

Ele se inclinou para frente na cadeira.



— A criatura que vejo à minha frente faz meu coração doer. Você não passa de uma casca partida de seu lindo ser. Sua pele, seu cabelo, ele costumava ser tão brilhante e vivo.

Caminhei lentamente em direção a ele.

— Então como você pode ser feliz? Como você fica bem? — Havia uma paixão em minha voz que eu jamais conhecera. Se ele não podia nem mesmo acessar minha alma, por que ele era tão cheio de vida?

Ele se inclinou para frente outra vez, refletindo sobre a minha pergunta.

— Eu posso ser feliz, mas sou fraco. Onde você perde sua felicidade, eu perco minha força. — Ele suspirou. — Estou cansado, Ele, cada dia é uma luta. Preciso de seu amor, sua vida, para me trazer energia, não somente sua alma. — Outro suspiro. — Mesmo que eu pareça feliz agora, eu não estava feliz quando você se foi, mesmo quando pude.

— Então, devido a sua fraqueza que você não foi capaz de se controlar quando me viu pela primeira vez.

Algo dentro de mim me empurrava para mais perto dele, atraindo-me.

— Sim. — Ele brincava nervosamente com uma bússola sobre a mesa. — Naquele primeiro dia em minha aula, com Henry, eu estava esmagado pelo desespero. Estava fraco de apreensão e a fome me levava a tentar matar você, mas então o... — Ele fez uma pausa, os olhos tristes. — O amor que eu sentia bem lá no fundo, ele a salvou, e me salvou. Se você morrer, eu nunca seria capaz de viver comigo mesmo, eu não poderia fazer isso outra vez.



Fiquei ali parada, sufocada em pensamentos.

Ele se endireitou de repente, sorrindo desolado.

— Acho que é hora de levar você e Isabelle de volta ao chalé, está ficando tarde.

Ele sorriu para nós à luz tremulante das velas.

— Minhas garotas. — Ele murmurou.



Fuga

No dia seguinte eu acordei com ronronar sutil de Isabelle. Durante a noite, ela havia se mudado do canto da cama onde eu a havia colocado para repousar no meu braço como em um ninho. Era surpreendente ver um pássaro se aconchegando como ela fez, mas eu acho que não era inconcebível que eles poderiam fazer isso, era apenas improvável que uma criatura como ela conseguiria amar tanto uma pessoa.

Fiquei deitada completamente imóvel, não querendo estragar o momento. Eu pensei sobre ontem à noite, como Edgar havia divulgado um outro mundo para mim, e fatos que eu nunca imaginei existir. Eu sempre tinha achado que era a única da minha espécie, minha espécie no sentido de absolutamente estranha.

Ainda era muito cedo e uma parte de mim queria saber se Scott estaria aparecendo logo ou se ele oficialmente se esqueceu de mim em seu atordoado amor por Sarah. Lentamente, eu tirei meu braço em torno de Isabelle, movendo-me gradualmente e o mais suavemente que pude. Eu deslizei cuidadosamente para fora das cobertas e fui na ponta dos pés para o banheiro, onde fechei a porta silenciosamente atrás de mim e liguei o chuveiro.



Rapidamente lavei os meus cabelos sob a água reconfortante. Havia uma sensação extra de antecipação hoje em meu sangue, a adrenalina da noite passada ainda remanescente. Eu estava ansiosa para acabar a aula na estação aquícola, ansiosa para ver Edgar novamente. Agora que eu entendia nossa química especial, era doloroso estar longe. A linha que me ligava a ele agora estava puxando no meu peito mais do que nunca. Algo sobre como quando eu estava com ele sentia-me como séculos de vida, séculos de algum tipo de conforto e complementação.

Eu senti o espaço vazio no meu peito, senti o quão desesperadamente eu queria chegar perto dele e ser inteira novamente. Deixei escapar um gemido ansioso, eu precisava sentir aquilo novamente. Fechando a água, eu pulei fora do chuveiro e enrolei uma toalha em volta de mim enquanto abria a porta devagar. De repente, saltei para trás, um grito escapando de meus lábios. Piscando com força algumas vezes, eu reconheci que a coisa branca era apenas Isabelle, em pé, parada no chão a minha frente e me olhando com curiosidade.

Deixei escapar um suspiro aliviado. Por um momento, minha mente tinha recuado para o dia na floresta quando a criatura branco-acinzentada tinha vindo me acompanhar com curiosidade. Fiquei ali segurando a toalha contra meu peito, meu coração batendo um pouco.

Isabelle inclinou a cabeça para cima cuidadosamente enquanto ela se afastava para que eu pudesse passar.



— Isabelle. — Gaguejei — Não faça isso de novo. — Sua cabeça se inclinou curiosamente em sentido oposto enquanto ela afastava-se para trás, suas garras estalando e deslizando contra o piso de madeira envernizada. Enquanto eu procurava algo para vestir, ela pulou para cima da minha mochila, enfiando a cabeça lá dentro enquanto eu estava remexendo em busca de uma camisa.

Isabelle era diferente de qualquer animal, principalmente de qualquer falcão, que eu já tinha visto. Seus maneirismos eram mais como os de um gato ou cachorro, em vez de uma ave de rapina. Ela mordiscou minha mão quando peguei uma camisa verde.

— Ai, tudo bem. — Eu olhei para ela com o rosto franzido. — Eu vou pegar outra coisa.

Mudei a minha mão da camisa verde para um moletom com capuz vermelho e ela olhou para mim, seus olhos brilhando.

— Este? — Eu perguntei, espantada em como ela parecia entender.

Ela estalou a língua para mim com alegria, e se arrepiou um pouco, quase como uma risada, mas sem a alegria da mesma. — Uau, menina, eu acho que isso é um sim.

Eu puxei o capuz sobre a minha cabeça enquanto ela me observava, a lâ fazendo meu cabelo colar no meu rosto e ficar arrepiado com a estática do clima seco. Puxei o elástico da minha mão e atei meu cabelo em um coque, pois eu estava cansada do vento enroscando nele, embora eu tivesse de admitir que me sentia muito bem.



Contente, Isabelle de repente abriu as asas, levemente abanando-as até que ela levantou vôo, pousando habilmente no peitoril da janela que dava para a parte traseira da cabine e bateu o bico levemente contra o vidro.

Levantei, ajustando a camisola na minha cintura. Aproximando-me, coloquei minha mão suavemente sobre ela.

– Você quer sair Isabelle?

Ela inclinou a cabeça para um lado, piscando os olhos pequenos rapidamente. Agarrei o pino e abri a janela enquanto a sala se enchia com um ar fresco e frio. Ela parecia me olhar agradecida enquanto saía, flutuando até o morro, na névoa da manhã. Dei de ombros, percebendo que ela sabia o que estava fazendo.

Assim que ela havia desaparecido, houve um súbito som familiar de batidas na porta. Eu me virei, fechando a janela de trás e em seguida, seguindo rapidamente para a porta. Assim que a abri meus olhos caíram sobre dois rostos muito alegres.

– Elle! – Cantou Scott enquanto Sarah sorria ao lado dele.

Eu processei a cena rapidamente, notando o fato de que eles estavam agora oficialmente de mãos dadas.

– Oi gente! – Eu tentei exalar excitação, imaginando que eu provavelmente só parecia idiota.

–Oi! – Scott ribombou novamente. – Pronta para a aula?



Sarah me observava feliz, com os olhos atentos.

— Sim. — Eu corri de volta para minha cama e agarrei minha mochila às pressas. —
Pronta para ir. — Eu cantei. Fechando a porta atrás de mim, peguei minhas botas
enquanto Scott e Sarah desciam para o caminho.

Enfiei-as rapidamente, mexendo com os cadarços, quando de repente peguei o
vislumbre de um pássaro voando para a árvore por trás deles. Olhei para cima
despreocupadamente, reconhecendo as penas de um branco leitoso brilhando sob a névoa
da manhã, um rato morto pendurado na boca e um brilho de felicidade absoluta em seus
olhos. Isabelle só tinha parado de volta para tripudiar sobre a sua captura. Revirei os olhos
quando ela decolou novamente ladeira abaixo.

Meu olhar caiu para Scott e Sarah que agora estavam olhando para Isabelle que
deslizava divertida sobre o lago, desfrutando de seu café da manhã.

— Uau! — Sarah ofegou. — Que tipo de pássaro você acha que era? — Eu vi seu
olhar de adoração a Scott para uma resposta e ele parecia estar se esforçando para
descobrir isso. — Um bem... — Um olhar confiante cruzou seu rosto. —... Estou certo de
que era uma coruja branca da neve.

Seu equívoco flagrante foi horrível e eu mordi a língua o máximo que pude
tentando resistir ao impulso de corrigi-lo vendo como Sarah de repente parecia
impressionada. Um sorriso maroto cruzou o rosto de Scott enquanto eu levantava e
exalava agudamente.



– Ok, pessoal. Vamos embora. – Fui até eles e nós três nos viramos para o caminho e andamos vigorosamente para a aula.

A aula na incubadora foi tão chata como sempre. A professora acabou se mostrando mais chegada ao meio ambiente e era só do que gostava de falar. Eu nunca havia percebido que havia cinco formas de explicar o mesmíssimo fato. Isso fez parecer que ela realmente sabia mais do que ela provavelmente sabia. Eu estava na fila de trás, balançando minha perna ansiosamente.

Olhei ao redor da sala, observando as mesmas caras frias olhando fixamente para frente. Isso nunca fez sentido para mim. Se era tão horrível, então não viessem. Pensei sobre isso por um momento, percebendo o quanto eu estava sendo hipócrita. Eu realmente não gostava de nenhuma delas, apenas da aula com Edgar. De repente, meus olhos caíram sobre uma nova cara que estava me olhando por cima do ombro.

Repentinamente, me senti um pouco ofendida. Esse cara nem me conhecia e já estava me encarando. Eu olhei para trás, estreitando os olhos. Subitamente, ele pareceu chocado e sacudiu a cabeça voltando o olhar para frente. Intrigada, eu continuei a observá-lo.

Suas roupas não eram do tipo comum abraça-árvores/ativista de animais. Olhei para os sapatos, de repente começando a achar a classe mais interessante. Ele usava um par de sapatos de ginástica, dificilmente os sapatos que você veria alguém usando em um parque enlameado, sem falar no mato. Seus jeans pareciam ser de designer caro e o casaco



era de couro preto, provavelmente o único pedaço de pele de animal abatido dentro de cinquenta milhas.

Ele olhou por cima do ombro de novo para mim, os olhos de um bronze intenso. Eu rapidamente desviei o olhar, olhando para uma prateleira atrás dele e esperando que ele não percebesse. Seu semblante era frio e fechado, como todos os outros, exceto que ele era chocantemente pálido. Eu imediatamente notei que ele não era um outro tipo de Edgar tirando por base sua aparência um pouco desalinhada de motociclista rico, mas ainda assim, ele não era como os outros. Ele tinha cabelos castanhos cor de tijolo que faziam suas feições parecerem mais nítidas. Eu pisquei rapidamente espantada pela forma como seu rosto era liso e jovem, a tez como se fosse empoada, muito longe do brilho radiante que Edgar parecia possuir.

Finalmente, a professora nos dispensou e eu rapidamente esqueci o recém-chegado misterioso enquanto corria para agarrar Sarah e Scott pelo braço e os levava para fora.

Scott olhou para mim com um sorriso irritante no rosto.

— Uau, Estella, você realmente tem uma queda pelo professor, não é?

Eu olhei para ele com reprovação, olhando para Sarah em busca de algum apoio. Enquanto saímos da sala, olhei por cima do meu ombro discretamente, notando que o cara tinha ficado para trás. Uma voz apareceu de repente na minha cabeça e isso me pegou de alarme.



— O quê? — Eu sussurrei asperamente, como se o cara misterioso tivesse dito isso em voz alta.

Eu olhava para ele, minhas sobrancelhas ainda mais juntas, mas ele desviou o olhar. Isso foi estranho, pensei.

— Ei, Elle, você me ouviu? — Scott estava sacudindo o meu braço.

Eu virei minha cabeça de volta para frente, meus braços ainda atados aos de Sarah e Scott.

— O quê? — Scott revirou os olhos. — Eu disse: Você realmente tem uma queda pelo Professor Edgar, não é? — Ele suspirou. — Mas era mais engraçado a um minuto atrás, você arruinou a piada enquanto estava olhando para o novo cara.

Sarah me deu um sorriso doce, antes de dar um olhar petulante a Scott.

— Scott, deixe-a em paz. Além disso, Edgar é muito bonito. — Um olhar azedo passou pelo rosto de Scott e Sarah rapidamente retrocedeu. — Mas não tanto quanto você.

O rosto de Scott instantaneamente adquiriu uma cor vibrante de vermelho. A declaração brega fez o vômito subir até a minha garganta e eu revirei os olhos de desgosto. Eles estavam cochichando e rindo um do outro agora e eu me afastei deles, sabendo que se eu tivesse que ser submetida a mais uma declaração como essa, eu colocaria meu café da manhã para fora bem aqui na calçada.



Empurramo-nos através das portas na sala de aula e fomos direto para a nossa estação. Scott correu para pegar uma terceira banquetta para Sara enquanto eu me sentava ansiosamente na extremidade da mesa, olhando fixamente para a porta e sentindo o puxão em direção a ela tornar-se maior a cada minuto que passava. Quase não notei enquanto a sala de aula se enchia ou as vozes que zumbia ruidosamente em volta de mim.

De repente, eu vi o cara novo entrar na sala. Ele olhou em volta antes de caminhar em direção à frente da classe, tomando um assento no meio do caminho entre a fila dois e três. Eu estava olhando tão fixamente que seria capaz de fazer um buraco na parte de trás da sua cabeça, mas desta vez, ele não olhou para trás.

Finalmente, fez-se silêncio e Edgar saiu de seu canto. Meus olhos foram imediatamente do novo cara para Edgar, seu rosto mais bonito do que a última vez que o vi.

— Olá, classe. — A voz era retumbante e eu me senti orgulhosa por saber que ele realmente não era tão assustador como a maioria acreditava.

O olhar dele estava fixo no meu e eu podia ver a felicidade que se escondia atrás de seu sinistro físico. Ele estava vestindo uma camiseta preta de mangas longas com jeans e impressionantemente belas botas negras. Ele cruzou os braços sobre o peito enquanto se encostava à mesa. Seu cabelo negro estava organizado contra a sua pele perolada e proeminentes sobrancelhas negras. O cinza pálido azul de seus olhos me dizia que ele estava calmo, mas a nebulosidade rugindo ali me disse que ele estava ansioso também.



— Como foram com a investigação sobre o intruso? — Ele perguntou ameaçadoramente.

Eu não tinha escrito uma página sequer, imaginando que não havia absolutamente nenhuma razão e que, no máximo, ele provavelmente riria da minha tentativa de mentir.

Todos estenderam seus papéis e ele foi a cada fila coletá-los. Ele acenou para o cara novo, dando-lhe um passe livre. Quando chegou a minha fila ele torceu os lábios um pouco enrolando-os em um sorriso sedutor e piscou para mim por trás de suas lentes.

Seu rosto de repente se transformou em raiva, mas seus olhos estavam me dizendo o contrário.

—Estella Smith. — Sua voz cresceu tão alto que ecoou em minha alma vazia. —Por que não trouxe seu trabalho?

Por um momento eu fiquei confusa, mas como eu o observava atentamente, percebi que ele estava me fazendo um favor. Eu rapidamente fingi algumas respirações rápidas, passando para meu eu medroso muito mais facilmente do que eu pensava ser possível.

— Eu, ah... — Gaguejei o melhor que pude enquanto eu tentava formular meu próximo ato. —... Eu não o considere relevante?

Um sorriso divertido atravessou seu rosto. —Você está dizendo que acha meus ensinamentos irrelevantes?



O tom de sua voz era assustador e de repente eu não precisei fingir uma frequência cardíaca elevada.

Eu cruzei meus braços presunçosamente.

— Sim. — Rebatí acidamente.

Eu vi seus olhos brilharem com orgulho para mim.

— Bem, então. — Ele virou-se abruptamente e caminhou para frente da sala. — Então eu acho que vou ter de ver você depois da aula, e não se preocupe, vou me certificar de que todos os outros professores saibam sobre a sua indiscrição de agora a pouco, bem como eles tomarão conhecimento das minhas ações disciplinares.

Eu tentei parecer horrorizada, mas realmente fiquei imensamente aliviada. Ele tinha me resgatado de um tarde de aulas chatas e constrangimento inevitável.

Ele voltou sua atenção de mim para o resto da classe congelada. Todo mundo ficou apavorado e Edgar parecia totalmente satisfeito consigo mesmo.

Scott me cutucou enquanto Sarah me olhava por cima de seu ombro.

— Jesus, Elle. Você sabe que há melhores maneiras de obter um encontro.

Sarah lhe deu uma cotovelada forte e eu ouvi a sua respiração estremecer dolorosamente em seu peito.



Se eu pudesse ter rido, eu faria. Eu dei uma piscadela amigável a Sarah quando ela me olhou com orgulho. Eu poderia ver que iríamos ser mais do que apenas amigas, estávamos indo definitivamente para melhores amigas.

Após a aula, eu sentei na minha cadeira rígida como todos que restaram. Meu olhar seguiu o novo cara, mas ele não me olhou até que, finalmente, ele me lançou um breve olhar, segundos antes de sair pela porta. Eu fiz uma careta, ainda curiosa sobre quem ele era. Scott deu-me um olhar de desculpas enquanto Sarah arrastava-o para a estufa.

Ela acenou para mim docemente e então a porta se fechou atrás dela e, finalmente, Edgar e eu estávamos sozinhos.

Eu soltei a respiração que eu estava segurando quando Edgar se aproximou de mim, tirando os óculos e sorrindo com entusiasmo.

— Para alguém que não pode sentir emoções... — Disse maliciosamente. —... Você foi, certamente, uma vítima bastante convincente.

Olhei para ele quando ele chegou perigosamente perto de mim, minha mente esquecendo completamente tudo e fundindo-se em nada. Edgar lentamente roçou os dedos por toda a extensão da minha mão e quando a sensação de calor atingiu meu peito, eu sorri.

—Você não tem idéia de como é bom sentir isso. — Eu suspirei.

Ele sorriu suavemente, os olhos começando a saturar.



– Acho que tenho uma boa idéia. – Seus olhos eram profundos e, de repente, abriram-se num azul meia-noite, enquanto olhava para eles. Quando ele se inclinou para trás, a cor começou a desaparecer lentamente.

–Eu acho que estou ficando melhor nisso. – Ele disse. – Sem tocar em você. – Ele respirou arrogantemente.

–Eu espero que sim. – Eu estava desesperada para me sentir mais daquela maneira, para sempre.

–Então, agora que eu tenho você toda pra mim para o resto do dia, o que você gostaria de fazer? – Seu corpo lindo ficou fortemente perante mim e eu ansiei por me abrigar nele e sentir seus braços em volta de mim.

Eu encolhi os ombros.

Ele olhou pela janela em contemplação.

– Eu acho que sei algo perfeito. – Seus olhos se estreitaram e um sorriso cruzou seu rosto. Acenou-me para fora da porta da frente, e eu o segui obedientemente. Uma vez fora, ele abruptamente virou-se e se atirou monte acima e eu disparei a segui-lo. Quando passamos a minha cabine, eu percebi para onde estávamos indo e por um momento me senti insegura. Entramos no mato e meus olhos tinham dificuldade de se adaptar à escuridão do dia triste.

Edgar se virou para olhar para mim, seus olhos brilhando como moedas nas imediações que pareciam tão sombrias.



— Agarre-se no meu casaco. — Ele respirou.

Ceguei à frente com cuidado, agarrando a lã grossa, mais suave do que eu imaginava sob as minhas mãos. Nós caminhamos vigorosamente passando a cabana onde eu tinha descansado na minha primeira viagem ao campo. À medida que as árvores se espaçavam em extensão, o prado se abria como uma flor desabrochando diante de nós.

Edgar andava concentrado, obviamente em uma missão para um determinado ponto no prado. De repente, Eu ouvi os gritos dos falcões sobre a cabeça e atirei meus olhos para o céu, vendo Isabelle e Henry brincando de luta através do céu.

— Eles não estão machucando um ao outro, estão? — Eu perguntei a preocupação audível em minha voz.

Edgar resmungou um pouco.

—Difícilmente. — Ele pisou na grama alta que se inclinava para mim, florescendo em minha presença como se fosse um dia quente e ensolarado. Olhei em torno de mim com cautela, ainda estava por vir uma época em que eu entrava na floresta sem que ocorresse alguma coisa horrível. Quando pensei sobre isso, agarrei a jaqueta de Edgar com mais força, tentando ficar o mais próximo possível dele.

À medida que chegávamos ao centro exato do prado, paramos de repente e ele se virou para me olhar com o rosto mostrando um sorriso lindo.

— Aqui. — Ele disse abruptamente, olhando para o chão. Seus olhos eram intensos de excitação. — Naquele dia você não teve sorte em vir a este lugar. — Eu vi como seus



lábios torciam-se hipocritamente a partir de um sorriso, um sorriso de escárnio. — Houve algo mais que chamou você aqui. — Ele fez uma pausa, se aproximando de mim e agora estando a apenas alguns centímetros de distância. — Foi também nosso lar. — Enquanto ele falava as palavras, algo dentro de mim piscou sem ele sequer tocar em mim.

— Lar. — Eu respirei minhas sobrancelhas juntas. Eu nunca tinha chamado qualquer lugar de lar. Que sentido faria fazer isso quando você nunca sabia quanto tempo ficaria?

— Sim. — Sua voz serpenteava pelo ar. — Sua casa, onde viveu a maior parte de sua vida passada. — Eu fiquei de boca aberta, olhando ao redor do campo de forma arbitrária, perguntando exatamente ao que ele estava se referindo.

Ele riu de mim, tocando meu queixo com um dedo e virando meu olhar de volta para ele enquanto meu corpo saboreava a sensação de seu contato.

— Mas, onde? — Eu estava olhando seus olhos, meu corpo parecia manteiga sob seu toque cuidadoso em meu queixo, o rosto subitamente radiante.

—Você confia em mim, não é? — Seu meio sorriso era irresistível e eu me vi olhando para seus lábios.

Eu balancei a cabeça, meu queixo ainda formigando do seu toque.

— Feche os olhos, Elle. — Ele fechou os dele lentamente e eu rapidamente segui o exemplo.



Fiquei surpresa quando o senti aproximar-se e pegar minhas mãos, sua pele macia e quente e seu aperto firme. Eu sorri, meu corpo cheio de vida.

Subitamente, senti uma rajada de vento nos engolir como um furacão e ouvi o estalar de uma centena de galhos de árvores em torno de nós como um vórtice. Segurei mais forte em suas mãos, mantendo meus olhos cerrados, com medo de ver exatamente o que estava acontecendo. Tão abruptamente como tinha começado, o vento se foi e o único som que se ouvia era o tique-taque pesado, de um relógio em algum lugar à minha esquerda.

– Ok. – O rosto de Edgar estava bem próximo ao meu ouvido, seu hálito maravilhoso caindo sobre meu rosto.

– Você pode abrir seus olhos agora. Você está segura.

Lentamente, eu abri os olhos e o calor suave de um milhão de velas cintilando dançou de repente à minha frente. Eu olhei para Edgar que se afastou de mim, seus olhos se afastando do meu rosto enquanto eu o notava lutando, as pupilas dilatadas e os olhos completamente negros. Fiquei lá por um momento, permitindo que ele se recuperasse enquanto eu olhava ao redor da sala. Finalmente, ele foi capaz de olhar para mim outra vez, seu rosto se acalmado.

– Como nós... – Gaguejei ainda incapaz de compreender a existência do espaço que estávamos agora.



A boca de Edgar se curvou em um sorriso trêmulo, seu corpo todo tremendo ligeiramente como se ele tivesse acabado de beber uma jarra inteira de café.

Eu tinha me encontrado de pé no corredor da frente de uma casa e quando olhei para fora das janelas da porta da frente, o prado em que tínhamos acabado de estar assentava-se muito bem lá fora. Tudo em que o meu olhar pousou parecia antigo, cada peça de mobiliário era uma antiguidade. Havia cadeiras de seda dourada e espelhos elaborados. Um milhão de velas votivas estavam penduradas em suportes nas paredes. O chão era de granito escuro e seu brilho foi subjugado por anos e anos de uso. O tique-taque que eu tinha ouvido vinha de um grande relógio de pêndulo na extremidade esquerda da sala, lançando um clima sinistro por todo o espaço.

— Como é? — Gaguejando, eu me esforcei para encontrar as palavras, não conseguia entender o que estava acontecendo. — O que é isto aqui?

Edgar finalmente falou.

— Ninguém pode ver isso, só você e eu sabemos que está aqui. — Ele respirava pesadamente, ainda me olhando com um olhar nervoso.

— Mas eu não sabia que estava aqui. — Repliquei claramente enquanto olhava para o gigantesco lustre de cristal que pendia sobre minha cabeça e as escadas em espiral em ambos os lados atrás de mim.

—Alguna coisa dentro de você sabia. — Ele disse francamente. —Venha, vamos sentar um pouco, tomar consciência por um minuto e então eu vou lhe mostrar a sua



casa. — Sua personalidade familiar voltou e seu sorriso tomou-se novamente de um sarcasmo brilhante. Juntos, nos viramos, penetrando na profundidade da casa.



Lar

— Aqui está você. — Edgar estendeu uma garrafa de água fresca em minha direção.

— Tem até água encanada? — Perguntei em tom de zombaria.

Ele inclinou a cabeça em minha direção, me lançando um olhar de desdém.

— Muito engraçado, Elle. — Bebeu toda a água em três goles. — Então, nada disso lhe parece familiar? — Ele se aventurou curioso, colocando sua garrafa sobre uma mesa próxima. — Lembra alguma coisa?

Balancei a cabeça em negativa, a culpa invadindo meu corpo. Eu podia ver o quanto ele sentia falta de quem quer que seja que eu costumava a ser.

— Ah. — Abaixou os olhos. Sentou-se em uma velha poltrona de pele de caça no que parecia ser a sala de estar. Se espreguiçou para trás fazendo com que seus músculos aparecessem em sua camisa apertada.

As paredes estavam cobertas com um elegante papel de parede de um vermelho profundo e havia todo tipo de objetos pendendo delas. A grande coleção de relógios por toda a casa era surpreendente, de várias épocas. Havia pinturas e fotos e fileiras e mais fileiras de prateleiras empoeiradas cheias de livros antigos.



Levantei-me enquanto ele apoiava a cabeça nas mãos, acompanhando cada movimento meu. Caminhei até uma estante do outro lado da sala. Havia uma pequena janela na parede que dava para o que parecia ser uma livraria. Virei meu olhar para a estante à minha frente, andando para o lado enquanto corria a mão sobre a madeira.

Havia objetos de todo o mundo, desde antigos leques chineses, até pequenas máscaras tribais. Havia um recorte de um jornal muito antigo e eu olhei de perto, mal conseguindo enxergar o “Julgamento das Bruxas de Salém” escrito na parte de cima numa tinta desbotada. Olhei para Edgar com um meio sorriso.

— Ah, eu só achei muito engraçado, humanos, tão paranóicos. — Ele parecia encantado, como se estivesse olhado para aquilo todos os dias por anos, cada vez achando mais engraçado. Finalmente dei uma volta completa no cômodo, com a sensação mais forte de que havia visitado um museu e não a sala de uma casa na qual vivi minha vida passada. Finalmente, sentei-me de volta na poltrona, tendo o cuidado de manter a distância.

Todo aquele tique-taque súbito dos relógios estava me deixando ansiosa.

— Edgar? — Disse seu nome com delicadeza e ele se virou para mim, sua face angelical atrás de seus traços perfeitos. — Se você não envelhece e eu sim, o que vai acontecer?

Ele riu repentinamente. — Você também não vai envelhecer. — Disse diretamente. — Pelo menos não se você conseguir sua alma de volta. — Ele parecia relaxado e contente.



– Você vai mudar Elle, se acha que é bonita agora... – Ele fez uma pausa, olhando para mim de cima a baixo. –... Pois eu te acho realmente incrível, espere até você se ver mais tarde. Você vai ser simplesmente estonteante.

Olhei para o meu corpo, a camisa de moletom que Isabelle pegou para mim não era nem de perto a mais atraente ou provocadora roupa do mundo. Olhei para o estilo despojado de Edgar, observando o jeito como aquilo só o fazia mais atraente. Uma de suas pernas estava apoiada sobre a cadeira e um dos braços estava jogado na parte de cima do encosto do sofá, a outra mão pousada sobre sua perna com seus dedos fortes bem abertos. Tentei ver uma estranha marca em seu dedo anelar esquerdo, mas logo olhei para o lado com medo de descobrir o que era aquilo.

Deixei a idéia de beleza eterna rondar por minha cabeça, desejando, sem nenhuma vergonha, que eu pudesse ter o mesmo visual atraente sem esforço. Eu já não colocava muito – ou talvez nenhum – esforço em me produzir, mas, como deveria ser parecer sempre impecável e estonteante como Edgar?

Sacudi a cabeça com cara de boba se eu não envelheceria como eu iria morrer então? Olhei para Edgar confusa.

– Mas, como foi que eu nasci uma segunda vez? Quero dizer, isso provavelmente significa que eu morri antes, certo?

Meu coração acelerou de repente enquanto ele levantava a mão que estava sobre o encosto do sofá, chegando perto lentamente e pegando uma mecha de cabelo que se soltou



do meu coque e enrolando em seus dedos, seu cheiro soprou até minhas narinas e eu respirei fundo.

— Você não nasceu realmente, pelo menos não do jeito que você pensa.

Ele se inclinou para perto, meu corpo se enrijeceu de repente. Passou sua cabeça lentamente pelos contornos do meu pescoço, por baixo do meu queixo. Seu hálito quente desceu pelo meu peito e meus braços congelaram. Seus lábios estavam praticamente tocando minha pele e eu estremeci. Eu podia sentir o calor de seu corpo enquanto sua cabeça pendia em direção à minha. Vagarosamente, sem tocar na minha pele, passou seu outro braço ao redor do meu pescoço, pegando em meu cabelo e soltando o coque bagunçado, fazendo com que caísse livremente. Enlaçou meus cabelos em sua mão passando-os por minhas costas, pousando-os sobre meu outro ombro e expondo a pele do meu pescoço.

Ele então sussurrou levemente, fazendo cócegas em minha pele.

— Quando você morreu, eventualmente renasceu. — Repentinamente soltou meu cabelo e os empurrou para trás. Seus olhos eram de um tom perigoso de azul marinho e sua respiração era rápida.

Eu me segurava a cada palavra sua, minhas bochechas enrubescendo por sua proximidade bem vinda. Eu o observava atentamente quando ele parou.

— Como eu morri, então? — Meus pensamentos estavam correndo. Seu cheiro, seu rosto lindo, era tudo tão incrível.



Seus olhos vagorosamente se viraram para os meus.

— Você se matou para me salvar, para nos salvar. — Sua voz era macia como veludo enquanto ele tomava fôlego, obviamente se esforçando para manter sua postura depois de haver chegado tão longe com sua audácia.

Corri minhas mãos por meus cabelos cuidadosamente, tentando não realizar qualquer movimento brusco. Ele respirava pelas narinas, olhando para mim.

— Eu não consigo resistir a estar perto de você. Você é viciante. — Suspirou, afastando-se de mim, ainda tentando se recuperar.

Trabalhei em sua distração, rapidamente pensando em mais coisas para dizer.

— Mas eu tenho uma mãe. Ela me deixou aquela carta... — Arrastei a voz, percebendo que tudo em que sempre acreditara era falso.

— Estella. — Meu nome escapou de sua boca como fumaça. — Você escreveu aquele bilhete, para confundir você mesma, para te dar falsas esperanças. Nós o escrevemos juntos. — Seus olhos se fecharam repentinamente, antes de se desviarem dos meus. — Trezentos anos atrás. — Ele ainda estava parado à minha frente, timidamente desviando seu olhar do meu, observando minha linguagem corporal cuidadosamente.

Calafrios percorreram minha espinha com aquelas palavras. Aquilo era tão estranho, tão surreal que esse homem estivesse com a minha alma, esse mago diabólico fosse minha alma gêmea. Parecia coisa de sonho que nós tivéssemos compartilhado uma vida juntos, e surreal que eu fosse a única que não conseguia lembrar disso. Senti-me



dopada, traída, como se estivessem mentido para mim. O que era pior é que tinha feito isso a mim mesma.

— Mas por que eu tive que morrer? — Meu cenho estava tenso e eu fiquei repentinamente com raiva. Eu fui privada de uma vida maravilhosa, uma vida de magia e felicidade.

Ele finalmente relaxou seu corpo mais uma vez se aproximando confortavelmente do meu.

— Por que nós não somos os únicos da nossa raça, havia mais um. — Ele se aproximava cada vez mais, seu desejo de estar perto criando uma batalha em sua mente.

As batidas do meu coração se aceleraram enquanto eu olhava para ele. Senti minha vida por um fio. Ele olhou para meus lábios, sua cabeça chegando perto do meu pescoço.

— Ainda havia mais um da nossa raça, e, ele vinha atrás de você. — Sua voz estava cheia de suspense e tremendo.

Sentei-me bem quieta, sentido seu hálito cruzar minha orelha, sua voz sussurrante me fascinando.

— Ele não tinha sua própria alma gêmea? — Perguntei cuidadosamente.

Ele levantou sua mão de sua perna até meus cabelos, seus dedos penteando as mechas sedosas enquanto ele sussurrava em meu ouvido, sua voz era como seda e mel.



— Ele a matou.

Suas palavras me fizeram tremer e eu me virei rapidamente para olhá-lo no rosto, nossos narizes perigosamente próximos. Sua boca se arrastou em um meio sorriso e seus dentes brilharam com a luz da vela. Olhei em seus olhos sentindo medo, de repente percebendo seu poder letal.

Sua respiração era lenta e controlada.

— Ele era mau, muito pior que qualquer um dos outros, e ambicioso. — Nossa respiração cruzava os lábios um do outro, seus olhos com cor de cinzas procurando pelos meus. — Ele a matou primeiro, e depois em sua sede, veio atrás de todos nós, matando de um por um.

Curvou levemente, seu olhar nunca deixando o meu. Parei de respirar quando seu nariz tocou o meu, o forte sentimento de antecipação mais poderoso do que jamais havia sentido. Meu peito tomou vida repentinamente e meus pulmões exalaram forçosamente. Respirei fundo, encantada com o sentimento antes que ele se afastasse uma segunda vez, seus olhos mais uma vez de uma azul brilhante.

Meu peito ainda se movia pesadamente e ele me observava, convencido de sua influência sobre mim.

— Nós éramos os últimos de nossa raça. — Seu olhar brilhou enquanto piscava. — Você estava terrivelmente apavorada, então eu te trouxe aqui.



Olhei para ele diligentemente enquanto meu corpo ainda formigava, meu peito queimando.

Ele passou os olhos pela sala antes de voltar a encarar os meus.

— Ainda assim ele nos encontrou, e em um segundo de desespero, você tomou a decisão de selar sua alma dentro de mim, contra minhas fortes objeções.

Ele fez uma pausa, seus olhos abaixando à medida que eu os via afundar em dor. Pousou as duas mãos em suas pernas e entrançou os dedos nervosamente enquanto forçava a emoção a retroceder.

— Você estava deitada lá, sem vida, na minha frente, o brilho desaparecendo de seu lindo cabelo de pérola. — Ele olhou para uma das minhas mechas. — E, como eu disse, mesmo agora, ainda são os mesmo.

Seus olhos ficaram molhados e eu lutei contra o desejo de limpar a lágrima que desceu por sua bochecha.

Ele olhou fundo em meus olhos.

— Mas eu sabia que você voltaria. Ainda havia vida naqueles seus olhos azuis. — Ele se interrompeu para respirar fundo. — Mesmo naquele momento. Você sempre foi tão teimosa, tão forte. Você tinha o desejo inabalável de voltar.

Ele pôs o rosto entre as mãos e eu fiquei ali sem ação, o vácuo em meu peito machucando cada vez mais.



Ele falou entre os punhos.

— Então ele te viu. — Edgar então levantou o rosto com uma expressão perturbadora na face, seus olhos brilhando escuros com o que pareciam ser nuvens de tempestades. — Ele apenas riu para mim ameaçadoramente, dizendo que agora eu não era melhor do que ele. Eu fui tomado por um ódio tão grande, maior do que eu jamais havia sentido, e senti ondas de dor em meu corpo enquanto sua energia começou a me deixar. — Ele balançou a cabeça com arrependimento. — Eu o ataquei com tanta força que a vida foi arrancada de mim rapidamente. A luta foi brutal, muito além do que você pode imaginar. Eventualmente, ele correu como um covarde, muito ferido e sangrando bastante. Eu também estava muito ferido e quase morrendo, mas suas lembranças me salvaram.

Seus olhos se acalmaram e eu me afastei, sem jamais tirar meu olhar triste de cima dele.

— Eu voei de volta para você, o mais rápido que minhas asas conseguiram, mas seu corpo havia desaparecido. — A expressão em seu rosto criou um bolo doloroso em minha garganta. — Todo o que restou do seu corpo foi uma pena.

Ele se levantou e andou até uma redoma de vidro que estava na estante, a poeira sobre ela era espessa, fazendo com que fosse difícil enxergar o conteúdo. Ele levantou a tampa, tirando alguma coisa de lá com cuidado. Andou de volta para mim enquanto meu queixo caiu ao ver o simples objeto que ele carregava.

— Essa pena. — Ele a estendeu para mim.



Peguei a pena branca delicadamente entre meus dedos enquanto todas as palavras eram abafadas em minha garganta. Segurei à pena como se fosse a coisa mais preciosa do mundo e sua cor mudou de repente, se tornando um branco vívido. Seu brilho abrupto era como a da pena preta - pérola de Edgar, com a mesma extremidade afiada. Foi então que eu entendi, e meu olhar, mais uma vez, voltou-se para ele.

Seu olhar estava estático.

— Você era o último corvo branco. — Ele exalou profundamente. — E você era linda. — A expressão em seu rosto era de desespero profundo. — Era difícil saber o que havia acontecido com você exatamente. Eu não tinha idéia se você voltaria, mas quando os meses se tornaram anos, e então décadas e, pior ainda, séculos, eu comecei a perder a esperança. Não havia qualquer historia registrada sobre nossa raça, não havia meios de saber se você um dia voltaria, mas aqui está você, ainda viva.

Girei a pena várias vezes em minha mão, maravilhada com a idéia de que aquele maravilhoso objeto havia saído de mim.

— Mas então, por que eu não consigo virar um corvo agora? É por causa da minha alma?

Ele olhou para mim com esperança, suas sobrancelhas se levantando com o pensamento.

— Sim, acho que é por isso.



Houve silêncio por um momento enquanto a coleção de relógios tiquetaqueava lentamente. Devolvi a pena a Edgar, mas ele apenas balançou a cabeça em desafio.

— Não, é sua agora. — Ele estava firme em se opor a mim. — Fique com ela, talvez ajude. — Andou de volta em minha direção e se ajoelhou no chão, seu olhar encontrando o meu. Seus olhos eram de um azul gentil, como o lago num dia chuvoso. — Eu preciso de você de volta, Elle. — Ele levantou a mão em minha direção, passando os braços ao redor da minha cintura, gentilmente mantendo-os afastados do meu corpo como em um abraço.

Abaixei minha cabeça, seus cabelos tocaram meus lábios.

— O que aconteceu com o outro mago depois que ele fugiu? — Eu respirava em seu cabelo e dessa vez foi ele quem estremeceu.

Edgar afastou seus braços de mim, movendo-se fluidamente enquanto se sentava novamente ao meu lado, olhando para mim com uma apreensão sombria.

— Matthew ainda está vivo, ele ainda mora em Londres.

Esse nome trouxe terror ao meu coração como se eu já o tivesse ouvido antes.

— Ele não vai voltar? — Perguntei apavorada.

Edgar suspirou. — Potencialmente sim, se descobrisse sobre você. Foi por isso que eu sumi semana passada.

Olhei para ele alarmada. — Aquele corvo, na campina. — Engoli. — O corvo inglês.



Edgar tocou minha mão, traçando desenhos gentilmente enquanto eu fechava meus olhos, sentindo um calor percorrer meus ossos.

— O corvo era seu espião. — Sua voz estava cheia de preocupação. — Matthew sabe alguma coisa sobre você. Ele pode sentir, disso eu sei, mas, de Londres, não deve ser muito claro.

Observei enquanto ele deslizava a mão pelo travesseiro em direção à minha. Ele logo entrelaçou seus dedos macios aos meus e eu precisava me recompor, a beleza ardente em minhas veias era espessa e meu sangue recebeu a droga com gratidão.

— Eu não vi nenhum outro corvo, mas ele deve ter percebido que seu espião foi morto. Quando eu fui verificar a situação na semana passada, Matthew, não estava agindo nem um pouco estranho, apenas bem doente, drenado de vida. — Sua voz era suave e ele estava concentrado no toque de nossas mãos. — Os anos não foram gentis com ele, ele envelheceu, sua pele parece couro e seus olhos mármore negro.

Minha respiração estava pesada quando abri meus olhos e Edgar sorriu.

— Aqui está você. — Ele suspirou, olhando para meu rosto com um estranho reconhecimento.

Eu vi surgir um raio de memória bem rápida em minha mente, mas nada era compreensível. Seus olhos eram de um azul profundo e havia um calor abrasador vindo dele que eu não havia notado antes. Edgar estava se segurando, lutando para controlar a



vontade de tomar minha alma. Eu desejava desesperadamente estar mais perto, eu precisava do sentimento.

Seus olhos escureceram e ele franziu o cenho, gentilmente liberando minha mão da sua que estava tremendo.

– Eu te amo. – Ele sussurrou, como se não estivesse dizendo para mim, mas ao fogo que queimava e brilhava por dentro de uma pessoa que ele viu passar por meus olhos.

Minha alma lentamente se apagou ao sentir a dor da perda no peito.

– Ele vai voltar? – Recuperei minha compostura, olhando para ele com intensidade.

– Espero que não, mas se voltar, eu vou te proteger. Eu sinto que ainda sou mais forte que ele, mas se ele estiver muito desesperado, vai ser muito pior. – Sua voz soou grave.

– Então você tem que me ensinar a ser eu novamente. – Minha voz era frenética.
– Eu tenho que ser capaz de te proteger também.

Um sorriso se espalhou por seu lindo rosto.

– Ou pelo menos te lembrar como conseguir sua alma de volta, seria provavelmente mais fácil. – Ele riu. – Você é muito teimosa, eu não gostaria de ter que te ensinar novamente.



Tentei sorrir, mas nada saiu. Ele passou uma mão pelo meu rosto, vendo minha frustração e me dando a chance de lhe dar a resposta que eu queria. Fechei meus olhos e me inclinei sobre seu toque, meu coração finalmente se enchendo de cor e minha alma irradiando uma luz clara por meu coração.

— Eu já estou muito feliz que você voltou. Eu nunca devia tê-la deixado partir. Queria apenas que você tivesse esperado, nós poderíamos matá-lo juntos. — Ele parecia exausto. — Mas você sempre me enganava daquele jeito, sempre pensando em mim antes de você. Você se sacrificou desconsiderando a si mesma. — Seu rosto se tornou atormentado e perdido.

— Mas não pense nisso. — Suspirei. — Apenas pense no agora. O passado passou e foi. — Pensei no fato de que, para mim, o passado nem sequer existiu.

Ele sorriu levemente. — É fácil para você dizer.

Olhei para o relógio e para o campo escuro pela janela. Eu não queria realmente encontrar meu caminho e voltar pela floresta escura de madrugada. Levantei-me.

— Está ficando tarde. — Respondi sombriamente. — Eu deveria voltar.

Edgar levantou seu olhar para o meu e eu pude perceber que ele se sentia terrível.

— Eu te levo para casa. — Disse, levantando-se lentamente.

Andei desajeitada até o hall enquanto ele respirava fundo.



— Sair é muito mais fácil que entrar. — Ele estendeu uma mão até mim e eu a segurei timidamente enquanto ele caminhava para a porta.

Fechei meus olhos quando ele a abriu e me guiou pela pequena escada. Meu pé sentiu a familiar e macia almofada de grama e eu abri os olhos novamente. Olhando ao meu redor, a casa havia desaparecido completamente, como se tudo houvesse sido apenas um sonho.

Ouvi-o rindo ao meu lado na escuridão quando ele soltou minha mão.

Olhando para o céu, a lua estava alta, escondida por nuvens espessas, sua luz brilhando pelas extremidades como recortes de papel fino. À medida que meus olhos se ajustavam eu consegui enxergar o rosto de Edgar, levemente brilhando um azul acinzentado à luz da lua. Edgar olhou para a lua enquanto eu olhava para ele, achando seus traços esquisitos ainda mais incríveis.

Seus lábios estavam afastados e uma nuvem de respiração saía em ondas de sua boca, se desfazendo no ar. Seus dentes eram luminosos e seus olhos brilhantes. Eu finalmente virei meu olhar para o céu, repentinamente sentido seus olhos caírem sobre mim. O observei olhando para mim pelo canto do olho, seus olhos queimavam como fogo.

— Edgar? — Virei minha cabeça, encontrando seu rosto luminoso. — Eu não quero ficar sozinha esta noite.

Um meio sorriso cresceu em seus lábios.



— Agora você é que está sendo presunçosa.

Rosnei em tom de brincadeira. — Não desse jeito. — Soltei entre dentes, minha voz ecoando pela grama.

Edgar me deu uma cara sarcástica de cachorro que caiu da mudança.

— Oh, isso é ruim. — Farpeou. — Pois, se você está meio suicida essa noite, eu estou mais que disposto a ajudar, a morte seria o desfecho.

Lancei-lho um olhar, sacudindo minha cabeça. — Não, essa eu passo.

Ele andou em minha direção, metade de sua face ainda dramaticamente iluminada em uma beleza solar. Tirou o cabelo do meu rosto, descendo sua mão graciosamente por minha face até o queixo, a sensação me fazendo rir instantaneamente. A emoção do riso era incrível. Eu nunca a havia sentido daquele jeito antes, como se fizessem cócegas por todo o meu corpo e eu estava viciada.

— Eu não poderia tirar isso de você. Parecia o momento certo para uma risada, e sim, eu fico feliz em sempre dormir no chão. De qualquer maneira, não acho que Isabelle ficaria muito feliz se eu roubasse seu lugar tão cedo. — Um sorriso cruzou sua face, sua boca brilhando como um cordão de pérolas.

Uma brisa leve soprou pela campina e eu estremeci, repentinamente com medo por estarmos na floresta no escuro.

Ele olhou para as árvores. — Bem, vamos lá?



— Oh, por favor. — Fiz uma pausa, olhando para as árvores no escuro. — Depois de você.

Ele riu, de repente dando um passo longo para frente. — Então segure meu casaco, vou guiar o caminho.

No meio do caminho ele parou abruptamente.

— Tá bom, isso vai demorar uma eternidade se você não consegue enxergar como eu.

Gemi enquanto ele se virava para trás, me segurando em seus braços como se eu fosse um saco de feno.

— Eu já te carreguei uma vez. Posso agüentar te carregar de novo. Assim vamos mais rápido. — Ele olhava para mim de um jeito amável, suas covinhas aparecendo. — Você confia em mim, certo?

Sacudi a cabeça em seu braço forte, de repente me sentindo tão pequena. — Eu confio em você.

E, com isso, ele começou a correr. Seus passos eram tão leves como quando ele me salvou quase me embalando no sono, como um carro em pista lisa.

Alguns minutos depois seus pés tocaram o caminho de pedra e ele parou gentilmente me pondo no chão, respirando pesado, balançando a cabeça para se recompor.



– Certo essa foi difícil, mas valeu a pena. – Disse.

– Devo dizer que foi como voar em primeira classe. – Fiz uma pausa. – Ou o que eu imagino que seja voar em primeira classe.

Ele riu em meio à respiração pesada, longas nuvens de névoa cruzavam o frio ar noturno.

– Eu estava um pouco curioso sobre como você conseguia ficar tão perto de mim antes, como você não me matou naquele dia que me tirou da campina? – Caminhei até a varanda e ele seguiu notadamente se distanciou, enquanto ainda se esforçava para limpar a mente. Abri a porta do meu quarto, procurando no escuro pelo interruptor da lâmpada.

– Por que eu estava movido mais pelo medo de te perder novamente, e não pela fome. – Senti Edgar passar por mim, encontrando o interruptor imediatamente.

– Certo agora você está se exibindo. – Sibilei.

Ele riu. – Ah, que é isso. Eu posso ver o interruptor bem ali, claro como o dia. Por que te deixar procurar?

Agarrei um travesseiro da minha cama e joguei para ele.

– Aqui. Chão. – Apontei para o meio do quarto. Havia pelo menos um tapete de lã então, e eu não me senti tão mal de fazê-lo dormir ali, apesar de saber que não estava exatamente limpo.



Ele se deitou no chão e eu procurei pela minha mala bagunçada, entre roupas limpas e sujas, alguma coisa para dormir. Levantei a cabeça quando houve uma súbita batida na porta e Edgar se sentou.

– Eu atendo. – Grunhiu enquanto lutava para se levantar.

Ele abriu a porta e o som dos passos de Isabelle entrou, acompanhados dos de Henry.

Olhei para eles com uma cara de estranhamento.

– Agora isso aqui parece um zoológico. – Henry olhou repreensivamente para mim com seus olhinhos.

Edgar riu. – Eu acho que se eu fosse você, não diria isso. Acho que ele não gosta que se refiram a ele como um animal de zoológico.

Olhei para Henry. – Desculpa. – Minha voz era sincera e ele andou até Edgar enquanto este se deitava novamente no chão.

Tranquei-me no banheiro e rapidamente me troquei e escovei os dentes. Olhando-me no espelho, notei o quanto meu rosto parecia mais brilhante e meu cabelo mais saudável. Parecia que, qualquer que fosse o poder que Edgar possuía, já estava me mudando um pouco.

Apressei-me de volta para o quarto e me enfiei por baixo das cobertas. Edgar levantou-se e me ajudou com a lâmpada mais uma vez, e então o quarto estava escuro.



Ouvi cuidadosamente a respiração leve de quatro pessoas diferentes, sentido pela primeira vez que não estava sozinha.

Isabelle puxou minhas cobertas, me cobrindo de sua posição na armação da cama. Procurei no escuro por sua cabeça enquanto meus olhos se ajustavam. Virando para o meu lado, vi a silhueta emperolada de Edgar deitada de costas, uma perna dobrada para cima e um braço atrás do pescoço, no travesseiro. Seus olhos estavam abertos e olhavam direto para o teto.

— Em que você está pensando? — Minha voz cortou o silêncio asperamente.

Edgar virou a cabeça para olhar para mim.

— Em você, me perguntando onde você esteve todo esse tempo, e por que voltou agora e não antes.

Balancei a cabeça. — Talvez eu tenha voltado por que finalmente me senti sozinha demais.

Ele bufou seus olhos piscando.

— Não acho que seja o caso, você sempre foi bem independente. Não suportava o jeito que eu sempre ficava em cima de você. Acho que, onde quer que você estivesse, você provavelmente estava louca para voltar. Só não entendo o que te manteve lá por tanto tempo.

Inclinei-me de volta para o travesseiro.



– Hum. – Tentei pensar, tentei lembrar, mas não havia nada.

– Bem, boa noite, Elle. – A voz de Edgar soou cansada.

– Boa noite professor. – Murmurei.

Edgar se encolheu. – Agora eu realmente me senti velho.



Sam

Eu subi correndo enquanto Isabelle me cutucou com raiva. A desagradável batida na porta tinha sido abrupta, me despertando de um sono profundo.

— Droga! — Eu sussurrei irritada e sem fôlego.

Edgar me olhou da cadeira do corredor.

— Não se preocupe, é só aquele seu amigo engraçadinho, Scott. Ele morre de medo de mim, me mata de rir. — Sua expressão estava maliciosamente distorcida, e Henry estava posicionado no seu colo enquanto ele o acariciava.

— Espera aí! — Eu disse, olhando para o relógio. — Por que você não me acordou?

Edgar encolheu os ombros. — Eu estava curtindo a vista!

Eu o encarei, me chutei pra fora da cama e, sem muita consciência do que estava fazendo, recolhi meu jeans e a blusa de algodão preta de manga comprida que estavam no chão. Corri até o banheiro e me vesti rapidinho. Saindo, meus pés batiam bem alto pelo chão refletindo minha frustração e ansiedade. Edgar só observava calmamente com um irritante olhar feliz em seu rosto.

— Você não deveria estar se escondendo? — Sibilei.



Ele riu.

— Por quê? Você não quer que seus amigos saibam que você esta saindo com um professor? — O olhar na sua cara sugeria que ele estava gostando dessa tortura humilhante que estava me fazendo passar.

Eu bufei irritada. — Estou indo para a aula, não deixe ninguém te ver sair. Eu não preciso de mais comentários maldosos. — Ele me deu um sarcástico aceno e eu resmunguei para ele enquanto pegava minha bolsa. Eu me recusei a olhar para ele enquanto eu ia para a porta e agarrava a maçaneta.

— Te vejo mais tarde. — Ele disse. — Sabe, é muito mais fácil ser um professor do que um aluno, você realmente deveria tentar. Existe muito menos esforço em parecer normal dessa forma.

Eu revirei os olhos. — Eu dificilmente classificaria você como normal. — E com essa, saí correndo pela porta. O instantâneo ar refrescante foi ótimo, como se minhas emoções tivessem começando a me fazer suar.

Eu olhei para Sarah e Scott.

— Foi mal, galera! — Os dois me encararam bem irritados. — Você ta falando sério?! Eles tem donuts? — Minha cara estava mais que iluminada. Scott parecia todo cheio de si. — Não, nós roubamos do gabinete das freiras essa manhã. — Eu acenei com a cabeça, dando a ele um olhar de cara esperto. — Muito bem.



Nós caminhamos montanha abaixo em direção ao rio e eu me arrepiei enquanto um vento forte soprava através do meu corpo.

— Wow, está realmente ficando frio! — Eu sussurrei.

Scott concordou. — Sim, logo virá a neve. A mudança no clima acontece tão rápido aqui. É realmente um lugar de duas estações, pequena Primavera e Outono.

Eu concordei.

Sarah encarou Scott com admiração.

— O que acontece quando a camada de neve fica muito alta, eles permanecem com as aulas?

Scott encolheu os ombros. — Isso é uma espécie de faculdade, por mais estranho que seja. Pense nisso como uma sala renascentista, as pessoas vêm e vão de acordo com o que sentem ou necessitam. É só um lugar para formular ou acender idéias.

A atenção de Sarah estava toda nele.

— Mas, durante nevasca, a maioria de nós volta para terras mais baixas e só volta na primavera. Então, mais ou menos, a escola esta fechada.

Eu concordei. Eu não sabia disso, mas o pensamento de ter de voltar para Seattle fez meu estômago pular. Meu amor por minha mãe adotiva era “doce-amargo”. Apesar de saber que sentiria sua falta, eu nunca realmente planejei algum dia voltar.



Nós chegamos à sala de aula bem a tempo para a aula começar. A maioria dos alunos já estava lá, então nós rapidamente empurramos nossos lugares para o fundo antes da professora chegar. Eu realmente não estava prestando atenção enquanto eu passava em meio à multidão. Era óbvio que todos me odiavam, mesmo antes de me conhecer.

Eu não precisava de outro lembrete brilhante. Eu mantive meus olhos baixos até que eles se depararam com o familiar tênis de ginástica que notei ontem. Eu congelei, levantei os olhos com cautela para encará-lo. Os olhos do garoto novo ainda estavam carregados de frustração quando ele me olhou nos olhos. Eu me afastei dele um pouco, cruzando os braços e empurrando Sarah. Eu encolhi os ombros sem ajuda, enquanto ela me olhou estranhamente. Esse garoto novo tinha invadido meu lugar sagrado no fundo da sala e eu não gostei disso. Eu o vi sorrir enquanto virava seus olhos de volta para frente da sala.

A professora entrou, tão dramaticamente como sempre, e eu suspirei sobre a próxima lição. Eu senti que o garoto novo me olhou novamente, sua expressão me pareceu mais calma quando eu o olhei pelo canto do olho. Quando a professora começou a falar, eu continuei olhando para os lados, finalmente relaxando de Sarah, a qual o tédio eventualmente acabava por definir.

De repente, eu reparei nele me encarando e eu dei a ele um afiado olhar raivoso.

— Oi. — Ele sussurrou. Sua voz era áspera e rouca, como se cerdas passassem por seus lábios pálidos.



Ele riu quando eu olhei para longe dele, minha cara franzida com irritação.

— Eu sou Sam. — Ele continuou dizendo sem reservas. Eu me recusei a reconhecer seus avanços. Ele estava me fazendo sentir desconfortável e eu comecei a brincar com a minha camisa. Ele parecia mais velho, provavelmente perto de 22 ou 23 anos. Ele bufou. Eu dei a ele outro olhar rude.

— Qual o seu problema? — Finalmente falei.

Ele sorriu.

— Nenhum, só tentando criar uma conversa amigável. — Seus olhos âmbar estavam felizes e estranhamente penetrantes.

Enquanto escaneava seu rosto, reparei o quanto, sem vergonha nenhuma, ele era mal vestido, e seu cabelo estava tão bagunçado quanto ontem. Eu olhei para suas roupas, reparando que eram o mesmo casaco de couro e o mesmo jeans também. Sarah me olhou de lado e eu virei os olhos para ela. Ela riu enquanto cutucava Scott, mas ele só olhou para sua interrupção.

Quando virei meu olhar para frente, Sam de repente estava bem do meu lado.

— Isso não foi muito legal. — Ele ralhcou. — Eu vi você fazendo troça de mim. — Sua boca estava retorcida em um sorriso. Eu olhei para ele de forma sem graça. Eu não pensei que ele notaria minha virada de olho. — Então, você vai me dizer o seu nome? — Ele perguntou com uma voz forte.



Eu dei um bufo desafiador e ele olhou para mim com um repentino senso de conhecimento.

– Estella, certo? – Ele tinha as mãos atrás das costas, de forma casual.

Eu resmunguei para ele. – Como você sabe o meu nome? – Eu sibilei.

Ele deu uma olhada na professora, para ter certeza de que ela não estava percebendo o distúrbio que estávamos fazendo.

– Eu só ouvi por ai, só isso. É um nome interessante, bem fora de moda. – Ele piscou para mim.

Eu recuei um pouco, dando-lhe um olhar azedo.

– Ok, Sam. Então você não tem que dizer isso, e na verdade, eu gostaria que não o fizesse.

Ele riu orgulhoso de si. – Samuel é meu nome todo. Se você quer ser justa, é velho também. – Sua boca ainda estava retorcida maliciosamente. Ele estava agindo como um idiota, do tipo super confiante, de alguma forma. Ele de repente riu assim como se, de alguma forma, tivesse escutado o que pensei sobre ele. Eu virei meus olhos de volta para frente da sala e assisti a professora com falso interesse. Eu podia sentir ambos, Sarah e Scott, me olhando, mas eu não senti como se ouvisse seus pensamentos, como na situação embaraçosa ainda pouco. Pelo resto do tempo, eu estava totalmente consciente de sua presença. Eu me recusei a olhar para ele, e, na verdade, ele não falou nem mais uma palavra.

Apesar da minha teimosa permanência, eu ainda sentia-o me encarando, seus olhos penetrantes criando buracos pelo lado do meu rosto enquanto eu corava horivelmente.



Era estranho como ele me encarava, parecia quase protetor e possessivo. Quando a professora nos dispensou, eu rapidamente agarrei Sarah e Scott e os usei como escudo contra seu avanço.

Scott me olhou, suas sobrancelhas se juntaram.

— O que foi tudo isso? — Ele sussurrou, olhando para trás furtivamente. — Você o conhecia de algum lugar? Por que com certeza parecia que ele conhecia você.

Eu dei de ombros. — Eu não me lembro. Ele não parece do tipo, sabe que estaria aqui. — Ele estava seguindo alguns passos atrás de nós como um perseguidor, ou talvez, um guarda costa.

Nós chegamos ao laboratório e eu o assisti passar me empurrando e, andou para frente como uma nuvem negra silenciosa. Eu sentei e me virei para Sarah, tentando ignorá-lo.

— Então, Sarah. — Eu comecei. — Aonde você vai no inverno? — Ela me olhou meio distraída.

— Uh... — Sua cara de repente estava surpresa quando ela olhou por cima do meu ombro. Eu virei só para ver Sam de repente em pé atrás de mim com o banco na mão.

— Você se importa? — Sua voz estava aguda e profunda, e sua cara presa permanentemente em um sorriso estúpido.

— Sim, eu me importo. — Eu retruquei.



Ele se inclinou para mim.

— Eu entendi que você me odeia, mas isso não é realmente problema meu. — Eu grunhi alto, cruzando os braços e me recusando a abrir um lugar para ele na mesa.

Ele disse: — Tudo bem, mas só porque você me forçou.

Ele colocou duas mãos firmes de cada lado do meu assento enquanto os punhos do casaco grosso, inadequadamente, manejaram meu quadril. Ele me empurrou mais para perto de Sarah, enquanto a carteira duramente arranhava o chão, abrindo espaço para a carteira enquanto ele dava um suspiro irritado e puxava sua carteira para perto da mim.

Edgar, então entrou na sala, seus passos rápidos até que seu olhar se fixou na minha cara irritada e ele parou.

Eu assisti irritada enquanto seus olhos miraram para Sam, mas para a minha surpresa, um sorriso torto passou pela sua cara. Eu suspirei fortemente em descrença. O que era isso?

Eu olhei para Sam com desdém, mas ele só se sentou lá, com um estúpido olhar feliz, em sua poderosa e forte cara. Eu virei o meu rosto, olhando para Sarah e Scott, buscando algum consolo.

— Desculpe pessoal. — Eu sussurrei. — Eu não tenho a menor idéia de qual é o problema desse garoto! — Ambos me deram olhares de completa surpresa enquanto balançavam os ombros, incapazes de me ajudar a descobrir exatamente o que estava funcionando.



– Muito bem, turma.

A voz de Edgar cortou o ar como uma faca.

– Seus trabalhos foram bons e bem pensados, pelo menos na maioria. – Seus olhos escuros caíram sobre algum estudante sujo, o qual instantaneamente começou a tremer. – No entanto, um punhado de vocês insistiu em contos de fadas, e todos nós sabemos que a ciência é o único caminho. Eu não vou mais tolerar respostas como essas de novo. Essa não é uma sala de escrita criativa. – O corpo de Sam começou a chacoalhar com risadas e Edgar olhou para ele por cima de seus óculos. Depois de um momento, no entanto, ele também começou a sorrir, como se uma troca invisível tivesse ocorrido entre eles.

Durante o resto da aula eles continuaram irritantemente a trocar informações e isso só fez crescer mais ainda minha irritação.

Era com se eles estivessem de algum jeito, secretamente falando de mim, e isso estava me irritando. Eu tentei encarar os dois, mas eles me ignoraram e eu fui deixada olhando para suas caras estranhamente perfeitas, em completa confusão. Finalmente a aula acabou e Sam virou para mim com um olhar feliz no rosto enquanto o meu ainda estava distorcido em aturdimento.

– Bem, Estella, foi um prazer te conhecer. Vejo-te em breve?

Mas antes que eu pudesse pronunciar uma palavra, ele se foi. Sarah e Scott me olharam com expressões perplexas. Eu assisti enquanto Scott levantou, mas ao invés disso, eu permaneci sentada, profundamente aborrecida.



– Você vai ficar para trás por um instante? – Ele perguntou enquanto um sorriso sarcástico passava por seu rosto.

Sarah resplandeceu diante de seu comentário. – Scott, por favor. O que eu te falei? – Ela sussurrou rispidamente, sua voz áspera e resmungona. Ele sorriu de novo. – Sim, eu sei. – Ele pausou para se recompor. – Acho que nos vemos mais tarde, Elle. – E assim, eles saíram seus braços envoltos na cintura um do outro.

Edgar se aproximou lentamente, suas pernas dançando alegremente e um olhar complacente no rosto.

– Você já está desistindo da faculdade? – Ele respirou, tomando o lugar na cadeira onde Sam tinha acabado de estar.

– O que foi aquilo? – Eu finalmente cuspi.

Ele deixou sair uma grande risada. – Aquele é Sam, ele não te falou? – Seus olhos estavam brilhantes e ainda profundamente divertidos.

Eu bufei, cruzando meus braços em desagrado. – Sim, mas eu acho ele um idiota, e, eu também acho que ele estava me agredindo.

Edgar riu de mim ainda mais alto.

– Não, eu duvido disso.

Eu estava fervendo agora, minha cara como um balão vermelho.

– Como você o conhece? – Eu berrei.



Sua risada murchou ligeiramente. — Ele tem sido meu aluno há um tempo.

— Bem, Scott nunca tinha visto ele antes. — Eu retorqui, enquanto a cara de Edgar se enrolava no mesmo sorriso malicioso que Sam tinha.

— Não, quando eu digo há um tempo, eu quero dizer, há um tempo atrás... — Sua cabeça se inclinou para trás, seu olhar segurando o meu enquanto ele esperava que eu entendesse o que ele estava dizendo.

— Oh! — Eu de repente larguei a expressão zangada enquanto eu entendia que conhecer ele "há um tempo" significava que ele era de alguma forma, como nós, imortal.

— Bem. — Eu pausei, desdobrando meus braços e colocando as mãos em cima da mesa. — Quem é ele e por que ele esta aqui?

Edgar inclinou a cabeça em minha direção com seus joelhos envolta dos meus enquanto corria a cadeira para mais perto. Ele agarrou meu cabelo em volta e atrás da minha cabeça e o lançou sobre meu ombro direito enquanto se inclinava para o contorno do meu pescoço.

— Ele está me fazendo um favor, mas ele não é um de nós. Ele é outra coisa. — Ele sussurrou seu hálito quente tão perto da minha pele que meu corpo começou a antecipar a explosão de vida. Só então, eu senti seu nariz roçar num ponto abaixo do gancho de meu queixo. Ele trilhou para baixo devagar no meu pescoço e finalmente pressionou seus lábios contra o alto da minha clavícula.



Minha mente ficou vazia e a expressão assustadora de Sam derreteu-se. Tudo que eu podia sentir eram seus lábios ondulando na minha pele, sua respiração estável e calma. Ele inclinou suas mãos para baixo sobre as minhas pernas enquanto ele trazia seu corpo mais para perto. Ele ficou lá por um momento antes de se afastar e eu apreciar a cor linda dos seus olhos.

— Obrigado por isso. — Ele sussurrou seu peito subindo com controle e facilidade.

Eu sorri por um momento antes do fogo morrer. Edgar sorriu de volta.

— Então, se você está matando aula agora, quer voltar para a casa comigo? — Minha mente ondulou de excitação.

— Sim.

Tinha tanto para explorar e aprender. Essa era exatamente a coisa que eu estava esperando que ele perguntasse. De repente, ele me levantou da cadeira, facilmente me colocando de pé. A existência de Sam ainda me incomodava. Eu não conseguia superar o modo que ele tinha ameaçadoramente agido perto de mim, e, além disso, que tipo de favor ele estava fazendo para Edgar?

Eu ponderei sobre esse fato por todo o caminho através da mata, mas não cheguei à conclusão nenhuma, exceto que, se Edgar estava tentando permanecer imperceptível sobre o que estava fazendo, eu não acho que convidando seu alto, forte, lindo e, claramente deslocado amigo para o colégio ia ajudar na sua situação. Quando alcançamos



a campina, ele finalmente se virou para me encarar e eu sentir meu corpo tremer em antecipação pelo seu toque.



Eu

Eu segui Edgar pela sala de estar, e assim nós voltamos para a entrada, já estava escuro lá fora e me senti aliviada que não teria que me arrastar de volta pela floresta escura sozinha, especialmente não com um bando de coisas lá me caçando.

As velas ainda tremulavam na parede e a cera não queimara muito mais do que tinha quando chegamos. O candelabro acima de nós brilhava com sua glória antiga enquanto refletia cada raio de luz e o lançava de volta em nossa direção. Havia muita história aqui, tantas coisas estranhas que Edgar, e suponho que eu, tínhamos colecionado durante os anos. O piso de granito da entrada dava caminho às escadas de mármore que estavam bem gastas pelo tempo.

O mesmo papel de parede de veludo vermelho que estava na sala de estar era levado também pela escada, coberto de uma camada substancial de poeira. Eu coloquei um pé na pedra gasta, me imaginado fazendo isso um milhão de vezes antes. Nós subimos a escadaria na esquerda que se curvava para cima para um alto planalto onde se encontrava outra escadaria curvada para a direita.

Havia uma estante no topo da escada e eu olhei para ela brevemente quando eu o segui para a ala esquerda. Um livro muito antigo chamou minha atenção e isso me fez



parar de repente. Eu me aproximei da estante devagar, os olhos lutando para se ajustarem enquanto eu imaginava que tipo de livro podia ser tão delicadamente protegido em sua própria prateleira. Eu o agarrei cuidadosamente quando Edgar se virou para ver onde eu tinha ido. Ele se arrastou de volta em minha direção com um sorriso torto no rosto e as mãos colocadas casualmente nos bolsos da calça.

Eu corri a mão gentilmente pela capa preta.

— Você fala sério? — Perguntei, olhando para ele com alarme quando eu comecei a folhear as páginas e ficar boquiaberta com os poemas manuscritos que formavam um conjunto emaranhado diante de mim.

— Bem. — Ele olhou para mim astutamente. — Nós éramos amigos. — Ele disse francamente, encolhendo os ombros como se não fosse grande coisa.

Eu olhei para a página assinada, passando minhas mãos pelos fundos vincos da caneta. Edgar Allen Poe estava rabiscado violentamente no grosso pergaminho e embaixo da assinatura se lia: *“Para o Edgar, que você sempre se sinta obrigado a roubar o meu nome...”*

Eu bufei. — Então, foi por isso que você se apresentou como Edgar Poe.

Edgar olhou para mim intensamente. — Ele escreveu ‘O Corvo’ para mim. — Seus olhos brilharam orgulhosamente e sua pele de pérola em pó cintilou com alegria. Ele tirou suas mãos do bolso cuidadosamente, pegando o livro gentilmente da minha mão e abrindo o poema.



Eu olhei maravilhada quando o seu rosto se tornou rígido e solene.

— Era um período obscuro naquela época, em 1845, e a amizade dele me manteve vivo. Nós sofremos juntos, nós sofriamos pela vida. — Ele olhou para mim com vergonha. — Você já tinha morrido e eu estava considerando... — Ele pausou as palavras se prendendo em sua boca. — Eu estava considerando suicídio. — Tristeza me inundou quando eu entendi. Eu vi o Edgar sozinho e desamparado, sua energia sumindo e sua vida acabada.

Seu rosto permaneceu frio e sério.

— Eu era o estudante desesperado do poema, o amante perturbado que vagorosamente descendia para a loucura, e Lenore era você, meu amor perdido. — Ele sorriu levemente. — Ele estava tão inspirado pela nossa história, nossa vida. — Vendo as palavras, a escrita perturbada e solitária, me fez ficar triste. Eu senti raiva sobre o que eu tinha feito. Era egoísta da minha parte deixá-lo sozinho, tão morto por dentro. Edgar alcançou meu ombro e colocou o livro na prateleira na minha frente.

— Era proibido para nós confiar em um humano desse jeito, contar para ele nossa história, porque os leva a extremos, tanto como a paranóia da caçada as bruxas de Salém. Nós tínhamos uma certa responsabilidade com eles, de protegê-los, até deles mesmos. Nós somos os únicos seres na terra que são o bastante para alcançar os deuses. Eles são nossas crianças. Eles foram moldados na mesma forma que nós, mas sem a intensidade de poder, vida eterna, e mágica.



— É por isso, que no mundo deles, você ainda vê as mesmas lutas que temos. Os maridos enciumados matando suas esposas e as guerras entre homens são similares às nossas. Eles são tão absortos de sua criação e de sua importância nesta terra. Como vê, na hora certa, eles destruirão este lugar, e todos nós.

Eu senti seu corpo atrás de mim, sombreando o meu quando seu calor radiou em mim. Eu olhei para o caderno por um momento, demorado. Ele inclinou a cabeça para baixo nos contornos do meu pescoço, a respiração caindo pela curva do meu ombro como uma onda de água. Eu senti quando ele gentilmente pressionou os lábios contra minha pele leitosa e me sacudi quando os pelos do meu pescoço reagiram ao seu toque intoxicante, alegria ondulando repentinamente pelas veias.

— Edgar Allen era um tipo diferente de humano. Ele estava em sintonia com sua criação e por causa disso, ele escreveu estes lindos poemas, poemas que tocaram a humanidade de uma maneira que ninguém poderia descrever porque era uma vida que eles esqueceram por muito tempo. Eu queria que ele nos visse agora. — Ele sussurrou no meu ouvido gentilmente. — Ele acreditaria finalmente no amor.

Eu me virei para encará-lo lentamente, meus olhos esquadrihando os dele. Seu sorriso era profundamente afetuoso e irresistível e seu hálito enviava calafrios por minha espinha.

Ele passou as mãos pelo meu cabelo.



— Vamos te levar para a cama. — Sua voz era convidativa e calma. Eu concordei enquanto o sono começava a cutucar a minha mente

Eu o segui para a ala esquerda silenciosamente, incerta do que exatamente eu encontraria lá. Ele olhou para as maçanetas das portas na nossa frente com um vislumbre de tristeza em seus olhos. Era como se ele estivesse lembrando-se de uma época dolorosa. Eu encarei as grandes portas. Elas eram Vitorianas, pintadas em um azul escuro com dobradiças elaboradas de folhas douradas. Eu me virei para trás para olhar em direção a outra ala. As portas estavam abertas um pouco, sugerindo que o quarto era mais freqüentemente visitado. Enquanto ele abria a porta dupla, uma nuvem de poeira caiu em nós.

— Eu não mudei nada desde que você morreu. — Eu não conseguia vir aqui. Era muito doloroso.

As velas explodiram em vida enquanto nós entrávamos no quarto e uma luz suave enchia o lugar. Enquanto eu olhava em volta, de repente me senti estranha, como se já estivesse estado aqui antes em algum sonho distante. Tudo que os meus curiosos olhos viam parecia comigo, cada pintura na parede e cada cor era um retrato da alma que eu sentia através do toque do Edgar.

As paredes estavam organizadas, não amontoadas como elas estavam no resto da casa. O traçado do quarto pareciam práticas e o uso do espaço era agradável. O teto era



alto, provavelmente vinte e cinco metros, e por um momento, eu pensei que parecia um pouco com o Palácio de Versailles.

O piso era de cerejeira escura envernizada e as paredes estavam forradas em largas listras alternadas de azul escuro e azul claro com riscas douradas pintadas perfeitamente entre elas. O teto era negro como o céu noturno, fazendo o quarto parecer não ter telhado e ser aberto.

Eu fui em direção a um retrato que estava bem a minha frente enquanto a sua magnificência tirava o ar dos meus pulmões. Algo sobre o azul marcante e as suaves pinceladas chamou a minha atenção. Quando eu olhei para a assinatura, meus olhos lutaram para acreditar no que eu estava vendo.

Eu me virei repentinamente em direção ao Edgar.

— Isso é um Vermeer! — Eu engasguei, olhando de volta o retrato e percebendo a data, 1588. Dentro das camadas envernizadas de tinta, uma garota estava sentada ao piano. Ela estava sozinha exceto para quem fosse que ela estava olhando. Quando eu olhei mais de perto, eu percebi que parecia comigo, até o meu chocantemente cabelo claro, aparência magra, olhos azuis, e pele pálida. Apesar da semelhança física, algo estava diferente. Olhando para ele mais um pouco, eu notei que a diferença era que a minha aparência tinha sido lindamente melhorada. Eu era uma visão, mais do que eu já havia visto e eu fiquei de boca aberta.



A voz de mel do Edgar aumentou atrás de mim. – Você amava ele, seu estilo. – Ele suspirou. Eu me virei para olhá-lo e eu podia ver a adoração cintilar nos seus olhos.

Tudo era tão de tirar o fôlego, tão irreal.

– Eu não posso acreditar nisso, eu devo estar sonhando. – Enquanto eu andava ao lado das paredes de pintura a pintura, cada uma era adornada com outro nome famoso, Rembrandt, Rubens, e Van Eyck.

– Seu amor pela arte era insaciável, Elle. Você era obcecada com a fascinação da arte, a misticidade. – Ele estava de pé perto da porta, cuidadoso para não invadir o meu espaço apesar de que dificilmente parecia ser meu.

Eu o assisti por um momento enquanto eu lutava para reconhecer a sua pose e sua expressão. Seu corpo estava quase trêmulo, e suas bochechas estavam vermelhas. Eu percebi então o quão doloroso isso tudo era para ele.

– Você só merece o melhor, Elle. – Ele estava apontadamente consciente do jeito que eu o havia notado enquanto ele desviava o olhar.

Eu olhei de volta para a parede quando o choque tomou conta de mim. Eu sempre havia amado arte, de todo tipo, mas isso? Isso era algo que eu nunca poderia esperar ver na minha vida inteira, ainda mais ser dona disso e também me tornar um tópico. Eu urgentemente desejei que eu pudesse me lembrar como era. Eu queria saber como era sentir fisicamente, ver os rostos de lendas. Cada uma mais claro que uma fotografia e obviamente muito mais real do que distorcidos e idealizados auto-retratos que você vê



hoje em dia. Eu me afastei das paredes, finalmente satisfeita que eu havia dado atenção suficiente a cada pintura.

Perto do meio do quarto havia peças de tecido caro que serviam de dossel para uma grande cama king size, que estava coberta de sedas luxuosas e veludo. Os edredons felpudos estavam completamente desarrumados e percebi que Edgar tinha a intenção de nunca ter vindo aqui. Era como uma cena que tinha acabado de ser deixada, uma vida interrompida de repente. Ele literalmente havia fechado a porta para o meu passado, tentando sem sucesso esquecer algo tão familiar para ele quanto o seu próprio rosto.

Meus olhos caíram nas cobertas desarrumadas e o formato de onde eu havia deitado pela última vez ainda fazendo rugas nos lençóis perto de outra grande depressão que estava embalada na minha.

Meu coração surtou com uma tristeza ainda maior enquanto o sentimento de perda tomava conta de mim. Eu sentia como se eu estivesse entrado em uma cena da vida destruída de outra pessoa. Eu olhei para o Edgar, mas ele desviou o olhar, dor profundamente ardendo em seus olhos.

Eu andei na direção dele e ele finalmente quebrou. Ele encostou seu corpo forte contra a parede, seu braço tremendo. Meus passos eram cuidadosos e lentos enquanto eu me aproximava dele e estendia um braço trêmulo para ele, cautelosamente segurando seu rosto em minhas mãos.



— Edgar. — Eu sussurrei pesar tomando conta de mim enquanto minha alma explodia com vida, e lágrimas quentes começaram a descer no meu rosto. Eu me inclinei para mais perto para que ele pudesse sentir o meu calor. — Você está seguro agora. Eu estou em casa.

Ele respirou instavelmente, seu rosto vazio e cansado. Suas mãos caíram da parede e de repente me abraçaram enquanto eu cuidadosamente colocava a minha cabeça na curva de seu pescoço. Sua respiração se firmou enquanto ele colocava uma mão na parte de trás da minha cabeça e gentilmente a segurava enquanto ele se afastava.

Eu podia sentir que ele estava lutando, combatendo seus demônios.

— Bem. — Ele pausou, lutando com as palavras. — Boa noite, Estella. — Ele segurou um sorriso nervoso, apesar de que eu sabia que a tristeza estava longe de acabar.

Eu olhei para ele ansiosamente enquanto ele andava em direção a porta.

— Mas onde você vai ficar? — Eu perguntei com uma pontada de medo na minha voz e eu pensei no quarto aberto do outro lado do corredor.

— Eu tenho meu próprio quarto. Eu não quero invadir o seu espaço. — Ele soou tão solitário e tão triste. Ele abruptamente se firmou e o tom brincalhão voltou. — Além disso. — Um sorriso sarcástico passou pelo seu rosto. — Nós somos praticamente estranhos, pelo menos no seu mundo.

Eu o assisti cuidadosamente enquanto ele mexia com as suas mãos nervosamente e eu podia notar que isso fazia ele se sentir meio incômodo.



— Mas você ficará até eu pegar no sono? — Amor retumbava em seus olhos e ele sorriu. Eu o vi enquanto ele andava para uma cadeira que estava virada em direção a cama e ele sentou nela. Ele cruzou os braços educadamente em seu peito enquanto sorria para mim e eu fiquei contente com a sua posição.

Tirei o casaco enquanto caminhava de volta para a cama, pendurava-o no canto da cama e tirava minhas botas. Este momento pareceu surpreendentemente menos estranho do que eu havia esperado. Eu podia sentir o quarto pinicando com a memória encravada, mas eu não conseguia trazê-la para a superfície. Eu olhei para as minhas roupas. Dormir de jeans não era o meu passatempo favorito, mas considerando que ele havia sofrido no chão, eu imaginei que podia viver com isso.

Edgar pareceu notar como eu estava pesando as minhas opções.

— Eu acho que você tem algo para dormir lá. — Ele apontou para um grande guarda-roupa de quatro portas no canto que estava levemente coberto por uma tela em pé.

Eu olhei para a tela com fascínio. Havia um dourado cenário de suaves colinas ondulando dentro dele e aproximei-me devagar, passando minhas mãos entre os fios. As fibras grossas eram ricas e macias e cada trama era muito bem pensada e habilmente colocada. Eu mantive meus dedos no segmento, enquanto eu andava para trás.

Delicadamente, minhas mãos se moveram para o magnífico boudoir¹³ que estava delicadamente coberto por folhas de ouro com uma cena correspondente pintada na parte dianteira. Abrindo-o com cuidado, meus olhos foram atingidos por uma glamorosa

¹³ Vestiário de Senhoras.



coleção de roupas. Eu gentilmente passei em cada cabide quando eu notei que os estilos se estendiam por décadas de tempo, do Renascimento até final da época vitoriana e até da Islândia. Por fim, meus olhos caíram sobre uma simples camisola e eu puxei-a delicadamente do armário, segurando-a diante de mim.

Olhei para Edgar, então ele me observou com as mãos na boca, mordiscando os dedos nervosamente.

Ele estava curiosamente observando enquanto eu reencontrava o meu passado. Timidamente, fui sorrateiramente para trás do cenário para me trocar. Uma parte de mim ainda via Edgar como um estranho e me sentia incômoda. Eu me contorci fora da minha calça jeans e arranquei minha camisa sobre a cabeça. O tecido de sarja macia da camisola me fez desmaiar de prazer enquanto eu a puxei para baixo sobre meu corpo, suas costuras roçando minha pele macia no caminho para baixo.

Eu chutei meu jeans instintivamente para o lado, olhando para baixo e percebi que também havia outras roupas lá, embora elas pareciam velhas e sujas. Estremeci, pensando que era provavelmente a última vez que eu tinha me trocado, meu último dia nessa vida.

Sentindo-me exposta, eu coloquei minha cabeça ao redor da tela em que Edgar ainda estava observando muito atentamente, vendo na realidade que eu estava de volta e viva. Quando saí, um olhar de felicidade e desespero atravessou seu rosto. Eu o vi com uma outra torturada lágrima escorrendo pelo seu rosto e ele não fez nada para escová-la fora.



Eu só podia imaginar como isso o fazia sentir. A mordaz irracionalidade de toda a experiência e os 300 anos que passou sozinho, apenas metade de si mesmo. De repente, me senti pequena e envergonhada na minha infinitesimal idade de dezoito anos de angústia e depressão. Eu poderia dizer que o seu lindo rosto era desenhado para a sua idade física, rasgada penosamente das crueldades do mundo.

Caminhando para a cama, eu olhei novamente para as impressões enrugadas. Uma parte de mim estava com medo de atrapalhar algo tão lindo. Com medo de destruir algo que eu não achava que era meu. Ouvi Edgar levantar da cadeira atrás de mim, sua presença chegando perto das minhas costas. Sua respiração soprou em toda a volta do meu pescoço e com cuidado, seus braços em volta dos meus ombros protetoramente e eu, de repente, senti a felicidade sobre este lugar e uma certa beleza na lembrança do amor.

Ele puxou meu cabelo longe do meu rosto quando se inclinou a cabeça para baixo ao lado do meu queixo.

— Elle, não fique triste. — Ele roçou os lábios no meu rosto ao meu ouvido enquanto ele sussurrava. — Isto é como você deveria se sentir. Feliz.

O sentimento de amor pulsou fortemente em minhas veias e ele lentamente me soltou, obrigando-se a recuar, e assim ele afundou na grande cadeira de seda azul. Eu me virei e olhei pra ele sobre meu ombro, olhando para a afirmação de que tudo isso era realmente meu. Levantando minha mão sobre os lençóis, percebi que tremia descontroladamente. Com cuidado, coloquei uma das minhas mãos sobre eles e o



sentimento era paradisíaco, mais sedosos que qualquer coisa que eu senti antes. Lentamente, eu deslizei minha outra mão no tecido enquanto eu puxava os belos e delicados lençóis.

Estendi a mão para as capas e as puxei até o meu rosto. Quando elas caíram em torno de mim, eu podia sentir o persistente cheiro de Edgar fluando para fora e afirmando a sua presença mais uma vez aqui.

Eu me enrolei no travesseiro e o cheirei também, havia uma estranha familiaridade, intensamente confortável.

Edgar ficou me olhando com olhos azuis como o céu e lentamente, enquanto eu tentava forçar o sono, as minhas pálpebras caíram pesadamente contra a minha vontade e eu estava dormindo.



Memórias

Quando acordei pela manhã mantive meus olhos firmemente fechados. O medo me sufocava enquanto eu me perguntava se tudo aquilo havia sido um sonho, uma vida fabricada, criada por minha mente desesperadamente enevoada e deprimida. Tudo estava bem silencioso, exceto por uma respiração rápida ao meu lado. Movi minha mão e a senti cair sobre um tufo de plumas que estava enroscado na curva de minha cintura.

Curiosa, abri um olho para dar uma espiada e vi o dossel acortinado, profundo e pesado sobre mim. Sentindo-me mais corajosa, me aventurei a abrir o outro olho, piscando algumas vezes para ver melhor. O tufo de penas ao meu lado era Isabelle e eu notei como seu bico estava curvado sob seu peito e suas penas estavam espalhadas pelas costas. Seus olhos estavam fechados em sonhos e me senti contente que aquilo ainda era real.

Meu olhar se lançou para a cadeira ao lado, mas ela já estava vazia há muito tempo. Meu coração afundou quando me descobri novamente sozinha. A luz do dia se derramava pelo quarto em ondas brancas e brilhantes, mais brilhantes que eu jamais havia visto. Vagarosamente, deslizei para fora do lençol de seda enquanto Isabelle gemia de um jeito excêntrico, virando seu corpo descuidada.



Deslizando meus pés pelo assoalho de madeira, andei de fininho até uma estante de livros coberta de poeira do outro lado do quarto. Apertei os olhos pelas prateleiras me esforçando para tirar as teias de aranha. Os livros eram bem diferentes em tamanho e formato, mas todos estavam uniformemente estampados com datas. Olhei rapidamente para eles enquanto minha cabeça se inclinava e eu franzi o cenho me concentrando. Minha curiosidade estava, de repente, crescendo.

Olhando pelo quarto cautelosamente, quase checando para ter certeza de que ninguém estava me vendo, cuidadosamente puxei com o dedo um livro aleatório que tinha na etiqueta a data 1356. Cuidadosamente o segurei em minhas mãos, passando os dedos sobre a capa grossa de couro e pelo relevo de números grandes queimados na pele.

Abri-o no meio, permitindo que o cheiro de papel antigo flutuasse por minha face. Poeira caiu pelo chão como cinzas, cobrindo meus pés com uma camada fina. Olhei para a caligrafia familiar, meus olhos rapidamente seguindo as palavras:

11 de março,

Hoje, eu e Edgar nos encontramos com outro casal, o primeiro que vemos em alguns anos e começamos a temer que nossa população esteja decrescendo, deve haver alguma coisa atrás deles, ou isso ou eles estariam perdendo o autocontrole. Edgar pareceu pouco preocupado, mas, para mim, o medo corria em meu interior como um forte rio...

Meu coração parou ao ler as palavras, escritas, em minha cuidadosa e única caligrafia cursiva. Rapidamente passei para outra página:



09 de julho,

O calor hoje estava insuportável, por mais que eu pedisse a Edgar para que deixássemos paris, ele se negou. Disse que tinha uma surpresa para mim. Quase morri quando ele me levou à loja de aves! Ela é linda, o branco perfeito com o qual eu sempre sonhei...

A felicidade em minha escrita era quase surreal e eu toquei os sulcos das letras, sentindo onde minha excitação se tornava aguda e pesada. Meu corpo estava repentinamente preenchido com uma sensação intensa que varreu meus pensamentos enquanto milhares de vozes começaram a soar em minha mente. Vozes que eu havia ouvido antes e pessoas que eu encontrei.

Fechei de vez o diário, minha cabeça se partindo de dor enquanto a poeira caía das páginas e se depositava ao meu redor. Eu estava apertando minhas pálpebras tão forte que toda a luz havia desaparecido. Cada voz que me atingia era como uma descarga elétrica em meu cérebro, fritando cada receptor. O barulho era tão alto que eu quase não notei a porta do meu quarto se abrindo enquanto Edgar se movia silenciosamente atrás de mim.

Senti uma onda de fogo atingir meu coração quando ele pôs a mão em meu ombro. Gritei, me virando rapidamente para ele e novamente de costas, minha cabeça começando a ficar tonta e embaçada.

— Elle! — Edgar correu e me segurou enquanto eu caía, seu toque tóxico mantendo a emoção dentro de mim queimando e as vozes claras.



Caí até o chão e ele rapidamente me soltou, andando para trás com olhos negros em chamas. Meu quadril atingiu o chão com uma retração de dor e o diário voou da minha mão, escorregando pelo quarto e indo parar embaixo da cama. Minha respiração era pesada enquanto Edgar me olhava com uma expressão aterrorizada em sua face.

Levantei minha mão para acalmá-lo enquanto as vozes e o fogo desapareciam.

— Está tudo bem Edgar. — Respirei fundo, levando minha mão até o peito. — Você apenas me assustou. Você realmente tem que aprender a se anunciar com qualquer coisa, tentar pelo menos assobiar.

Isabelle estava empoleirada na beirada da cama, olhando para mim e piscando os olhos, sua cabeça curiosamente pendida enquanto eu me sentava no chão.

O rosto aterrorizado de Edgar começou a relaxar e seus lábios se abriram em um sorriso.

— Tenho certeza de que foi você que me assustou. — Replicou suavemente.

Olhei para ele enquanto me levantava.

— Desculpa, é só que tantas coisas colidiram em minha mente de uma vez só. Não pude evitar gritar. As vozes, o diário, e seu toque eletrizante. — Engasguei procurando por ar enquanto me apoiava na beirada da cama.



— As vozes? — Edgar se aproximou lentamente de mim, passando uma mão por meu pescoço e a enlaçando em meu cabelo, evitando contato com minha pele, com medo de me assustar novamente.

— Eu estava lendo esses diários, acho que meus diários. — Apontei para a estante. — Foi como uma inundação de memórias, ou pessoas que eu conheci, voltando à minha mente.

Ele franziu o cenho.

— Bem, isso é bom, você está começando a se lembrar.

Encolhi-me. — É, mas eu ainda não entendo. É como espionar a vida de outra pessoa. Parece tão errado, tão voyeurístico. — Minha voz era tão perdida e depressiva.

Os olhos de Edgar brilhavam.

— Mas não se sinta assim, apenas acredite nisso. — Ele pôs a mão em meu peito e eu suspirei com a sensação. — Acredite em si mesma, essa é sua vida, tudo ao seu redor. — Pôs sua cabeça sob meu queixo, deslizando seus lábios para cima até que encontrassem os meus.

Estremeci o sentimento infinitamente melhor do que eu poderia descrever em palavras. Ele me soltou andando para trás e meus olhos se abriram novamente, lágrimas descendo por minha bochecha e secando em minha pele.



Edgar pegou o diário do chão sob a cama e o abriu. Olhou para as páginas e forçou um sorriso, olhando para Isabelle enquanto caminhava até a estante e gentilmente repunha o caderno em seu lugar.

Olhei para a imensidão de diários que se estendia em minha frente, de repente percebendo o qual grande tudo aquilo era.

– Quantos anos nós temos? – Perguntei completamente admirada.

A risada de Edgar ecoou pelo quarto fazendo Isabelle eriçar suas penas com medo.

– Você é tão divertida, Elle, especialmente agora.

Olhei para ele sem expressão, não achando qualquer graça em minha pergunta.

Ele gesticulou para que eu chegasse perto da estante enquanto ia até a prateleira mais alta e pegava o primeiro livro, abrindo-o na primeira página.

Roma. Inverno de 1006,

Não há meios de explicar o estranho lugar onde me encontro agora, ou o estranho parceiro a meu lado, mas alguma coisa sobre ele me assusta, seu olhar sombrio. Estive fugindo dele durante todo o dia, mas ele continua chegando perto, esse corvo negro, apenas observando...

Edgar correu os dedos pela página. – Você sempre documentou nossa história, você adorava, era o seu jeito de manter a alma aberta para o mundo.



Olhei para ele com descrença. — Nós nascemos em 1006? — Gaguejei.

Ele riu.

— Não, tecnicamente foi em 986. Você nasceu em Roma e eu nasci no que hoje é Verona, mas você só começou a escrever no dia em que nós nos encontramos pela primeira vez. Era como se você tivesse medo de esquecer, como se uma força exterior estivesse te empurrando para isso. — Bufou. — Acho que agora tudo faz sentido.

— Então nós não nascemos no mesmo lugar? — Eu estava confusa. Nada daquilo se encaixava, se nós fôssemos de fato metades de um só. Nós devíamos ter nascido juntos.

Ele sorriu.

— Como eu disse, nós não nascemos realmente. Apenas aparecemos um dia, eternamente na idade ideal de dezoito anos e completamente perdidos. Os deuses nos espalharam pelo mundo enquanto descartavam nossas duas metades do paraíso em sua revolta ciumenta. — Um sorriso afetado cruzou seu rosto. — Eu sempre achei que tudo isso era um jogo e que nós éramos seus peões, apenas nos matando para encontrarmos uns aos outros.

Balancei a cabeça tristemente.

— O que aconteceu quando percebemos que estávamos na terra?

Edgar se encolheu.



— Apenas começamos a viver. Não havia memória do que havia acontecido, nós todos descobrimos com o passar do tempo, era quase como uma amnésia. Eu só posso imaginar que foi quando os primeiros casais começaram a se encontrar. Eles não tinham a menor idéia de sua atração letal. Os primeiros a realmente sobreviverem a seu primeiro encontro foram um casal chamado Glória e Alek. — Ele sorriu triste como se os conhecesse.

— Eles se tornaram bem egoístas a esse respeito, mas como alguém poderia culpá-los, para nós eles eram como celebridades. Nós devemos a eles nossas vidas. Por causa deles, nós todos começamos a entender e eu tenho certeza que os deuses ficaram enfurecidos quando começamos a nos juntar.

— Então, você sabia sobre a atração letal quando me viu? — Pensei no que estava escrito no diário, como eu corria o dia inteiro de Edgar enquanto ele me perseguia em sua forma de corvo.

Ele girou o diário em suas mãos.

— Eu havia, literalmente, acabado de ouvir sobre aquilo e estava cético de que alguma coisa assim de fato existisse. Mas quando te encontrei, senti o ciúme assassino cavando meu peito junto com o sentimento inegável de amor. Foi estranhamente doce e amargo. — Seu rosto sugeria que ele estava pensando naquele dia e seus olhos brilhavam com a lembrança.

Observei enquanto ele colocava o diário de volta na estante.



— Então. — Disse com um tom renovado em sua voz. — Sem querer mudar de assunto, mas eu vim aqui perguntar se você já deu uma olhada do lado de fora.

Lancei-lhe um olhar de estranheza.

— Por quê? — Minha voz soou ácida e um pouco irritada.

Edgar apontou para a janela alta coberta de cortinas de seda. Enquanto me aproximava, a luz quase queimou meus olhos. A janela estava embaçada e a umidade deslizava em pequenas gotas pelo vidro. Levei minha mão até a vidraça e limpei um pouco da umidade. Meu olhar caiu sobre uma campina branca, completamente intacta e pura.

— Neve? — Engasguei, meu queixo caindo enquanto olhava para pela janela.

Edgar ficou ao meu lado, limpando sua própria vidraça para apreciar a vista comigo.

— É... bonito não é? — Sua voz era sedosa enquanto caía sobre o vidro.

Balancei a cabeça. — Demais para um outono. — Meus olhos estavam arregalados, bebendo da pureza da neve, cada pedacinho parecendo creme.

Ele gargalhou. — O outono é sempre triste, especialmente nesse clima. Então, o que está esperando?

Olhei para ele apavorada. Tudo era tão completamente lindo. Eu nunca havia visto nada assim. Era tão limpo e perfeito.



— Vamos para fora então? — Perguntou com um meio sorriso em seu rosto. — Duvido que esteja com pressa de voltar às suas aulas. Acho que ninguém vai aparecer mesmo.

Balancei a cabeça com vontade e seus olhos se encheram de convencimento.

— Bem, então vá se vestir. — Apontou para meu guarda-roupa enquanto andava rapidamente para a porta. — Vou estar logo aqui em baixo. Preciso deixar algumas coisas prontas.

Ele saiu seus passos firmes e rápidos.

Isabelle mostrou a língua para mim fazendo graça e eu saí de perto da janela, passando a mão em sua cabeça enquanto ela eriçava suas penas. Eu tive Isabelle por séculos e, de repente, ele parecia mais importante para mim que apenas um animal de estimação. Ela era família.

Rapidamente me escondi atrás da tela novamente e abri o armário. Eu ainda estava maravilhada com a vasta coleção à minha frente. Suspirei, passando a mão pelo que pareciam fechaduras de seda e algodão. A terrível tarefa era complicada e eu tive que me esforçar bastante. Finalmente, consegui encontrar umas calças mais modernas que pareciam com calças de montaria, mas davam para o gasto. De qualquer maneira, eu não iria colocar um vestido, então fiz uma anotação em minha mente para voltar ao meu quarto e pegar alguns jeans.



Empurrando alguns vestidos de gala, encontrei o lugar onde tinha enfiado meus sapatos. Enfie-me entre pilhas e mais pilhas de saltos altos e sandálias até colocar os olhos em um par de botas bem no fundo. Pareciam artesanato e eu não consegui evitar me perguntar onde havia comprado uma coisa tão artisticamente bonita e útil.

Parei por um instante, tentando me focar antes de continuar. Havia uma larga coleção de blusas, todas assustadoramente perfeitas para mim. Escolhi uma blusa creme de lã e um casaco de tecido grosso que, naturalmente, caiu em meu corpo como uma luva. Andei até o espelho admirando minha coleção de roupas, mais rica que qualquer coisa que já vesti.

Olhando para o nada, peguei a escova que estava perto e bati minha perna para tirar a poeira. Passei por meus cabelos algumas vezes antes de depositá-la no mesmo lugar onde a havia encontrado e então amarrei uma polpa firme atrás da cabeça.

Respirei fundo e dei as costas ao espelho, correndo para a porta enquanto minhas botas batiam suavemente no assoalho. Isabelle voou atrás de mim e gentilmente pousou em meu ombro antes de eu fechar a porta. Enquanto eu descia a escada, não pude evitar me sentir incrível, como se o calor residual em minha alma estava deixando uma quente animação, permitindo que eu sentisse um pouco de excitação e alegria.

Edgar estava de pé na base da escada, inclinado sobre o corrimão, seu corpo flexionado e radiante. Seus olhos brilharam lindamente em contraste com seu casaco de lã preta, como diamantes. Ele me olhava com uma descrença assustada e continuou



segurando o mesmo olhar até que eu finalmente chagasse ao último degrau com Isabelle pousada em meu ombro. Seus olhos agora eram ardentemente sedutores e seu corpo tremia como se tivesse visto um fantasma.

— Não consigo acreditar. É tão surreal te ver assim. — Ele olhou para o meu visual de modo aprovador. — Linda. — Sussurrou enquanto chegava mais perto, levantando a mão para afagar Isabelle gentilmente na cabeça antes de virar seu olhar para mim.

Abaixou sua cabeça levemente na direção do meu ouvido e se inclinou para meu pescoço. Estremeci enquanto ele passava sua bochecha pela minha, seus lábios roçando meu queixo antes de pararem gentilmente em meu nariz. Senti cócegas, o toque leve atizando meus sentidos e ascendendo minha alma.

Seus lábios se abriram em um sorriso contra minha pele, seu hálito quente e convidativo.

— Está pronta? — Sussurrou enquanto se afastava, um sorriso traquino se espalhando por sua face.

— Para que exatamente eu deveria estar pronta? — Olhei inquisitivamente para ele pelo canto do olho.

Houve uma gargalhada crescendo do fundo de sua garganta enquanto ele materializava um casaco branco atrás de suas costas. Lancei-lhe um olhar de descrença enquanto ele gentilmente passava o grosso casaco de lã por minhas costas. A lã puramente branca e o capuz roçaram minhas bochechas e era mais macio do que eu havia imaginado.



Ele passou o capuz sobre minha cabeça, tendo certeza de que eu estava completamente coberta.

– Sabe, lã como essa pode deixar alguns alunos lá de baixo com raiva. – Passei minha mão de um lado ao outro do capuz. O toque confortável era como tocar em nuvens.

Ele riu.

– Bem, esse casaco foi feito em uma época que em que era questão de sobrevivência, não comodidade, então eles podem suportar. – Ele me beijou na testa antes de me levar até a parte leste, bem do lado do grande relógio.

– Para onde nós vamos? – Perguntei curiosa.

Ele se virou levemente para trás, o brilho em seus olhos era visível.

– Para a garagem.

Enruguei as sobrancelhas. – Tem garagem? – Perguntei sem acreditar.

Ele balançou a cabeça. – Claro que tem uma garagem, o que você esperava uma cocheira cheia de cavalos? – Seu sarcasmo era forte.

Olhei com mau humor para suas costas, meu ego levemente machucado.

– Bem, tudo o que você tem é tão antigo, como eu poderia saber?

Ele olhou por sobre os ombros.



– Concordo algumas coisas nunca deviam ser modernizadas, mas há outras coisas, coisas brilhantes, que eu não consigo imaginar como vivemos sem. Tudo é sobre achar um equilíbrio, Elle. – Ele piscou e então se virou, mantendo a caminhada.

Ele tinha razão. Luz de velas era mais atrativo que lâmpadas.

– Eu construí a garagem em 1885 quando o Sr. Benz descobriu como aplicar um sistema de combustão em um monte de ferro torcido. – Ele falava olhando para frente e sua voz ecoava pelo espaço escuro entre nós.

– Sr. Benz? – Engasguei meu passo se apressando em uma pequena corrida para acompanhá-lo. – Como um Mercedes-Benz?

Finalmente chegamos à outra porta que ele rapidamente abriu.

– Sim, mas Mercedes veio bem depois, em 1901 quando ele uniu idéias com Wilhelm Maybach.

De repente, candelabros apareceram pelas paredes enquanto meu olhar caía pelo longo corredor estreito. Meu queixo caiu em descrença. Ali na minha frente estava um carro bem antigo, uma coisa que eu não podia nem reconhecer.

– O que... – Eu estava chocada. – Você, quero dizer, nós temos carros? Mas nós vivemos na floresta!

Ele riu. – Não importa. Eu gosto mais deles à noite, de qualquer maneira.



— Mas não há estradas! — Engasguei, andando até o primeiro carro na fila de mais ou menos cinquenta que iam até onde eu podia enxergar.

Ele riu novamente.

— Você realmente esqueceu não é? Você apenas precisa visualizar as estradas, Elle. Onde está sua criatividade? Nós somos mágicos. Nós podemos fazer coisas que você não pensaria possíveis. — Ele tinha um sorriso provocador espalhado por seu rosto.

— Gasolina? — Aventurei-me.

— Não precisa. — Ele disse simplesmente.

Olhei para ele e revirei os olhos, irritada. Meus dedos correram pela familiar estrela de três pontas da logo da Mercedes-Benz que eu havia aprendido a identificar como da classe dos ricos, mas nunca meu.

Cada carro na fila parecia sucessivamente mais novo enquanto eu explorava a vastidão da garagem. Notei que ele realmente devia ter uma compreensível queda pela cor preta. Cada pedaço polido de alumínio reluzia belamente nas luzes das velas. Encontrei-me encantada sobre como isso poderia caber em uma campina, mas novamente, se eu usasse minha imaginação como me foi dito, eu poderia fazer tudo mais tangível.

Edgar me observava enquanto chegávamos ao fim e eu repentinamente me engasguei, trazendo minha mão à boca. Lá, em toda sua ferrugem e glória decadente, posto entre um Al Camino 98 e um Hummer de primeira geração, estava meu Datsun



verde. Ele se destacava entre os lindos carros pretos e eu me encolhi de repente embaraçada. Lancei meu olhar para ele com minha boca cerrada em dúvida.

Ele levantou as sobrancelhas.

– Devo dizer que sua adição para nossa coleção é certamente... – Ele lutou para encontrar as palavras certas, alguma coisa que não quebrasse meu ego. Eu trabalhei tanto para consegui-lo. E pensar que toda aquela tortura foi para nada. – É definitivamente colorida. – Concluiu.

Olhei para meu carro por um momento antes de me virar, olhando Edgar enquanto ele se aproximava da última coisa na garagem, exponencialmente menos que os outros veículos e coberto com tecido grosso de lona. Meus olhos mentiram para mim enquanto minha mente se esforçava para aceitar, de certa forma, o formato familiar que eu vi nas vitrines de REI. Edgar olhou para mim divertido, pegando minha mão antes de tirar a cobertura. Meus olhos ascenderam em um vívido sorriso que cruzou meu rosto, minha boca exercitando músculo que eu nunca havia usado.

Gritei de excitação enquanto minha alma explodia de contentamento e enchia minhas veias de doce adrenalina.

– É um **trenó motorizado para a neve**.



Dia de Neve

Edgar soltou minha mão devagar e minha alegria deu lugar a um suspiro de impaciência.

Ele dobrou as lonas e as jogou de lado. O carro de neve parecia novinho e eu assumi que era porque ele o tinha transformado em um modelo feito para dois passageiros ao invés de um.

— Eu estava morrendo de ansiedade para levar isso para fora. — O olhar na sua cara era puramente viril, um desejo inerente por tudo rápido e gaseado.

— Sem cavalos, então? — Eu importunei.

Ele riu.

— Oh, nós podemos fazer isso também, mas infelizmente, você teria que ir lá fora e achar algum primeiramente, e nesses dias, cavalos selvagens são difíceis de se encontrar.

Eu poderia ter dito que ele só estava dizendo isso para acalmar meu desejo feminino por um pônei. Ele jogou a perna por sobre o assento do carro de neve e me estendeu a mão enluvada.



— Não se preocupe, é seguro. Eu prometo. — Seus olhos eram um azul tempestade e ele piscou para mim enquanto seu lindo sorriso me deixou fraca. Meus dedos tocaram gentilmente sua espessa mão enluvada e eu me surpreendi que apenas um fogo fraco emergiu em minha alma. Eu olhei para baixo, para nosso aperto, confusa.

Ele riu de novo.

— São as luvas, Elle. Pele na pele é a mais poderosa conexão para nós, mas desse jeito, eu serei capaz de lidar com seu aterrorizante aperto de ferro enquanto voamos pela mata, muito parecido quando eu carreguei você da campina. — Havia um perigoso vislumbre brincalhão em seu olhar e eu dei a ele um olhar de aviso.

— É melhor você não me matar, Edgar Poe. — Minha voz obstinada para ele com severidade, ele apenas sorriu mais, fazendo meu sangue ferver em frenesi.

Balancei minha perna sobre o banco de trás e coloquei os meus braços envolta de seu peitoral, apertando-me a ele, o mais forte que eu pude. Seu corpo poderoso pareceu ótimo debaixo do meu corpo e eu podia sentir cada músculo quando ele apertou contra meu punho. Esse foi o maior contato que já tivemos. Eu estremeci, minha alma me puxando em direção a ele em uma necessidade de estar mais perto.

Havia fogo suficiente em meu coração para formar um sorriso. Eu fechei meus olhos e, de repente, a porta a nossa frente se abriu violentamente. Meus olhos então se abriram, a luz do dia e uma brisa refrescante de ar se derramaram por nós.



— Alguém pode nos ver? — Eu perguntei, gritando por cima do barulho do ronco do motor da porta da garagem.

Ele inclinou sua cabeça para trás. — Não até o carro de neve acertar a neve. Agora nós ainda estamos invisíveis para eles, inclusive o barulho. — Sua voz explodiu por cima do motor, ecoando pelo meu corpo.

De repente, eu senti Edgar apertar fundo no acelerador e nós arrancamos, enquanto explodimos para o prado coberto de branco.

O vento barulhento de repente se tornou abafado pela espessa e revoltosa neve que agora passava constantemente pela correia.

Alguns pequenos flocos de neve caíram silenciosamente do céu, acertando meu rosto com uma picada fria, até que derretiam sobre a minha pele.

Edgar dirigiu suavemente através da campina intocada e dentro da mata.

Ele espertamente desviou das árvores e troncos caídos, e eu senti meu aperto suavizar quando eu me permitia sentar, relaxar e curtir a vista.

Minha alma estava voando e eu respirei fundo algumas vezes enquanto absorvia a sensação, tentando muito lembrar cada vislumbre e emoção. À minha direita, meus olhos captaram um vislumbre de dois alces que galopavam brincando ao nosso lado através do gelado nevoeiro, só a alguns passos. Eles se lançavam pelas árvores espertamente, o chão da floresta coberto pela neve e criando um caminho de passagem sem fim.



Nós dirigimos para cima, pelo caminho do lado da montanha e ligeiramente inclinado, passando por cênicos rios congelados e frios penhascos cobertos com folhas de quedas d'água transparentes. Aonde quer que estivéssemos indo, Edgar parecia saber o caminho. Finalmente, ele diminui para parar e desligou o motor. Ele gentilmente soltou meu aperto de aço de sua volta enquanto ele me olhava por cima do ombro. Minha respiração estava rápida e silenciosa, caindo sobre a neve, como uma onda abafada, entretanto minhas orelhas tinham sido tapadas com algodão. Seus olhos brilhantes brilhavam contra o plano de fundo enquanto ele se esforçava para controlar sua respiração excitada.

Ele se levantou do carro de neve agarrando minha mão e me levantando facilmente enquanto me colocava em seus braços. Seu hálito fluiu através do meu rosto e seus olhos encararam os meus fixamente. Ele me olhou intensamente por um momento enquanto nuvens refletiam em seus olhos, um profundo e fictício "aquamarine". Eu podia sentir seu peito crescendo contra o meu enquanto ele inclinava sua cabeça para baixo e pressionava seus lábios congelantes contra minha pele morna, causando arrepios. Ele sorriu enquanto liberava seu forte aperto.

— Maravilhoso, não é? — Ele observou enquanto meu olhar ia dele para as árvores. Nós tínhamos parado em um bosque de carvalhos silvestres, que tinham sidos cortados no verão e estavam parecendo tremer debaixo da fria camada de neve.



— Eu nunca vi nada como isso em toda a minha vida. — Eu disse bruscamente. E notei o sorriso de Edgar enquanto ele agarrava minha mão e nós nos aproximávamos de uma árvore.

— Claro que você viu.

Seus olhos me incitaram a olhar mais de perto o tronco. Eu lutei para focar nos formatos que tinham nascido dentro de sua pele.

Eu levantei minha mão até a cicatriz e tracei o profundamente queimado contorno de dois corvos, ambos parecendo ir em direção ao céu e para direita.

Ele então me puxou gentilmente para um tronco mais longe. Dois outros corvos estavam esculpidos lá, de frente para o céu e para a esquerda. Finalmente, ele me puxou de volta para o centro das duas árvores, ainda agarrado a minha mão. Eu olhei para cima e vi que as árvores espelhavam-se quase perfeitamente como se fossem metade uma do outra.

Edgar gentilmente liberou seu aperto, puxando suas luvas fora e guardando-as em seu bolso. Suas mãos quentes agasalharam meus dedos gelados enquanto minha alma, de repente, estava mais abafada do que nunca.

— O que você pode ver aqui? — Ele perguntou calmamente, um sorriso ainda enrolando seus lábios. Eu olhei para ele confusa, enquanto o calor dentro de mim começou a pulsar através de minhas veias.

— O que você quer dizer?



— Imagine qualquer coisa que queira. Imagine o que você desejaria para essas árvores serem. — Seus olhos queimaram como safiras. Eu pensei arduamente por um momento, achando isso mais fácil do que limpar meus pensamentos. Eu fechei meus olhos, imaginando as árvores gêmeas, modelando-se uma na outra, e encontrando sua felicidade como se fossem uma só.

Eu mantive meus olhos rigidamente fechados enquanto eu ouvia o som de ramos se quebrando, muito parecido com o som de queima de madeira no forno.

Quando os abri, Edgar estava encarando orgulhosamente as árvores a nossa frente. Alguns tufo de neve caíram no chão por causa do distúrbio dos ramos de cima e minha respiração de repente estava rápida e forte.

— Assim como sempre. — Ele sussurrou enquanto gentilmente liberava seu aperto da minha mão e a derrubava para seu lado, ainda acariciando a minha levemente. Eu olhei para as árvores em absoluto encantamento e um sorriso se arrastou dolorosamente pelo meu fraco músculo facial. Ali na nossa frente, as árvores tinham entrelaçado os ramos, formando um arco de tirar o fôlego. No meio do arco dois ramos em cascata iam para baixo, se estabilizando em um banco. Edgar comentou suavemente.

— Algo assim levaria décadas para um botânico manipular. — Ele sorriu para mim e seus olhos se tornaram perigosamente sombrios, até que ele finalmente se afastou, retirando suas luvas do bolso. Ele puxou o couro pela sua mão forte e depois agarrou meus dedos frios de novo enquanto seu olhar se acalmava.



Dando um passo a frente, ele me puxou acima dos ramos. Sentei-me cuidadosamente enquanto as árvores bocejavam sobre o meu toque, de repente explodindo para a vida em uma mortalha de folhas verdes brilhantes.

Eu ri, enquanto, encantamento e amor preenchiam minha alma. Edgar sentou-se perto de mim.

– Viu, Elle, eu nunca poderia machucar você. Toda a magia do meu mundo acabaria, e toda a beleza também. Meu amor por você é muito grande, muito mais brilhante que qualquer outra coisa. – O olhar em seu rosto era genuíno e agradável e suas mãos estavam mornas enquanto embalava as minhas dentro das suas. Eu olhei acima de mim, admirando os ramos enquanto eles continuavam a se enrolar juntos, animados com a vida. Eu vi o poder de ser, ou existir, e quanto importante isso era para nós estar juntos. Nós tínhamos um amor pré-determinado, mais forte do que qualquer coisa na existência humana. Nós nos embalamos por um tempo em silêncio, e minha mente começou a clarear. De repente eu pensei sobre Scott e Sarah, e me virei para Edgar enquanto apreensão começava a aparecer nos meus olhos.

– E a aula? – Eu perguntei freneticamente.

Ele riu.

– Como eu disse, com a neve, eu duvido que alguém esteja lá, além disso, eu não acho que você estaria aprendendo muito mais agora, pelo menos não mais que isso.

Ele direcionou sua mão para as árvores.



— É. — Eu pausei, aceitando o que ele estava dizendo como um estado de verdade. Eu sentia falta de Scott e Sarah, entretanto. Eu estava tão encantada de finalmente ter amigos.

— Mas, e sobre a sua aula? — Ele bufou. — Isso não está no topo das minhas prioridades. — Ele me olhou, amor borbulhando em sua expressão. — Você é tudo que importa agora. Você é minha vida. — Seu rosto parecia dolorido e urgente. — Além disso, eu juntei um bem convincente plano de lição substituto. — Um sorriso retornou a seus lábios macios. — E em duas semanas, a maioria estará indo para casa durante o inverno, de qualquer forma.

Eu olhei para ele, confusa.

— Mas eles não vão perguntar aonde você foi, aonde eu fui? Mesmo só pela semana?

Seus lábios se enrolaram em divertimento. — Oh, eu ainda estou ensinando, eu só fiz um tipo de alucinação de mim mesmo, um substituto holográfico. — Arrogância apareceu em seu rosto. — E quanto a você, eu disse a todos os seus professores que estaria te ensinando pessoalmente porque você precisava da matéria, e você tem muito potencial.

Eu sorri de volta sentindo um pequeno fogo dentro de mim mantendo meus sentimentos encantados, vivos através do nosso toque obscuro. O silêncio da floresta era de tirar o fôlego e a neve era mais do que eu poderia ter imaginado lá em Seattle.



– Edgar? – Minha voz de repente angelical, como se não tivesse deixado meus lábios. – Nós um dia morreremos? – A pergunta aterrorizante saiu com um agouro.

Ele me olhou tristemente.

– Não. – Seu rosto estava esperançoso. – Nós viveremos para sempre juntos. – Eu vi que seu rosto estava indeciso, e de alguma forma preocupado. Apesar de sua expressão facial, sua resposta era estranhamente tranquilizadora, mas alguma coisa dentro de mim pareceu escura e temerosa. Nós permanecemos em silêncio enquanto ambos considerávamos o significado secretamente. O forte aperto de Edgar na minha mão, quase esmagou meus dedos, mais isso pareceu seguro. Eu me sentia tão natural com ele, como em um lar, e eu ia tentar o meu melhor para protegê-lo também.

Uma hora de completo silêncio se passou antes de Edgar, finalmente, dizer:

– Vamos voltar? – Sua voz soou distante. Eu assenti, engolindo com dificuldade, enquanto ele me puxava para fora do balanço e os ramos instantaneamente começaram a desembaraçar devagar enquanto relaxavam de volta a sua posição. As folhas murcharam e caíram no chão, deixando um cobertor de folhagem desbotada em sua base, lentamente sendo coberto pela neve que estava caindo intensamente.

Nós engatinhamos de volta ao carro de neve e eu joguei meus braços ao redor dele, lançando uma mão dentro de seu casaco e pressionando gentilmente contra suas costelas. Eu senti seu coração acelerando enquanto nós partíamos e eu deitava minha cabeça em suas costas. Quando as árvores finalmente se abriram dentro da campina eu olhei para



cima curiosamente. Ele estava correndo a toda velocidade através do centro da abertura e, de repente, uma parede de água apareceu na nossa frente. Nós batemos contra o manto enquanto ele ondulava irritadamente e Edgar abruptamente torcia o guidão. Ele virou o carro de neve para o lado enquanto começou a derrapar, por pouco não bateu na parede detrás da garagem. Eu engasguei, enterrando meus dedos dentro da sua jaqueta. Ele desligou o motor enquanto estremecia com meu doloroso aperto, como se fosse um gato assustado.

— Credo, Elle! — Seu rosto estava demonstrando sua dor. — Com essa garra como aperto, eu acharia que você sabe como se tornar um corvo de novo.

Eu ri. — É claro, quem dera.

Eu revirei os olhos enquanto ele separava minhas mãos. Ele espertamente se balançou em seu assento, jogando suas pernas em volta até que ele me encarou. Ele colocou suas mãos em meus ombros.

— Você vai se lembrar. — Ele sussurrou. Sem nenhuma hesitação ele posicionou meu rosto em suas mãos ainda enluvadas, seus olhos um seguro opaco azul. Ele se inclinou e pressionou os lábios contra os meus e nossa respiração de repente se tornou rápida e urgente. Seu hálito era intoxicante enquanto nossos lábios se moldavam juntos e suas mãos se moviam para minhas costas onde ele pressionou meu corpo contra a seu. Eu desisti enquanto retirava seu casaco, mas de repente, eu senti que seu aperto de ferro estava em volta de meus punhos e, então, eu congelei.



Ele gentilmente me afastou, posicionando minha mão de volta em meu colo. Eu fiz beicinho ligeiramente antes de finalmente rir enquanto eu notava seus olhos de água marinha me avisando.

Ele então ficou e jogou suas pernas para fora do assento, me deixando em um nevoeiro de emoções. Eu recompus minha compostura enquanto eu trabalhava para acalmar minha respiração antes de olhar para Edgar.

Eu rastejei para fora do carro de neve e ele olhou em volta, pegando a capa e jogando em cima do carro. Ele se aproximou, um olhar de satisfação atravessava seu rosto. Ele agarrou meu capuz e o puxou gentilmente por sobre a minha cabeça.

— Você conhece as regras. — Ele sussurrou se inclinando e beijando minha testa sutilmente, antes, de devagar, repousar sua cabeça contra a minha, seu nariz congelado repousado no ângulo da minha testa. Ele permaneceu lá momentaneamente antes de se afastar, seu rosto maravilhosamente revigorado e suas bochechas gentilmente beijadas pelo vento. Eu sorri.

— Eu sei.

Seus olhos brilhavam ligeiramente.

— Você esta com fome?



Matthew

— Então o que você gosta? — Edgar estava do outro lado do reluzente balcão de cobre, mangas longas empurradas até os cotovelos, revelando antebraços fortes.

Eu tinha um robe de seda e lã grossa ao meu redor e meu cabelo ainda estava úmido do chuveiro quente que eu submeti meu frio corpo. Sentia minhas bochechas vermelhas e quentes, e, eu estava certa que parecia horrivelmente corada, porque, para o meu corpo, isso era indispensável justamente para compensar a falta do calor externo.

Eu encolhi os ombros levemente, incapaz de convocar uma idéia.

Seus lábios arredondados e seus olhos se estreitaram.

— Eu sei exatamente como é isso. — Ele foi até a geladeira antiga, onde ele pegou três pequenos ovos azuis de dentro. Colocou-os delicadamente no balcão antes de desembaraçar uma toalha em uma cesta para a extrema direita e recuperar dois pedaços de pão.

Eu o assistia com curiosidade, enquanto eu olhava ao redor da cozinha. Tudo estava coberto por um revestimento de cobre, dos equipamentos até a antiga capa vitoriana que pairava sobre um fogo aberto, moldado com uma bela cena de dois corvos em um campo de fruta. A cozinha era em forma de 'U', e era localizada logo à direita



quando você andava da sala para os fundos da casa. O espaço em que sentei era localizado no meio, onde dois bancos de bar se avolumavam no lado exterior esquerdo.

Nas minhas costas estava a sala que ele tinha me trazido a primeira noite, onde esta mesma sala estava localizada de frente para a biblioteca que, por sua vez, estava na frente da casa. O esquema todo não fazia muito sentido, mas sendo que a casa era invisível no espaço, quase como parte de toda uma outra dimensão, acho que não precisava ter muito sentido mesmo.

O fogo crepitava alto, enchendo a sala com uma névoa de fumaça quente. Edgar rachou os três ovos em uma panela e colocou-as perto do calor para cozinhar. Ele então largou o pão em uma cesta acima das chamas para torrar.

Ele suspirou, me notando enquanto eu o assistia.

— Eu nunca consegui me acostumar com os fornos modernos. Não dá pra conseguir o mesmo resultado, sabe. — Rindo, ele caminhou de volta para mim, e assim, alcançou o balcão gelado, embalando minhas mãos nas dele.

Eu sorri para ele.

— Você começou a se lembrar de algo, sobre a sua vida antiga? — Ele insistiu, e eu senti a sua toxicidade se derramar sobre mim.

Eu procurei em minha mente, encontrando um silêncio sereno e claro. Havia vozes fracas, distantes, mas eu ainda não conseguia identificá-las com os rostos que haviam passado como cartões em frente aos meus olhos.



A casa somente parecia vagamente familiar, apesar de eu saber que o meu lugar era aqui, mas eu ainda não conseguia lembrar os momentos com exatidão.

— Mais ou menos. — Eu franzi as sobrancelhas. — Mas nada disso faz sentido.

Seus olhos estavam profundamente lapidados enquanto eles refletiam as chamas das velas. Ele soltou a minha mão e me deu um sorriso torto. Se afastando um pouco, de repente ele se empertigou estranhamente. Eu assisti maravilhada enquanto ele começava a se virar rapidamente e houve uma explosão de energia enquanto o vento chicoteava em volta do lugar. Papéis e panelas se mexeram e tiniram duramente em sua esteira. Eu engoli a seco, uma pequena risada saindo da minha garganta enquanto que, as chamas que haviam sobrado em mim, desapareceram. Edgar estava de pé no balcão na minha frente, seus olhos uma pérola azul e suas plumas peroladas cintilavam descontroladamente. Eu o alcancei e com cuidado esfreguei as plumas de sua cabeça, sabendo que elas eram afiadas.

Elas imediatamente se afofaram e minha alma subiu enquanto eu sorria de todo coração com a sua aparência.

— Você é tão lindo. — Eu respirava forte.

As garras de Edgar riscavam contra o cobre enquanto ele se virava na minha frente, modelando o seu novo visual. Enquanto eu olhava para as suas garras eu vi que o balcão estava agora profundamente marcado e eu ri.



— Você está estragando a sua casa! — Eu gritei e ele se lançou em minha direção levemente, grasnando fortemente. — Tudo bem, nossa casa. — Eu sorri.

Ele deu um passo atrás, os olhos piscando e o bico aberto. O corvo que estava diante de mim não era mais ameaçador ou sinistro. Quando eu olhei para ele, meu coração sorriu. Sua linda armadura era mais esplêndida do que a pena singular e suas asas eram fortes e altivas. Bruscamente, ele estendeu as asas e começou a batê-las suavemente enquanto levantou do balcão e se curvou de volta a sua forma humana.

Edgar correu as mãos pelo seu cabelo preto desarrumado, sorrindo astutamente.

— Isso é tão maravilhoso! — Eu olhei para ele com os olhos arregalados. — Eu queria poder fazer isso.

Ele sorriu.

— É claro que você pode. — Ele franziu a sobrancelha. — Mas eu não acho que você consiga fazer isso sem sua alma de volta, não como se eu pudesse segurar sua mão por toda a comoção. Mas não há nada que eu amaria mais do que ver você assim novamente.

Eu pensei nisso por um momento.

— O que é exatamente isso que você faz? — Eu pausei, esclarecendo a questão. — Para se transformar assim?

Edgar se entortou para o fogo e sacudiu os ovos minúsculos gentilmente.



— Você tem que visualizar isso. Veja-se como corvo e então sinta seu corpo ficar leve. — Ele ficou em pé e voltou para o balcão. Eu olhei para ele, achando difícil imaginar seu grande corpo se tornando leve. — É um sentimento que vem de dentro, de seu âmago. — Ele parecia tão apaixonado quando ele falava e eu pude ver como seria quase impossível para mim realizar a transformação como ele dissera. — É como se você fosse indestrutível, todas suas penas são como facas. Eu olhei para o meu dedo onde eu tinha me cortado anteriormente.

Ele empurrou os ovos na panela suavemente. — É muito conveniente, certamente se torna mais fácil matar aqueles espiões.

Eu estremeci, pensando no som daquele dia na clareira, os sons da morte. De repente, Isabelle pousou no balcão próximo a mim, sobressaltando-me quando ela começou estalar a língua.

Edgar bufou. — Coisinha gananciosa você, não é? — Ele olhou para ela acusadoramente. Ela estalou a língua de novo enquanto o Edgar se ajoelhava perto do fogo e pegava um ovo frito com um garfo e jogava-o para ela.

O bico dela o agarrou violentamente enquanto ela se esquivava para pegar o ovo antes dele cair no chão. Ela inclinou a cabeça para mim e seus olhos estavam cheios de satisfação enquanto ela piscava rapidamente. O ovo estava pendurado na sua boca, balançando, enquanto ela se virava e saía, voando pela janela entre a sala de estar e a biblioteca, e para cima através do teto do sótão pela grade superior.



Edgar pegou dois pratos de cristal da prateleira, colocando um pedaço de torrada em cada um. Ele então perfurou os ovos e os colocou em cada uma das torradas. Ele colocou um prato no balcão na minha frente, o formato do ovo pequeno e delicado. Eu o observei enquanto ele andava em direção à prateleira onde ele pegou, no fundo da mesma, uma garrafa contendo um líquido âmbar. Ele balançou-o gentilmente antes de tirar a rolha de cima e eu juntei as minhas sobrancelhas em frustração, respirando rapidamente enquanto ele colocava o xarope grosso no meu ovo e na torrada.

— O que você está fazendo? — Eu guinchei.

Ele riu profundamente. — Confie em mim, você vai amar isso. Só experimente.

Eu estremei enquanto ele empurrava o prato que estava nadando, em xarope de bordo, na minha direção. Ele me entregou um garfo com um sorriso tranquilo em seu rosto enquanto ele se inclinava e colocava seus cotovelos no balcão, apoiando a cabeça em suas mãos para assistir.

Eu olhei o prato que ele segurava em seus braços ansiosos, seu ovo e torrada vazios de xarope. Timidamente, eu levantei o garfo para o centro da gema, apertando-a enquanto ela estourava, derrubando sua meleca amarela no xarope e sobre o pão. Eu engasguei um pouco e o Edgar segurou um riso abafado.

Apreensivamente, eu trouxe um pequeno pedaço para a minha boca, o cheiro surpreendentemente doce e quase defumado. Enquanto eu o colocava na boca, eu franzi minha sobrancelha concentrada. Mastigando devagar, eu me encontrei totalmente



surpreendida. Os sabores eram além de incríveis e o xarope doce misturado com a grossa gema e o pão granulado, explodiam na minha boca, atingindo todos os pontos do sabor.

Minhas sobrancelhas se levantaram. — Uau.

Edgar riu emocionadamente enquanto ele colocava a sua mão na barriga para acalmar sua respiração.

— Eu te falei. — Ele bufou. — Eu acho que te conheço melhor que você conhece a si mesma. — Ele piscou para mim divertidamente.

Eu dei a ele um olhar cético. — Bem, quando nem você se conhece, isso não é muito difícil.

Edgar assentiu em conformidade. — Bem, verdade.

Mais além, naquela tarde, eu sentei silenciosamente no meu quarto com uma dezena de diários espalhados ao meu redor. Não havia som algum no ar enquanto eu verificava minhas palavras, tentando muito me lembrar da minha vida. Cada parágrafo estava repleto de emoção e felicidade. A descoberta do meu dom, a forma que cresceu conforme o tempo, e então o dia em que eu criei até a floresta com os meus talentos para a natureza.

E então tinha o final onde a minha escrita se tornava sinistra e amedrontada. Eu passei pelas páginas apressadamente enquanto meu coração batia forte no meu peito, como se eu estivesse me lembrando do sentimento de incerteza. Tal escrita era de suspense enquanto as últimas se tornaram excessivamente frenéticas e curtas:



10 de Outubro, 1708

Ele está se aproximando. Eu posso sentir a sua fome na minha alma. Minha mente está nublada. O mal que exala de seu sangue é negro e sinistro, cem almas morrendo por causa de sua sede. Edgar não parece preocupado, mas ele é a rocha, meu protetor, eu só espero que quando chegar à hora, eu saiba o que fazer...

Essa foi à última coisa que eu escrevi. Eu não me dei nenhuma pista, nenhum jeito de saber como destravar minha alma e pegá-la de volta. Eu olhei em direção às pinturas na parede. Como eu pude deixar essa vida tão facilmente, como o meu coração teimoso pôde se render perante a luta?

Fechando meus olhos, eu lentamente trouxe á tona cada imagem lembrada para a minha visão periférica, notando as estruturas faciais e maneirismos de cada um. Cada rosto ficava aparecendo na minha linha de visão, alguém profundamente perturbado, com olhos tão vazios que ele poderia ser muito bem um cadáver. A memória me causou medo que retumbou em meu peito, e começou a apertar meus pulmões enquanto eu tentava me lembrar do seu nome.

Finalmente, eu me lembrei do que o Edgar havia me contado o nome do feiticeiro que havia vindo atrás de nós e que havia assassinado tantos outros. Lá no fundo da minha mente eu proferi as palavras enquanto o rosto ainda permanecia em minha memória, *Matthew*. Meu coração deu um solavanco dolorido enquanto o fogo chamuscava tudo e eu



lutava para esconder a dor. Eu fechei os meus olhos e tentei me concentrar no rosto, me fazendo lembrar o dia terrível que eu havia reprimido tão dolorosamente.

Houve uma suave batida na porta e eu despertei das minhas lembranças, instintivamente puxando o robe ao redor de mim ainda mais apertado. Edgar deu uma olhada para dentro e então entrou no quarto cuidadosamente, com medo de me assustar de novo. Ele estava recém-barbeado e vestindo um terno finamente costurado. Meus olhos caíram sobre ele com uma grande fome. Eu nunca tinha visto ele tão lindo tão maravilhoso.

— Estou incomodando? — Ele parecia tímido e solitário. Foi injusto de minha parte me trancar aqui, longe dele depois de tanto tempo. Eu podia ver na sua cara que ele estava desesperado para me ver, desesperado para passar um tempo comigo e me ter de volta.

Eu balancei minha cabeça em negativa.

Ele se aproximou da minha cama vagarosamente, sentando na beirada.

— Eu estava entediado. — Um sorriso rastejando em seu rosto, as poderosas costas curvaram um pouco para frente.

As velas no quarto de repente ganharam vida com a luz do dia recuando. Olhei para a nova luz que agora era lançada sobre as paredes e sobre seu rosto, que, de repente, assumiu um colorido romanticamente cálido.

— Eu tenho uma idéia. — Ele olhou para mim com fogo nos olhos. Ele estava ansioso e caminhou até o vestiário onde o abriu suavemente com uma vagarosa restrição



como se eu estivesse ainda fora, como se ainda estivesse com medo de perturbar a vida passada. Eu o ouvi sussurrar através do monte de tecidos antes de finalmente parar enquanto puxava de uma pilha um lindo vestido de safira azul de dentro.

Eu olhei para ele, estranhamente. — Exatamente o que você está propondo?

Ele sorriu. — Eu não estou propondo nada. Mal conhecemos um ao outro. Algo como isso provavelmente seria irresponsável

Exalei nervosamente por sua referência ao casamento, e de repente uma idéia me passou pela cabeça, uma que não tinha passado antes. Eu finalmente perguntei se estávamos casados na minha vida passada. Fazia sentido, mas ele nunca tinha trazido isso à tona. Não havia nada que eu não tivesse olhado por todos os diários, mas também havia páginas faltando.

Enquanto ele segurava o vestido em suas mãos, vi que seu rosto estava escondendo algo, algo que eu imaginei que ele sabia que eu me recusaria a fazer.

— Eu só estava me perguntando se você gostaria de dançar. — Ele disse suavemente, um olhar que eu não podia recusar passou por seu rosto.

Eu bufei. — Sim, certo, eu nunca dancei na minha vida.

Ele me deu um olhar cético. Eu sabia que eu gostava de dançar através do que os meus diários falavam e mais nada, além disso, mas eu ainda achei que continuaria a tentar negá-lo. Não havia nenhuma maneira que meu eu atual conseguiria lembrar passos de dança. Eu fingi um sorriso, ele inclinou a cabeça e me deu um olhar de descrença.



– Oh, vamos lá. – Seus olhos brilharam sedutoramente. – Vai ser divertido.

Eu suspirei e cedi, pensando que era melhor fazer atividades físicas para tentar sacudir minha memória ao invés de apenas sentar aqui trancada em meu quarto, desesperadamente, à procura de livros e tentando forçá-la a partir da minha bloqueada mente.

Rastejando da cama a contragosto, eu peguei a pilha de seda e lhe dei um olhar aborrecido de rendição enquanto entrava atrás do biombo. Ele riu de mim quando viu a tempestade que eu fazia, em pé diligentemente no outro lado do biombo improvisado e esperando pacientemente enquanto eu lutava com o tecido.

Eu finalmente deslizei o corpete por cima do meu peito e tentei alcançar a corda para fechá-lo, quando eu congelei. De repente ouvi Edgar caminhando ao redor do biombo para mim e eu podia sentir seu olhar nas minhas costas. Por um momento, apenas ficou ali em silêncio, e depois, lentamente, os dedos tocaram a minhas costas, traçando delicadamente a minha espinha, antes de, finalmente, descansar suavemente no meu pescoço. Estremeci, perante seu toque suave e quente.

Ele exalou profundamente enquanto suas mãos trabalhavam habilmente nas cordas, apertando-as, cada uma com um puxão suave e energético, passando todo o tempo restante sem falar. Quando ele chegou ao topo, eu o senti fazer um laço perfeito.

Eu estava respirando pesadamente quando ele torceu as mãos nos meus cabelos, agarrando-o suavemente e empurrando-o de lado, em cascata pelo meu peito. Inclinei a



cabeça para o lado quando ele se inclinou para mim. Seus lábios se separaram quando ele me beijou na base do pescoço e as mãos acariciaram meus braços.

Exalando asperamente, ele se afastou e eu abri meus olhos, então eu me olhei no espelho. Uma imagem passou pela minha mente, de felicidade. Na memória, eu estava usando um vestido e eu parecia exatamente à mesma, com os olhos brilhantes, com vida e meu rosto brilhando.

— Você está linda, Elle. — A sua silhueta se refletiu junto a minha no espelho e vi seus olhos de perto.

O vestido era requintado, amoldava-se, como se tivesse sido feito apenas para mim. Havia pérolas azuis do Taiti no forro e profundas opalas azuis costuradas abaixo do corpete, e eu imediatamente reconheci porque ele escolheu este vestido em particular, quando as jóias cumprimentaram seus olhos e os meus. O peso total do tecido era cansativo, mas eu não estava a ponto de tirá-lo também.

De repente, Edgar enfiou a mão no bolso e, lentamente, tirou de dentro uma sequência correspondente de pérolas azuis. Ele gentilmente lançou as mãos ao redor do meu pescoço enquanto envolvia os dedos suavemente em toda a minha clavícula.

Meu coração derreteu e eu me virei para encará-lo. Ele pegou minha mão e me puxou com firmeza em direção a ele enquanto a pesada seda deslizava levemente no chão e eu ficava na ponta do pé, descalça. Ele me levou para um andar abaixo, uma mão atrás das suas costas e a outra atrás da minha. Enquanto descíamos as escadas, senti como se



fôssemos da realeza e o fato do tempo se desfez. Ele me direcionou para a entrada da frente enquanto o frio granito me congelava os pés.

Ele deu um passo em minha direção, um grande passo calculado, e instintivamente, meus pés se moveram, como se controlados por um ventríloquo dentro de mim. Seu pulso firme me guiou, girando meu corpo enquanto o meu vestido voava ao meu redor.

De repente, a música começou a tocar e eu olhei para ele com uma cara engraçada.

– De onde está vindo isso? – Eu perguntei um tanto surpresa.

Ele riu, levantando uma sobrancelha. – O Cd Player.

Eu ri quando ele me puxou para perto e cuidadosamente colocou uma mão nas minhas costas, a outra continuava segurando minha mão.

– Então você não acredita em lâmpadas, você acredita em carros, você não tem uma TV, mas, você tem um CD player?

Ele assentiu com um franco olhar no rosto. – CD's não ocupam tanto espaço como um piano. – Seu sorriso era impagável.

Ele riu, os olhos de um azul profundo e as nuvens atrás dele se movendo lentamente.

– Eu quero ficar aqui para sempre. – Olhei para ele, e desta vez fui eu quem se inclinou em sua direção, na ponta dos pés para beijá-lo.



Ele respirava com dificuldade, enquanto eu me voltava para trás.

— Eu quero ficar com você também. — Seus olhos estavam tristes. — Eu nunca vou deixar que nos separem novamente. A vida sem você é muito dolorosa, não vale a pena viver. — Ele apertou os lábios em minha testa enquanto girava lentamente. — Eu percebo agora, e não tenho idéia de como eu fiz isso por tanto tempo.

Ele me girou para longe, puxando-me para trás e segurando minha cabeça com a mão, e então ele me mergulhou no chão, me puxando para trás lentamente.

Nós dançamos em silêncio e me lembrei de cada passo como se fosse algo que eu tinha feito toda a minha vida. Ele me segurou perto e o seu cheiro ficou ao meu redor, intoxicando com suas requintadas e sutis emanções. Fechando os olhos, senti a fusão dos nossos corpos em um só, e foi lá que encontrei o conforto que eu ansiava por toda minha vida. Não era só felicidade que estava faltando, mas também isso.

Finalmente, a música cessou e ele se curvou para mim eloqüente. Eu ri de leve, minha cabeça girando e minhas pernas cansadas.

— Você está pronta para ir para cama? — Seu olhar estava pensativo, mas ainda forte.

Eu concordei e ele me levou em direção à escada. Entrando em meu quarto, Edgar delicadamente me ajudou a desatar meu vestido, me dando privacidade enquanto eu o tirava. Eu cuidadosamente o pendurei no meu armário, onde o peso dele agora estava em



meus braços. Senti a brisa fria da casa, e rapidamente peguei minha camisola da pilha de roupas no chão e a puxei rapidamente sobre a minha cabeça, meus dentes batiam.

Quando saí, Edgar estava mais uma vez largado na cadeira perto da minha cama. Ele tinha os diários empilhados sobre a mesa ao lado, e tinha também puxado para trás as camadas de veludo para mim. Tremendo, eu corri para o seu calor acolhedor.

Eu me arrastei e virei para olhá-lo enquanto ele sorria. Eu virei bruscamente para todas as outras direções enquanto eu pensava sobre o dia mais que estimulante que tive. De repente, eu gelei quando ouvi Edgar levantar lentamente, o farfalhar distinto de lã enquanto ele tirava o casaco. Ouvi atentamente quando ele o colocou delicadamente sobre a cadeira e tirou os sapatos. Lentamente, levantou o edredom e o senti deslizar para dentro. Eu me arrastei para dar-lhe espaço e sua respiração se assentou atrás de mim.

Ele levou os lábios ao meu ouvido, delicadamente acariciando enquanto mantinha seu corpo a uma distância segura.

— Eu te amo. — Ele sussurrou em meu ouvido.

Eu inalei delicadamente.

— Eu também te amo. — As palavras eram familiares em minha língua e minha garganta estava embargada pela emoção.

Ele aninhou seu nariz no meu cabelo e minha alma se aqueceu até uma constante chama a queimar. Embora ele não estivesse me tocando, tê-lo perto era reconfortante e intimista. Quando comecei a cair no sono, eu pensei em Scott e Sarah. Seu amor era tão



simples e fácil, mas no mesmo momento eu pensei sobre as perspectivas sobre a vida de Edgar. Ele se ressentia da normalidade ao invés de saborear a simples elegância do desafio e o elemento do amor proibido. Eu sabia que o que tínhamos, o que sentíamos, era muito mais do que o amor deles. Era duradouro e inebriante saber, que um verdadeiramente não poderia viver sem o outro.



O Começo

De manhã, acordei sozinha, sentindo que alguma coisa estava perigosamente errada. Minha cabeça estava enevoada e minha boca entorpecida. Sentei apressada, o terror se espalhando por meu coração enquanto olhava pelo quarto à procura de Edgar, mas os lençóis onde ele estava deitado já estavam vazios e frios.

Pulando da cama, peguei meu roupão e então notei Isabelle na janela, suas penas eriçadas e seus olhos apontando raivosamente para o campo. Senti uma pontada no coração enquanto me virava abruptamente e corria para a porta dupla, meus pés escorregando perigosamente nos degraus enquanto voava escada abaixo. Quando pisei no chão do vestíbulo, olhei pelas janelas da frente e parei de supetão. Horrorizada, levei a mão até a boca, abafando um grito.

Meus olhos estavam fixados na campina onde um único corvo de um preto fosco estava parado como uma estátua, o vento batendo raivosamente em suas penas. Houve um movimento repentino no hall frontal à minha esquerda e eu pulei assustada, meus olhos se virando para o movimento. Meus olhos encontraram os de Edgar e meu coração pulou ao vê-los irradiar escuridão. Ele andou lentamente em minha direção, seu queixo apertado fixamente e seus punhos fechados nas laterais do corpo.



— Edgar, o que é isso? — Meu corpo tremia de ansiedade.

Seu rosto estava como pedra. — É outro espião. Matthew sabe que você voltou.

Minha respiração era rápida. — Mas como? Como ele sabe que estamos aqui?

Edgar chegou ao meu lado, mas a uma distância segura em seu estado vulnerável, seu rosto frio e estático.

— Ele pode nos sentir. — Ele sibilou e um rosnado baixo escapou de sua garganta. — Eu temia isso, Elle. — Sua voz soava distante e cortante. — Seus sentidos são muito mais fortes do que eu esperava e eu posso senti-lo agora também, e, além disso, ele está ganhando força.

Respirei pelas narinas, sentido o ar úmido e quente enquanto chegava aos meus lábios.

— É só uma questão de tempo. — Terror arqueava sua voz sussurrante.

Lentamente andei em sua direção, olhando apreensivamente para ele enquanto me aproximava. Ele abriu os braços e eu tomei isso como um convite, e de repente, corri para seu abraço, fechando minhas mãos contra seu peito.

Quando abri meus olhos, minha mente travou de terror enquanto eu via mais três corvos pousando no campo, suas asas negras levantando a neve em ondas de cristais brancos e plumas.

Edgar agarrou meu braço firmemente e me arrastou pelo hall até a sala de estar.



— Sente aqui. — Ele sibilou e eu notei que seus olhos ainda estavam perigosamente negros. — Não olhe pela janela, Elle, e tampe os ouvidos. — Seu rosto era de um homicida. — Sinto muito por isso. — Adicionou antes de correr para fora.

Levantei minhas pernas contra o peito quando ouvi a porta da frente bater. Houve um ruído surdo enquanto Edgar se transformava em corvo, e por um momento, houve silêncio enquanto o ar passava por minha garganta e ecoava em minha cabeça. Repentinamente, houve um grito agudo de aves e eu tapei os ouvidos, horrorizada pelo que eu sabia que estava acontecendo.

Meu corpo tremia completamente. Suor brotava agora de minha testa e minha mente começou a rodar. Calafrios sacudiam meus ossos enquanto imaginava meu rosto completamente pálido. Isso tudo era minha culpa. Por que eu fui tão burra? Por que pensei que dando minha alma a ele faria isso parar? Minha cabeça se rasgava dolorosamente, doendo mais que nunca. As vozes em minha mente estavam gritando e eu de repente não conseguia mais segurar. Minha voz simplesmente se elevou para um grunhido obscuro enquanto eu me sentava contraída na cadeira, incapaz de respirar.

Quando minha voz cessou, o mesmo aconteceu com o mundo ao meu redor, como se colocasse um tampa numa panela fervente. Tudo o que conseguia escutar era minha respiração murmurante e ouvi atentamente o momento em que uma porta batia à distância. Exalando pesadamente, eu repetia em minha cabeça que Edgar estava bem.



Ouvi seus passos pesados enquanto ele passava pelo canto adentrando a sala e eu instantaneamente notei o suor ensangüentado brilhando em sua testa. Rapidamente me esforcei para discernir se os respingos eram de seu sangue ou dos corvos. Então, enquanto meus olhos nervosamente escaneavam seu corpo, notei os arranhões profundos cravados em seu pescoço. As feridas frescas expeliam sangue espesso e vermelho em sua camisa, manchando horivelmente enquanto contrastava com sua pele perolada. Esforcei-me para me manter de pé enquanto corria até ele. Eu estava horrorizada quando ele levantou uma mão ensangüentada estacando minha ação. Meu olhar caiu para o bolo morto suspenso em sua outra mão pingando sangue no granito preto, brilhando a luz das velas.

— Não se suje com o sangue deles. — Sua voz rosnou. — Vai fazer com que seja mais fácil outros deles te encontrarem, para assim, ele te encontrar. — Sua face era fria e dura e seus olhos eram como recipientes de tinta negra.

Dei um passo para trás horrorizada e vi seu rosto mudar de repente.

— Acho que peguei todos eles. — Seus olhos estavam começando a se acalmar. — Mas é só uma questão de tempo.

Segui-o enquanto ele caminhava para o fogo que brilhava na cozinha, uma fascinação sádica e calor ainda sacudindo meus ossos. Ele jogou os quatro corpos mortos no fogo sem uma gota de remorso e as chamas explodiram em um roxo profundo. Olhei enquanto suas penas se torciam e derretiam e o cheiro de madeira podre e leite azedo preenchi o cômodo.



Lavando suas mãos na pia, observei-as tremer enquanto ele procurava por uma toalha. Ele se esforçava para molhá-la enquanto limpava o sangue do rosto e do pescoço. Fechou a torneira e se inclinou na pia, a água pingando de seus lábios. Após um momento, ele andou em minha direção e me passou seus braços por meus ombros, pousando o queixo em minha cabeça.

Comecei a soluçar descontroladamente.

— Edgar. — Esforçava-me para formar as palavras através do poço de lágrimas. — Eu não quero que isso aconteça, é minha culpa, eu sinto muito.

Ele me afastou de seu corpo, irritado e, olhou em meus olhos, sua fúria queimando fundo em mim.

— Estella, isso não é sua culpa, não pense assim. — Suas sobrancelhas estavam unidas e sulcos profundos cortavam sua pele. — Não comece a se culpar, você já teve tristeza demais.

Olhei com raiva para ele. — E você também, e é tudo por minha causa!

Ele segurou meu rosto, suas mãos como aço em meu queixo. — Pare com isso. — Ele apertou e sacudiu com desespero.

Ele me puxou para si e eu me curvei sobre seu peito de pedra, limpando as lágrimas de minhas bochechas. Era minha culpa e eu me recusava a negar isso. Eu nunca devia ter vindo aqui. Eu devia ter me matado, como havia pensado milhares de vezes. Ele



havia aprendido a viver sem mim e agora eu estava trazendo problemas para ele, sugando-o para minha tristeza em meu desejo egoísta de sentir alguma coisa.

Empurrei-o para longe, balançando minha cabeça em negativa e me encontrando incapaz de olhá-lo nos olhos. Olhei novamente para as chamas onde havia apenas ossos no fogo agora e a grotesca realidade daquilo me deixou repentinamente enjoada. A irracionalidade tomou conta de mim e eu corri para meu quarto.

– Elle! – Edgar gritou atrás de mim.

Quando cheguei às escadas, as lágrimas já haviam secado e minha alma imediatamente ficou escura e fria. Senti a tristeza em meu peito, segurando-a forte e deixando a dor entrar em mim. Corri para o meu quarto e bati as portas atrás de mim, emitindo o som de um trovão, com o peito pesado.

Eu queria gritar. Não queria nada mais que dilacerar meu corpo, pedaço por pedaço. Por que isso tinha que acontecer? Eu nunca devia ter vindo aqui, devia ter deixado minha vida tomar seu rumo, deixar-me sofrer pela dor que havia causado. Andei para a estante que continha meus diários e segurei por trás, virando-a no chão em minha ira violenta. As páginas escorregaram pelas bordas da madeira e se espalharam como almas sem vida.

Minha respiração ficou mais lenta e um senso de calma me invadiu. Toda essa vida, tudo aquilo que eu não conseguia lembrar. Era tanto desperdício. Caí sobre meus joelhos onde a dor foi forte ao atingir o chão. O desejo de punir a mim mesma era de repente



maior que meu desejo de viver. Eu sabia o que tinha que fazer. Eu não iria permitir que vivêssemos com medo, dessa vez eu iria lutar.

Houve uma batida na porta e eu abaixei a cabeça com vergonha. Não respondi nada, meu coração despedaçado e minha alma obscura profundamente ferida. Edgar bateu mais uma vez e eu ainda não respondi nada, apenas olhei para o chão completamente perdida. Finalmente, ele abriu a porta a despeito da minha recusa em permitir sua entrada. Seu olhar era profundamente miserável e sua linguagem corporal de partir o coração.

Ele andou até mim silenciosamente, ajoelhando-se no chão e gentilmente enlaçando os braços ao meu redor enquanto me levantava em sua perna. Sua mão roçou por minha bochecha enquanto puxava meu rosto na direção do seu. Seus olhos escanearam os meus antes de me beijar ardentemente. Seu abraço era como aço e eu não pude evitar me sentir calma e segura. Ele me levantou do chão e me sentou gentilmente na cadeira onde ele se ajoelhou diante de mim até que seus olhos encontrassem os meus.

— Elle. — Sua voz soou trêmula, mas ainda assim calma. — Por favor, não faça isso.

Repentinamente senti a raiva em meu coração reascender e se prender em minha garganta.

— Por quê? Você estaria melhor sem mim. Você teria aprendido a viver sozinho.

Observei seus olhos enquanto minhas palavras malévolas feriam seu coração e ele curvou sua cabeça em minha perna. Seu rosto ainda estava aleatoriamente manchado de



sangue e o cabelo bagunçado. Não senti remorso pelas palavras, era verdade, e nosso destino já estava selado.

— Ele, você não entende o quão obscuro tudo é. Sem você eu estava perdido e sem esperança. — Ele levantou os olhos para olhar para mim e eu fiquei chocada ao perceber que estavam vazios e frios.

Respirei pesadamente enquanto meus braços ficavam rígidos ao meu lado.

Ele tentou me confortar, mas eu me inclinei para trás defensivamente. De repente, ele me agarrou contra minha vontade e me segurou firme em seu abraço inflexível. Lutei para me afastar quando senti a emoção atravessando minha cabeça e minha fúria lentamente se transformar em tristeza e um coração partido. Ele travou o queixo forte enquanto o movia contra minha bochecha, seus braços fortes sem intenção de me deixar partir.

— Apenas se acalme. — Ele sussurrou em meu ouvido, sua voz eloquente me ninando para a tranquilidade. — Nós vamos conseguir, nós vamos.

Eu estava respirando pesado pelas narinas como um animal acuado.

— Estella. — Sua voz era firme. — Nós vamos ficar bem, apenas se acalme. Nós temos tempo até que ele ganhe mais força, até que ele formule um plano. Seja forte por mim, esse é só o começo.



Olhei para ele enquanto me segurava repentinamente me sentindo saturada de emoções ao enlaçar meus braços ao seu redor em um abraço, como se ele fosse minha vida, e foi aí que eu percebi, ele era minha vida.



Esperando

Pelas próximas semanas, Edgar segurava minha mão implacavelmente enquanto eu mexia minha cabeça para o lado a cada pequeno movimento. Eu estremeci enquanto ele ajustava o carvão no fogo e eu pensei nas quatro vidas que haviam sido tiradas e as quatro carcaças que agora já haviam desaparecido há muito tempo.

— Eu terei que te proibir de sair de casa. — Ele finalmente falou uma tarde. Ele estava ficando impaciente com o sombrio tratamento de silêncio que eu o havia submetido. Na minha raiva e ódio por mim mesma, eu havia recuado para o silêncio. Nós sentávamos em silêncio nos bancos da cozinha enquanto a luz do inverno passava pela janela e batia em seu rosto.

Eu suspirei algo dentro de mim sabia que ‘isso’ estava chegando.

— Foi assim que aconteceu da outra vez não foi? — Minha voz estava se quebrando.

Ele agarrou a minha mão ainda mais forte, seus olhos olhando para mim, um azul safira resplandecente, e cintilando mais do que nunca.

Meu cabelo também havia assumido um novo brilho. Seu constante toque era místico e havia começado a me mudar novamente ao meu antigo eu angelical. Eu não podia evitar pensar que ele estava me tocando constantemente de propósito. Ele estava



tentando me fazer lembrar o meu passado e fazendo isso, eu estava parando de envelhecer, minha pele estava se transformando em um tom pálido perolado radiante e meus olhos começaram a refletir a luz.

Ele tocou meu rosto, passando seus dedos quentes pelo meu queixo.

— Sim, foi isso que aconteceu da última vez. — Ele exalou. — Mas ele era mais poderoso e mais perigoso naquela época.

Eu acenei. — Mas agora ele está com mais fome, e você não pode subestimar isso.

Ele parecia de repente frustrado e eu sabia que eu estava falando para ele fatos cruéis que ele já sabia que eram verdadeiros, mas que também eram bárbaros. Desde a manhã que os espiões vieram, Edgar parecia cansado e distraído. Sua mente estava constantemente ocupada em pensamentos e seus olhos azuis estavam tempestuosamente furiosos. Seu comportamento frio me assustou e me fez ficar atenta ao mundo ao meu redor. Apesar dos seus motivos, o toque constante era bom e eu me sentia completa por longos períodos de tempo. Eu estava com medo de dizer a ele que isso não estava ajudando, pelo menos não da maneira que ele queria. Não havia memórias voltando para mim, apenas alguns rostos apareciam pela minha mente.

Eu suspirei enquanto largava a mão dele. Ele me deu um olhar de surpresa e eu apenas dei de ombros.

— Sinto muito Edgar, eu só preciso de um tempo por um segundo. É tudo muito difícil de lidar, e eu tenho certeza que é difícil para você também.



— Eu ficarei bem. — Eu o tranqüilizei. — Eu continuarei me esforçando. Eu só preciso de um pouco de espaço. — Meus olhos estavam presos nos dele, implorando para que me entendesse.

Minha familiar tristeza lentamente tomou conta de mim e de repente, a casa parecia muito fria. Eu me afastei dele e fui para o corredor. Eu sentia falta do Scott. Havia algo sobre a simplicidade da vida dele, e até mesmo da vida da Sarah. Eu sentia falta dos seus sorrisos infantis e as vidas divertidas deles, tão inocentes. Eu invejava o fato que tudo o que eles tinham a temer era a vida, doce e curta.

Apesar de eu estar preparada para cavar fundo e encontrar a minha vida, eu pelo menos havia imaginado que seria algo tradicional, uma mãe, um pai, talvez até alguns irmãos e irmãs. Eu estava esperando que encontrando algo assim, eu também descobriria o porquê da minha alma estar perdida. Eu nunca imaginei que eu realmente havia perdido a minha alma, e a minha outra metade. Me doía pensar que eu nunca tive uma mãe, nunca tive irmãos, e também amigos. Scott e Sarah eventualmente envelheceriam, e quando chegasse a hora, morreriam. Eu seria forçada a deixar a companhia deles para trás por medo de que eles viessem a descobrir a minha verdadeira identidade.

Quando eu pensei na vida do Edgar, eu sabia que ele também era frustrado. Todos os amigos que ele já havia feito, o Sr. Benz, Edgar Allen Poe, e os numerosos outros, todos estavam perdidos na história agora, nunca retornariam para a sua antiga forma. Com certeza houve uma época na vida do Edgar onde ele pensou que isso seria mais fácil.



Houve provavelmente um dia, depois da minha morte, que ele sentiu que ele podia se curar e seguir em frente como os humanos sempre podiam.

Eu vi como ele tinha ficado triste intimamente no momento em que descobriu que eu não lembrava de nada sobre a minha antiga vida. Seus olhos desaparecem quando ele pensa nisso, e para ele, é provavelmente como segurar uma chama que está se apagando. Eu costumava ser algo incrível, mas agora, em comparação, completamente sem graça. Ele esconde isso no entanto, justamente por seu amor por mim, mas quando você divide uma alma, isso é algo que certamente você pode sentir, ou seja, a dor mais profunda do outro.

Eu posso ver agora como eu havia melhorado ele, e eu posso ver o meu propósito na vida dele. Sua energia era tão baixa antes de eu chegar, mas desde que eu estive aqui, eu notei uma mudança nele, e uma força retornando. À noite, ele sempre se deita longe de mim, em uma distância segura com seu profundo medo de me matar por levar a sede dele muito longe. Eu normalmente fico acordada por horas, só escutando ele murmurar dormindo. Algumas vezes ele diz meu nome, outras vezes ele fala em italiano ou francês e eu não consigo entender.

Eu segui minhas mãos pelo papel de parede de veludo estampado no corredor enquanto eu caminhava lentamente pelo seu comprimento. Parei na biblioteca onde eu descansei minha mão no batente da porta, enterrando as unhas sem pensar na madeira. O local espaçoso era intimidante e cheio com prateleiras e prateleiras de livros que espiralavam para o segundo andar até o teto em forma de abóbada de folhas de ouro. Uma das paredes deu lugar a grandes janelas arqueadas que alcançavam perigosamente dois



andares, derramando a luz diretamente nos livros já desbotados. Bem em frente, havia uma escada que levava para o nível superior, e meu coração traiçoeiro ficou repentinamente desesperado para escalá-lo.

Eu me mexi e coloquei minhas mãos pálidas na madeira de mogno da escada. Içando-me para cima, eu coloquei meu pé gentilmente em cada degrau, cuidadosamente para não chamar a atenção de Edgar que estava no outro quarto. Da outra vez que eu havia tentado subir aqui, ele havia me avisado que a escada era antiga e um pouco instável, e me proibiu, incisivamente, de subir nela. Eu me lembrei de ter pensado que talvez com o peso dele fosse, mas eu era tão leve, eu sabia que estava tudo bem. Degrau por degrau, eu silenciosamente subi dentro do espaço acima, minha rebelião pulsando o sangue quente pelas minhas veias.

Uma vez no segundo andar, eu gentilmente passei minhas mãos pela grade de ferro e olhei para baixo para o sofá gasto de couro e a lâmpada do Thomas Edison que o Edgar havia ganhado em 1879. Era o único ponto de luz na casa inteira e só por uma causa justa. Edgar havia me explicado suas razões para recorrer a luzes de velas além de sua simples beleza. Ele havia discutido que se todas as lâmpadas de luz fossem feitas iguais a original, então ele as usaria, porque como o Edison e o Humphrey Davy, as deles nunca acabariam.

O segundo andar era estreito e se angulava acentuadamente de onde eu estava em direção ao canto à direita no quarto quadrado. Eu toquei meus dedos nos volumes empoeirados à minha esquerda, havia velhos dicionários e enciclopédias, com certeza muito antigos para a tecnologia de hoje. Eu fui na ponta dos pés, com cuidado, enquanto



eu dava a volta no canto e de repente notei algo que eu nunca havia visto antes, talvez por causa do ângulo obscuro do quarto abaixo.

Havia uma pequena entrada em forma de arco escondido atrás, no canto, quase do tamanho de uma porta normal, mas sem nenhuma porta. Eu me equilibrei contra a parede, olhando em torno do canto pesarosamente. Eu virei a cabeça e olhei para o andar térreo, tendo a certeza que ninguém estaria lá. Eu pisquei e me virei novamente, cuidadosamente, andando em direção a entrada arqueada. O reflexo residual de meus olhos, foram capazes de se ajustar à escuridão enquanto eu me embrenhava em suas profundezas. Minha respiração era rasa enquanto eu deslizava para o pequeno recanto despercebido e o som da minha respiração calma ecoou pelas paredes de estuque frio.

Enquanto meus pés cruzavam a soleira, de repente, um luz de vela iluminou o espaço, brilhando suavemente sobre uma cadeira que estava encostada no canto detrás e refletia uma grande moldura dourada na parede. O quarto não era maior que uma despensa e encontrei-me ligeiramente desapontada, uma parte de mim tinha esperanças de encontrar mais do que apenas uma pequena sala de estar. Atirei-me na poltrona de couro e fechei os olhos derrotada enquanto a poeira voava ao meu redor.

Havia uma vela acesa e trêmula contra as paredes, me fazendo sentir como se eu estivesse em uma caverna. Eu abaixei desajeitadamente e coloquei minhas mãos em meu peito enquanto eu olhava para a pintura muito grande que se estendia desde o joelho até o teto, obviamente não havia sido concebido para caber no espaço. As camadas sutis de pintura sob a poeira espessa, de repente chamaram a minha atenção e eu fiquei em pé,



tirando algumas teias de aranha da superfície quando eu reconheci a assinatura, Vermeer 1667. Enquanto lentamente eu descobria as camadas antigas, o cenário começou a juntar como um enigma. O tema geral era vida cotidiana, um grupo de pessoas se reuniam em um salão para uma festa.

Eu tirei um pouco mais de pó e olhei de perto cada um dos rostos. Meus olhos olhavam ansiosamente até que eu de repente reconheci o rosto familiar de Edgar, encarando para o nada na cena. Sua mandíbula estava cerrada de forma pungente e seu cabelo estava desgrenhado. Notei que seus olhos eram de um azul profundo, como eram agora, como um oceano profundo. Eu tentei sorrir um pouco, mas encontrei o meu esforço sendo atrapalhado pela minha alma fria e escura.

Eu segui o braço dele com a minha mão onde eu vi que estava colocado no ombro de uma linda loira em um vestido familiar azul safira. Minha aparência eloquente e balanciada olhavam de volta para mim com um olhar familiar como se estivesse dizendo para o meu eu de agora um segredo que somente eu poderia entender. Minha pele era jovem e suave, como era agora, e meus olhos eram de um azul claro como um cristal marcante enquanto eles cintilavam da tela com vida e felicidade. Meus lábios eram de um vermelho rosado, brilhando delicadamente na luz que entrava pela janela do sótão de Vermeer. A habilidade do artista em criar a riqueza do tecido e a vida da pele era de tirar o fôlego, fora a escolha ousada de cores que era ricamente recompensadora.

Meu foco se desviou para os outros participantes da festa e de repente cada rosto passou pela minha memória turva, cada um que eu havia tentado reconhecer há semanas.



Eu olhava enquanto eu tirava o pó da tela com mais vontade. A pele de pérola e a elegância de cada casal era estranhamente familiar e eu deduzi que eles também tinham sido como nós, eternamente presos na saudade e vivos pelo que eles achariam que seria a eternidade.

Todos os homens estavam vestidos de preto e seus casacos e coletes eram escuros como a noite com gravatas de seda negra combinando. As camisas brancas eram a única diferença, mas o conjunto monocromático acentuava a reflexão perolada de seus olhos.

Um casal estava adornado em verde aveludado, os olhos do cavalheiro brilhando como uma floresta de ciprestes, esmeraldas profundas e muito lapidados. O cabelo da senhora era borgonha profunda e radiante, a cor elogiando os verdes luminosos de seu vestido e dos seus olhos, fazendo com que sua pele pálida e bochechas mostrassem uma chama radiante como o sol. Ela tinha um pequeno gato preto empoleirado em seu colo e sua mão estava delicadamente colocada sobre a sua cabeça, enquanto seus olhos também queimavam em um verde chocante.

Outra senhora estava de bronze brilhante, e, como tal, os olhos de seu parceiro brilhavam como moedas de ouro. Seus cabelos de fios de ouro caíam em uma cascata de cachos por suas costas e seu rosto também pareceu estar levemente corado. Ambos estavam de pé, o cavalheiro imitando a posição dela a esquerda com dois grandes pastores ingleses em ambos os lados, os cabelos rijos e ásperos.



O último casal estava encostado casualmente na parede, a senhora enrolada delicadamente contra a lapela do casaco de seu parceiro e sua mão descansava em seu peito onde eu notei que os dedos dela estavam lotados de diamantes. Havia voltas de pérolas penduradas em seu pescoço e ela era a única sorrindo, fora eu, a única participante que estava gostando da tarde.

Seu vestido branco era radiante, cintilante como uma perfeita pérola prateada na luz do sol e seu cabelo era de um loiro platinado gritante, como se ela fosse minha perfeita gêmea. Minha atenção passou para o parceiro dela, profundamente oco e perturbado e sua mandíbula apertada enquanto seus olhos prateados se destacavam acentuadamente contra seu cabelo negro. Havia uma coruja branca empoleirada no ombro da senhora, era parecida com a coruja que o Edgar tinha em seu escritório, e por um momento, eu imaginei de quem exatamente aquele pássaro era.

De repente, meu queixo caiu enquanto eu me lembrava do rosto do homem com o olhar prateado. Enquanto eu pressionava meus olhos, no entanto, o rosto na pintura parecia muito mais jovem e vivo mas os olhos esbugalhados não mudavam, e eram igualmente letais.

— Matthew. — Eu sussurrei meu coração começando a bater forte no meu peito. Eu lutei para tentar dar sentido em tudo isso. De acordo com essa pintura, ele havia sido um conhecido, nosso amigo. Meus olhos desviaram novamente para a sua linda parceira, angelical com seu amor para com ele. Eu senti um pesar tocar meu coração enquanto a



minha mente me forçou a lembrar-me dela. Uma sensação quente arrepiou contra os meus ossos e nessa sutil resposta, eu sabia que eu havia amado ela como a uma irmã.

Eu senti meu coração quebrar em um milhão de pedaços de vidros cortantes enquanto eu caía de volta na cadeira. Colocando minha cabeça nas minhas mãos ao mesmo tempo em que eu tentava acalmar a minha respiração, tentando esquecer o horrível fato que eu havia acabado de perceber. Rapidamente, eu saí do pequeno quarto e a vela tremulou atrás de mim com um pequeno sopro de vento. Com cuidado eu desci pelas escadas e corri para o corredor, deslizando levemente no piso enquanto as minhas meias grossas lutavam contra a tração.

Eu escutei a voz do Edgar em algum lugar distante enquanto eu levava meu corpo escada acima.

— Ele? Você está bem? — Ele gritou.

Eu congelei, me acalmando a meio caminho nas escadas.

— Sim, bem! — Eu gritei de volta enquanto eu ficava de pé por um momento, mas ele não respondeu. Rapidamente, eu me joguei pelo resto de caminho pelos degraus acima e pelas portas colossais, indo para dentro do meu quarto. Tão rápido e silenciosamente quanto eu pude, eu pisei pé ante pé levemente para a minha prateleira de diários que o Edgar havia me ajudado a categorizar depois da minhas explosão há algumas semanas atrás. Eu lutei para evitar que o piso fizesse barulho, imaginando que Edgar estava bem



abaixo de mim. Eu entrelacei meu dedo em um diário grosso que marcava 1667, ansiosamente puxando-o entre '68 e '66.

Eu furiosamente folheeí cada capítulo enquanto minha respiração aumentava quente e rápida no meu peito e meu coração batucava dentro das minhas costelas. Finalmente, eu peguei um relance da minha letra “V” marcante em uma página na metade dele. Com pressa, eu o abri e sussurrei as palavras bruscamente sob a minha respiração.

Setembro 1667,

Nosso grupo se reuniu hoje para um retrato. Eu havia convencido eles do talento para textura de Johannes Vermeer e eles concordaram que seria uma idéia adorável. Hazel estava mais do que animada. Ela até comprou um novo vestido lindo de seda de um bronze magnífico...

Eu pausei, anotando o nome da senhora com o cabelo dourado, Hazel. Soou um sino estranho dentro da minha alma e eu senti um sentimento fugaz de conquista. Meus olhos retornaram rapidamente para a página.

...Glória era a mais enjoada com tudo. Ela queria ficar o melhor possível então ela contratou um profissional para aplicar pó e blush em seu rosto, fazendo seu cabelo borgonha se destacar, e sua pele ficou ainda mais radiante do que já era. Eu não conseguia evitar de me sentir auto-consciente perto dela, apesar da minha aparência já brilhante...



Houve outro click familiar dentro de mim, Glória. Eu disse seu nome várias vezes, prendendo-o em minha mente enquanto meu coração tremulava.

... Só Margriete foi verdadeiramente precisa sobre si mesma. Ela e eu passamos a tarde tirando sarro no canto sobre a vaidade dos outros. Eu esperava que, se eu tivesse uma irmã que pudesse ser ela. Estamos eternamente unidas pelo quadril e eu sentirei muita falta dela quando eles forem embora para Londres no verão, mas quando chegar a primavera, vamos novamente estar em Roma...

Meu coração de repente se partiu novamente e eu coloquei a minha mão no peito, sentindo a dor surgir na minha garganta e roubando o fôlego dos meus pulmões. Eu me senti de repente doente e minha mente começou a embaçar enquanto uma memória surgia de volta para mim, do seu rosto sorridente naquele dia. Apesar da minha alma não poder sentir a amizade partida, meu corpo tremulou com a perda, e o pesar.

Ele havia matado ela, nos matado. A maneira que o seu rosto se contorcia na pintura parecia tão maligno, tão bravo, como nós não havíamos notado seu segredo profundo, seu desejo interno que queimava. Eu me lembrei da forma que o meu rosto havia me encarado pela tela, o brilho de saber um segredo que o meu eu passado de alguma forma sabia. Eu arfei a procura de ar enquanto eu lutava para me manter consciente.



Nós éramos tão inocentemente descuidados, tão flagrantemente apaixonados por nós mesmos e nosso mundo. Nossa aparente infinita vida e o poder que nós possuíamos sobre todos, era muito intoxicante para ver o mal entre nós.

— Hazel. — Eu sussurrei levemente. Meu peito doendo enquanto seu rosto glorioso passava pela minha mente, seu sorriso suave flutuava nos cantos da minha alma vazia. — Glória. — Eu sussurrei novamente enquanto seu jeito mordaz pinicava na minha mente e a sua existência vaidosa fazia cócegas no meu nariz com inveja.

Houve uma batida repentina na porta e eu olhei para cima de onde eu estava ajoelhada no chão, o diário preso ferozmente na minha mão. Meus braços estavam trêmulos enquanto Edgar entrava lentamente, seus olhos caindo em mim, se transformando em um cinza sério e pesado de preocupação.

— Ele, você está bem? — Ele correu para mim e colocou sua mão quente gentilmente nas minhas costas enquanto eu respirava com dificuldade, tentando recuperar o meu fôlego.

Lágrimas de repente saíram dos meus olhos e meu corpo começou a tremer descontroladamente. Meus olhos se fecharam rapidamente enquanto as lágrimas manchavam as páginas do meu diário, esparramando tinta pelo grosso pergaminho.

Edgar gentilmente pegou o livro da minha mão, curioso sobre o meu aperto desesperado. Seus olhos deslizaram pelas páginas rapidamente, sua respiração rápida e pesada.



Ele suspirou.

— Você o encontrou não foi? — E de repente, o mundo se escureceu enquanto eu caía no chão.

Quando eu acordei, senti Edgar lançar suas mãos embaixo do meu corpo trêmulo e me levantar em seus braços cuidadosos onde ele me carregou até a cama. Ele me deitou nos lençóis macios enquanto tirava o cabelo do meu rosto, os fios grudaram nas minhas bochechas juntamente com as lágrimas grossas. Ele estava cantarolando gentilmente, tentando acalmar meu estado histérico.

— Shhh, Elle. — Ele arrulhou suavemente, sua voz suave e prateada. — Sinto tanto, sinto que você tenha que se sentir assim novamente. — Ele gentilmente esfregou as minhas costas enquanto eu estava de frente para a janela, neve caía do céu em flocos grossos. — Eu nunca quis que você visse aquilo.

Meus olhos começaram a se secar enquanto eu sentia meu corpo desistir, o tremor amortecendo os meus músculos. O mesmo sentimento de desespero e culpa passou por mim e eu comecei a me culpar, parecia como a única noção lógica. Eu sabia o que estava acontecendo, sentia o fim perto. Eu de repente percebi porque eu havia encontrado a pintura tão imperativa para a vista. Do mesmo jeito que eu havia gravado a história de Edgar e eu nos diários, eu também havia desejado gravar a de todos nós.



Edgar suspirou, sua mão gentilmente traçando a minha.

— Depois que a pintura foi feita, eles começaram a morrer, logo depois. — Sua voz quebrou e ele pausou por um momento. — Você me ordenou a queimar a pintura imediatamente, mas eu não consegui você amava Vermeer, você amava eles. Eu vejo agora como foi um erro ter guardado ele.

Uma lágrima fresca se formou em meus olhos e minhas suposições lancinantemente se confirmaram. Havia uma razão para a minha necessidade por aquele dia na pintura, o registro da vida. Eu estava contente que ele não havia queimado, eu precisava ver aquele momento.

— Margriete era como família para nós também, a mesma coisa com o Matthew. — Houve um ressentimento repentino e uma fria dor em sua voz. — Mas ele nos usou, Ele, para atrair todos eles. Eu te garanto que eu nunca soube e nem a Margriete. Ela não tinha idéia do destino que estava esperando por ela. — Ele tocou minha orelha gentilmente com a ponta dos seus dedos.

Ele balançou as cobertas em cima de mim e eu senti ele enfiar as mesmas embaixo dos meus lados firmemente antes de subir e colocar seus braços ao meu redor. Ele estava distanciando o seu toque, permitindo que a minha emoção se acalmasse.

Eu lutei para falar. — Por quê... — Mas as palavras saíram em um murmúrio abafado e eu limpei a minha garganta e tentei novamente. — Por que eu me lembro das



coisas dolorosas, por que nada maravilhoso ou feliz? Como eu não fiz nada para parar isso?

Edgar riu levemente e sua respiração passou pela minha orelha.

— Mas aquele foi um dia maravilhoso, aquele dia foi um dos mais felizes. O jeito que você sorria, o jeito que você estava. — Ele parou seu calor me relaxando.

Eu tentei muito me lembrar, ele estava certo. Não foi o dia que havia sido horrível, foram os dias que o seguiram, a escuridão que logo desceria sobre nós em um capa de morte. Os deuses eram sádicos e cruéis por fazer isso. Tudo o que nós queríamos era ficar juntos, viver apaixonados para sempre.

— Eu não quero pensar que eu estou protegendo você do seu passado, eu não podia manter isso longe de você. Sua vida é só sua. Só me dói te ver deste jeito, mas talvez se eu te contasse algumas coisas agora, já que você já está chateada, isso ajudaria?

Eu senti ele correr sua mão suavemente pelo meu braço, meu corpo ainda trêmulo mas eu precisava saber, eu queria saber. Concordando com a cabeça, eu acomodei a cabeça no travesseiro, meu cabelo espalhado ao redor do meu rosto.

Ele suspirou e eu podia sentir que ele ia odiar este momento tanto quanto eu.

— Margriete, Glória e Hazel eram suas melhores amigas, suas irmãs. Vocês eram bem diferentes uma da outra, cada uma única e linda. Quando vocês estavam juntas, vocês pareciam inventar todo tipo de personalidade, a amizade perfeita. — Ele exalou levemente.

— Glória era obviamente muito vaidosa, e convencida. Você se lembra da história que eu



te contei sobre o primeiro casal que conseguiu viver depois de se encontrarem pela primeira vez?

Eu acenei, de repente encaixando as peças juntas.

“Gloria e Alek se tornaram nossos amigos e sua vaidade veio com um certo entendimento. Na sua cabeça ela era realeza e não podia suportar alguém sendo melhor que ela. Mas para você, ela era sua... — Ele pausou para pensar na palavra certa. —... Algo como a sua boneca Barbie.

Eu ri suavemente pelas lágrimas e elas manchavam a minha boca e algo dentro de mim acreditava nele, algo sabia o quão furiosa ela era por não receber os elogios que ela acreditava serem devidamente merecidos.

Edgar se inclinou para mais perto do meu ouvido, encostando levemente seus lábios na minha bochecha enquanto seus lábios se curvavam em um sorriso.

— E Hazel era invejosa, sempre com ciúmes de todos. Ela sempre achou que seu cabelo e olhos bronze eram sem graça e monótonos. Não importava o quanto ela tentasse, ela nunca podia voar como o resto de vocês. Ela tinha um déficit de atenção e então ela era meio desastrada e ignorante. — Ele riu no meu ouvido gentilmente. — Você tratava ela como sua irmãzinha e você sempre estava protegendo-a, cuidando dela mesmo quando não queria, ou não podia.

Meu coração explodiu com o calor, mas também com frustração. Eu podia sentir que a morte dela tinha sido a mais difícil para mim e meu corpo tremeu com dor.



— E então, claro, havia a Margriete. — Eu podia escutar o desespero profundo em sua voz. — Ela era a sua melhor amiga e a única que era como você. Ela era tranquila e nunca se preocupava sobre a sua beleza e suas posses, e por causa disso, vocês duas eram bem mais lindas que o resto.

Meu corpo ficou gelado enquanto arrepios pulsavam pelas minhas veias.

Edgar me apertou ainda mais.

— Ela foi a última a desaparecer. Você instantaneamente suspeitou de Matthew mas eu não acreditei em você, eu percebo que eu errei nisso. — Ele pausou sua voz se quebrando. — Você foi a primeira a perceber quando a Glória e a Hazel foram mortas que os seus parceiros também haviam sido brutalmente assassinados juntos com elas. Mas Matthew não havia morrido com Margriete, e você não acreditava nas histórias dele, suas mentiras sobre como ela havia fugido por causa do medo. Seus olhos eram bem mais afiados que o meu. Eu estava furioso com você, horrorizado que você pudesse culpar alguém que era como um irmão para mim.

Minhas sobrancelhas se dobraram enquanto a ansiedade daquele fato fez com que o meu corpo ficasse rígido e nervoso em relação a Edgar.

— Você sabia que ele havia a levado e estava somente escondendo, a prova, o corpo dela. Eu deveria ter visto os olhos dele mas o prata profundo escondia tudo. — Ele passou seu nariz pelo meu rosto. — É minha culpa, Elle, sabe. Não sua.



Uma onda de culpa passou por mim, e eu respirei fundo enquanto eu fechava os meus olhos e me permitia ficar de cabeça limpa.

— Não. — Minha voz era surpreendentemente teimosa. — Foi culpa do Matthew, só dele. — Eu me desenrolei do aperto firme do Edgar. — Eu entendo agora, não fui eu quem causou toda a dor e sofrimento, nem mesmo nós. Foi você e eu que salvamos a nossa espécie e nós ainda podemos fazer isso. — Eu me virei para ficar de frente para ele, seus olhos tempestuosos. — Edgar, dessa vez quando ele vier, eu terei a coragem e a fúria para ajudar a matá-lo. Eu não posso fugir mais, e eu não quero que isso aconteça novamente.

Ele tocou minha sobrancelha torcida, gentilmente e eu podia ver meus olhos brilhantes refletidos nos dele. Um sorriso passou pelo seu rosto.

— Aí está o fogo que eu sabia que você tinha. — Sua respiração caiu sobre os meus lábios e eu o achei quente e intoxicante.

Eu sorri para ele enquanto eu limpava a última lágrima do meu rosto. Eu estava farta de ter medo, estava farta de fugir da vida enquanto eu tentava derrubar a barreira em mim. Edgar me encarava profundamente até a alma, enquanto ele se inclinava e pressionava seus lábios contra os meus, deslizando sua mão ao longo das minhas costas firmemente. Eu desisti, percebendo que eu estava sendo imprudente mas eu me pressionei para mais perto dele, seus lábios se curvaram nos meus e seus dentes mordiscaram os meus lábios gentilmente. O beijo era desesperado, como se nossas vidas de repente



estivessem acabando. Eu pensei sobre o dia que eu morri, imaginando se eu tive a chance de dizer adeus. A memória ainda era muito dolorosa para Edgar explicar.

Nós ficamos moldados juntos por um breve momento antes dele abruptamente se afastar e se desenrolar do meu aperto, seus olhos negros, e sua respiração apressada. Os pensamentos em sua mente haviam se tornado vigantivos, seus chacais mostrando os seus maléficos dentes.

— Eu realmente acho que você deveria reconsiderar seus motivos. — Ele brincou um leve sorriso malicioso em seu rosto lindo, as nuvens de tempestade estourando com fome pelos seus olhos.

Eu sorri, aproveitando a fina linha em que eu estava me divertindo e o ímpeto de adrenalina que pulsava densamente pelo meu coração.

Ele ficou de pé repentinamente, me pegando pela mão e ríspidamente me puxando para debaixo das cobertas. Eu guinchei rindo enquanto ele me virava para dentro dos seus braços e então gentilmente me abaixava em uma pequena reverência, seus braços fortes me segurando com pouco esforço.

Ele afundou sua cabeça contra o meu peito, seus lábios, a uma respiração de distância da minha pele.

— Mas, eu amo o seu senso de aventura. — Ele sussurrou, seu perfume emanando a minha volta. Ele delicadamente me puxou para os seus braços e me olhou com uma adoração multifacetada e um profundo amor eterno.



Enquanto ele me sentava, eu sorri para ele inteligentemente. O medo que havia me danificado por toda a semana havia ido embora e eu percebi que eu estava mais segura que antes, nós tínhamos a vantagem. Além disso, eu era um agradável pedaço de isca, enganando meu predador sem pena. Um plano começou a se formar na minha cabeça, um plano que eu nunca poderia contar a Edgar. Não havia jeito dele permitir isso. Ele era muito protetor comigo e muito cuidadoso para consentir que eu tivesse a chance de me aproximar do Matthew, para realmente tocar a sua pele. Eu de repente me senti mais poderosamente dotada do que nunca e eu ia me vingar pelos meus amigos, minha família.



LIBERDADE

Já havia passado mais de um mês desde que os Corvos haviam aparecido e só faltava apenas uma semana até o Natal. Eu sentei olhando para fora para as altas janelas arqueadas da biblioteca enquanto Edgar segurava a minha mão, folheando um grande livro sobre o Alaska que se equilibrava em seu colo. Seu toca-cd retumbava ópera pela casa e os relógios na parede tiquetaqueavam irritantemente em sincronia com a música enquanto eu encarava sem alvo para o campo coberto de neve, grossas bolas caindo no já saturado chão. Eu descansei a minha cabeça de volta no sofá com as minhas pernas debaixo de mim, roendo as unhas na minha mão livre nervosamente.

Eu havia passado horas intermináveis pensando sobre o meu plano de matar o Matthew, desde que eu encontrei a pintura, a idéia se formando lentamente na minha mente. Eu havia parado de tentar descobrir como conseguir a minha alma de volta, estava no Edgar por uma razão, para mantê-la a salvo. Eu já havia descoberto, trezentos anos atrás, que eu queria que tivesse sido dessa forma. Nossa alma estava onde estava para me libertar, para me dar a habilidade de correr riscos que eram necessários para terminar com isso de uma vez por todas.

O campo estava vazio e frio e o vento chicoteava a neve em impulsos ondulados, se acumulando em dunas invisíveis ao redor dos beirais da casa. As coisas estavam começando a parecerem ameaçadoras enquanto nós esperávamos. Era só uma questão de



tempo antes das coisas explodirem enquanto nós sentávamos lá indefesos, a quietude pesando na minha consciência.

Eu estava ficando cada vez mais ansiosa, como um pato machucado nadando ao redor de tubarões sedentos por sangue. O Matthew viria aqui? Ou era melhor caçá-lo. Se eu ficasse de isca, eu teria que estar preparada para a consequência, e qualquer que seja a dor que vier junto com ela.

Eu suspirei pesadamente, mas Edgar não pareceu notar, ou melhor, não estava a fim de ouvir as minhas constantes ondas de preocupação exagerada. De repente, meus olhos pegaram um lampejo de algo se movendo na neve. Eu sentei tão esticada quanto uma flecha enquanto eu apertava os olhos e encarava a janela enevoada, meus lábios se abrindo e a minha respiração se tornando pesada como um cachorro na caça.

Meu primeiro pensamento, enquanto eu desviava meus olhos pelo campo através das vidraças, era somente a neve rodopiante brincando com a minha mente. Eu peguei o lampejo rápido dos meus olhos refletidos no vidro, o azul cristal me perfurando como o sol. Eu balancei minha cabeça acentuadamente, imaginando que era somente o brilho da luz da neve e eu relaxei o meu queixo de volta no sofá.

Edgar não havia se movido, ainda preso em seu silêncio rochoso direcionado a mim. Eu verifiquei os topos das árvores cautelosamente e de novo algo lampejou através do meu ponto cego. Eu franzi minhas sobrancelhas enquanto eu tentava reconhecer o que eu havia visto. Meu coração disparou, pulsando dentro da minha mão enquanto Edgar a



apertava. Eu sentei novamente, desta vez assistindo ansiosamente, minha mente se recusando a olhar para outro lado. Eu pensei sobre o dia na mata, quando algo havia me seguido para a cachoeira, mas o que quer que isso fosse, era muito pequeno.

Outro minuto passou e eu senti os olhos do Edgar me olhar rapidamente, obviamente começando a sentir o meu desconforto. Ele aumentou o aperto da minha mão, minhas palmas começando a suar. Finalmente, algo novamente se moveu e foi aí que eu finalmente o vi. Um gato branco correr pelo campo entre duas correntes de neve. Eu pulei agudamente e Edgar me olhou incomodado.

— Estella, qual é o seu problema? — ele ecoou.

Eu olhei para ele de olhos arregalados. — Você viu aquilo? — eu engoli em seco.

Ele se virou e olhou para fora da janela atrás de mim, — Ver o quê, Elle? Eu não tenho olhos na parte de trás da minha cabeça, sabia. — Ele sorriu para mim envergonhado.

Eu funguei, — Eu não estou brincando Edgar, havia algo lá fora.

Ele apertou os olhos através do reflexo brilhante do vidro, — Eu não vejo nada Elle. Era negro?

Eu olhei para ele com irritação em meus olhos. — Não, - eu disse acidamente.

Ele tocou um dedo no meu nariz e eu o golpeei para longe, — sério, era um gato branco ou algo do tipo.



Ele riu jocosamente, — Você realmente acha que um gato poderia viver aqui em cima nesse clima frígido?

Eu não gostei do seu tom condescendente e os meus olhos o queimaram nervosamente.

Ele levantou as sobrancelhas enquanto ele se inclinava para trás surpreso. — Uau, tudo bem, então, — ele respirou. — Eu acho que se eu dissesse para você, que você provavelmente estivesse vendo coisas, você arrancaria minha cabeça fora, certo?

Eu o encarei — Você é tão fanfarrão, — eu reclamei.

Olhando novamente para o lado de fora, Eu vi a disparada distinta de uma cauda quando o gato saltou por entre as árvores e para a floresta. Meu queixo caiu descrente. Eu não estava louca, isso eu sabia com certeza. O que eu vi estava realmente lá, mas como o Edgar disse, isso era absurdo. Eu fiquei de pé e tentei espreitar ainda mais para dentro da mata, ficando na ponta dos pés e me inclinando contra o sofá para dar suporte.

— Elle, sério, por favor sente-se. — Ele estava me tratando como uma crinaça e eu desaprovei fortemente, — Nós estamos na mata agora, sabia, há animais selvagens.

Eu funguei. — Eu não sabia que gatos eram selvagens, — eu disse baixinho. Edgar olhou para mim com uma sobrancelha levantada, seu rosto ameaçador mas seus olhos de um suave azul acizentado.

Estatelando-me no sofá, eu cruzei meus braços em cima do peito irritada. Eu olhei na direção onde o pequeno quarto arqueado estava, e eu de repente estava ansiosa para



ver a pintura novamente, ver os meus amigos, e encarar profundamente os olhos do meu inimigo.

Eu saí em disparada da cadeira em um movimento rápido, largando a mão do Edgar com um baque forçado e corri para a escada.

— Elle, eu te falei que não é seguro, eu realmente não estava dizendo isso só para você não subir lá. — Sua voz era resmungona e só me encorajou mais.

Ansiosamente, eu fiz o meu caminho subindo pela escada barulhenta, — Então talvez você devesse me arrumar uma nova, — eu atirei na direção dele em um tom de birra.

Ele fungou levemente e seu rosto se contorceu em outro sorriso sedutor enquanto ele baixava o seu olhar de volta para o livro.

Eu pulei brincando pela beirada, minha alma sumindo lentamente. Eu olhei o campo novamente, agora conseguindo uma vista melhor, mas não havia nada lá. Cada vez que eu tocava o Edgar, o sentimento de felicidade parecia durar um pouco mais do que antes. Eu era como uma bateria recarregável de alguma forma, só que, você não gostaria de me deixar descarregada por muito tempo porque eu poderia me tornar autodestrutiva e birrenta.

Eu enrosquei meus dedos ao redor do corrimão, andando como um soldado de brinquedo em uma tentativa pífia de fazer o Edgar rir. Eu revirei os olhos quando eu finalmente desisti, sentindo a depressão começar a agarrar o meu peito. Passando pelo



canto de um corredor estreito, eu me abaixei em uma pequena área de sentar e me acomodei na cadeira, de repente drenada e cansada.

Isabelle voou para o corrimão de cima onde ela inclinou sua cabeça e olhou para mim curiosamente do lado de fora do espaço. Eu dei um tapa de leve na minha coxa e ela flutuou para a cadeira, se acomodando alegremente no meu colo. Eu cocei a cabeça dela levemente e ela enrolou suas penas, seus olhos se fechando lentamente de alegria.

— Você viu o gato, certo? — Eu cocei a cabeça dela vigorosamente enquanto ela mantinha os olhos fechados, mas ela não pareceu responder.

A vela transmitia uma luz suave sobre a foto e eu olhei para Margriete, a mão descansando eternamente no peito do seu companheiro de duas caras. A pequena coruja branca que descansava em seu ombro ainda me deixava perplexa, seus olhos amarelos agudos me olhando da tela como uma estátua.

Na pintura, eu reconheci Isabelle empoleirada nos meus pés enquanto eu sentava na cadeira azul de seda do meu quarto. Eu encarei com raiva o meu rosto na pintura, ainda acitosamente irritada comigo mesma por ser tão vaga. O braço de Edgar no meu ombro parecia orgulhoso, seu amor por mim mais forte do que a sua sede pela nossa alma.

Eu respirei fundo e exalei obscuramente. Eu sentia falta de ter amigos, mesmo se eu não conseguia me lembrar deles. Eu pensei sobre o quão facilmente Scott e eu parecíamos repentinamente nos darmos bem e o meu coração puxou levemente enquanto



eu começava a me sentir triste sobre deixar ele e a Sarah. Mas vindo a primavera, eles voltariam, e então se tudo desse certo eu também. Apesar da minha inicial imperícia social, eu havia me acostumado com a amizade deles confortavelmente.

Eu me sentei então, Isabelle me olhando com raiva enquanto eu gentilmente a empurrava para fora de meu colo e para cima da cadeira. Eu fui até o corrimão apenas um pouco depois do arco onde eu havia olhado o Edgar.

— Nós temos um telefone? — eu disse de uma vez, lembrando-me que o Scott e a Sarah haviam me dado o número de celular deles, não que eles funcionassem muito bem aqui, mas valia a pena tentar, só para ver como eles estavam.

Ele largou o livro de sua mão e olhou para mim com os lábios entreabertos, — Uh, — ele estava lutando o que significava uma coisa, nós tínhamos um telefone, — Não? — Sua voz se quebrou.

— Você é um terrível mentiroso, — eu estreitei meus olhos para ele.

Ele fingiu estar magoado mas eu não era tão ingênua.

— Oh, vamos, por favor. Eu sinto falta dos meus amigos, eu não vou dizer para eles onde eu estou, eu prometo. — Eu fiz biquinho fazendo birra.

Ele riu, balançando sua cabeça para mim, — Bem, você deveria estar de volta em Seattle.

Eu olhei para ele curiosamente, — O quê?



Ele inclinou a cabeça de novo e seus olhos pareciam timidamente cinzas, — Já que eu proibi você de sair desta casa, eu acabei de contar para todos que você se recusou a aceitar a minha personalidade difícil e você deixou a faculdade para sempre, é por isso que eu tive que esconder o seu carro colorido.

Meu queixo caiu, — Você não tinha o direito! — eu relinchei, — Você não pode apenas me engarrafar e esperar.

Uma risada se engasgou em sua garganta, — Bem, o que eu deveria ter dito, que eu seqüestrei você? Eu tinha que fazê-los acreditar que você odiava-os tanto que você nunca entraria em contato novamente.

Eu estava o encarando com uma carranca, sua atitude ainda divertida. — Como você sabe disso de qualquer forma? Fazer uma alucinação ou holográfo... — eu lutei para encontrar a palavra certa, — Ou seja, lá o nome que você chama.

Eu andei ao redor do segundo andar em direção à escada. Edgar levantou preguiçosamente do sofá e andou na minha direção quando eu comecei a descer. Ele agarrou a minha cintura com cuidado e me ergueu antes de eu chegar até no meio do caminho.

— E como você é tão forte, — eu falei meu ego obviamente danificado. Ele me revirou em seus braços onde ele me segurou de tal forma que eu não pude lutar.



Seu sorriso era tão grande que fez os olhos dele se inclinarem e sua pele jovem se enrugar ao redor do nariz, — Porque, Ele, nós somos opostos, onde eu sou forte, você é perspicaz.

— Sim, bem, onde eu sou inteligente, você é sem graça, — eu lancei, dando um olhar brincalhão.

Ele inclinou sua cabeça para baixo, beijando a minha testa gentilmente antes de me largar no sofá, — Bem, você é impossível. — Ele balançou a cabeça, andando para fora do cômodo.

— Não pense que você vai sair dessa fácil, senhor! — Eu gritei por cima do ombro.
— Eu vou encontrar aquele telefone!

Eu o escutei rindo da cozinha sobre o barulho de panelas batendo.

— E não pense que você pode me calar cozinhando também! — eu gritei novamente. Sangue estava pulsando nas minhas veias e eu estava gostando de nossa pequena discussão um pouco demais.

Na verdade, eu amava a comida do Edgar. Mais de mil anos de vida haviam ensinado bem a ele. Enquanto eu me afundava no couro maleável, eu finalmente comecei a me acalmar enquanto eu pensava sobre o gato. Talvez realmente tivesse sido a minha imaginação. Até porque, minha mente estava entediada até as lágrimas, presa dentro desta casa e mesmo assim, era legal também estar tão perto do Edgar. Se eu fosse enfrentar uma morte iminente, pelo menos eu teria conhecido como era chorar, amar, e rir.



Eu pensei sobre o que o Edgar quis dizer sobre opostos, era tipo, além de dividirmos uma alma, nós também dividíamos um corpo. Ele era forte, eu estava perspicaz, ele era capaz de criar ilusões, e eu podia manipular a terra. Foi aí quando eu percebi, não era ficar presa que estava me deixando louca, era o fato que eu estava tão longe da natureza, como um peixe nos tanques de um viveiro, perto do lago que eles sentiam tanta falta de nadar em liberdade.

Eu sentei enquanto os cheiros deliciosos da cozinha preenchiam meus pulmões. Eu fui para a cozinha já com um olhar ameaçador, minhas meias de lã penduradas largas nos meus tornozelos.

— Edgar eu preciso sair, — eu suspirei.

Ele me olhou com cuidado, — Elle, por favor, não comece a ficar difícil de novo. Eu sinto que se você sair, eles verão você. Ou pior ainda, ele verá você. Até onde eu sei, eles já estão lá fora, esperando que você seja burra o suficiente para sair lá e se expor.

Eu grunhi raivosamente, sentando no banco e olhando para o meu reflexo no balcão de cobre. Meus olhos eram como pequenas pérolas. Edgar limpou sua mão na toalha enquanto ele jogava um pouco de macarrão dentro de uma grande tigela em cima do fogo. Ele andou ao redor da ilha e ficou atrás de mim, traçando as suas fortes mãos para baixo e colocando seu queixo no meu ombro.

— O que aconteceria se eu não comesse? Se nós vivemos para sempre, por que comemos? — eu perguntei curiosamente.



Ele riu, — Essa é uma boa pergunta. Lembra-se como eu disse para você que o Matthew era retraído e aparentemente velho? É isso que acontece. Nós podemos viver para sempre, mas todo mundo precisa de alimentação.

— Oh, isso é uma pena. Eu estava esperando que se eu não comesse você poderia me dar alguma liberdade. — eu suspirei.

— Vamos lá, Elle, logo você vai poder fazer o que quiser, nós só precisamos esperar. — Sua respiração era intoxicante e rapidamente nublou a minha mente. Eu fiquei de birra no balcão e ele apenas dificultou ainda mais para mim enquanto ele colocava os braços ao redor do meu estômago, roçando a minha orelha com os lábios.

— Edgar... — eu pausei minha mente se tornando nublada e distraída e minha raiva se esvaindo de mim enquanto eu tentava desesperadamente me agarrar a ela, manter o meu rancor com ele.

— Eu te amo, Estella, — sua voz era como uma droga infiltrando-se em meu sangue, deixando entorpecido receptor.

Eu me derreti em seus braços, — Você realmente ama? Você sempre se aproxima, mas então rapidamente se afasta. — Minhas palavras eram ousadas, no entanto, suaves.

Eu senti a boca dele se curvar em um sorriso, seus lábios ainda tocando a minha orelha. — Eu penso em outras coisas, Elle, eu sou um homem, afinal de contas. Mas eu também tenho um desejo de não te matar e eu acho que isso é o mais importante.



Eu fiquei vermelha, percebendo onde essa conversa estava indo. Edgar sucedeu em me deixar estupefata, me fazendo esquecer sobre o que eu tinha vindo aqui falar. Seu calor estava me envolvendo em algodão, preenchendo os meus pensamentos e confundindo a minha raiva.

— Sim, mas quero dizer, mesmo quando nós dormimos, mesmo você estando bem aqui, você ainda parece estar tão longe.

Ele expirou com um sorrisinho divertido, — Exatamente, eu estou tentando não te matar.

Eu escutei o motivo dele, mas não era o bastante, — Mas você costumava fazer isso, — eu bisbilhotei. Eu me lembro do formato dos lençóis naquele primeiro dia no meu quarto.

Ele suspirou, obviamente vendo o meu ponto de vista, — Elle, você soa como uma viciada, e é isso que me preocupa. — Seu aperto ao redor do meu estômago foi ficando mais largo lentamente e ele rodeou o balcão para me olhar com olhos azuis profundos, — eu entendo o seu ponto, mas nós precisamos ter cuidado, nós somos os últimos da nossa raça, isso é realmente importante, — ele disse severamente, mas havia algo mais lá, algo que ele precisava me contar.

Eu continuei olhando para ele curiosamente.

Ele andou de volta na direção do fogo, seus olhos em mim, — eu preciso ir para a faculdade por um tempo esta tarde, parece que os professores que ainda estão aqui estão



suspeitando. — Ele estava franzindo. — Eu acho que um deles foi realmente burro o bastante para tentar me tocar, mas ao invés disso sua mão passou por mim, o holograma, sabe?

Eu senti uma explosão repentina de um pensamento rebelde correr pela minha cabeça e eu vi ele perceber. Seus olhos me encararam, um tom muito mais escuro do azul acinzentado. — E não comece a pensar que você vai encontrar aquele telefone, — ele disse de uma vez.

Eu dei a ele um olhar sarcástico, — O que te faz pensar que eu encontraria aquilo? — minha voz estava esganiçada e falsa.

Ele fungou, — eu estou falando sério, Elle, isso é para o seu próprio bem, não faça nada estúpido.

Eu respirei pesadamente pelo meu nariz e me larguei em cima do banco, — Tudo bem.

Ele me olhou então, seus olhos ainda sérios e obscuros, — Prometa-me Elle?

Eu expirei, me recusando a concordar, — Sim, sim, ok, eu ficarei segura. — Eu estava o dispensando com a minha mão, mas a minha mente ainda estava pensando em se vingar.



Ele me deu uma tigela de macarrão JuniperBerry¹⁴ e eu fiz careta para o cheiro, — Isso cheira como um pinheiro! — eu protestei.

Ele me olhou de canto de olho, — Sério, você realmente está testando a minha paciência hoje, Elle, só coma. — Ele apontou para a minha tigela com uma espátula em sua mão e o rosto severo.

Eu dei uma mordida e as minhas glândulas salivares estavam novamente explodindo com o sabor. Revirando meus olhos com prazer, Edgar olhou para mim com aprovação, gentilmente beijando a minha bochecha enquanto ele ia pegar o seu casaco. Eu olhei ao redor do cômodo quando ele saiu para um armário escondido, tentando muito procurar onde ele poderia possivelmente esconder um telefone.

Quando ele voltou para a cozinha, ele estava com suas botas pretas e casaco de lã e a minha mastigação diminuiu, enquanto meus olhos o assistiam. Sua beleza maravilhosa e sublime era de tirar o fôlego. Todo dia era como viver com um anjo, mas enquanto eu olhava no espelho, eu também estava maravilhada com o que eu havia me tornado com o constante quase toque letal de sua pele perolada.

Meus olhos se desviaram para a mão dele enquanto suas sobrancelhas subiram e seu rosto se contorceu em um olhar maligno. Eu deixei sair um suspiro irritado. Em seu aperto ele segurava um telefone de discar aparentemente antigo, o cabo ainda preso na parte de trás.

¹⁴ Marca de Macarrão.



— Só no caso, — ele sorriu, balançando-o na minha frente de brincadeira.

Eu lancei a ele uma careta azeda. — Que seja, — eu lancei, mas ele somente riu de mim. Ele estava obviamente feliz com a tortura que ele estava me fazendo passar.

Ele andou até mim e me deu um beijo na têmpora antes de se virar e deixar o cômodo. Eu escutei a porta bater enquanto ele deixava a casa pela garagem e eu rapidamente deixei o meu garfo cair na tigela e corri para a janela onde eu o vi sair porta afora, sua figura negra caminhando pelo campo com a eloqüência de um leão da montanha.

Ele olhou para trás brevemente antes de mergulhar dentro das árvores, obviamente contente que não havia nada atrás dele e a casa invisível em sua glória massiva. Eu arrastei meus pés de volta para a cozinha onde eu perfurei, irritada, outro monte de macarrões e os enfiei na minha boca.

Os relógios tiquetaqueando em toda a casa estavam começando a me deixar nervosa, todo dia sem falhar, 'tick, 'tick, 'tick. Era o bastante para me deixar o homem mais sensato, insano. Talvez Edgar Allen não estivesse escrevendo sobre a descida de Edgar para a loucura por causa de um amor perdido, mas seu estúpido caso de amor com os relógios.

Eu chutei a parede abaixo da ilha, finalmente furiosa além da razão. Eu joguei o meu garfo na pia e subi brava escada acima. Eu estava cansada de ficar presa. Isso era estúpido e infantil, pelo amor de Deus, eu teria dezoito eternamente e pelos padrões



humanos, uma adulta legalmente. Eu fuzei no meu guarda-roupa furiosamente até eu encontrar minhas botas de carneiro e blusa e a vesti-las com tanta voracidade que eu comecei a suar.

Eu corri escada abaixo para o armário do corredor e peguei o meu casaco, colocando-o ao redor de mim apertadamente e puxando o capuz por cima da minha cabeça. Eu pesquei em meu bolso pelas minhas luvas onde eu as coloquei de qualquer jeito sem pensar duas vezes sobre o que eu estava fazendo. Trotando pela porta, eu peguei a maçaneta firmemente, murmurando irritada enquanto eu a virava e rapidamente ia para a varanda. Eu não tinha idéia onde eu estava indo, mas eu imaginei que qualquer lugar era melhor do que aqui agora.

Meu corpo ainda estava invisível quando eu estava de pé parada na varanda, olhando ao redor do terreno com cuidado. Tudo estava silencioso, mas não muito silencioso, e isso era bom. Eu ergui um pé firme rebelde e o plantei na neve firme quando um senso de satisfação máxima me inundou. O suave ruído do pé era convidativo e finalmente eu libertei o meu outro pé, o plantando tão fortemente ao lado do outro.

Expirando, eu virei minha cabeça ao redor e olhei para o agora vazio terreno atrás de mim. Enquanto eu me virava novamente, eu olhei para cima para o expansivo céu azul enquanto eu deixava o agora céu ensolarado penetrar na minha pele e aquecer meus ombros. Meu olhar então lentamente foi para os meus pés enquanto eu comecei a andar para frente, meus olhos cuidadosamente assistindo como a neve limpa se esmagava com o meu peso. Mantendo meus olhos nos dedos do pé, eu notei que os passos atrás de mim



magicamente sumiam, deixando nenhum traço da minha presença. Meu rosto estava cintilando com a admiração e eu coloquei a minha mão no peito onde eu senti a vida até que finalmente um pequeno relampejar de alegria foi silenciosamente audível na minha alma.

De repente, houve um ruído distinto da mata na minha frente e eu olhei para cima. Os topos das árvores lá estavam se movendo silenciosamente, mas não havia vento. Eu comecei a voltar para trás enquanto eu olhava atrás de mim de novo, mas para o meu horror, eu percebi que eu não sabia como voltar de novo para dentro da casa. A respiração em meu peito se acelerou enquanto eu procurava no campo aberto por um lugar para me esconder.

Eu me encontrei sem esperança enquanto o meu corpo começou a tremer. Repentinamente, eu vi algo desviar por entre as árvores, até que finalmente, o que quer que seja emergiu para dentro da campina. De primeira eu estava um pouco chocada que o que eu vi não havia sido exatamente o que eu estava esperando. Ainda respirando fundo, eu forcei meus olhos enquanto eu tentava reconhecer a figura. Eu dei um passo lento e cuidadoso para frente enquanto ele avançava rapidamente.

De repente, ele falou. — O que você acha que está fazendo aqui fora, — a figura ecoou, sua voz estava cheia de sarcasmo.

Eu hesitei, finalmente reconhecendo o rosto irritante do meu passado, — Sam? — Eu olhei para a sua expressão angelical abismada.



Ele riu, — O primeiro e o único.

Eu olhei para ele de lado, — O que você está fazendo aqui? — havia algo sobre ele que era muito estranho, mas minha mente ainda estava pulsando com o medo inicial que era muito difícil discernir.

— Exatamente o que eu vim para cá fazer, — ele respondeu.

Eu cruzei meus braços contra o peito, minha respiração escapando em nuvens de vapor, quentes com uma raiva repentina.

— Ah, vamos lá, — ele sorriu, — Não seja assim.

Eu funguei, — Como o quê? — Eu olhei para o seu forte perfil. Seu cabelo era ainda do mesmo jeito bagunçado castanho e seu rosto sem barbear. Sua pele era muito parecida com a de Edgar, suave e jovem, mas muito mais pálida e havia uma pitada de azul embaixo de seus olhos. Eu olhei para baixo para as suas roupas e eu fiquei de boca aberta com o fato que ele estava usando tênis, mesmo na neve.

De repente, Sam riu ameaçadoramente. — Eu vejo que eles não são muito práticos. — Ele estava olhando para os seus pés.

Eu juntei minhas sobrancelhas e ele me olhou, mas eu rapidamente desviei o olhar, seu olhar elétrico e de alguma forma intrusivo. Como ele havia lido a minha expressão facial tão facilmente?



— Então, — ele começou, — Como eu estava dizendo, o que você acha que está fazendo aqui fora? Eu tenho quase certeza que foi dito para você ficar fora de encrenca e dentro de casa.

Eu lancei meus olhos raivosos de volta para ele, — O que você sabe sobre as minhas regras.

Ele piscou, — eu sei por que é o meu trabalho saber. Eu fui designado a cuidar de você.

Eu joguei minhas mãos para os meus lados, trocando o meu peso entre um pé e outro com ousadia. — O quê? — eu gritei os ecos reverberando das árvores vizinhas, — Ele te contratou para me cuidar?

Sam sorriu com o meu desprezo absoluto.

— E como exatamente você vai me proteger? — eu funguei.

Seu sorriso não mudou, — Bem, é meio para o que eu fui feito. — Ele andou para mais próximo de mim, seu corpo agora a somente dois metros e eu de repente percebi o que era tão estranho sobre ele. Meus olhos se alargaram enquanto eu olhava por sobre os ombros dele para as duas grandes protuberâncias que se sobressaíam de suas omoplatas. Para a minha surpresa, enfiada bem de perto em suas costas, estava um par de asas cinza enlameadas.

Eu perdi o fôlego, rapidamente andando em volta dele e atrás dele enquanto eu circulava o seu corpo com curiosidade, — O qu... — eu comecei, mas Sam me cortou.



— Sim, Estella, são asas, eu percebi. Ele suspirou, movendo-as um pouco por diversão.

Minha mente estava ficando mais perspicaz com o passar das últimas semanas, mas o que eu vi na minha frente era ainda consideravelmente confuso.

Eu andei de volta até ficar de frente para ele e olhei dentro de seus olhos castanho dourados chocada, — Bem, então você é tipo, um anjo?

Ele acenou, — Um Anjo da Guarda, na verdade.

Eu ergui uma sobrancelha, — Você está falando sério? — eu exalei fortemente. — Sério. Você tem que estar brincando.

Ele repentinamente abriu suas grandes asas e eu o assisti atônita, enquanto elas se esticavam por quinze metros em cada lado dele, — eu não acho que estas aqui mentiriam, não é?

Eu encarei as camadas de penas, todas delicadamente colocadas enquanto elas se esticavam em grossas camadas. Elas eram de alguma forma perolada, mas mais de um metálico prateado e não tão brilhante quanto às de Edgar. O seu cinza quente era diferente de tudo que eu poderia achar estereotipicamente para serem asas de anjo e as suas dimensões eram chocantemente surreais.

— Tudo bem, então vamos dizer que eu acredito em você, — eu finalmente disse.

Sam me deu um meio sorriso dúbio.



— Então por quanto tempo exatamente, você esteve me vigiando? — eu de repente senti como se a minha privacidade houvesse sido violada, Edgar nem havia pedido minha permissão e eu estava agudamente brava com ele. Eu pensei sobre aquele dia na aula, quando Sam forçosamente sentou-se ao meu lado, Edgar havia parecido tão entretido pelo meu total desconforto. Originalmente, eu imaginei que ele fosse ficar furioso que algum estranho e assustadoramente belo homem estava me tratando de um modo tão ousado, mas agora acaba que eles eram amigos, ou melhor, parceiros nos negócios.

Sam pareceu esperar para responder minha pergunta até que o processamento do meu pensamento estivesse terminado e eu olhei para ele pesarosamente como se eu sentisse muito que eu tivesse feito ele esperar.

Ele cruzou os braços. — Oh, não, — ele riu, — eu estive te vigiando por muito mais tempo do que isso, e para a sua informação, eu não estava dando em cima de você. Você estava sendo absolutamente impossível e foi só isso. Edgar havia me avisado, mas eu tinha que ver por mim mesmo.

Eu resmunguei para ele.

— Está tudo bem, Estella. Só, para sua informação, já que eu posso ler a sua mente, tenha cuidado com o que você pensa ao meu redor. Eu não preciso de todos os detalhes de sua vida. — Ele estava sorrindo para o meu rosto confuso.

Você pode ler os meus pensamentos? Eu estava testando a teoria dele.



Ele acenou, — É parte do plano de proteção, escutar os seus pensamentos torna super fácil para eu proteger você, sem segredos. — Eu estava enfurecida que ele não estava somente invadindo a minha privacidade, mas também a minha mente.

Ele acenou, — Te assustei um pouco, né? — ele riu alto, dando tapinhas no meu braço.

Eu agarrei a mão dele e a joguei para longe de mim, mas quando a minha pele tocou a dele, eu guinchei, — Você está congelando!

Ele riu de novo, suas asas ainda em grande parte esticadas, — Eu estou morto, Estella. Eu não esperaria realmente que o meu corpo fosse assim tão quente. — Ele olhou atrás dele por sobre o ombro enquanto suas asas se retraíam mais ainda até que elas estavam praticamente escondidas atrás de suas costas.

Eu olhei por sobre o ombro dele também, mas não estava vendo o que ele viu.

— Acho que você está encrencada agora, — ele provocou, — Edgar está vindo.

Eu olhei para o seu rosto branco angelical e cabelo castanho poeirento, — Eu não ligo, deixe-o ficar bravo. Eu acho que eu mereço estar mais brava.

Sam deu de ombros, — É o seu funeral.

Eu encarei os olhos de Sam enquanto Edgar entrava no campo. Quando o meu olhar finalmente vacilou para o dele, o seu rosto era uma pedra fria e raivosa, mas logo



que ele se aproximou de Sam, seu olhar havia mudado de alguma forma para um olhar de divertimento.

Edgar colocou uma mão no ombro de Sam, — Vejo que você está com a minha garota aqui. — Ambos olhavam para mim com olhares gêmeos.

Eu funguei desafiadoramente enquanto os meus braços cruzavam-se com força sobre o meu peito, — eu não sou sua garota se você me tranca como um cachorro, — eu respondi acidamente para o Edgar, percebendo que Sam já havia escutado a minha resposta na mente dele.

Edgar riu, — Você sempre será a minha garota Elle e você não pode negar isso.

Eu o encarei com olhos afiados, ficando vermelha com a verdade em seu comentário.

Edgar se virou para Sam, e ambos riram em silêncio sobre algo que eles estavam secretamente pensando e eu senti o meu corpo ferver.

— Obrigado, Sam, — Edgar disse, — Eu posso levá-la daqui.

Sam acenou e me deu uma piscada antes de se virar e andar de volta para a mata, suas asas fortes penduradas contra as suas costas pela mesma jaqueta de couro.

A expressão do Edgar mudou enquanto ele pegava o meu braço firmemente. Meu rosto se transformou instantaneamente em uma careta enquanto ele tirava seus óculos e a



fúria completa de seus olhos estava agora exposta, — O que você acha que está fazendo! — ele rosnou baixinho.

Ele agarrou o meu braço e raivosamente me arrastou para o meio do campo. Eu ofereci a ele uma careta azeda, eu não sentia muito pelo que eu tinha feito, era ótimo aqui fora, e, além disso, nenhum dano havia sido feito.

— Você está realmente testando a minha paciência, Elle. Eu não acho que você realmente quer me deixar nervoso. Não é seguro aqui fora. Eu não estou falando isso só por falar. — O aperto de ferro que ele tinha em mim era implacável e ele de repente parou para me encarar, seus olhos ainda com raiva, mas começando a suavizar-se embaixo do meu toque.

Minhas sobrancelhas estavam teimosamente fixas de raiva.

— Olha, — ele suspirou, — eu entendo...

De repente, eu peguei um lampejo de algo branco sobre o ombro dele, espiando por sobre um tronco, — Olha, olha Edgar! — eu perdi o ar, apontando uma mão trêmula em direção ao gato.

Edgar virou um olhar de terror em seu rosto, mas o gato já havia ido embora. — Estella, — a maneira como ele disse o meu nome enviou arrepios pela minha espinha, — Honestamente, eu vou te levar para dentro, e é isso! — ele sibilou.



Eu ainda estava olhando para o tronco, esperando que o gato fosse disparar sua cabeça de volta para cima enquanto ele me arrastava de volta. Depois de confirmar que ele não voltaria, eu olhei para Edgar timidamente.

Ele suspirou, — Sinto muito, — seus olhos estavam repentinamente calmos, — eu só, eu não posso te perder, ok, isso é para o seu próprio bem. Você conseguiu se divertir aqui fora, agora vamos ter cuidado, ok?

Eu acenei em concordância e apesar da minha teimosia, eu sabia que ele estava certo. Eu estava sendo estúpida, mas mesmo assim. Eu vi o que eu vi e eu sabia que o que quer que fosse não era perigoso. Eu tive a mesma sensação sobre o gato como eu tive naquele dia na mata, quando algo grande estava me seguindo. No final, a coisa gigante era o Sam, me espiando. Eu rosnei com o pensamento e eu me senti como uma idiota que acredita em tudo. Este gato, no entanto, havia algo sobre ele. Era como ele estivesse tentando chamar a minha atenção, tentando me dizer algo.

Eu o assisti olhando ao redor com um olhar concentrado em seu rosto, — O que você está fazendo? — eu finalmente perguntei.

Seus olhos se prenderam nos meus, — somente escutando para ter certeza que realmente não há nada lá fora. Sam diria alguma coisa, no entanto. Ele seria capaz de ouvir os pensamentos da criatura.

Eu ofereci a ele um olhar desconfiado, — Eu vejo você acredita sim em mim.



Seus lábios finalmente relaxaram em um sorriso torto, — Elle, eu confio em você, mas eu não acho que há realmente alguma coisa lá fora, sério, eu não consigo ouvir nada. Eu não quero dizer isso, mas eu acho que você só está vendo coisas.

De repente, sem um aviso de Edgar, tudo começou a girar e a neve foi substituída por um granito negro do hall de entrada. Eu estava exasperada enquanto eu entrava brava para dentro da sala de estar onde eu peguei um livro e fingi ler, recusando discutir isso mais.

Mais tarde naquela noite, eu notei que Edgar estava me olhando estranhamente. Seus olhos ficavam correndo para o meu rosto, mas então rapidamente se desviavam antes que eu pudesse olhar para ele. Mordiscando minhas unhas enquanto nós sentávamos no sofá de couro na biblioteca, escutando ao Pavarotti, eu não consegui pensar em nada a não ser o gato. Seu pelo era estranho e seus olhos eram tão calmos e espertos.

Edgar baixou seu livro em seu colo com uma forte batida. Ele bocejou, — Eu acho que é hora de ir para a cama.

Minha mente ainda estava nadando e minha testa estava presa em um embrulho de frustração e raiva residual. Edgar se inclinou no meu pescoço, roçando seu nariz ao longo do meu maxilar enquanto tudo instantaneamente se desembaraçava.

— Você poderia aproveitar o descanso. — Sem um aviso, ele me pegou do sofá e eu me entreguei como uma boneca de pano.



Não era tão ruim ser tratada dessa forma e certamente era bom ser assim tão preguiçosa. Enquanto ele andava em direção às escadas, eu comecei a pensar sobre o Sam.

— Como o Sam é um anjo? — Meus olhos investigavam o rosto e o queixo suaves de Edgar.

Edgar olhou para mim com um sorriso leve, — Ele foi humano uma vez, nos anos sessenta. — Ele pausou, — Eu estava lá quando ele morreu. — ele suspirou.

— Mas então como ele se tornou um Anjo da Guarda? — Minha mente estava nadando. Tipicamente, humanos só morriam e era isso, o fim, ou pelo menos era assim que eu pensava.

Ele ainda estava olhando para mim enquanto ele subia as escadas. — Ele levou um tiro, em Nova York, — ele pausou quando nós chegamos ao topo da escada, se virando para o meu quarto. — Ele pulou na frente de uma bala, salvou uma garota que ele mal conhecia e então enquanto ele morria lentamente, ele matou o criminoso.

Meus olhos cresceram com o interesse profundo, — Então foi assim que ele ganhou o emprego, hein?

Edgar sorriu, — Sim, auto-sacrifício. Entrevista difícil, não é?

Eu acenei severamente. — Então é isso que ele fará pelo resto da eternidade? — eu perguntei.



Edgar acenou, — É por isso que ele é um bom amigo. Ele estará aqui enquanto nós estivermos. É reconfortante saber disso. — Ele puxou as cobertas e me deslizou para dentro antes de remover seus próprios sapatos e subir ao meu lado.

Eu suspirei e Edgar continuou.

— Mas ele é o melhor e eu preciso do melhor pra te manter segura. — Eu senti a mão dele deslizar embaixo das cobertas na minha direção e eu congelei. Seus dedos roçaram no meu quadril e ele me puxou em direção a ele, colocando seus braços ao redor do meu estômago protetoramente. Eu respirei lentamente, aproveitando a rara proximidade. Ele colocou sua cabeça próxima ao meu ouvido, — Você é meu mundo inteiro, Elle, e eu faria qualquer coisa para proteger isso, — ele sussurrou.

Eu virei minha cabeça e ele colocou a mão na minha bochecha, sua outra mão virando o meu corpo inteiro para ficar de frente para ele. Ele tirou o cabelo do meu rosto antes de apertar seus lábios contra os meus. Respirando forte, eu coloquei uma mão em seu peito e senti o seu coração acelerar. Seus lábios se retorceram em um sorriso contra os meus lábios, mas ele não se afastou como sempre. Ele correu seus dedos pelo meu cabelo, agarrando-os com força enquanto seus músculos se flexionavam. Sua mão roçou a minha barriga e eu ri, abrindo meus olhos para olhar para ele.

Ele curvou sua boca ao redor do meu lábio inferior. — Vale à pena manter você viva, — ele sussurrou, sua respiração como leite e mel.



Eu rocei meus dedos pela sua bochecha gentilmente, sentindo sua pele de veludo se flexionar embaixo do meu toque. Seus olhos procuraram os meus; o azul safira deles era profundo e calmo. Eu olhei mais de perto para dentro de suas facetas brilhantes, procurando lá no fundo pela minha alma, mas antes que eu pudesse encontrá-la, ele fechou seus olhos e me beijou novamente. Sua respiração estava entrecortada quando ele finalmente se afastou e apesar de eu avançar na direção dele, desta vez ele me segurou. Eu expirei em frustração, mas ele somente sorriu para mim.

De má vontade, eu me virei para longe dele, mas desta vez ele não se distanciou. Eu o senti contornar seus braços ao redor dos meus ombros enquanto ele me abraçava. Eu esperei que ele se afastasse como sempre, mas quando sua respiração desacelerou em profundas sucções, eu percebi que ele estava dormindo. Eu sorri, me encontrando finalmente vitoriosa.



Aqui Gatinho, Gatinho

— Tudo bem, Elle, abra os olhos! — Esqueci que Edgar estava tapando meus olhos. O toque de suas mãos quentes em meu rosto embaçava minha mente.

Vagarosamente, abri meus olhos para um cômodo cheio de pequenas plantas.

— Ah, Edgar! – Gaguejei.

Notei que o cômodo era uma nova adição à biblioteca. Cada parede, incluído o teto, era feita de um vidro cristalizado esverdeado com armações de ferro enferrujado. Meu olhar caiu sobre as seis grandes mesas colocadas sobre o chão de pedras. Cada mesa abrigava o que pareciam ser diferentes variedades de mudas de plantas em vários potes e vasos. Olhei para o fundo do cômodo onde, para meu deleite, ele havia colocado uma porta. Por um breve momento, vingativa, pensei em escapar até notar que havia um pequeno recado na caligrafia de Edgar, grudado na porta,

Nem pense nisso...

Franzi o cenho um pouco, mas me virei para Edgar.

A expressão em seu rosto era cheia de alegria e ele me observava.



— Tive um pouco de trabalho para fazer isso. Não é a coisa mais fácil do mundo manusear coisas tão delicadas quando se é um bruto destruidor como eu. — Seu sorriso ficou sem jeito ao pensamento. — Tudo está, provavelmente, morto.

Correndo para seus braços, exalei sibilando quando minhas bochechas bateram em seu peito duro como pedra.

— Eu adorei! — Gritei agudamente. — De qualquer maneira, eu posso curar qualquer coisa que você tenha conseguido matar.

Ele riu, recuando à minha voz aguda em seus ouvidos sensíveis. — Espero que sim, pois aqueles, os trevos violeta que você deixou para trás em seu quarto eram impossíveis de plantar.

Olhei pela sala e encontrei os botões enrolados na mesa da esquerda.

Sua voz sussurrou atrás de mim, sua boca logo ao lado do meu ouvido. — Percebi depois do incidente semana passada que, se eu te mantenho prisioneira aqui, é injusto da minha parte te privar do seu segundo amor.

Balançando minha cabeça e me virando para ele, meus olhos lhe lançaram um olhar de travessura. — Quem disse que são meu segundo amor?

A boca de Edgar se enroscou em um sorriso maravilhoso de malícia.



Sorri enquanto ele me beijava na testa, meu abraço o prendendo ali antes de ele ganhar a batalha e finalmente se afastar, seus olhos tão azuis que fariam até o céu ficar com ciúmes.

— Então, agora você tem sua estufa e eu minha biblioteca, Feliz Natal Elle. — Sua voz era presunçosa enquanto olhava para mim por cima do nariz.

Pousei meus braços em seu peito, derrotada.

Edgar piscou para mim antes de gentilmente se virar e deixar o cômodo. Olhei de volta para minhas mudas sentido à excitação preencher minha alma apagada. O sol de meio de inverno atravessava o vidro, tocando cada caixa perfeitamente.

Olhei meio escondida, através do vidro azul-esverdeado para a campina. Ainda não havia nenhum sinal de Matthew e meu corpo se enchia de mais ansiedade a cada minuto que passava. Na ultima semana o gato branco continuava a aparecer em minha visão periférica, mas toda vez que eu olhava direto em sua direção, não havia nada lá. O que quer que fosse era rápido.

Isabelle e Henry voaram para a estufa e pousaram sobre uma caixa perto da parede de vidro. A cabeça de Isabelle estava curvada para o campo e eu sorri para ela. Estar nessa casa lhe dava uma vantagem invisível e injusta na caça. Como um falcão, ela não tinha necessidade de usar as portas então ela simplesmente voava para dentro e para fora dos lugares, com ou sem parede. Henry a agarrou brincando enquanto lutavam por alguma coisa no campo.



Ela mostrou a língua vagarosamente, eriçando suas penas e abaixando sua cabeça em um golpe. Seus olhos se viraram para mim rapidamente e eu retribui seu olhar. Ela ignorou meu olhar enquanto se virava de volta para o campo, repentinamente liberando sua garra da mesa e voando pelo vidro antes que Henry tivesse a chance de reagir.

Olhei curiosa enquanto ela mergulhava verticalmente na neve, agarrando um rato do campo que se debatia indefeso tentando correr na neve escorregadia. Me encolhi quando meu coração parou ao ver aquela vida frágil agora em sua pegada de aço. Henry pulou sobre ela com graça tentando roubar a refeição, mas ela voou alto, fora do meu campo de visão. Balançando a cabeça, olhei de volta para minhas plantas, tentando não pensar no lanche de Isabelle.

Enquanto eu andava entre as fileiras, as mudas delicadas se curvavam em minha direção. Levantei minha mão para tocar uma delas e ela começou a florescer. O lindo girassol agora se agitava diante de mim sacudiu minha alma e eu senti a adrenalina correndo rápido. Edgar havia me deixado surpresa, era difícil para mim, dizer exatamente o que ele havia plantado, pois em cada muda eu encontrava um novo presente secreto.

Havia um pote com húmus e um pequeno broto com uma grade ao lado. Aproximei-me curiosa e escaneei o teto pensativa, imaginando o que seria. Me ajoelhei cuidadosamente e coloquei meu rosto próximo ao broto. Fechei bem meus olhos e soprei gentilmente sobre ela, meu sopro de vida afagando levemente suas folhas. Abruptamente, houve uma série de barulhinhos delicados e eu levantei meus olhos ainda fechados enquanto os sons cresciam e enchiam a sala com barulho como pipoca.



Houve um sopro repentino de uma fragrância e eu finalmente abri meus olhos, meu nariz sentindo um pouco de cócegas. Olhei para o teto enquanto as clematites roxas se espalhavam por metade da estufa, criando a abobada perfeita para minhas plantas de sombra acharem pouca luz.

Contente, olhei para cima e repentinamente ouvi o leve e sedutor riso de Edgar. Surpresa lancei meu olhar para porta onde encontrei seu corpo perfeito encostado na soleira, braços cruzados sobre o peito e seu rosto encharcado de riso.

Franzi o cenho de repente, notando que ele estava vestindo seu casaco de lã branca.

Ele bufou para minha cara rabugenta. — Só por um tempinho, ok?

Bati o pé como uma criança de dois anos e ele riu, se afastando da porta e caminhando pela estufa. Ele veio até mim e me enlaçou em seus braços. Eu fui repentinamente submersa enquanto descansava minha cabeça em seu peito robusto, como rochas em meu rosto.

— Mas eu ainda não te dei meu presente de natal. — Minha voz era abafada por seu casaco.

Ele me afastou. — Você não devia me dar nada, lembra? Espero que você não tenha saído por isso. — Ele me olhou com precaução.

Rindo, balancei minha cabeça. — Ah, certo, você mal me deu um momento para olhar fora da janela, imagina sair daqui.



Ele me deu um sorriso de aprovação. — É verdade. Então, o que você conseguiu encontrar?

O leve sorriso em minha face era agudo. — Bem, olhei por todas as coisas em meu quarto e encontrei uma coisa. Parecia com alguma coisa que eu sempre quis te dar, claro, alguém que sabe que você precisaria. Eu sei que não é para mim, pelo menos e, de qualquer maneira, já está entalhado.

Tirei uma caixa marrom do bolso do meu casaco.

Houve um sorriso surpreso em sua face e eu fiquei aliviada, percebendo que ele realmente nunca havia visto aquilo antes. — E eu pensei que conhecia tudo o que havia nesta casa. — Ele sussurrou.

Fiquei na ponta dos pés, orgulhosa, com as mãos enlaçadas atrás das costas. — Acho que não.

Edgar abriu a caixa cuidadosamente e enfiou os dedos pelas fitas de papel até que eu vi sua mão congelar. Um sorriso cruzou seu rosto enquanto tirava o relógio de prata de dentro, a corrente seguindo sucessivamente.

— Achei que era para você. Eu odeio relógios, mas você parece adorá-los. — Meus olhos escanearam os dele quando começaram a se encher de lágrimas.

— Eu não sabia. — Ele sussurrou a voz se quebrando. Ele abriu a tampa de prata e leu a inscrição no interior,



Seu coração é meu coração, te amo.

Sua Elle.

Uma lagrima finalmente rolou por sua pele perolada brilhando ao sol.

— Você havia me dito alguma coisa, mas naquele dia, você... — Ele fez uma pausa, seus olhos escurecendo antes de se acenderem novamente com vida. — Eu te amo Elle. Eu amo. — Ele se curvou sobre mim e me beijou na testa antes de se afastar e colocar o relógio no bolso. Cuidadosamente, ajudei-o a prender a corrente ao seu cinto, minha mão roçando por sua barriga enquanto ele se afastava levemente, um sorriso se abrindo em seu rosto.

Suspirando, ele passou os braços ao meu redor e pôs o queixo em minha cabeça. — Devo confiar que dessa vez você ficará aqui dentro quando eu partir? Lembre-se, Sam está de olho. — Sua respiração desceu por meus cabelos e eu estremeci.

Sorri, olhando para ele. — Sim, eu prometo.

Suas mãos enlaçaram meu cabelo e ele me beijou na cabeça antes de partir. Piscou para mim enquanto deixava o aposento e eu corri para o vidro, pondo minhas mãos sobre ele e sentindo o frio bem vindo em minhas palmas quentes. Esperei enquanto ele caminhava pelo campo, seu passo ainda lindo e rápido, meu coração batendo apaixonado.

Suspirando quando ele desapareceu pelas árvores, andei de volta para a casa. Na biblioteca, olhei novamente curiosa para a pequena e arqueada sala. Minha obsessão com



as pinturas era insaciável, suas faces curiosamente conhecidas e seu misticismo sobreposto me deixando maluca.

Subi na nova escada de mão que Edgar ressentidamente encontrou para mim depois que um degrau da outra escada quebrou. Felizmente, ele estava lá para me segurar antes que eu rachasse a cabeça em uma quina. Naturalmente, eu não teria morrido, mas seria excruciantemente doloroso e uma sujeira.

Corri meus dedos pelos livros, como sempre faço. A antes empoeirada capa estava agora quase limpa por causa de minhas freqüentes visitas. Olhei meus dedos baterem contra as capas, os olhos apertados com a curiosidade de uma criança.

Parei de repente e voltei alguns passos e me ajoelhei. Meus olhos estavam à altura dos livros, minha atenção sobre um em particular. Senti meus olhos arregalarem quando o couro brilhou repentinamente bem notável e brilhante. Todo esse tempo a poeira estava escondendo aquela beleza de mim e eu me perguntava por que não o havia notado antes.

Balançando minha cabeça, meus dedos passaram pelas letras douradas estampadas na lateral, mas eu notei que estavam escritas em italiano. Enfiei minha mão pela parte de cima e puxei da estante enquanto a luz brilhava pela capa me fazendo piscar. Respirei fundo antes de virar de volta e me curvar sobre a capa e tirar o resto da poeira.

Alguma coisa naquele livro falava comigo, alguma coisa estranha. Abri na primeira pagina, ainda completamente em italiano. Havia uma delicada figura estampada de um corvo negro em uma árvore que estava emoldurando as primeiras palavras na pagina:



Nell'inizio, il corvo era soltanto mezzo...

Li o primeiro par de palavras, rolando-as por minha mente sem encontrar tradução. Meus olhos se lançaram para a figura do corvo, analisando-o de perto antes de pular para o meio do livro. Olhei para as páginas em choque quando as encontrei completamente em branco. Confusa, peguei o livro pela espinha e pulei de volta pelas páginas até que palavras parecessem novamente em frente a meus olhos.

Passei página por página, prestando atenção em cada estranha e desprezível imagem. Em sua maioria, eram apenas corvos. Alguns eram em preto e branco, em grandes conjuntos ou pequenos, mas nada daquilo fazia qualquer sentido para mim. As imagens eram só fragmentos do que as palavras certamente poderiam explicar. De repente, quando virei uma página, fiquei chocada.

A grande figura era inconfundível, seus olhos felinos extremamente familiares. As batidas do meu coração se aceleraram enquanto eu olhava para o gato branco de pé no meio de um campo. As costas do gato estavam maliciosamente arqueadas e seu rabo enrolado na pata. Seu pelo parecia perfeito e seus olhos calmos e convidativos, mas também cheios de informação e sabedoria. Olhei para as palavras frustrada, irritada por não conseguir traduzir.

Deixei escapar um rosnado de irritação enquanto procurava na página por qualquer outra pista. Quando passei a página, fui desencorajada ao perceber que a imagem era tão inconspícua quanto à anterior, o gato era desenhado a distância entrando cuidadosamente



em uma caverna. Passando para outra página rapidamente, não encontrei nada. As páginas dali para frente estavam em branco, como se o nada da caverna houvesse engolido o resto.

Exalando pesadamente, fechei o livro em uma batida, frustrada, andando com ele sob o braço até o espaço de leitura. Joguei-me bruscamente sobre a cadeira segurando o livro perto do peito, olhando para o grupo de amigos e adversários à minha frente.

— O que você não está me contando? — Sibilei por entre os dentes, olhando amargamente para mim mesma no quadro.

Meu olhar se lançou sobre cada figura masculina com desconfiança e acusação. Cada um tinha o potencial para ser assassino, mas então, quando olhei em seus olhos, cada um tinha um brilho que era inexistente nos de Matthew, alguma coisa que eu reconheci como amor, puro e resistente. Fiquei frustrada por não encontrar pistas nas pinturas, nenhuma dica até o fim brutal ao lado do olhar sinistro. Eu havia olhado para o livro pelo que pareceram horas a fio, dia após dia, mas nada me ocorria.

De repente me surpreendi com o livro aberto sobre meu peito. Estava quente. No começo, quando entrei no quarto, pensei que era apenas meu calor, e o calor que ainda queimava em meu peito. Mas, à medida que o fogo da alma se apagava, o calor do livro se fez perceber. Apertei-o forte contra meu peito, saboreando o sentimento como se fosse outra alma.



Comecei a cochilar sentada, o quarto se fechando ao meu redor, como o abraço protetor de Edgar. Quando tudo começou a ficar embaçado e meus olhos se cansaram eu ouvi de repente um distante, mas ainda assim distinto ‘miau’. Arregalei os olhos procurando pelo quarto com urgência. Sentando-me, tentei discernir se o que tinha ouvido era sonho ou fora real. Fiquei ali completamente imóvel, meus olhos rapidamente virando na direção dos barulhos ao meu redor.

Irritada novamente com o perturbador e inconveniente tique-taque dos relógios, me esforcei para prestar atenção. Repentinamente o relógio do avô no hall começou a badalar e eu pulei de susto, minha respiração pesada e meu coração batendo forte em meu peito. Então, entre duas badaladas ecoantes, ouvi novamente o miau, dessa vez longo e gemido como se estivesse com raiva ou assustado.

Pulei da cadeira e deixei o livro cair no chão sem cuidado enquanto corria para a grade. Ouvi novamente e dessa vez, um rosnado distinto veio da estufa. Rapidamente, corri pelo perímetro da livraria abaixando a escada com cuidado para não fazer mais barulho. Parei de supetão na porta da estufa, Escaneando cada pedaço do ambiente.

Isabelle estava ameaçadoramente empoleirada sobre a beirada de uma das mesas com suas asas abertas em defesa. O gato branco estava recuado no chão à sua frente com suas orelhas apontadas raivosamente para trás e seus olhos brilhando a luz do sol, suas pupilas de um branco cortante. O gato investiu violentamente contra Isabelle com as garras. Seus pelos suspensos com excitação e eu notei como pareciam brilhar, ainda mais brancos que a própria neve.



—Isabelle, não! — Gritei, e o gato girou seu olhar de aço para mim. Isabelle estava olhando para o gato sem descanso, seu bico aberto em ameaça. — Isabelle! — Gritei. — Pare com isso!

Ela se curvou repentinamente contra o gato e suas garras se afundaram na madeira da mesa. O gato sibilou agudamente, atacando mais uma vez antes de correr. Ele correu através do vidro sem esforço algum, suas patas batendo contra a neve com facilidade. Antes de perceber o que estava fazendo, corri atrás do gato, olhando ameaçadoramente para Isabelle enquanto corria, dizendo para que ficasse com meus olhos raivosos.

Corri pela porta da estufa, ignorando o aviso de Edward que estava colado na porta. De repente a casa desapareceu atrás de mim e minha respiração virou fumaça no ar gelado. Escaneei o campo freneticamente, finalmente encontrando o brilho de um rabo passando pelas árvores. Corri atrás dele, minha nova habilidade de velocidade me ajudando a não perdê-lo de vista.

Pulei dentro da floresta, protegendo o rosto dos galhos. Em meu desespero, as árvores tentavam ajudar lançando seus galhos contra o gato enquanto este pulava desviava, como que antecipando cada tentativa. A voz de Edgar explodiu de repente em minha memória, seu rosto irritado contorcido enquanto me dizia para ficar em casa. Empurrei o pensamento para longe, rapidamente me concentrando na cauda do gato.

Uma sombra passou por minha cabeça e eu franzi o cenho irritada ao ver Sam planando sobre mim, suas asas gigantes cortando o ar em delicadas lufadas. Observei



enquanto ele mergulhava para a esquerda e desviei o olhar, ainda desesperadamente tentando seguir o gato.

Inesperadamente, vi o gato derrapar até parar em minha frente. Ele se virou para me encarar, seus olhos intensos, mas sem ameaça. Eu parei rapidamente, deslizando levemente pela neve, lutando por equilíbrio balançando as mãos. O gato começou a caminhar em minha direção, sua face tentando dizer alguma coisa, algum pressentimento ruim.

Repentinamente, ouvi um grito estridente de um corvo atrás de mim e cobri a cabeça rapidamente, o terror paralisando meu corpo. O gato fixou o olhar no chão, suas orelhas se esticando para trás e seus olhos brilhando raivosamente ao encarar a dúzia de corvos que descia agora sobre mim. Vi Sam descer das árvores sobre um grupo deles, seus gritos eram ensurdecedores. O gato sibilou irritado antes de correr novamente, mas dessa vez eu não segui.

Os corvos que passaram por Sam mergulharam no ar e me atingiram em cheio, seus bicos afiados cortando minha pele e me ferindo como bisturis. Meus pulmões começaram a ficar menores imediatamente e minha respiração ficou pesada e curta. Um grito ficou preso em minha garganta e tudo começou a ficar escuro e enevoadado. Repentinamente, cai no chão, os corvos ainda me atacando viciosamente, o som da morte cortante e ódio me cercando.



Minha mente estava gritando a única palavra que conseguia lembrar em meio a aquela confusão. — Edgar! — Meus pensamentos gritavam freneticamente, mas meus lábios pararam de encontrar as palavras enquanto o mundo desaparecia na escuridão e o chão abaixo se apagava.



Pena

Meu corpo estava ardendo ferozmente enquanto eu acordava. Eu gemi, apertando meu peito com dor, meu corpo inteiro estava latejando. Estava muito frio e eu estava tremendo incontrolavelmente enquanto eu estava deitada em algo duro e úmido. Minha respiração estava se arrastando nos meus pulmões e minha garganta estava coberta de sangue.

— Sam? — Eu murmurei, as palavras pegajosas e me sufocando através de grossas bolhas.

— Ahh! — Uma voz soou em minha cabeça. — Você está acordada, pequena fugitiva. — O tom duro de veludo assobiou sua respiração explodindo contra o meu ouvido, horrendamente fria e odiosa.

Eu tentei gritar, mas meu corpo não agüentou, se retorcendo em si mesmo enquanto eu tentava trazer meus joelhos para o meu peito. O que eu tinha feito? Onde estava o Sam?

— Estella. — Meu nome saiu da boca do captor como veneno de seus pulmões. — Você sempre foi tão inocente! — Ele gritou.

Meus braços arderam e eu podia sentir o grosso sangue pingando deles lentamente. Eu me contorci sob a superfície dura e fria, a dor maior do que eu podia



agüentar e minha cabeça embaçada e fraca. Os cortes profundos cobriam minha pele leitosa enquanto eu finalmente fui capaz de me concentrar melhor.

— Onde você colocou Estella? — Sua voz era suave e ameaçadora, respirações mensuradas escapavam de sua boca. Eu lutei para abrir meus olhos mais, para ver o meu captor, mas o terror dentro de mim sugeria que eu já sabia.

Apertando meus olhos fortemente enquanto eu tentava me fechar para a dor, eu recuei meus dentes batendo em agonia. Ele estava procurando pela minha alma, a alma que eu agradecidamente não possuía.

— Onde! — A voz de repente explodiu, ecoando dolorosamente pela minha alma vazia e me fazendo arquear para trás por causa da dor, meu peito exposto e latejando. Minhas mãos se fecharam em punhos enquanto elas raspavam pelas rochas afiadas, minha mente tentando espantar a morte.

De repente, eu senti o meu corpo lentamente levantar da dura e fria superfície apesar de não haver mãos me segurando. Eu escutei o Matthew exalar agudamente, sua respiração pairando e meu corpo agora voava mole pela sala. Enquanto o meu ombro batia na parede, meus olhos se abriram e minha boca tentou gritar. Eu caí no chão duro e frio onde eu tentei me levantar, mas os meus braços se recusavam a se mexer e minha cabeça de repente estava nauseada enquanto eu derramava sangue no chão.

— Você não pode escondê-la de mim sua pequena pirralha! — Sua voz estava ecoando contra as paredes e eu olhei para cima, a luz no quarto obscura e lúgubre. —



Você acha que é tão especial, tão talentosa e inteligente. — Ele cuspiu com um toque de ciúmes.

Minha visão embaçada caiu sobre o seu rosto familiar, seus olhos profundamente negros e sem fim e sua pele amarelada e magra. Meu corpo estava tremendo incontrolavelmente e a dor no meu peito estava implorando para que o meu coração parasse que morresse.

Ele riu enquanto meus olhos trêmulos encontravam os dele e eu podia sentir o cheiro do meu sangue enquanto escorria no meu rosto.

— Estella. — Ele assobiou. — Você está me deixando sem o que eu quero o que eu preciso! — Ele urrou. — Se você só me contar onde está, sua garota estúpida, então eu te deixarei morrer. Onde está a sua alma?

Eu engoli duramente, tentando limpar o sangue da minha garganta, tossindo agudamente enquanto um pouco mais de sangue saía. — Você... — Eu estava tentando, segurando a parte superior do meu corpo levantada do chão enquanto a dor se tornava torpemente forte e meus membros ficavam perigosamente drenados de sangue. — Você não a encontrará. — Eu chorei meus braços explodindo de dor enquanto eu deitava novamente no chão onde os meus dentes bateram contra as rochas e enviaram uma dor horrenda pela minha mandíbula.

Eu estava repentinamente sufocada enquanto algo segurava o meu pescoço, me levantando do chão. — Você não pode ganhar! — Ele gritou seus olhos furiosos enquanto



ele se aproximava de mim, seu rosto perto do meu e seu hálito nojento tirando o ar dos meus pulmões. Suas sobrancelhas e cabeça sem pelos eram perturbadoramente contorcidas pela sua frustração. Seu rosto era velho e sua pele era pegajosa, toda a juventude há muito ido embora.

— Você não sabe garota estúpida. — Sua boca era negra com tártaro e seus dentes estavam podres. — Que o seu amado Edgar não te salvará. Ele não o fez da última vez, e ele não vai agora. Eu tenho muito guardado para ele, a maior dor imaginável possível. — Seus olhos chamuscaram os meus e eu tentei desviar o olhar. — Depois que eu te matar, ele estará arruinado e eu vencerei. Eu serei o mais poderoso! — Sua voz explodiu altamente pela câmara.

Eu não tinha jeito de saber onde eu estava ou como eu havia chegado lá. Eu olhei em direção ao teto enquanto ele continuava me enforcando, mas era sem fim como um poço. Havia corvos elevando-se sobre todos os lados, todos me assistindo com seus olhos famintos e sem alma.

— Vocês todos são tão fracos, tão inúteis com seus desejos mundanos estúpidos. — Ele largou seu aperto invisível da minha garganta apenas segundos antes de eu desmaiar. — Vocês são todos um desperdício! — Ele gritou, jogando uma mão no ar em sua angústia. — Nós tínhamos tanto poder para aprender, tanta força para ganhar! — Ele se virou para caminhar pelo local enquanto eu me sentava no chão, minha perna doendo profundamente e eu podia sentir que estava quebrada. — Com vocês fora do meu caminho, com o Edgar fora. — Ele pausou, respirando profundamente. — Eu não terei



ninguém para me impedir, eu matarei a todos, tirarei toda a energia que o mundo possuir!
E ninguém será mais forte do que eu. — Seus olhos estavam gritando poderosamente. —
Ninguém!

Eu estremeci. Sua voz era profunda e estridente. Meu coração estava acelerado e a adrenalina no meu sangue estava quente como lava, queimando seu caminho pelos meus cortes abertos e profundos. Eu tentei escutar as suas palavras, mas o meu medo era muito intenso e muito sombrio. Meus pensamentos se focaram no Edgar, eu não podia fazer isso com ele, porque eu havia o decepcionado.

Matthew riu de novo, obscuro e sinistro. — Isto era o que nós podíamos ter feito juntos, mas nenhum de vocês acreditou em mim. — Ele cuspiu. — E Margriete. — Havia um profundo ódio descontrolado em sua voz. — Você deveria ter escutado seus pedidos, a maneira como ela me implorava para parar tudo isso. — Eu vi um sorriso maléfico curvar nos seus lábios. — Garota estúpida.

Um véu de escuridão me envolveu e eu sufoquei os pedidos do meu corpo para desistir. De repente, os corvos acima das nossas cabeças começaram a piar suas vozes afiadas preenchendo a caverna enquanto eu recuava meus ouvidos ressoando.

— Ah. — Ele respirou, olhando para o céu e segurando seus braços para que todos os corvos voassem acentuadamente para cima e para a noite. — Parece que ele veio atrás de você afinal de contas! — Seu riso sinistro ecoou pela agora vazia caverna.



Meu corpo se contorceu. — Edgar. — Eu sussurrei por baixo da minha respiração. — Não.

De repente, meu corpo bateu contra a parede e meus membros se contorceram dolorosamente. A mente do Matthew estava me manipulando, quebrando qualquer tipo de vida que ainda havia dentro de mim. Enquanto ele me levantava do chão eu fechei meus olhos, minha mente implorando para tudo parar. Duramente, ele me lançou para cima, numa velocidade rápida e dolorosa em meus ouvidos.

Nós violamos o topo da caverna e de repente nós estávamos do lado de fora. Estava escuro, mas eu podia sentir o ar livre contra a minha pele e o vento raspando o sangue molhado. Ele me jogou no chão como uma boneca velha e eu chorei de dor.

— Matthew! — A voz de Edgar ecoou pela terra e meu coração de repente bateu forte com o som.

Enquanto eu deitava lá morrendo, eu senti a terra fresca embaixo de mim e eu percebi que eu já não estava na floresta nevada, mas nas moitas sombrias de Londres. A chuva que caía sobre mim era grossa e fria enquanto lavava o meu sangue na terra, que a bebia gratamente. Eu descansei meu rosto da lama, minhas bochechas inchadas e sensíveis enquanto congratulava-se pela terra fria. Raízes começaram a crescer a minha volta na tentativa desesperada delas em me proteger enquanto eu escutava a voz do Edgar novamente.



— Você deixe ela em paz. Ela não tem o que você quer! — Sua voz era feroz e de repente muito próxima.

Eu sussurrei o seu nome, mas a chuva forte silenciou meu choro silencioso.

— Então. — Matthew zombou. — Eu acho que você tem. — Ele soou confiante e bravo.

Eu escutei a passada pesada do Edgar avançando na minha direção, mas então houve uma explosão repentina de energia e ele gemeu de dor, o espírito de corpos pousando a vinte metros de distância, deslizando brutalmente pelo chão molhado.

A terra começou a me envolver em sua força curativa e a grama abaixo de mim começou a trabalhar para fechar os meus machucados. A dor começou a diminuir enquanto eu sentia os meus cortes profundos se fechando e se curando. Minha perna parou de doer enquanto eu a sentia se encaixar de volta no lugar. Eu me arrepiei enquanto os passos do Matthew caminhavam em minha direção raivosamente.

Rapidamente, minha adrenalina tomou conta e meu corpo de repente pareceu completo de novo. Abruptamente virando de costas, eu apertei minha mandíbula enquanto eu olhava o Matthew nos olhos, meus membros se movendo rapidamente enquanto eu o vi pairando sobre mim. As raízes que me curaram rapidamente agarraram os tornozelos dele, o trancando. Com toda a minha força, eu o chutei no rosto e minhas botas afundaram profundamente em sua pele delicada e envelhecida pela idade.



Ele se virou com surpreendente facilidade, seu corpo se curvando enquanto as raízes se partiam e a chuva escura corria por seu perfil agora atacado. Ele virou sua cabeça abruptamente na minha direção enquanto ele puxava o que parecia ser uma adaga dourada de seu casaco e de repente pulava em minha direção, seus olhos ardendo com fúria.

Foi aí então que o Sam veio voando do nada, suas asas silenciosamente batendo no ar úmido. Seu corpo forte bateu no lado do corpo do Matthew, e juntos, eles voaram por trinta metros pela terra lamacenta, deixando uma larga vala onde a água instantaneamente se acumulou. Eu olhei em choque enquanto as asas do Sam engalfinhavam Matthew e eu não podia mais ver o que estava acontecendo.

Eu me levantei depressa, minhas cicatrizes desaparecendo rapidamente e minha força retornando. Edgar estava de pé do outro lado do campo, seus punhos fechados com raiva. Eu corri em direção ao Sam e ao Matthew enquanto eles lutavam no chão. Derrapando até parar, eu escutei Edgar gritar o meu nome sobre a chuva barulhenta.

— Elle, não! Saia de perto dele! — Sua voz era aguda e desesperada.

Eu assisti horrorizada enquanto Matthew pegava Sam pela garganta, trazendo seu braço para trás e jogando-o pelo campo com uma surpreendente força.

— Sam! — Eu gritei. Matthew olhou para mim, seus olhos com um ardoroso negro.



— Sua pequena mentirosa! — Ele assobiou se aproximando de mim com a adaga ainda em mãos.

Eu vi a respiração de Edgar se acelerar e ele de repente atacou as costas dele. Minha boca caiu horrorizada e meus olhos se alargaram. Matthew viu meu choque repentino e se virou abruptamente enquanto o Edgar corria para ele apressadamente, seu punho acertando o rosto de Matthew e o virando para o lado.

Rapidamente, eu corri para o Matthew enquanto ele cambaleava para o lado e eu o ataquei com força, entrelaçando minhas pernas ao redor de sua cintura enquanto eu arranhava seu rosto com as minhas unhas, as raízes novamente lutando para conter ele na tentativa desesperada delas em me salvar. Enquanto eu viciosamente tentava derrubá-lo, ele agarrou meu pescoço como a um gatinho e me atirou sob a sua cabeça e para o chão. Minha respiração foi empurrada dos meus pulmões enquanto o meu corpo formava uma grande cratera.

Água quente começou a borbulhar em minha volta, enchendo a cratera lentamente enquanto eu me levantava. Respirando pesadamente de raiva, eu apertei meus dentes, furiosa e com ódio, o rosto sorridente de Margriete agora de repente vinha à mente. Meus olhos averiguaram o campo, freneticamente tentando encontrar o Edgar enquanto os meus olhos encontraram o Sam ao invés disso, seu corpo arqueado para o chão, pronto para levantar vôo com as suas asas abertas lindamente.



Meu olhar então encontrou o Matthew enquanto ele corria de mim, a pele em seu rosto pendurada de uma maneira nojenta e seus olhos escuros como a noite. Minhas roupas estavam pesadas e molhadas enquanto eu lutava para sair do buraco agora quase completo com água.

Quando eu emergi, Matthew estava bem longe da superfície rochosa e o Edgar estava se debatendo com ele ferozmente enquanto o Sam atacava, pulando em cima dele com toda a força. Eu olhei em volta ansiosa. Corvos estavam me rodeando me observando silenciosamente e minha respiração estava machucando meus pulmões, minha garganta seca e quente. Eu dei uma corrida em direção a eles enquanto o Edgar segurava o Matthew pelos braços, sua outra mão em punhos pronta para atacar. Sam esperava a direita do Edgar, pronto para atacar na primeira oportunidade.

Quando o Edgar soltou o braço dele, eu assisti horrorizada enquanto o pescoço do Matthew se contorcia pavorosamente e seu corpo voava pelas rochas, cortando profundamente a terra enquanto pedaços voavam pelo ar e lanceavam-se voltando para o chão com um estrondo.

— Edgar! — Eu gritei, correndo para ele enquanto os seus olhos encontravam os meus, seu rosto ao mesmo tempo aliviado e apavorado.

Eu corri para os seus braços, minha alma se acendendo como uma tocha. — Edgar, eu sinto muito.



— Agora não é hora para desculpas, Elle. — Sua voz era frenética e sua respiração entrecortada e rápida. Ele de repente jogou meu corpo para o lado enquanto Matthew vinha atrás de nós, seus dentes a mostra em sinal de raiva e seu pescoço claramente quebrado. Sam pulou e me agarrou para longe enquanto a adaga voava pelo meu rosto nas mãos do Matthew.

Enquanto Sam me salvava da mira do Matthew, Matthew ao invés resolveu golpear o peito de Edgar, seu rosto de repente endurecido pela dor. Edgar caiu para trás com força, respiração escapando dos seus lábios enquanto os seus olhos encontravam os meus.

— Não! — Minha voz era estridente enquanto os dois atingiam o chão, a terra tremia profundamente como um terremoto. Eu tentei me firmar no aperto firme do Sam enquanto o Matthew pairava em cima de Edgar, cambaleando para trás com sangue pingando da adaga em sua mão.

Arquejando, eu olhei para o sangue, aterrorizada, enquanto um sorriso malicioso serpenteava pelo rosto do Matthew. De repente, eu gritei de raiva e meus olhos raivosos explodiram como sirenes enquanto meus braços ardiam com a angústia. Minha alma de repente estava quente com vida, a razão me cortando como uma faca na memória. Edgar estava morrendo.

Eu forcei meu corpo para sair do aperto firme do Sam, minha respiração quente e grossa na minha boca. Eu andei em direção ao Matthew com punhos cerrados, meus



passos rápidos e confiantes. Ele de repente foi para trás com um olhar profundo de terror em seu rosto enquanto meus olhos refletiam furiosamente nos dele. As raízes de repente estavam mais poderosas que antes, e elas se enrolaram nas pernas dele com grossos nós.

— Seu rancoroso diabo! — Eu gritei. Minha voz era tão forte que fez com que as árvores tremessem de medo. Matthew derrubou a adaga no chão com um estremecimento, seu corpo cambaleando para trás enquanto eu avançava, mas os seus pés estavam presos. — Se você acha que você vai escapar disso, você está doente. — Minha voz estava assobiando. Eu olhei em direção ao Edgar, seu peito ainda se elevando, mas a vida vazia dos seus lindos olhos e agora vivos nos meus.

Eu me virei para o Matthew, seu rosto contorcido e sangrando.

— Você matou os meus amigos, minha família! — Minha voz estava se quebrando pelo pesar e meu coração batia dolorosamente. — Você subestimou o poder do amor, da felicidade. — Eu agarrei o seu pescoço enquanto o meu poder sobre ele me surpreendeu. As raízes agora tragavam metade de seu corpo, como se estivesse o puxando para o inferno. — Você entendeu tudo errado Matthew. Nós tínhamos poder antes. — Meus pensamentos passaram pela pintura, nossa felicidade, ou amor, e o seu descontentamento com tudo. — Nós éramos os que tinham poder, e você... — Eu pausei apertando ainda mais o seu pescoço, seus olhos negros sem emoção se esbugalhando para fora do seu horivelmente distorcido rosto. —... Você não é nada mais que uma cobra patética!



Puxando meu braço para trás, eu o soquei no peito e ele se arqueou para trás, as raízes apertando-o para o chão em uma agonia desamparada. Ajoelhando-me, eu agarrei a adaga ensangüentada da grama enquanto ela se levantava em minha direção. — Você não a tirará de mim! — Eu gritei para ele, meus olhos agora iluminando o chão onde ele se enrolava de dor. Sam me assistia seus olhos trocando do Matthew para mim.

Eu ergui minhas mãos sobre a cabeça, ambas agarrando o cabo da adaga enquanto elas tremiam de medo e ansiedade. — Você merece isso! Eu somente espero que os deuses não fiquem com pena da sua alma manchada de sangue. — E com isso, eu enfiei a adaga pelo seu peito, apunhalando seu coração e enfiando fundo em direção a terra enquanto todos os corvos no campo guinchavam repentinamente, pulando em direção ao céu em uma nuvem negra.

Seu corpo parou de se contorcer imediatamente e seus olhos ficaram drenados de toda cor, o prata retornando enquanto seu corpo começava dolorosamente a mudar. Suas penas negras penetravam em sua pele até não haver nada a não ser um corvo sem vida morto na minha frente. Eu escutei a respiração pesada do Sam atrás de mim, suas mãos frias de repente descansando no meu ombro.

Eu fiquei parada lá enquanto a chuva grossa escorria pelo meu corpo, minha respiração rápida e nervosa. Eu me virei repentinamente, olhando de volta para o Edgar enquanto ele deitava parado na terra rochosa.



— Edgar. — Minha voz estava frenética e suave enquanto eu corria para o lado dele. — Edgar. — Eu coloquei minhas mãos em seu rosto, balançando-o, cutucando-o para que acordasse. — Edgar não, não. — Eu ofegava ansiosamente, mas sua pele estava fria embaixo do meu toque. Sam chegou ao outro lado dele, seus olhos averiguando o machucado de Edgar.

Enquanto eu encarava o meu amor morrendo, seus olhos se abriram um pouco, mas sua respiração estava perigosamente fraca enquanto Sam tentava enfaixá-lo.

— Edgar, você vai ficar bem. — Eu arfei.

Ele tentou levantar o braço e trazê-lo para o meu rosto, mas ele não conseguiu. O sangue jorrava de seu peito enquanto o líquido vermelho era drenado das suas veias.

Uma lágrima correu pela minha bochecha enquanto seus olhos começaram a mudar, o azul aparecendo nas beiradas até que não havia nada, exceto um cinza pálido. O brilho havia ido embora e seu olhar agora era vazio e plano. Sam continuou trabalhando nele, mas eu sabia que seus esforços eram inúteis.

Eu coloquei minha cabeça no peito do Edgar, mas seu coração não batia. — Edgar não. — Eu sussurrei. — Por favor, eu amo você. — Eu estava soluçando incontrolavelmente, minha alma começando a queimar mais profundamente do que nunca. Sam de repente agarrou o meu rosto, seu toque frio como uma faca contra o meu queixo. Seus olhos dourados procuraram o meu, seu rosto se desculpando enquanto ele envolvia suas asas em volta de nós.



De repente, a terra ao redor do Edgar veio à vida e as raízes torceram o seu caminho ao redor do pescoço e pelo seu peito. Eu caí para trás horrorizada enquanto as asas do Sam me ninavam. Apesar de estar chorando, eu não podia parar as raízes de tragar ele enquanto elas cresciam nos machucados dele e o puxavam com força contra a terra. Eu me virei com medo enquanto o Sam me pegava do chão, me afastando de Edgar enquanto ele se afundava debaixo da superfície da terra. Eu empurrei o meu rosto no peito duro como pedra do Sam, minhas lágrimas quentes descendo pela sua camisa.

— Edgar! — Eu chorei minhas mãos agarrando a pele do Sam. Sam embalava-me em seus braços enquanto eu assistia o chão onde o Edgar havia desaparecido começar a crescer. Grandes galhos de repente subiram em direção ao céu e um grande pau-brasil agora nos observava do alto.

Meu corpo estava trêmulo enquanto minha cabeça se tornava assustadoramente clara. Eu apertei meus olhos bem fechados enquanto as minhas memórias se cauterizavam em mim como uma comporta abrindo para a minha mente. Sam me virou da cena, suas asas se fechando mais apertadas ao redor dos nossos corpos na tentativa dele de me proteger da chuva e do pesar. Eu estremeci dolorosamente enquanto eu puxava os meus joelhos para o meu queixo, meu peito explodindo como o sol quente.

Eu podia sentir a respiração gelada do Sam contra o meu rosto enquanto ele desesperadamente tentava me consolar. Finalmente, a tortura acabou e tudo estava silencioso. Eu respirei duramente enquanto eu abria meus olhos, minha visão afiada olhando para os olhos do Sam.



Lentamente, ele soltou o seu aperto de mim e meu corpo derreteu no chão. Meu olhar percebeu uma pena negra enquanto caía na minha direção dos galhos acima. Eu fechei meus olhos com toda a força sem acreditar, lágrimas caindo pelos meus cílios e descendo quentes pelas minhas bochechas e no meu pescoço.

Abrindo meus olhos novamente, eu lentamente ergui uma mão na direção da pena negra que caía em espiral, pegando-a gentilmente na minha mão perolada. Eu deixei sair uma respiração trêmula enquanto as minhas entranhas se contorciam de tristeza, minha alma borbulhando com vida.



MEIA VIDA

Sam me colocou no chão gentilmente enquanto suas asas cortavam o ar pela floresta. Eu fiquei de pé nas sombras embaixo dos abetos, minha respiração firme e rasa e o meu coração pesado. O campo familiar havia mudado dramaticamente desde o inverno e as flores da primavera sopravam fragrantemente na nossa direção no meio do vento da floresta.

Suspirando, eu dei um passo para dentro da abertura enquanto Sam ficou para trás no meio das árvores, o sol repentinamente cintilou na minha pele e o gramado se curvou obedientemente em apreciação. De repente, Isabelle explodiu de aparentemente lugar nenhum, suas asas ansiosamente batendo para se aproximar.

Ela soltou um grito estridente enquanto ela caía nos meus braços, suas asas batendo enquanto ela lutava para se endireitar. Rindo, eu sorri para ela e seus olhos cintilaram lindamente. Eu a assisti se agarrar ao meu antebraço, me bicando e torcendo minha pele perolada. Ela olhou agradecidamente para o Sam antes de virar o seu olhar afiado de volta para mim.

— Olá garota, — Eu cantei minha voz leve e renascida.

— Sam riu levemente, — Ela está feliz que você está de volta.



Isabelle afofou suas penas enquanto eu andava mais para dentro da campina, lembrando-me de sua beleza, sua calidez. Eu parei de repente quando cheguei no meio da abertura, as flores ao meu redor rapidamente se abrindo enquanto eu as permitia a me dar as boas vindas. Isabelle olhou para elas cautelosamente antes de pular do meu braço, espiralando para cima com uma rajada de vento e encontrando o Henry enquanto eles se interligavam brincando.

Sam andou até o meu lado, suas asas agora guardadas atrás dele. Enquanto ele estava de pé ao meu lado eu notei como a sua pele branca contrasta acentuadamente com a grama voluptuosa. Os círculos embaixo de seus olhos estavam escuros, mas suas pupilas eram de um bronze quente e seu olhar alcançou o meu enquanto ele sorria tristemente.

— Bem, Estella, — sua voz era angelical, — Você está em casa agora. — Seu olhar consolador era difícil de olhar. Eu ainda me recusava a acreditar que Edgar tinha morrido.

Eu suspirei, colocando a minha mão quente contra o seu rosto gelado, — Obrigada Sam.

O longo inverno havia sido doloroso, e o meu retorno já tinha passado do tempo. Depois que a minha alma tinha encontrado o seu lugar de volta para o espaço vazio no meu peito, era difícil me encontrar, difícil de perceber onde o Edgar havia ido e o que aconteceu comigo. Era como se a minha vida houvesse repentinamente ganhado, mas então metade dela havia sido perdida.



Depois daquela noite, eu passei semanas somente sentada lá, minhas lágrimas florescendo uma floresta inteira ao nosso redor e as crateras que a luta havia criado se empanturrando em fontes termais de vida. O pau-brasil onde o Edgar havia morrido floresceu, brilhando com um poder e força sublimes.

É como se eu tivesse guardado trezentos anos de amor por ele dentro da minha alma, e de repente tudo saiu. Ele havia nutrido aquele sentimento por mim, segurando-o dentro dele quando eu o havia deixado sozinho. Mas agora era a minha vez e eu iria lutar.

Sam havia ficado comigo, seus deveres enquanto Anjo da Guarda me prendendo-o a ele pelo resto da vida. Enquanto eu precisasse dele ele sempre estaria lá, e com sua amizade, eu esperava encontrar felicidade e força.

Eu estive com raiva do mundo inteiro ao meu redor nos últimos dias. Tudo estava florescendo quando metade de mim havia ido embora. Enraivecia-me que apesar do meu pesar contínuo, o ciclo da vida ainda se arrastava.

Trêmula, eu me lembrei da sensação do corpo morto de Matthew, minha alma forjada com dor e ódio. Matthew estava morto, espero que para sempre, mas o futuro era incerto.

Antes que eu deixasse as colinas de Londres, eu esculpi dois corvos no pau-brasil que havia florescido em cima do corpo de Edgar, esperando que um dia, ele pudesse ver, e lembrar-se. Apesar de ele ter morrido, eu me recusava a acreditar que era para sempre. Ele



era a única coisa que me importava agora, e eu iria dedicar a minha vida para encontrar uma resposta, se não um final.

Enquanto eu estava agora parada lá na mata das Cascatas, vendo o Henry e a Isabelle celebrar o meu retorno, eu não consegui evitar a não sentir o Edgar aqui, sua essência, e até o seu cheiro. Sua vida intoxicante permanecia como um lembrete sombrio. Eu me ajoelhei no chão, permitindo que as minhas pernas descansassem na grama alta.

Alcançando o gancho do meu cinto, eu peguei a adaga e segurei-a levemente enquanto ela brilhava ao sol. Uma lágrima caiu do meu rosto e eu a finquei na terra fofa com uma promessa de vingar o meu amor. Minha alma doía com a ausência de sua calidez, um sentimento que eu costumava sentir, mas não sentiria mais.

Sam colocou uma mão nas minhas costas enquanto ele olhava para o céu, rezando para o Edgar em direção aos céus. Ele não sabia como sentir amor ou dor então nos anos desde a sua morte, ele não havia sentido nada, da mesma forma que eu antes.

Estar de volta permitia que uma enchente de memórias voltasse. Eu pensei sobre o dia quando eu fui levada, me amaldiçoei por ser teimosa e despreocupada. Havia tantas coisas que tinham acontecido e eu estava determinada a descobrir o que tudo significava, determinada a encontrar o gato branco. Eu precisava descobrir exatamente por que ele havia me atraído para fora da casa e para a destruição iminente.

Eu escaneei as árvores com um novo propósito. Meu plano era esperar, deixar o gato voltar para mim. O gato sabia de algo, e era a minha única pista para o meu novo



mundo. Ser teimosa tinha suas vantagens. Eu me recusava a esperar trezentos anos por uma resposta, não importa o que teria que ser feito.

Meu corpo estava finalmente reunido com a minha alma, completa na essência, mas não no espírito. Meus novos sentidos iriam me ajudar a descobrir esse novo capítulo na minha vida. Eu iria lutar pela eternidade pelo Edgar se eu tivesse, e se a eternidade chegasse, então eu deixaria essa vida para sempre.

Sam se ajoelhou ao meu lado e eu deitei em seu peito, minha mente repentinamente ansiosa para dormir, ansiosa para ver o rosto de Edgar em meus sonhos infinitos. Eu fechei meus olhos para o sol enquanto o Sam começava a cantarolar gentilmente em meu ouvido, a mesma canção que a minha mãe adotiva havia cantado para mim a minha vida inteira. Ele colocou sua mão gelada na minha testa e o sono me inundou, e eu instantaneamente me lembrei.

Da mesma forma que eu havia visto no meu sonho nos primeiros dias na faculdade, eu estava de pé na mesma campina. O ar estava nebuloso e quente, como o verão. Eu me senti segura e protegida enquanto eu olhava de soslaio para o meu corpo, encontrando a minha alma repentinamente chamuscando com amor e as minhas mãos ainda mais brilhantes do que antes.

Meus olhos olharam para cima quando Edgar apareceu de repente das sombras da floresta para o campo nebuloso do meu sonho. Quando eu notei ele, eu sorri, um sentimento que eu sentia falta queimando na minha alma. O calor repentino me fez



perder o ar enquanto eu lutava para reconhecer a quente sensação. Quando ele se aproximou, e trouxe uma mão para o meu rosto, sentindo uma lágrima rolar por cima da minha pele suave, enquanto eu percebia que ele estava em casa, e o sentimento era amor.

Fim!!





As Valkirias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado.

